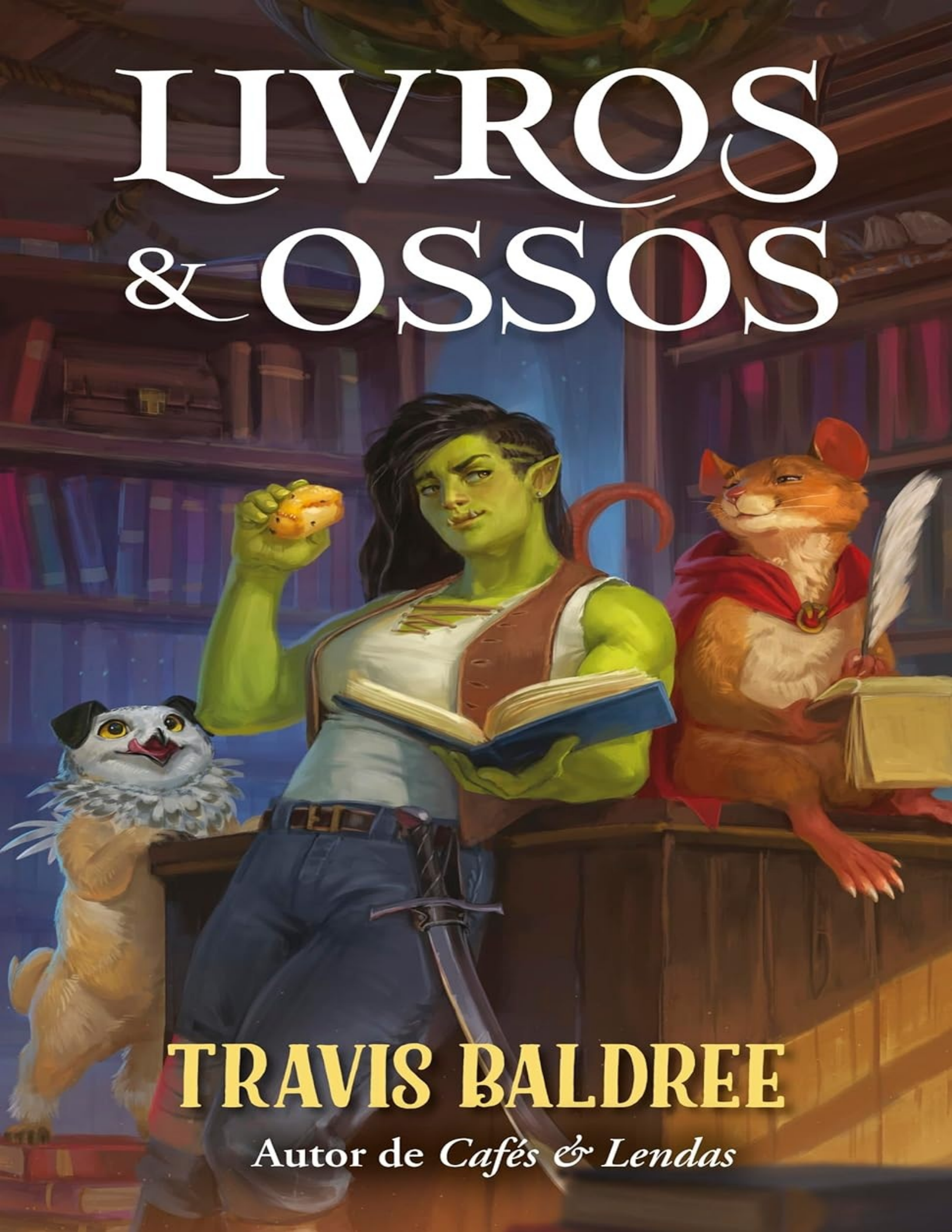
LIVROS & OSSOS



TRAVIS BALDREE

Autor de *Cafés & Lendas*

LIVROS & OSSOS

TRAVIS BALDREE

TRADUÇÃO DE FLORA PINHEIRO

intrínseca

Cop right 2023 b Travis Baldree
Publicado originalmente em 2023 por Tor, um selo da Pan Macmillan.

TÍTULO ORIGINAL
Bookshops & Bonedust

PREPARAÇÃO
Giu Alonso

REVISÃO
Marcela Ramos
Thais Entriel

IMAGENS DE MIOLO
Shutterstock / Nad a Dobr nina, Alexander P, seniakrop, helshik, DvViktoria, CatherinArt, aksol, Barashkova Natalia, sharpner, Elegant Solution, denek Sasek, Stoc Nick, ArtMari, Canatic, Nata Alhontess, kirpmun, SIVA, Vlada oung, Bodor Tivadar, chempina, Luis Line, Limarina, Elizaveta Melente va, AVA Bitter, Lisla, nickolai self taught, Tatiana Apanasova

DESIGN DE CAPA
Carson Lowmiller

E-ISBN
978-85-510-1277-2

Edição digital: 2025

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Av. das Am ricas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 Barra da Ti uca
Rio de Janeiro RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B15L

Baldree, Travis, 1977-
Livros & ossos [recurso eletrônico] / Travis Baldree ; tradução Flora Pinheiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2025.
recurso digital

Tradução de:Bokshops & bonedust
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-510-1277-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Pinheiro, Flora. II. Título.

CDD: 813
25-97506.0 CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

intrinseca.com.br

@intrinseca

editoraintrinseca

@intrinseca

@editoraintrinseca

intrinsecaeditora

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa
Folha de rosto
Cr ditos
Mídias sociais

Epígrafe

Pr logo

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18

Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41

Epílogo

Agradecimentos
Sobre o autor

Porque as coisas certas acontecem na hora errada.



PRÓLOGO



Dezoito berrou Viv, girando o sabre em um arco plano ue arrancou o cr nio do inumano da espinha.

Ela soltou uma gargalhada e golpeou com o ombro o corpo es ueletal da criatura ainda de p , espalhando ossos para todos os lados. Em mais dois passos, á voltava com a l mina em um movimento ascendente, atingindo outro inumano no t rax. Fragmentos voaram como lascas de madeira sob um machado.

Dezenove gritou, com um sorriso selvagem ue exibia as presas, então avançou com passos largos e firmes.

Cada respiração fluía pura e límpida pelos pulm es, os m sculos se contraíam e relaxavam em um ritmo perfeito, o sangue rugia nas veias. Era toda uventude, força e poder, e Viv pretendia levar as tr s ualidades at o limite.

O ex rcito de soldados descarnados de Varine, a Pálida, amontoava-se entre os carvalhos da fortaleza, ágil apesar dos m sculos dessecados. Eles lutavam em um sil ncio eterno, as espadas curtas e os pi ues chovendo contra Viv, ue se es uivava ou blo ueava os ata ues, tão implacável uanto a mar .

Ela estava bem frente dos demais Corvos de Rackam, liderando o ata ue. Um bando de aventureiros velhos de guerra. Velhos e *lentos*. Eles tentavam deixar os novatos na retaguarda, mas Viv não fora feita para isso.

Em algum lugar mais frente escondia-se a necromante, e Viv pretendia ser a primeira a encontrá-la. uando os retardatários finalmente chegassem, a encontrariam com o sabre embainhado e a inimiga caída aos seus p s.

Sua contagem aumentava a cada golpe da l mina. Ainda assim, a arma não era

rápida o suficiente. Viv tirou o malho do cinto e começou a lutar com ambas as mãos, esmagando e cortando as fileiras de es ueletos com martelo e sabre. Os escudos dos inimigos eram lançados para longe. As cotas de malha, rasgadas feito papel. Os cr nios, triturados como morangas.

Estrondos s bitos ecoaram atrás dela en uanto a e uipe de Rackam dava cabo dos restos ue Viv deixara para trás e dos inumanos ue tentavam flan ueá-los. Algu m gritou para ue ela fosse mais devagar. Sua resposta foi um riso de desd m.

E a perna de Viv foi tomada por uma ard ncia fria ue ferveu em meio segundo. Ela cambaleou e girou no outro p no exato momento em ue a ponta enferru ada de uma lança era arrancada do longo corte em sua coxa. Ela encarou, incr dula, en uanto a arma desaparecia mais uma vez pelo tecido, rasgando a carne em um segundo corte paralelo perfeito. Então veio o sangue. Muito sangue.

Ela rugiu, derrubando o pi ue com o malho para, em seguida, dar um golpe ascendente com o sabre, partindo o inumano ao meio. O elmo com chifres do inimigo voou em uma pirueta absurda. Viv teria rido se a agonia não a tivesse dominado uando o movimento a fez apoiar o peso na perna ferida, ue cedeu como um talo de milho.

De repente, Viv estava caída de lado no musgo e na lama, sangrando profusamente.

Outro ressurgido descarnado se assomou a ela, espirais de luz azul piscando em suas rbitas vazias. Na testa da criatura, o símbolo de Varine brilhava um diamante com ramos ue pareciam chifres. O inimigo ergueu um escudo torre enferru ado, preparando-se para desferir um golpe esmagador. Os nicos sons eram os estalos de seus tend es e a respiração ofegante de Viv.

Ela conseguiu acertar a ponta do escudo com o malho, desviando-o para o lado, mas sua arma acabou caindo. Lágrimas de dor embaçavam sua visão. Viv não havia desarmado a criatura. Inclemente, o ressurgido ergueu a placa de metal novamente. Desta vez, o ngulo não permitiria ue ela colocasse o sabre entre seu corpo e o escudo ue se aproximava. Chocada, s conseguiu assistir en uanto o aço descia em direção ao seu pescoço.

Um grito rouco ecoou, mas não o dela.

Rackam investiu contra a criatura com o ombro. O morto-vivo cambaleou para trás e o anão o destruiu com um nico golpe de sua maça flangeada.

Ele baixou os olhos para Viv, e a expressão desapontada fez a náusea dela piorar.

Maldita tola. Aperte isso aí. Fi ue onde está e tente não morrer.

Então ele se foi, e Viv perdeu o fôlego de tão atônita ao ver os Corvos de Rackam passarem por ela em uma frente unificada de l minas, arcos e fogo arcano ue

arrasava os inimigos frente.

Eles desapareceram na n voa, e ela ficou sozinha, encarando incr dula o sangue vital se esvair pela perna.



Ainda está viva,

Viv recobrou a consci ncia, grogue. Sentia-se prestes a vomitar. Talvez á tivesse vomitado.

A primeira coisa ue viu foram os olhos severos de Rackam, brilhando acima das tranças da barba grisalha su a de lama. Viv balançou a cabeça e olhou em volta; era como se sua visão tivesse uma moldura engordurada. De alguma forma, ela havia se recostado em um dos carvalhos. Ao ue parecia, tamb m tivera a presença de espírito de rasgar a parte de baixo da t nica e amarrar o ferimento com um punhado de musgo. O tecido estava encharcado, e a terra debaixo de si era uma mistura de lama e sangue.

Ao ver a cena, começou a perder a consci ncia outra vez, mas Rackam a trouxe de volta com um tapa surpreendentemente gentil na bochecha.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

A batalha havia terminado. Se a presença dele ali não fosse suficiente para indicar isso, o eito despreocupado dos guerreiros ao fundo teria confirmado.

Eu á tinha imaginado uando voc entrou no grupo. Torci para estar errado, mas, ah, eu á sabia. Os mais ovens são sempre mais tolos, e tomar uízo demanda sangue e tempo. Ele olhou para longe, como se visse algum outro futuro possível, e depois voltou a encará-la. A cada novo recruta, penso em suas chances. Olho para as mãos e os braços. Sem cicatrizes Então bem provável ue a primeira ue o novato arrumar acabe sendo a ue vai matá-lo.

Com a mão enluvada, ele deu um tapinha no braço imenso de Viv. Bem musculoso, mas com a pele intocada. Viv olhou mais adiante, para a perna destruída.

Rackam se levantou, e ela não precisou inclinar muito a cabeça para encontrar seus olhos.

E aí essa ue vai matar voc

Viv engoliu a náusea e estreitou os olhos, sentindo-se idiota. Sentir-se idiota a deixava ressentida. E do ressentimento era s um passo para a raiva.

Não respondeu, entre dentes.

Ele riu.

Não acho ue vá, mesmo. Mas, por en uanto, voc está fora.

Ela tentou se concentrar.

Conseguimos pegar ela

Não. Ela nem estava a ui, pelo ue deu para ver. S armou uma confusãozinha, especialmente para n s. Estamos indo para o norte. Vamos encontrá-la.

Viv se levantou com dificuldade, apoiando-se no tronco com a perna es uerda. A outra parecia inchada, do dobro do tamanho normal, e cada batida de seu coração ressoava como um tambor sombrio.

 uando n s partimos

N s Como eu disse, voc está fora por en uanto. Disseram ue tem uma cidade costeira perto da ui. Vou mandar voc para lá. Vai se recuperar, e vamos dar uma passada uando terminarmos. Se ainda estiver na área e á tiver melhorado, aceitaremos voc de volta. Deve levar algumas semanas. Se não estiver lá uando aparecermos Ele deu de ombros. Não há vergonha em encerrar por a ui.

Mas

Acabou, ovem. Voc sobreviveu a um erro idiota ho e. Se uiser cometer outro tão cedo, bem Seu olhar endureceu. uer ue eu diga uais são as suas chances

Mas Viv não era uma orc idiota, então calou a boca.

1



Viv estava deitada no chão do uarto min sculo. Bem, uase no chão. O lugar não havia sido construído com orcs em mente, e a cama era pelo menos sessenta centímetros curta demais. Algu m se dera ao trabalho de colocar o colchão de palha no chão e, embora suas pernas ainda ficassem para fora, sua sacola de viagem tinha sido posicionada para servir de apoio ao p , mantendo a perna ferida elevada.

Doía como os oito infernos.

Ela pegara uma febre en uanto sacole ava no palan uim carregado por uma mula de carga, tossindo com toda a poeira ue o animal era capaz de levantar. O ue era *muita*.

Viv passara uns dois dias de cama, alternando entre a vigília e um emaranhado de sonhos repetitivos, em uma agonia late ante. O cirurgião tinha visitado várias vezes. Ou talvez não; talvez fosse s uma alucinação recorrente. Lembrava-se vagamente do rosto do homem, misturado a uma nuvem de vergonha ue ela não conseguia identificar.

Agora, suas ideias tinham clareado. O ue significava, principalmente, ue ela tamb m podia *sentir* tudo com completa clareza. Era uestionável se a uilo era uma melhora.

E pior, ela estava absolutamente faminta.

Olhou em volta do uarto despo ado. Uma cama simples, uma mesinha com um lampião e uma bacia. Paredes de tábuas cinzentas sem tratamento. Uma anelinha basculante. Viv sentia o cheiro do mar, da grama seca da praia e de peixe. Um ba velho ficava no outro lado do uarto. Seu sabre estava encostado nele, unto com

uma muleta de madeira r stica. Seu malho tinha sumido. Não havia muito mais de interessante ali.

O sil ncio era absoluto. Os nicos sons vinham de fora o farfalhar da grama, o marulho distante das ondas e o pio ocasional de uma ave marinha.

Viv tinha passado menos de uma hora l cida e á achava ue o cenário a deixaria louca se tivesse ue aguentar mais do ue isso.

Pelo menos sua perna estava bem enfaixada, imobilizada para ue o oelho não dobrasse. Sua calça tinha sido cortada. As bandagens estavam um pouco manchadas nos pontos em ue o sangue havia vazado, mas era bem melhor ue musgo e uma t nica de lã su a.

Bem disse ela. ue merda.

Ela se levantou em etapas, erguendo a bunda at a cabeceira da cama e sugando ar entre os dentes ao girar a perna ferida. Seu p es uerdo cabia na bota, mas o direito estava tão inchado ue teria ue continuar descalço. Cambaleando, chegou bacia com água morna, onde se lavou o melhor ue pôde com o pano ue encontrou ali. Sentindo-se menos imunda, Viv mancou at a porta, mas, cada vez ue o calcanhar encostava no chão, os cantos de sua visão escureciam. Trincando os dentes, ela mudou de direção e, relutante, pegou a muleta.

Custou a admitir o uanto era melhor com ela.

Por hábito, prendeu o sabre na cintura.

Infelizmente, descobriu ue o uarto ficava no topo de uma escada estreita. Desceu toda desa eitada, apoiando-se com a muleta a cada dois degraus. O sabre não a udou. A cada impacto, ela pensava em um insulto novo e mais criativo para Rackam. Não ue fosse culpa dele, claro. Ainda assim, era muito mais satisfat rio xingar algu m pelo nome, mesmo uando esse nome deveria ser o seu pr prio.

O cheiro de bacon pairava no ar, o ue foi incentivo suficiente para ue ela continuasse a descer.

As escadas levavam a um salão comprido, de madeira r stica, em uma estalagem, taverna ou ual uer ue fosse o termo ue usavam ali. A grande lareira de pedra na parede estava apagada, boce ando como uma boca decepcionada. Um lustre de ferro pendia torto, soterrado sob camadas de cera de vela. avia boias de vidro e lamparinas a leo penduradas ou pregadas nas vigas, assim como redes e remos desgastados, com nomes entalhados na madeira. As poucas mesas maltratadas estavam desocupadas.

avia um longo balcão na parede dos fundos, e o taverneiro estava apoiado nele, distraído, secando uma caneca de cobre. Parecia tão entediado ali uanto o lugar merecia. Era um fe rico de mar, alto e com uma barba grisalha. O nariz era a uilino

e afilado, o cabelo grosso como algas marinhas caía por cima das orelhas pontudas, e os antebraços eram cheios de tatuagens sinuosas.

Dia, senhorita resmungou ele. Caf da manhã

Viv não se lembrava de á ter sido chamada de senhorita na vida.

O olhar dele a avaliou, as sobrancelhas se erguendo uando notou o sabre, então voltou caneca ue estava polindo.

Bacon perguntou Viv.

Ele assentiu e perguntou:

Ovos tamb m Batatas

O estômago dela roncou agressivamente.

Por favor.

Cinco tost es.

Ela procurou a carteira, apalpando o cinto, então olhou para as escadas e prague ou.

Da pr xima vez voc acerta. Na pior das hip teses, eu mesmo subo essas escadas. O homem abriu um sorriso irônico. Não como se voc fosse sair correndo, certo melhor sentar a bunda em um desses bancos en uanto ainda pode.

Viv estava tão acostumada a ser considerada uma ameaça pela sua simples exist ncia ue foi um cho ue e tanto ouvir uma piadinha com a sua cara, mesmo uma tão leve uanto a uela. Pelo visto, andar por aí apoiada em uma perna s abalava o poder de intimidação da pessoa.

En uanto ela fazia o ue ele havia sugerido, o taverneiro desapareceu nos fundos da cozinha. Viv arrastou outro banco para mais perto e apoiou o p descalço em uma das travessas baixas.

Tamborilando os dedos no balcão, tentou se distrair estudando o ambiente, mas realmente não havia muito mais a ser notado. Os sons e cheiros vindos dos fundos eram tudo em ue conseguia pensar.

 uando o taverneiro trouxe uma frigideira e a apoiou no balcão unto com um garfo e um guardanapo, ela uase puxou a panela pelo cabo uente com a mão nua na pressa de traz -la para perto. A mistura de batatas, carne de porco crocante e dois ovos moles ainda chiava e estalava. Viv uase chorou de alegria.

Percebeu ue o homem do outro lado do balcão a observava devorar a comida e tentou ir mais devagar, mas as batatas estavam salgadas e faziam uma combinação saborosa com o ovo; e era difícil não engolir uma garfada ap s a outra. Os barulhos ue fazia en uanto comia não eram educados, mas com certeza eram sinceros.

Está se sentindo melhor perguntou o fe rico de mar en uanto recolhia a

frigideira vazia do balcão.

Deuses, sim. E obrigada. um, meu nome Viv.

A uele sorriso irônico de novo.

Eu ouvi uando voc chegou. Já fomos apresentados, na verdade, mas não fico surpreso por voc não se lembrar. Não com toda a confusão.

Ela não se *lembrava* de nenhuma confusão, mas o tom divertido dele a deixou curiosa.

Então, os Corvos pagaram minha estadia

Fi uei na expectativa de ver Rackam em pessoa comentou o taverneiro. Mas o su eito ue ele mandou para traz -la era uase um cavalheiro. Pagou por uatro dias. Disse ue voc poderia se virar depois disso. Sou Brand.

Ele estendeu a mão, e ela a apertou. Ambos tinham um aperto firme.

Vai voltar a descansar agora perguntou ele.

De eito nenhum. Eu acabaria maluca. um, onde eu estou, exatamente

O sorriso irônico se transformou em um de pura diversão.

Deixe-me ser o primeiro a lhe dar as boas-vindas a Murk, a oia da costa oeste Uma parte muito *pequena* da costa oeste. E este a ui o Poleiro, meu lugarzinho.

Parece bem tran uilo por a ui. Na verdade, ela uase disse *deprimente*.

Temos nossos momentos de agitação uando os barcos chegam. Mas se está precisando descansar e se recuperar, na maioria dos dias ningu m vai fazer barulho e incomodá-la.

Viv assentiu e se ergueu no p bom, a ustando a muleta de volta debaixo do braço.

Bem, obrigada de novo. Acho ue a gente vai se ver bastante, então.

Agora ue estava com a barriga cheia de comida uentinha, Viv sentia-se melhor. A ideia de passear pela cidade, mesmo mancando, parecia muito mais atraente do ue alguns minutos antes. Ela deu uma batidinha no balcão com o n dos dedos.

Acho ue vou dar uma volta e conhecer a área.

Nos vemos em dez minutos disse Brand.

Viv deu uma risada, mas foi forçada.

2



Viv desceu o degrau da varanda com um salto, segurando um dos postes do corrimão para se e uilibrar, e olhou para trás. Uma placa velha pendia sob o alpendre de telhas, exibindo um peixe esculpido sem muito esmero, com as palavras O POLEIRO entalhadas logo acima em um tom mais escuro.

Uma leve brisa marinha fez seus cachos caírem no rosto en uanto Viv observava o ue podia ver de Murk.

O oceano ocupava tr s uartos do horizonte, blo ueado por um alto penhasco de calcário ao norte. Dava para distinguir o contorno vago de algumas pe uenas construç es e cercas, mas não o suficiente para identificar seu prop sito. Dunas se erguiam desde a costa em ondulaç es baixas, encimadas por tufos desgrenhados de vegetação.

A antiga muralha de pedra de uma fortaleza cercava a maior parte do lugar colina acima, com o vilare o abrigado ali no meio. O Poleiro não ficava dentro desse perímetro de proteção, mas em uma elevação arenosa ao lado da estrada ao sul, com vista para al m da fortificação.

Fora das muralhas e mais pr ximo ao Poleiro, longas fileiras de construç es estreitas curvavam-se em arcos decrescentes em direção praia. As fachadas de madeira, desgastadas pelo sol e pela maresia at ficarem de um tom cinza perolado, brilhavam prateadas sob a luz do fim da manhã. Calçad es de madeira ligavam as construç es, e estradas antigas de pedras esparsas serpenteavam entre eles, cobertas de areia em alguns trechos.

uatro longos atracadouros se estendiam at o mar, tomados por caixotes e

cabos. Barcos de pesca balançavam contra as estacas como peixinhos atrás de pão, en uanto embarcaç es maiores estavam ancoradas nas águas mais al m. Algumas figuras min sculas se moviam nos cais, suas vozes distantes ecoando pela água.

A cidade inteira parecia semiadormecida. Viv duvidava ue o lugar despertasse por completo.

Ela foi tomada por uma s bita e forte sensação de abandono. Tinha sido largada por Rackam na uele fim de mundo, e uma certeza intensa atingiu suas entranhas, dizendo-lhe ue ele não pretendia voltar. A uela era apenas uma desculpa conveniente para se livrar de uma ovem ue lhe dera trabalho.

Cerrou os dentes e empurrou a uele sentimento de volta para as profundezas.

uando Viv saiu mancando da sombra, sentiu a força total do sol. Ainda não era meio-dia, mas faltava pouco. Ela fechou os olhos e tentou apreciar o calor na pele por um momento. Inspirou fundo a maresia e soltou o ar devagar.

Bem disse para si mesma , vamos acabar logo com isso.

Andar pelo calçamento de pedras com a muleta era complicado, mas Viv ficou grata pela exist ncia dele, por ue lidar com a areia pura teria sido muito pior. Seu avanço foi penoso, mas met dico, embora a axila á estivesse ficando dolorida por conta da muleta. Teria ue envolv -la em algo macio at se livrar de vez da uela porcaria.

O caminho tinha um declive, mas era gradual, o ue foi uma b nção. Gaivotas assustadas levantaram voo das dunas ue ladeavam a rua.

Para sua surpresa, a primeira pessoa ue viu foi outro orc. Ele avançava a passos decididos em sua direção, puxando um carroção com os arreios sob os braços. O peito estava nu, a cabeça, desprotegida, e os ombros eram cobertos por velhas cicatrizes. O carroção transportava feixes de galhos e pilhas de lenha partida.

Bom dia cumprimentou ela, fazendo um gesto de sentido bem-humorado com a mão livre.

Ele assentiu ao passar, olhando de relance para o sabre, e Viv parou para observá-lo ir embora. O orc não olhou para trás, o ue por algum motivo a incomodou.

As primeiras construç es ue ela viu eram estabelecimentos comerciais ue ocupavam a descida at a praia, onde calçad es de madeira tornavam a areia mais fácil de atravessar.

Viv manobrou at o calçadão ue interligava as lo as. Cada batida de sua muleta na madeira desgastada pelo sal soava como o ruído de um casco.

A maioria das fachadas era alta e estreita e parecia se inclinar para longe da brisa marinha. De perto, as tábuas das paredes e dos telhados estavam cheias de farpas.

As primeiras lo as estavam fechadas; permanentemente, pelo ue sugeriam os

vidros rachados e protegidos por lonas ou pap is presos por dentro. Depois, ela avistou algo como uma livraria. Pelas duas anelas estreitas da frente, viu pilhas ca ticas de livros, mapas e bugigangas variadas. uase dava para *enxergar* o cheiro de mofo. A porta á tinha sido vermelha um dia, mas agora mal passava de uma vaga lembrança da cor.

Uma pe uena placa es uerda dizia: THISTLEBURR LIVREIROS.

Viv balançou a cabeça e seguiu mancando.

Uma oficina de veleiro. Depois, uma lo a de uin uilharias abarrotada de conchas, bolachas-da-praia, boias de vidro, restos de navios e itens resgatados de naufrágios. Viv não conseguia imaginar por ue algu m iria uerer ual uer uma da uelas coisas.

Ela sentiu o cheiro de algo assando, mais forte ue os odores pungentes de salmoura e algas marinhas. Não era surpresa ue á estivesse com fome de novo. Mesmo sem o esforço adicional para se locomover e as exig ncias de um corpo em recuperação, Viv gastava energia rápido, e o caf da manhã tardio á tinha sido uase completamente consumido pela fornalha ue era seu estômago.

Ao fim da uela fileira de lo as, ela avistou o primeiro sinal de vida, a menos ue o orc impassível carregando lenha contasse. E ele não contava.

O lugar era pelo menos duas vezes maior ue as outras lo as, com uma chamin dupla soltando fumaça e at pessoas entrando e saindo. Na anela, os dizeres PADARIA CANTO DO MAR estavam rec m-pintados em uma caligrafia caprichada. Não ue precisasse de algo al m do pr prio nariz para identificar a lo a.

Cestos de vime cheios de fil es grandes, pãezinhos e biscoitos estavam expostos na vitrine. Um sino pendurado acima da porta tilintou uando um anão com a presunção de um marinheiro saiu enfiando o ltimo pedaço da refeição na boca.

Viv espiou o interior por um minuto, amaldiçoando a si mesma outra vez por ter es uecido a carteira no uarto. Os biscoitos folhados enormes prometiam superar as altas expectativas ue os aromas á haviam criado. Ela secou os lábios com a parte de trás da mão e deu as costas com relut ncia.

Seu pai sempre dizia ue a fome podia ser curada com suor, de um eito ou de outro. Determinada, ela começou a atravessar a estrada coberta de areia. A maioria das construç es do outro lado parecia residencial, ou talvez alo amentos para veranistas. Mas ningu m parecia circular por ali.

Um corrimão para amarrar cavalos se estendia ao longo da estrada, e isso serviria para o ue ela ueria fazer.

Viv tinha passado vários dias deitada, e seu corpo fazia uestão de lembrá-la disso. Não ue fosse disputar corridas tão cedo, mas era impossível sobreviver

mane ando um sabre se suas armas naturais não estivessem bem fortalecidas.

Apoiando a muleta e o sabre ao lado, ela se pendurou com todo o cuidado pelas mãos sob a viga principal. Esticou as pernas na direção da rua, fazendo uma careta uando a dor percorreu a coxa direita.

Viv se abaixou at os braços ficarem uase totalmente esticados. Então dobrou os cotovelos, repetidamente, o calor se acumulando nas costas, no peito e nos braços. A dor na perna foi ficando es uecida.

uando os bíceps começaram a tremer com o esforço, e o suor escorria pelas t mporas, Viv se deixou repousar no chão, dobrando a perna es uerda e respirando em um ritmo pesado e regular.

O orc com o carroção de lenha a observava, parado no meio do tra eto de volta, ladeira abaixo. Seu suprimento estava bem mais baixo agora. Diversas ferramentas gastas pendiam de ganchos presos nas laterais um martelo, uma marreta, um machado, uma serra.

Viv estreitou os olhos para ele.

Está olhando o u

Ele deu de ombros e, com uma voz grave, mas surpreendentemente suave, respondeu:

Está de volta ativa bem rápido.

Eu tamb m á conheci voc uando cheguei

O orc deu de ombros de novo.

Não tem muita novidade por a ui. difícil não notar uando alguma coisa empolgante acontece. E foi bem empolgante. O vislumbre de um sorriso. Voc uase estrangulou ighlark.

ighlark

O cirurgião.

Ah respondeu ela com uma careta.

Bem, não era o ideal.

Pitts disse ele, com um gesto indicando a si mesmo.

Então abaixou a cabeça, a ustou as correias do carroção e começou a puxá-lo, sem esperar ue Viv dissesse o pr prio nome. O ue ela achou vagamente irritante.

Viv gritou para as costas do orc.

Ele apenas assentiu sem olhar para trás.

Oito infernos disse Viv. ue cidade maravilhosa. Dá para entender por ue todo mundo uer se estabelecer a ui.

Ela se levantou com esforço. Pegando a muleta e o sabre, foi at o fim do calçadão de madeira, sumindo de vista em um vale entre duas dunas.

Dali Viv não conseguia ver o mar nem sentir o vento, e a uietude era tanta ue ela ogou a muleta na areia e mancou at o topo da duna do lado da praia, gemendo de dor o tempo todo.

A brisa lá em cima era mais agradável, e ela se permitiu um minuto, at a respiração normalizar, antes de desembainhar o sabre. Viv tentou executar alguns ata ues com a arma, mantendo o peso principalmente na perna saudável. Tivera esperanças de ao menos conseguir fazer algumas transiç es entre posiç es altas, baixas e fintas, concentrando-se na precisão e no exercício da parte superior do corpo, mas era perda de tempo. A perna frente escorregou de repente e, uando ela se ree uilibrou, o peso da l mina a forçou a se apoiar no calcanhar da perna ferida. Com isso, Viv caiu rolando em uma nuvem de areia e palavr es.

Cinco minutos ap s a vergonhosa ueda duna abaixo, ela voltou mancando pela calçada principal. Irritada, derrotada e penosamente consciente da areia grudada no suor sob a t nica, Viv começou a árdua subida pela colina em direção ao Poleiro. A ladeira suave foi um desafio maior do ue deveria ter sido, e tudo o ue a esperava no fim era uma estalagem vazia, um uarto vazio e um lance de escadas bem estreitas.

Ela deveria estar unto dos Corvos. Deveria estar abrindo caminho com o sabre at Varine.

Deveria estar em ual uer outro lugar ue não ali.

Com a atenção fixa nas pedras cobertas de areia do calçamento e em onde apoiaria a muleta no passo seguinte, Viv se sobressaltou uando uma sombra surgiu em seu campo de visão.

Olhando para cima, ela se encontrou encarando os olhos ofídicos de uma tapenti. A mulher não era tão alta uanto Viv poucas pessoas eram , por m, estando adiante na colina, Viv precisou olhar para cima.

Ou talvez essa fosse simplesmente a sensação ue ela passava.

A tapenti tinha um físico poderoso, os padr es delicados da pele esculpidos em ombros e pernas musculosos. O capuz de escamas se alargava ao redor das t mporas e do pescoço dela, de um tom salmão onde a luz o atravessava, e as tranças longas, parecidas com chocalhos de serpente, ondulavam com um som seco ao sabor da brisa.

O lampião de Guardiã dos Port es brilhava em sua cintura, preso do lado oposto a uma espada longa, e a mulher usava um distintivo em sua t nica azul.

Ela inclinou a cabeça de uma forma ue Viv s podia interpretar como desdenhosa.

Uma demonstração impressionante de destreza marcial. Seus olhos se

desviaram para um ponto atrás de Viv, o topo da duna onde tivera ue desistir do treino.

A pele de Viv ficou uente, um rubor ue podia ir da vergonha f ria com a pressão de uma mera pena. Ela não era tola de deixar tal coisa acontecer, não com uma guarda local, mas tamb m não precisava ser educada.

Acho ue não tem muito mais para se olhar por a ui, não mesmo

A tapenti abriu um sorriso forçado e estreitou os olhos.

uma cena ue eu preferiria não ver na minha cidade. Gosto de tran uilidade, e garotinhas com espadas prometem acabar com o sossego. Sugiro ue mantenha seu sabre embainhado, ou melhor ainda, lá no seu uarto. Não há motivo para voc não ficar por lá tamb m, na minha opinião.

Viv gague ou:

Garotinha…?

A Guardiã dos Port es a atropelou, a voz um sibilo implacável:

uando te trouxeram para cá, bastou uma olhada para saber ue eu precisaria ficar de olho em voc . *Highlark* sem d vida não vai es uecer sua chegada tão cedo. Se causar o mínimo problema por a ui, não vou pensar duas vezes antes de ogá-la numa cela para se recuperar at seus *amigos* chegarem para me livrar de voc .

Viv apenas encarou a mulher em uma f ria sem palavras. Sua mão tremeu, movendo-se em direção ao sabre, mas ela controlou o impulso, embora percebesse os olhos da tapenti seguindo o movimento com um ar de diversão irônica.

Tenha um bom dia. A mulher inclinou a cabeça com escárnio em direção hospedaria. E cuidado na hora de subir a colina. Um tombo feio pode prolongar sua estadia, e ningu m uer uma coisa dessas, não

E então ela se foi, e Viv ficou parada na rua, olhando em direção ao Poleiro e dese ando fervorosamente algo ue pudesse esfa uear.

Se Rackam não voltasse logo, ela teria ue partir atrás dele antes ue fizesse algo de ue *realmente* se arrependeria.

3



Ainda fervendo de raiva por causa da Guardiã dos Port es, Viv olhou para o Poleiro com uma renovada falta de entusiasmo. Incapaz de suportar a caminhada tediosa e solitária at o uarto tedioso e vazio e a perspectiva de passar o resto do dia de forma igualmente tediosa e in til, ela decidiu seguir pela calçada at a lo a mais pr xima.

uando apoiou a muleta na frente da Thistleburr Livreiros, um estalo sofrido soou. Viv prague ou uando a madeira podre cedeu sob seu peso e ela uase se estabacou pela segunda vez em menos de uinze minutos, mas conseguiu erguer a muleta antes ue atravessasse a calçada.

Ela encarou a tábua parcialmente rachada.

Merda.

Ainda cheia de adrenalina devido ao uase acidente, Viv empurrou a porta e cambaleou livraria adentro.

O lugar era parcamente iluminado e tinha uase o cheiro exato ue ela imaginara papel velho, mofo e decepção , mas com os odores adicionais de cachorro molhado e *galinheiro*. Ela torceu o nariz.

Livros ocupavam todos os espaços da lo a estreita e comprida espremidos em prateleiras envergadas, espalhados por cima das estantes, e uilibrados em torres instáveis no chão. Alguns volumes pareciam novos, mas a maioria era antiga, com fios soltos escapando de encadernaç es de couro ou tecido.

Cartas náuticas e mapas estavam amontoados em uma pilha desorganizada sob as anelas frontais. Um lampião a leo com o vidro rachado tremeluzia fracamente na parede.

O lado de dentro era feito das mesmas tábuas do exterior. Outrora pintadas de branco, agora estavam bastante amareladas e descascadas.

Indicando o caminho pelo aposento havia um tapete triste e surrado, su o de areia e penas

avia um balcão min sculo e apertado nos fundos, com outra estante de livros atrás, ue parecia correr o risco de desaparecer sob a avalanche de palavras antigas. Um corredor mal-a ambrado ligava a livraria a outro cômodo nos fundos, e Viv teve a impressão de ouvir um farfalhar vindo de lá. avia um velho fogão de ferro baixo *também* cheio de livros empilhados es uerda. Pelo visto, não tinha ningu m atendendo.

Pelos Oito, ue buraco disse Viv, com uma careta.

Entrar ali tinha sido uma p ssima ideia.

uando se virou para ir embora, toda desa eitada, seu sabre encostou em tr s pilhas de livros, ue se espalharam em uma cascata de páginas e poeira. Viv se encolheu, respirou fundo e então mais duas pilhas perto das primeiras desabaram por cima do resto.

Um som estranho, uma mistura de grasnado com latido, ecoou dos fundos da lo a. De repente, um trove ar de patas precedeu a chegada de um pe ueno animal ue veio correndo na direção de Viv soltando uma nuvem de penas e pelos. Suas garras ficaram presas no tapete surrado, embolando o tecido sob a barriga do bicho em um montinho empoeirado at ele conseguir disparar outra vez, soando, por incrível ue parecesse, como um cachorro latindo debaixo d água.

Viv não se sobressaltou uando a criatura parou diante dela, saltitando em uatro perninhas atarracadas, os pelos curtos e dourados eriçados ao longo das costas. Sua cabeça de coru a era desproporcionalmente grande, com olhos redondos e brilhosos e um pe ueno bico preto. Cotos com penugens indicavam asas vestigiais. Orelhas triangulares e caninas caíam dobradas para trás sobre as penas da cabeça, expressando a f ria ustificada de um cão de guarda.

Viv levou a mão ao cabo do sabre, mas, apesar dos guinchos agressivos da criatura, não sentia ue corria grande perigo. Sua surpresa á estava se transformando em uma risada incr dula.

Ai, *merda* gritou uma voz fina e aguda. Paio, *não*

Viv ergueu os olhos, surpresa com o palavrão. Um palavrão tão *sincero*. Mas ficou ainda mais surpresa ao ver a uem pertencia a voz.

Uma pe uena ratoide, usando uma capa vermelha curta, veio s pressas para a parte iluminada da lo a, apontando um dedo severo para o animal.

Não tem problema disse Viv, abafando a risada at ue virasse um meio-

sorriso.

O absurdo da situação havia apagado os vestígios de sua raiva depois do encontro com a Guardiã dos Port es.

Mil desculpas exclamou a ratoide, abaixando-se para segurar a besta protetora e barulhenta. Então viu os livros espalhados e seus ombros desabaram. Ah, pelo amor dos deuses.

, *eu* ue peço desculpas. Foi mal disse Viv, apontando para a pr pria perna e a muleta, embora nenhuma das duas fosse a culpada. uase se sentiu constrangida por estar portando o sabre, o ue era estranho.

Paio Pra trás Anda, xô rosnou a ratoide.

Para surpresa de Viv, a criatura obedeceu, o rabo curto entre as patas en uanto se escondia atrás do balcão. Então, enfiou a cabeça pelo canto de novo, espiando-as, e lançou a Viv uma expressão desconfiada com seus olhos do tamanho de toran as, mas continuou onde estava.

Viv começou o trabalhoso processo de se agachar para a udar a recolher os livros caídos, mas a ratoide a deteve.

Deixa. Ela soltou um enorme suspiro. Melhor não arriscar, não

Não demorou muito para criarem novas pilhas, ainda mais precárias, mas pelo menos os livros não estavam mais espalhados pelo chão. En uanto isso, Viv discretamente endireitou o tapete com a muleta, o ue provocou um rosnado ridículo de Paio.

Pronto. Porra. Fi uei at com calor reclamou a ratoide, abanando-se com uma pata. Ela agitou os bigodes e perguntou: Posso a udá-la com alguma coisa

As palavras foram ditas em um tom educado, tão destoante da boca su a ue provara ter, ue Viv não conseguiu mais se controlar e finalmente deixou escapar uma risada.

Ah, deuses, desculpa disse, tentando se conter. ue todos os ratoides ue á conheci eram tão delicados e tímidos, e eu pensei ue

Os olhos da ratoide se estreitaram.

E *eu* pensei ue os orcs s *comessem* livros, mas ve a s voc .

Foi aí ue Viv perdeu completamente o controle e começou a gargalhar.

Depois de um segundo, a ratoide conseguiu dar algumas risadinhas tamb m, limpando a testa e olhando ao redor como se não soubesse bem como havia acabado ali.

Fern, aliás. Ela estendeu a pata.

Viv a cumprimentou, a pata da ratoide desaparecendo em sua mão enorme. Tentou ser delicada, claro.

Viv. E, mais uma vez, desculpe pela bagunça.

Fern fez um gesto desculpando-a. Ou uase.

Se voc comprar um livro, está tudo perdoado.

Ah, ue deixei a carteira lá no Poleiro Ela apontou para o cinto vazio. Uma desculpa conveniente, á ue não pretendia comprar nada mesmo.

Fern soltou outro grande suspiro.

Olhando para essa perna, não imagino ue voc vá sair correndo por aí com um romance roubado, então pode levar fiado e pagar amanhã. Fica bom assim

Sem saída.

Acho ue sim. Mas Ela olhou ao redor. Sendo sincera, não costumo ler muito nem faço ideia do ue escolher.

Fern a olhou de cima a baixo, como se estivesse medindo seu peso em palavras. Bateu a garra no lábio inferior en uanto analisava o sabre de Viv e a Vivice geral dela.

Dez elos da corrente disse, passando o dedo pela lombada dos livros. um clássico.

Viv fez uma expressão de d vida e comentou:

Parece chato.

 sobre a fuga de uma prisão respondeu Fern por cima do ombro. Tem duelos. Uma batalha noturna em um navio. Maldiç es. Um anão com um olho s e tend ncias homicidas. Ela olhou para trás, e seus olhos negros brilharam com convicção. Vai por mim. Ah, a ui está

Ela trouxe um volume fino encadernado em couro vermelho. Viv pegou o livro com relut ncia. O título estava gravado na capa em letras douradas descascadas, e o autor era R. Geneviss. Abrindo o volume, Viv encarou as letras mi das com um olhar de d vida.

Tem imagens Então, culpada, lembrou-se da bagunça ue havia feito e da madeira podre do lado de fora. Não ue isso importe muito, imagino.

Fern riu, um som suave e musical.

Algumas xilogravuras. Mas nada das partes sangrentas.

Viv forçou um sorriso ue esperava ue parecesse apreciativo.

ã, aham. Enfim, obrigada. uanto fica Pra amanhã...

Não acabou de sair da gráfica, mas com essa encadernação de couro trinta tost es. Ela viu a expressão de Viv e suspirou. Merda. Tá bom, pra voc , vinte.

Então, odeio ter ue tocar no assunto, mas

Viv contou sobre a tábua uebrada lá fora.

A ratoide cobriu os olhos com as patas e soltou uma se u ncia de palavr es surpreendentemente criativos, al m de algumas outras palavras ue Viv tinha *quase* certeza de ue eram obscenas tamb m, então, com visível esforço, se recompôs.

S fico feliz ue voc não tenha se machucado mais disse Fern em tom cuidadoso, como se andasse em uma corda bamba depois de um copo de conha ue.

At amanhã.

uando Viv saiu, Paio deu um uivo triunfante diante de sua retirada.



Uma n voa se formou, vinda do mar, e a vegetação na praia sibilava com as longas ra adas de vento en uanto Viv cambaleava de volta para o Poleiro. O tempo estava mudando rápido. A ideia de acabar com os curativos midos e ter ue forçar a muleta na areia molhada era extremamente desagradável, então ela apertou o passo. O atrito na axila estava ficando bem incômodo.

As primeiras gotas espalharam círculos escuros na areia no momento em ue Viv subia os tr s degraus at o Poleiro e alcançava a segurança do telhado. Segundos depois, trov es roncaram feito batatas ogadas em uma superfície s lida e rel mpagos serpentearam pela neblina. Cortinas sinuosas de chuva cobriram as dunas, e o cheiro de areia uente molhada se sobrepôs a todos os outros aromas.

uando Viv entrou, a estalagem estava bem mais cheia do ue antes.

umanos e fe ricos de mar de braços musculosos e roupas endurecidas pelo sal se aglomeravam em torno das mesas ou do bar, e o burburinho de conversas amigáveis preenchia o ambiente. Brand se movia com toda a naturalidade atrás do balcão, ocupando-se de várias demandas ao mesmo tempo. Um rapazinho meio-elfo, de ombros magros, contornava as mesas, servindo canecas de cobre de bebida ou tigelas cheias de ensopado. Algu m estava acendendo a lareira, e gotas de chuva chiavam no fogo ainda incipiente.

Viv á estava faminta de novo. Uma mesa solitária nos fundos do salão estava livre, e ela concluiu ue poderia se acomodar ali confortavelmente, então mancou at a cadeira ue ficava debaixo do cr nio de algum predador marinho cheio de dentes pendurado na parede. Suspirando de alívio ao transferir o peso da perna para o assento, Viv soltou o sabre do cinto e deixou-o debaixo da cadeira, acomodando a muleta encostada ao seu alcance.

Colocando o livro vermelho na mesa, ela o encarou en uanto esperava o rapazinho vir atend -la. Perguntou-se onde estariam Rackam e o resto do grupo Lannis, Tuck, Sinna e Mal fico. Já deviam estar montando acampamento, sem

d vida, sorteando uem ficaria de guarda primeiro. Ou será ue á haviam alcançado Varine Será ue todos estavam inteiros Viv passara menos de dois meses com os Corvos e á tinha ficado para trás. Ela a eitou os curativos e mordeu o lábio, perdida em pensamentos cada vez mais distantes.

Aceita algo

Uma voz tr mula a trouxe de volta realidade. Era o garoto da taverna, com várias canecas vazias penduradas nos dedos.

Duas dessas. Apontou para as canecas. E o ue todo mundo está comendo, se a lá o ue for. Tr s porç es. Ela chamou a atenção de Brand, erguendo as sobrancelhas, e o taverneiro acenou de volta. Avise ao Brand ue amanhã eu pago.

Viv deu um tapinha na perna machucada.

ã, tá bom.

En uanto o garoto se afastava, Viv posicionou o livro *Dez elos da corrente* sua frente e soltou um suspiro pesado. Cogitar l -lo parecia um sinal de rendição, uma admissão tácita de ue agora era outro tipo de pessoa. Fraca. Mole. Pacata.

Algu m ue ficava toa e estudava, em vez de lutar e vencer.

Ela abriu a primeira página. O título do capítulo era NO QUAL EU DESMEMBRO UM HOMEM". Viv pensou no olhar confiante de Fern e soltou uma risada. Com interesse relutante, começou a ler.

> *Quando eu lhe disser que fui preso injustamente, talvez o leitor se sinta inclinado a demonstrar pena. Ao relatar alguns dos meus atos mais vis, porém, talvez eu abuse um pouco da sua compaixão. Só posso pedir que me ouça, caro leitor. Afinal, por ter cortado a cabeça de um homem e depois seus braços e suas pernas, e então enfiado tudo em três barris de salmoura para conservá-lo durante a viagem, posso parecer um monstro. Mas, ao fim da minha história, creio que poderá novamente me julgar digno da sua consideração.*
>
> *Além disso…*
>
> *Ele era um canalha.*

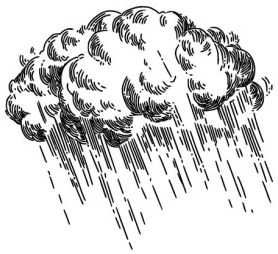
Viv continuou lendo depois ue a comida e as bebidas chegaram. Mastigou e bebeu sem prestar atenção, virando página ap s página, e ficou surpresa uando percebeu ue as tr s tigelas e as duas canecas estavam vazias. Nem ergueu os olhos uando o garoto limpou a mesa.

O Poleiro foi ficando escuro, sua mesa intocada pelo calor e pela luz da lareira do outro lado do salão, então pediu um lampião para continuar lendo. O rapazinho atendeu ao pedido e, apesar da cadeira desconfortável, da dor na perna e do vilare o isolado em ue fora abandonada, Viv se pegou absorta.

Estava via ando.

Estava em outro lugar.

4



Na uela noite, Viv fechou o basculante do uarto para se proteger do vento forte e da chuva torrencial, acendeu o lampião com um f sforo de enxofre e a eitou o colchão para se sentar na cama e apoiar as costas na cabeceira. Não era muito confortável, mas o pulsar do sangue na perna ferida fazia esse desconforto parecer bem menor.

Viv leu at altas horas, at não conseguir mais manter os olhos abertos, o maxilar estalando com um enorme boce o. Então, deitou-se com o livro no peito, os sons da tempestade atravessando as fronteiras do sono e colonizando seus sonhos. Espadas se enfrentavam no conv s de uma fragata fustigada pela chuva sob o c u sombrio. O uivo do vento permeava seu sono, e Viv navegou por mares desconhecidos.

 uando Viv mancou at o salão do Poleiro na manhã seguinte, a tempestade havia se transformado em uma garoa chata. A chuva tamborilava baixinho nas telhas, e, pela porta aberta, dava para ver a água ue escorria e formava poças na areia sob os caibros.

Ela havia envolvido o apoio da muleta com o ue restara da t nica de lã ue destruíra na floresta para fazer seu curativo. Estava consideravelmente mais confortável agora, mas levaria um ou dois dias para a axila esfolada perdoá-la.

Lembrando-se dos olhares ue recebera, Viv deixara o sabre no uarto, embora não estivesse feliz com isso.

Alguns gatos pingados tomavam caf da manhã, e Brand devia estar nos fundos

uando ela desceu. Sentou-se em um dos bancos altos e aproximou o assento vizinho para apoiar o p , então colocou o livro no balcão do bar e encontrou a página em ue tinha parado, 196.

Madger havia acabado de se infiltrar na fortaleza na ilha do general Dammerlight com sua tripulação de p s-rapados, e, se Viv tivesse conseguido virar a noite anterior inteira lendo, teria feito isso. Os sonhos da v spera foram fragmentos vívidos de cenas passadas e futuros imaginados, algo ue nunca vivenciara antes. Podia ser o ferimento mexendo com sua mente adormecida, mas ela acordara uerendo mergulhar de novo em toda a luz e f ria da uela hist ria.

Visitou Thistleburr,

Ela se sobressaltou, á completamente imersa na hist ria ap s poucas páginas. Brand passou com alguns pratos vazios.

Ah. . Viv olhou em direção porta, para a chuva. Pelo menos assim tenho alguma coisa para fazer a ui dentro.

Pelo visto, voc deveria ter pegado dois. Ele indicou o pe ueno n mero de páginas restantes e deu um sorrisinho. Bem, sempre tem louça para lavar se ficar entediada.

Ah, por falar nisso. Ela tirou algumas moedas de cobre da carteira. Por ontem e pelo caf de ho e, se for possível.

Brand assentiu e desapareceu na cozinha mais uma vez.

uando ele voltou com um prato cheio de salsichas fritas, mingau de milho e ovos com pimenta, Viv marcou a página e fechou o livro. En uanto Brand recolhia suas moedas do balcão, ela puxou o prato para mais perto e perguntou:

Então, a uela tapenti, a Guardiã dos Port es

Brand riu.

Conheceu Iridia, foi Oito infernos, eu teria pagado para ver esse duelo de carrancas.

Viv o encarou, confusa.

Sabe como , s vezes voc v dois cachorros, um de cada lado da rua, e antes de eles notarem a presença um do outro, á sabe ue vão mostrar os dentes. Eu diria o mesmo de voc s duas. Iridia durona e uer ue todo mundo saiba disso. Na cabeça dela, evita problemas. Ele deu de ombros. Não dá para dizer ue não funciona. E pelo visto ela latiu mais alto, á ue voc está sentada a ui agora.

Viv franziu a testa e deixou o garfo de lado, sem começar a comer.

um elogio. Ela a comandante dos Guardi es dos Port es da ui. Se voc tivesse sido tola o suficiente para enfrentá-la, passaria uma noite bem mais desconfortável. Numa cela, suponho. Isso s significa ue voc tem algum bom

senso. Ele deu um tapinha no antebraço substancial de Viv. Al m disso, se fosse uma briga de cachorros, eu apostaria meu cobre no ue ainda não foi esfa ueado na perna.

Brand deu uma risadinha e saiu, limpando as mãos no avental.

Viv tentou não se deixar afetar, sem muito sucesso, mas a comida uente a udou. A comida uente e *excelente*. Se havia um lado bom na recuperação forçada, era comer algo diferente das raç es secas e frias da estrada.

Pensar nisso a fez se lembrar de Rackam e do resto do grupo, avançando para o norte sem ela. As salsichas fritas eram muito boas, mas ela as teria trocado por um cobertor no chão, onde era o seu lugar.



Brand tinha razão. Ela *deveria* ter comprado dois livros. Viv foi at a mesa ue havia reivindicado na noite anterior e se acomodou para terminar *Dez elos da corrente*. A vingança tão esperada de Madger, a traição devastadora de Legann uatro Dedos, o comovente fim de Dammerlight, mesmo *depois* dos infernos pelos uais a fez passar. Era uma pena Viv não ter uma tigela de nozes para beliscar.

uando enfim fechou o livro, passando os dedos pela capa vermelha, a garoa ainda não havia cessado.

Bem, Fern, acho ue não vou aparecer na livraria ho e. Vou ter ue acertar minha dívida com voc outro dia comentou Viv.

Imaginou a ratoide irrompendo pela porta, o pelo todo encharcado, xingando-a com a uela vozinha doce e aguda. Isso trouxe um pe ueno sorriso ao seu rosto.

Viv estava prestes a reler o primeiro capítulo, s para continuar com a uele gostinho, uando algu m de fato irrompeu pela porta.

A chuva escorreu da capa oleada uando o rec m-chegado a agitou com o braço e pegou uma grande bolsa preta de couro. O elfo ogou o capuz para trás e sacudiu as ltimas gotas de sua valise com exasperação. Um par de culos pendia de um cordão em volta do pescoço dele, o ue era estranho, á ue elfos raramente tinham problemas de vista. At Viv sabia disso.

Algo no rosto do elfo despertou uma mem ria.

Ele olhou ao redor do salão e, uando a viu, sua expressão não se iluminou, exatamente, mas mudou para algo ue ela não conseguiu identificar de imediato.

Foi aí ue Viv notou os hematomas roxos em seu pescoço.

Ah, merda gemeu ela.

O elfo marchou em sua direção e largou a bolsa na mesa com um ba ue ue fez a

superfície balançar. Poderia ter cem anos ou uinhentos. Era sempre difícil ter certeza com elfos. Mantinha o cabelo prateado bem curto, e o rosto era liso e severo.

ighlark perguntou Viv, com um sorriso contrito ue parecia desa eitado e enorme no rosto, as presas grandes demais para a boca.

Voc não se lembrava da nossa consulta, lembrava disse ele. avia algo estranhíssimo em ouvir uma voz tão bonita expressar tamanha irritação. Não de surpreender. Voc mal estava l cida.

Eu sinto muito *mesmo* por por *isso* balbuciou Viv, apontando o dedo tímido para o pescoço dele.

A boca do elfo se contraiu.

Bem, não vamos fazer isso a ui, na frente de metade da população de Murk. Suba. Ele apontou o polegar para as escadas. Vamos logo com isso.

Isso o u

Jovem, se uiser arriscar uma gangrena, á vou indo. Pegar chuva. De novo. Caso contrário, peço gentilmente ue man ue escada acima. Entendido

Viv pegou a muleta.

E seu livro.

Os pedidos de desculpas não pararam en uanto os dois subiam as escadas, entravam no uarto e at no momento em ue o elfo desamarrou as ataduras da perna dela. uando começou a cutucar as áreas sensíveis pr ximas do ferimento, Viv uis atirá-lo na parede.

Ela estava sentada na cama com a perna estendida e o calcanhar apoiado na sacola outra vez. Os cortes compridos na coxa voltaram a sangrar uando o m dico limpou os restos de bálsamo antigo da pele irritada. Viv mordeu o lábio inferior com força suficiente para tirar sangue, mas forçou-se a continuar olhando para o ue ele estava fazendo.

Voc tem mancado para cima e para baixo, pelo visto observou ele, e a ustou os culos no nariz.

Uhum grunhiu ela. Pra continuar ágil.

Sim, ve o ue está dando muito certo.

culos sibilou ela, entre dentes. Nunca conheci um elfo ue precisasse de culos.

São lentes de aumento respondeu ighlark. A udam a detectar ual uer putrefação iminente. O ue, felizmente, não parece ser o seu caso. uanto

mais voc descansar, mais provável ue essa situação feliz perdure.

A ui Eu vou ficar maluca. Mal consigo me virar sem esbarrar em alguma coisa. Al m disso, se passar semanas deitada, não vou estar em forma para lutar uando for a hora. E aí

O elfo a olhou por cima dos culos, e, embora sua expressão irritada não chegasse exatamente a demonstrar compaixão, indicava algo na uele sentido.

Escute, criança, sei ue voc ovem e tem a constituição de um touro de pradaria. Mas pode se dar ao luxo de perder um pouco disso ele deu um tapinha em um dos enormes bíceps de Viv para manter *isso*.

Bateu de leve na coxa dela.

Então, digamos ue eu siga seu conselho

ighlark bufou.

quando vou poder me movimentar indagou ela.

Ele a estudou com os olhos violeta semicerrados.

Não sei se ouso dar uma sugestão disse ele , por ue será muito irritante se voc não se comportar e eu tiver ue serrar sua perna fora.

Viv engoliu em seco.

Mas Ele vasculhou a bolsa. leo de callis. Normalmente, eu não usaria. Já ouviu falar

Ela balançou a cabeça, observando-o retirar a tampa de um pe ueno recipiente de cer mica contendo um creme amarelo. Cheirava a lodo de lago misturado com soda cáustica.

Costumava ser utilizado em campos de batalha, onde os efeitos colaterais valiam a pena, dadas as circunst ncias extremas. A sensação ue produz Bem. Já foi comparada a ferroadas de vespas.

Viv uase riu.

Não parece tão ruim.

Ferroadas de vespas contínuas em cada ponto de aplicação, por horas e horas e horas explicou ighlark.

Ah.

No entanto, suas propriedades curativas são incomparáveis, especialmente uando se trata de fechar feridas com rapidez. Se aplicarmos ho e, talvez eu possa autorizar mobilidade *limitada* a partir de amanhã de manhã. Desde ue os curativos não se am removidos e voc use a muleta.

Eu *estou usando*.

Então presumo ue ueira tentar

Viv olhou em volta para o pe ueno uarto, para sua perna e para a muleta. Ela

assentiu.

uero.

uando ighlark começou a aplicar o leo de callis com uma pe uena espátula de madeira, a sensação foi fria, e Viv pensou ue ele tinha exagerado. Ou ue orcs talvez fossem imunes aos efeitos da subst ncia.

Então a ueimação começou.

Depois, foi como uma explosão de agulhas em chamas.

Depois, ela teria preferido ser cortada pela espada novamente.

Viv concluiu ue era bom ainda poder ver os hematomas no pescoço de ighlark en uanto ele refazia os curativos, por ue isso a impedia de estrangulá-lo pela segunda vez.



Ela pulou o almoço e o antar. Na verdade, nem levantou do colchão de palha na uele dia. Comida estava tão distante de seus pensamentos uanto Rackam e seus Corvos estavam da uele fim de mundo. A dor era incandescente e constante, e Viv ficou lá deitada, a respiração lenta e tr mula en uanto o suor empapava cada centímetro de seu corpo.

Sua toler ncia dor era algo de ue se orgulhava, e nos primeiros trinta minutos Viv estava convencida de ue seria capaz de dominar a sensação de ue a pele de sua coxa estava sendo arrancada. Convencida de ue a dor lancinante logo se transformaria em um late ar. Mas a sensação seguiu, excruciante e em nada diminuída pela passagem dos minutos ou pela respiração cuidadosa. Perversamente, a dor parecia ainda mais intensa.

Diante de tudo isso, Viv tentou se agarrar hist ria ue acabara de ler. A narrativa escapulia, como uma corda coberta de lama escorregando pelos dedos. Ela conseguia capturá-la apenas de vez em uando, mas lampe os de Madger e Legann, de duelos em cima de telhados e fugas noturnas em cavalos negros enormes, mantinham seus olhos fixos em uma paisagem interior.

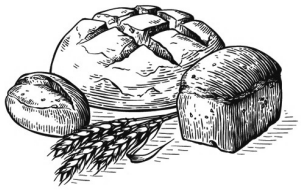
Depois ue o sol se pôs, Viv se uer conseguiu cochilar. Não direito. Não bem. ouve apenas breves períodos em ue seus pensamentos simplesmente pareciam correr por trás das pálpebras fechadas.

Antes do cor-de-rosa do raiar do dia, a tempestade perdeu força unto com a ueimação em sua perna, e os m sculos tensos desabaram em uma inconsci ncia tr mula.

Ela dormiu pesado. Dormiu bastante. E, uando acordou, ueria devorar o

mundo inteiro.

5



De muleta, Viv parou antes de descer os degraus na entrada do Poleiro. Ap s a tempestade, o c u brilhava azul e uente, e a grama da praia parecia ter passado de amarela a verde da noite para o dia. A areia estava coberta de furinhos, como se milh es de criaturas min sculas tivessem atravessado a praia no escuro.

Sua perna não tinha passado por uma recuperação milagrosa, mas o ferimento parecia menos sensível, mais firme. uando ela tocou as bandagens de leve, percebeu ue precisava colocar mais pressão para provocar a mesma onda de dor nauseante. A lembrança febril da ueimação provocada pelo leo de callis, no entanto, não seria es uecida tão cedo.

Em um grande contraste com a solitária caminhada anterior pela encosta, dessa vez Viv avistou outras pessoas passeando pelo calçadão de madeira. Uma fragata de passageiros estava atracada no píer, a prancha de embar ue abaixada. A baía devia ser bem profunda. Gaivotas voavam em círculos, os gritos ecoando nas ondas suaves. O movimento no porto aos poucos se espalhava pelas calçadas e adentrava os port es de Murk, mas um n mero considerável de pessoas seguia no sentido oposto, vindo na direção de Viv.

Ela passou pela Thistleburr Livreiros, ue não parecia se beneficiar muito do aumento de movimento. Viv seguiu pela rua arenosa, desconfiada das tábuas ca u ticas do calçadão. Talvez tamb m não uisesse ue Fern a visse pela anela por en uanto. Olhou de relance para a porta ao passar pela lo a, mas tinha outro destino em mente.

Pelo visto, a padaria Canto do Mar tinha sugado todo o fluxo de clientes antes

ue chegasse livraria. avia uma fila porta afora, formada por estivadores, comerciantes e passageiros da fragata. Viv entrou na fila, recebendo alguns olhares desconfiados do gnomo sua frente. *Graças aos Oito não trouxe o sabre hoje.* Tentou dar um sorriso, mas isso s lhe rendeu uma sobrancelha erguida.

Os cheiros eram ainda mais apetitosos na brisa fresca p s-tempestade. uando Viv finalmente entrou na padaria, os aromas doces e salgados ficaram mais intensos.

uente e mida, a lo a era totalmente aberta at os fundos. Gotículas haviam se formado nos vidros. Atrás do balcão, havia dois fornos de ti olos e dois enormes fog es de ferro fundido voltados para um corredor central, com longas bancadas de mármore nas laterais externas. No centro, duas estantes estavam cheias de uma impressionante variedade de pães.

Outra fileira de cestos ficava na entrada, organizados por tipo. avia pães compridos com talhos na casca, broas salgadas, a ueles enormes biscoitos folhados ue Viv tinha vislumbrado dois dias antes e bolinhos cobertos com enormes cristais de aç car.

uando chegou sua vez, a anã atrás do balcão a olhou de cima a baixo, depois abriu um sorriso de bochechas rosadas. As mangas estavam enroladas at os cotovelos, os braços exibindo os sinais de muito trabalho com a mão na massa. A pele brilhava com suor, e o cabelo loiro estava preso em uma trança grossa. Uma uantidade surpreendente de farinha cobria seu avental.

Ora, mas voc um pão, hein disse ela, piscando. Vai uerer o ue ho e

Viv ficou chocada com a piscadela e encarou a anã com olhos arregalados por um segundo antes de se recompor.

Ah, eu ueria tr s da ueles biscoitos e tr s da ueles mais escuros tamb m

Bolinhos de gengibre com melaço. pra á, meu bem. Voc veio de navio

Não não, eu, ah

Ah, espera A anã estalou os dedos e apontou para a perna de Viv. *Highlark!* Pelos infernos, voc a ue

Ela segurou o pr prio pescoço e pôs a língua para fora, então riu e deu um tapa estalado no balcão, o barulho reverberando no espaço aberto da padaria. O fe rico de mar atrás de Viv chegou a se encolher.

Viv corou, embora achasse ue não deveria mais se deixar afetar por esse tipo de coisa.

Ah, não era bem o meu estado normal

Rá Não es uenta a cabeça com isso, docinho. A uele lá azedo. Voc deve at ter passado um pouco de aç car nele.

Ela estalou os dedos de novo, desta vez para uma garota humana esguia com um co ue. Obediente, a menina abriu um saco de papel e o encheu com os itens das prateleiras.

Pra voc , seis tost es proclamou a anã, dobrando a boca do saco e entregando-o para Viv. Vai ficar em Murk por muito tempo

Algumas semanas respondeu Viv en uanto procurava as moedas na carteira. Acho.

Imagino ue vou ver voc de novo, então.

Esses pãezinhos são tão bons assim,

Viv tentou dar um sorriso brincalhão. Para sua surpresa, pareceu ter funcionado.

Tenho *certeza* de ue voc volta amanhã. Pelos infernos, depois de experimentar meus biscoitos, aposto ue vai decidir ficar mais tempo Meu nome Ma lee. Bem-vinda a Murk.

um. Viv respondeu ao pegar o saco.

Tenta não comer tudo antes de chegar em casa, Viv disse Ma lee em uma voz doce, en uanto a fila se abria para permitir ue Viv saísse da lo a com sua muleta.

uando Viv abriu a porta da livraria, o aroma dos pães e biscoitos uase conseguiu afastar o cheiro de mofo característico do lugar. Fern ergueu os olhos de seu ban uinho atrás do balcão, onde estivera fazendo anotaç es em um livro-caixa.

Paio saiu correndo de trás das prateleiras com guinchos agudos e autoritários. Parou aos p s de Viv, todo atrapalhado, e ela tomou cuidado na hora de apoiar a muleta entre ele e as pilhas precárias ue havia derrubado da ltima vez.

Os latidos foram morrendo uando ele viu o saco ue Viv trazia, então começou a alternar olhares entre o saco e o rosto dela. Seus olhos se esbugalharam em extrema consternação, e uma linguinha rosada e curva surgiu do bico preto.

Pra amanhã , hein disse Fern, fechando o livro-caixa e apoiando o braço no balcão.

Curativos não combinam com chuva respondeu Viv. Mas trouxe um pedido de desculpas.

um. Espero ue tenha trazido o bastante para tr s. Paio muito suscetível a subornos.

Era com isso ue eu estava contando. Então Ela enfiou a mão no saco e pegou um biscoito, segurando-o entre dois dedos acima da criatura. O rabo de Paio

começou a balançar tão rápido ue virou um borrão, e ele soltou um longo pio suplicante. O ue ele , exatamente

Um grifete. Fern desceu do ban uinho e se aproximou. Se não uebrar em pedaços menores, ele vai tentar engolir inteiro, e aí a gente vai ter ue arrancar dele. Ele muito guloso.

Viv não conseguia se agachar, então entregou o biscoito para Fern, ue partiu um pedacinho e ogou para Paio. O grifete abocanhou o pedaço antes ue tocasse o chão.

Tem mais disse Viv.

Fern ogou outro pedaço para Paio e gesticulou para ue Viv se aproximasse do balcão, onde ela esvaziou o saco, organizando os presentes.

Da Ma lee, Voc ueria mesmo se desculpar.

, ela parece legal. Simpática.

Parece, A ratoide pegou um dos bolinhos de melaço e deu uma mordida surpreendentemente grande. Puta merda disse com a boca cheia. Tinha es uecido como são bons.

Viv riu. Sua perna doía menos ho e, e seu humor estava melhor. Ela deixou vinte moedas no balcão ao lado dos bolinhos e pegou um biscoito.

Estava uerendo um desses desde o primeiro dia. Ela inspirou fundo e deu uma mordida. Ainda estava uente, molhadinho e esfarelando-se, com um to ue fresco de levedura. Pelos oito infernos, uanta manteiga. Voc pode comer um desses todos os dias e não come

Fern franziu a testa.

Bem, *algumas* despesas são mais urgentes.

Viv olhou ao redor, desconfortável com o estado precário da lo a, ainda mais considerando ue havia acabado de acertar com Brand mais algumas semanas de hospedagem, e ainda tinha dinheiro de sobra. Trabalhar como mercenário podia ser letal, mas pagava bem.

Paio choramingou, e a ratoide olhou para ele antes de terminar seu bolinho com um suspiro satisfeito.

Enfim, não importa. Alguma opinião sobre *Dez elos da corrente* Como está indo

Já foi. O livro me a udou a passar um dia difícil e mais um pouco. Nunca li assim s por *ler*.

Voc á terminou As sobrancelhas de Fern se ergueram em surpresa. Ora, ve a s .

Obrigada pela recomendação.

Se uiser mesmo me agradecer, pode subsidiar a lo a comprando outro.

Viv apoiou a muleta na parede e colocou o cotovelo no balcão, aliviando o peso sobre a perna.

Os neg cios estão tão mal assim

Vendo muitos mapas e cartas náuticas, mas Fern pegou um dos biscoitos e o examinou. o e em dia, isso s para tirar a água do barco. Ele vai afundar mais cedo ou mais tarde.

Fern deu uma mordida, fechou os olhos e murmurou outro palavrão de boca cheia.

Seguiu-se um sil ncio constrangedor, durante o ual ambas mastigaram sua comida e olharam para ual uer lugar ue não fosse uma para a outra. Infelizmente, a lo a em si continuava não tendo muito para se ver. Por fim, Viv engoliu e disse:

Bem, uma carta náutica não vai me salvar desse t dio enlou uecedor, e vou ter ue ficar com essa muleta por um tempo, então tem mais alguma sugestão

A ratoide a estudou por um momento, e Viv achou ue ela parecia cansada demais para algu m tão ovem. Fern afastou uais uer ue fossem seus pensamentos e, então, abriu um sorriso.

Primeiro, me fale sobre *Dez elos*. uero saber o ue achou.

Viv franziu a testa. Tinha adorado, de verdade, mas não sabia bem como colocar isso em palavras.

Bem Eu *gostei* tentou dizer, fracassando.

Fern bufou.

Sim, muito esclarecedor.

As lutas com espadas foram timas. Nada realistas, mas bem divertidas, sabe.

Se voc diz, vou ter ue acreditar. E os personagens

Ah, bem Madger era Ela era complicada.

Aham. Complicada como O ue chamou sua atenção Fern acariciou os bigodes, parecendo sinceramente interessada.

Viv pensou um pouco.

Ela era dura. E acho ue a gente acaba gostando dela por isso. Pelo menos, eu gostei. Mas s vezes dura *demais*. E Legann meio ue dá uma e uilibrada nela, acho Como se os dois fossem metade da mesma pessoa. Mas, uando os dois batiam de frente, aí

Algo se iluminou na expressão de Fern.

Legann *sempre* foi o meu favorito, apesar do fim ue teve. uando Madger perdeu Legann

Ela perdeu tudo completou Viv. Apesar da traição dele.

Mas será ue traiu mesmo ela De verdade Ou será ue estava tentando impedir ue ela traísse a si mesma E a pergunta mais importante será ue ele conseguiu

Viv franziu a testa.

um.

Bem, en uanto voc pensa nisso, acho ue tenho uma coisa a ui ue pode lhe interessar.

En uanto Fern contornava a prateleira para mexer em uma pilha de livros, Viv olhou para o grifete, ue a observava com olhos semicerrados.

Ainda inimigos sussurrou Viv.

Paio emitiu um som rouco na garganta, ue ela achou ue talvez fosse um rosnado. As penas da crista dele se eriçaram.

Azar o seu, então. Este a ui meu disse ela, colocando o ltimo pedaço do bolinho de melaço na boca.

O rosnado de Paio ficou mais alto.

A ui está disse Fern, colocando um volume verde no balcão. Era mais grosso ue o anterior e se chamava *Lâmina da alma*. De Russa Tensiger. Um pouco mais moderno, mas acho ue voc pode gostar.

Bem, tem uma l mina no título, então á um bom começo.

Viv achou o sorriso de Fern enigmático, mas a ratoide assentiu.

uanto fica

Na verdade, pensei ue a gente podia fazer um pe ueno acordo. Pode levar. Se gostar, mais vinte tost es. Se não gostar, não precisa pagar.

Olha, não sou ualificada para dar conselhos de neg cios nem nada, mas talvez se a por isso ue voc s vende mapas marítimos.

Mas voc tem ue ler o livro. *Inteiro*. Se não terminar, tamb m tem ue pagar.

Viv franziu a testa.

Estou com um pressentimento de ue esse livro não tem tantas espadas uanto eu esperava.

uma espada *importante*. Então, aceita o acordo

Fern estendeu a pata. Viv pensou um pouco, mas deu de ombros.

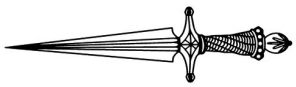
Aceito.

Os olhos de Fern brilharam em uma expressão divertida.

Estou muito curiosa para saber o ue voc vai achar.

6





Viv uase apoiou a perna boa na tábua uebrada do calçadão, detendo-se no ltimo segundo.

Oito infernos reclamou, exasperada. Machucar as duas pernas seria mesmo a cere a do bolo.

En uanto avançava com cuidado pela rua, avistou o orc cheio de cicatrizes com sua carroça, as ferramentas batendo nas laterais ripadas. As pessoas subindo a colina em direção ao Poleiro desviavam dele como trutas contornando um peixe-agulha.

Ei gritou Viv, depois finalmente se lembrou do nome dele. Pitts

Ele diminuiu o passo at parar, observando-a mancar em sua direção.

De perto, Pitts, com sua cabeça raspada, era mais ovem do ue Viv esperara. Ele observou com interesse o livro ue ela carregava.

Escuta, onde eu poderia encontrar algumas tábuas por a ui Imaginei ue voc pudesse saber.

Ele franziu a testa, depois apontou por cima do ombro dela.

A serraria fica do outro lado da muralha, no riacho.

Por algum motivo, Viv esperava ue ele fosse completar a informação com uma pergunta, mas Pitts apenas abaixou a mão e ficou esperando.

ã, bom Como posso dizer Voc passa por lá s vezes Se eu uisesse, sei lá, contratar voc para comprar umas tábuas pra mim, e tamb m alugar suas ferramentas rapidinho, voc teria interesse

Acho ue depende.

Depende do u

Ele deu de ombros, ainda segurando os arreios, fazendo a carroça acompanhar seu movimento.

Do ue voc pretende fazer.

Ela apontou com o livro para a livraria.

A madeira na frente da lo a está podre. uase torci o p em uma tábua. Pensei em trocar.

A testa de Pitts se franziu em uma expressão desconfiada, en uanto ele olhava para a perna machucada dela.

Por u

Viv franziu a testa em resposta.

Por ue perigoso

Ele balançou a cabeça.

 uer dizer, por ue voc Algu m te pediu Sabe o ue está fazendo

Acho ue *não* para as duas perguntas, mas não pode ser muito difícil trocar uma tábua Tenho certeza de ue consigo martelar um prego com força suficiente para dar conta do serviço. Sei lá, acho ue Fern á tem preocupação suficiente, então achei ue respondeu, deixando as palavras morrerem.

Pitts pensou por um segundo, então assentiu devagar.

Amanhã ao meio-dia.

Ao meio-dia o u

Me encontra a ui.

Ah. ã e fica uanto

Vamos ver.

E partiu com a carroça.

Viv arregalou os olhos ao v -lo ir embora, confusa.

Bem obrigada gritou, mas Pitts não olhou para trás. Nos vemos ao meio-dia disse para si mesma, balançando a cabeça.

Viv entrou no Poleiro á na expectativa de um almoço tran uilo mesa ue estava começando a considerar *sua*. Mal podia esperar para começar *Lâmina da alma* e descobrir se Fern estava brincando com ela ou não. No entanto, encontrou o salão absolutamente lotado.

Ao ue parecia, a estalagem de Brand era velha conhecida dos passageiros e da tripulação da fragata ancorada, por ue *todos eles* pareciam ter ido para lá. O lugar estava mais barulhento do ue Viv amais vira, com várias conversas animadas e uma

ou outra gargalhada alta. At sua mesa tinha sido tomada embora ainda houvesse duas cadeiras vagas lá.

Em ual uer outra ocasião antes da uela semana, a atmosfera teria sido bem-vinda. Cerve a, boa comida e uma conversa teriam sido a noite perfeita. Mas com um livro em mãos e um interesse inesperado em l -lo, Viv estava frustrada. At poderia subir para o uarto, mas

Atravessar a multidão com uma muleta lhe rendeu alguns encontr es, e Viv murmurava desculpas ue se perdiam na confusão. Mas seu tamanho foi til en uanto ela se aproximava de sua mesa preferida.

Sua cadeira favorita a ue ficava de frente para o resto do salão estava ocupada por uma gnoma com uma cara ue Viv á vira várias vezes.

Ela devia ser pelo menos alguns anos mais nova ue Viv. Um par de culos de proteção prendia o cabelo ruivo e arrepiado para trás, e um con unto de facas desembainhadas reluzia na bandoleira. Menor do ue uma criança humana, a cabeça da gnoma mal ultrapassava o tampo da mesa. Usando luvas sem dedos, suas mãos brincavam com a caneca de cobre sua frente, e ela não parecia estar comendo.

Oi disse Viv com um sorriso forçado. Será ue eu conseguiria convencer voc a trocar de lugar e me deixar sentar nessa cadeira Fica mais fácil para manter a perna fora do caminho completou com uma batidinha de leve na coxa.

A gnoma a olhou de cima a baixo. Viv reconheceu a expressão de rec m-contratada uerendo se provar. Infelizmente.

Depois ue eu for embora, voc pode ficar com ela disse a gnoma com uma indiferença exagerada e correu o dedo pela borda da caneca bem devagar.

Os olhos de Viv se estreitaram, e ela respirou fundo pelo nariz. Então, com grande autocontrole, pousou o livro na mesa e puxou a cadeira vazia, arrastando-a pelo chão com um rangido. Não interrompeu o contato visual com a gnoma en uanto se acomodava na cadeira e girava a perna rígida para o lado.

Um sorriso começou a surgir nos lábios da gnoma, e Viv teve ue fazer um esforço para relaxar as mãos e apoiá-las na mesa.

Tentando deixar a irritação de lado, ela decidiu começar *Lâmina da alma* en uanto esperava o garoto ue trabalhava na taverna se aproximar. Provavelmente levaria um tempo, visto ue o lugar estava lotado. Al m disso, parecia uma tima maneira de ignorar algu m sentado bem na sua frente.

CAPÍTULO UM

A arma que os uniu foi a mesma que os separou. Ou talvez tenha sido o contrário. Como a lâmina em questão, a história tinha dois gumes.

Era uma espada simples, nada muito elaborado. Ainda assim, era obra de um mestre ferreiro, perfeita para o que se propunha, com um brilho azulado que lembrava a névoa do entardecer sobre o rio.

Tamora a empunhava com o mesmo espírito em que a arma fora forjada. Nunca de maneira chamativa ou ostentosa. Ela a sacava, utilizava e embainhava como parte de um trabalho correto e bem-feito.

Estava de pé na tábua traseira da carruagem, sacolejando noite adentro, e suas feições largas eram marcadas pelas sombras lançadas pela luz do lampião. Tamora mantinha os olhos fixos no caminho atrás deles, sempre atenta.

Mirrim Stanhood observava pela pequena janela da porta da carruagem as árvores escuras passando como listras num piscar de olhos. Tinha as próprias armas, mas não eram em nada semelhantes às de Tamora: dos cachos meticulosamente esculpidos de seu cabelo às palavras cortantes que acertavam em cheio o coração dos desavisados.

Ultimamente, muitas dessas palavras cortantes eram dirigidas a Tamora, que gostaria de retribuir de uma maneira bem mais física. Era por pura necessidade que as duas ocupavam a mesma carruagem.

Mas quando Tamora viu o brilho rubro e sentiu o cheiro da fumaça, ainda…

Tá lendo o u

uando Viv ergueu o olhar, encontrou a gnoma batendo de leve nos lábios, os olhos semicerrados e irônicos.

Voc não uer saber retrucou Viv, seca.

Deve ser interessante. uer dizer, se *você* tá lendo.

E isso uer dizer o u

A gnoma deu de ombros.

Ah, nada de mais. Pela sua cara ela indicou Viv com um gesto, como se a resposta fosse bvia pensei ue fosse do tipo ue tá mais interessada em

porrada. Deve ser bem bom, pra prender a *sua* atenção. Ou, sei lá, bem curto.

Viv apenas a encarou. Em geral, dava certo.

A gnoma pareceu não se importar.

E aí, ual o nome

Vá se danar.

Tá, agora sim parece um livro ue voc leria.

uer fazer seu pedido perguntou, sem fôlego, o rapazinho ue trabalhava na taverna, espremendo-se pela multidão com algumas canecas su as penduradas nos dedos.

Viv relaxou a carranca e apontou para as mãos dele.

O mesmo ue da ltima vez. Duas canecas e tr s tigelas do ue uer ue se a o almoço ho e.

Para as duas

O garoto gesticulou entre elas com os canecos.

Se for na conta dela, eu aceito comer disse a gnoma.

Não respondeu Viv com firmeza.

uando o rapaz desapareceu na multidão, Viv suspirou e ergueu o livro para ue a garota pudesse ler o título.

Pronto.

Lâmina da alma, hein Bem, esse um título melhor.

Viv bufou e balançou a cabeça, voltando sua atenção para as páginas da maneira mais bvia possível.

Como foi ue voc se machucou

Viv olhou feio para ela.

Em uma batalha.

Ah, aí sim, *essa* uma hist ria ue eu uero ouvir.

Não tenho o menor interesse em contar.

Ah, ue isso. Tenho uma proposta: voc me conta, e eu troco de lugar com voc . N s duas conseguimos o ue ueremos. Fechado

Todo mundo uer fazer um trato comigo ho e resmungou Viv. Tudo bem. Mas primeiro a gente troca de lugar.

Uma pausa.

Tá bem. Mas se voc estiver mentindo

Vai fazer o u , me esfa uear com uma dessas zombou Viv.

A garota puxou uma das facas da bandoleira, ogou-a no ar e a pegou de l mina para baixo na ponta do dedo. Então deu de ombros en uanto a e uilibrava.

ue impressionante.

Viv se levantou apoiada na muleta, o ue levou alguns segundos. Fiel sua palavra, a gnoma trocou de lugar, e Viv se acomodou com sincera satisfação em sua cadeira de sempre.

Obrigada por es uentar meu lugar.

Aham, agora conta logo.

O garoto voltou com a comida e as bebidas de Viv, e ela esperou at ue ele se retirasse. Depois tomou um longo gole de cerve a.

Tá bom, tá bom. Eu trabalho com os Corvos de Rackam. Temos um contrato com tr s cidades do Territ rio Norte para caçar uma mulher terrível com um ex rcito grande demais para o gosto de ual uer um. Estávamos atravessando uma floresta a ui perto, e um dos soldados dela teve um golpe de sorte e me acertou na coxa. Ela tomou outro gole e pousou a caneca com força. S isso.

Os olhos da gnoma se arregalaram.

Rackam Voc trabalha com Rackam

Viv deu de ombros, tentando aparentar indiferença. Provavelmente não foi muito bem-sucedida.

Aham.

E cad eles uestionou a gnoma.

Voltam em algumas semanas. Eu estou s me recuperando at eles chegarem. Certo, cumpri minha parte do trato. Agora vou ler, tá bem

A garota se recostou na cadeira e cruzou os braços com um olhar curioso. Viv estava prestes a voltar hist ria, mas suspirou e uestionou:

O u

Me apresenta pra ele.

O quê? repetiu Viv, incr dula.

Voc ouviu. Achei ue ia precisar pegar um coche at Thune pra encontrar algu m ue me contratasse, mas isso perfeito Olha, eu sou *muito* boa. O ue voc precisou fazer pra entrar

Fui indicada disse Viv. Por algu m ue me conhecia. E *gostava* de mim enfatizou.

Tá vendo assim ue funciona Sempre um ue indica. Mas voc me conhece, então pode me indicar, e pronto Ela bateu o punho na palma da outra mão. Tô dentro

Eu nem sei seu *nome*.

Gallina.

A gnoma estendeu a mão por cima da mesa. Nem chegou metade do tampo. Viv a ignorou.

Como eu poderia indicar voc Não sei nada a seu respeito.

Precisa de uma demonstração

Preciso ler meu *livro*.

Gallina fez uma careta.

Sabe, gente como a gente precisa se a udar.

Gente como a gente Mas ue porra voc uer dizer com isso Viv massageou a pr pria testa, exasperada.

Novatos. Todo mundo tem ue começar de algum lugar. ual o *seu* nome

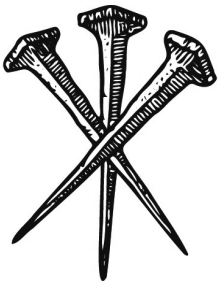
Viv. Ela se perguntou se acabaria se arrependendo por dizer a uilo. E, agora ue n s duas nos conhecemos, vou ler meu livro e almoçar. Se uiser ser apresentada a Rackam, pode esperar at ele aparecer por a ui e se apresentar para ele sozinha. O ue *eu* poderia dizer Conheci essa garota num bar, e ela ficou enchendo o meu saco Por favor, senhor, achei ue ela poderia encher o saco do resto dos Corvos tamb m

A expressão de Gallina era de azedar leite. Ela desceu da cadeira.

Ah, vá se foder voc tamb m disse, desaparecendo na multidão.

Bons deuses murmurou Viv, se perguntando se, no fim das contas, não tinha acabado enfiando os p s pelas mãos.

7



Viv tinha a suspeita de ue ia acabar pagando mais vinte tost es para Fern, e não era por ue estava gostando do livro.

Ela foi mais cedo para o calçadão, avançando devagar em direção ao seu compromisso do meio-dia. A perna estava surpreendentemente estável, e a cada poucos passos Viv apoiava de leve o peso no calcanhar direito, s para testar sua toler ncia. Ainda assim, manteve um ritmo contido, pensando nos capítulos de *Lâmina da alma* ue tinha lido.

A l mina do título da obra não estava sendo usada com a fre u ncia ue ela esperara. uase nunca, na verdade, o ue deveria ter imaginado pelo sorriso de Fern. Na verdade, o primeiro terço do livro parecia girar em torno das desventuras políticas de Mirrim com um bando de arcanistas ambiciosos, da forma ue Tamora, a guarda-costas, intimidava os tais arcanistas e das discuss es cada vez mais acaloradas entre as duas. avia muitos diálogos rebuscados, ue Viv tinha certeza de ue eram, na maior parte, puro sarcasmo. Tamora era uma fe rica de pedra alguns s culos mais velha do ue Mirrim, ue era humana. As duas se odiavam. *Mais ou menos*. Estava ficando cada vez mais difícil ter certeza. Viv torcia para ue partissem logo para a porrada ou para a cama, s para resolverem logo a situação. Se isso não mudasse em breve, não sabia se conseguiria terminar o livro.

Viv imaginara ue teria ue ficar esperando por Pitts, mas ele á estava na frente da lo a de Fern. Sua carroça estava estacionada em um canto, e ele se sentara no calçadão, as mãos pendendo entre os oelhos. avia uatro tábuas ao seu lado, al m de uma serra, um martelo e algumas outras ferramentas.

Ele se levantou uando viu Viv se aproximar.

Oi, obrigada disse ela, encostando a muleta no corrimão e se e uilibrando no poste.

Isso deve resolver. Tenho umas coisas pra fazer, então volto da ui a algumas horas para buscar minhas ferramentas. Ele se inclinou em sua direção e acrescentou, s rio: Não deixe nada largado por aí, viu

Claro ue não.

Ele olhou de Viv para os materiais e de volta para ela.

Trouxe a mais. S por precaução.

Tenho certeza de ue vou dar conta.

Pitts deu de ombros.

No pior dos casos, vai ter mais um buraco.

Então pegou as correias e seguiu seu caminho.

São s uma ou duas tábuas, caramba resmungou Viv.

Ela pensou em colocar a cabeça para dentro da livraria e cumprimentar Fern, mas decidiu ue era melhor começar logo.

Pitts tamb m havia deixado uma caixa de madeira com pregos de ferro compridos, um p de cabra de aço e um lápis de carvão.

Viv se abaixou at estar sentada no calçadão e pegou a primeira tábua da pilha, colocando-a ao lado da tábua podre. Era comprida demais.

Não *tão* complicado assim murmurou Viv, marcando a tábua com o lápis.

Com a serra na mão, ela se posicionou, meio desa eitada, a perna enfaixada esticada e o tronco torcido, tentando encontrar o ngulo certo. Apoiando a madeira com uma das mãos, começou a serrar. Infelizmente, a tábua escorregava a cada movimento, e os dentes da serra travavam o tempo todo. Prague ando baixinho, ela forçou a l mina para a frente e para trás, rasgando a tábua at não conseguir mais serrar o final. Então uebrou o pedaço menor com as mãos, o ue deixou uma ponta irregular e cheia de farpas.

Olhando para o corte torto e as farpas na ponta, Viv suspirou e encarou as tábuas restantes, ue de repente pareciam ue não seriam suficientes.

Ai, merda.

Duas tábuas depois, Viv conseguiu executar um corte reto e sem farpas, ue demandou uma posição muito desconfortável e desa eitada de suas pernas para

manter a madeira e a serra estáveis. A essa altura, á tinha descoberto como serrar de maneira uniforme. Decidiu ue o resultado não estava *tão* vergonhoso assim.

Arrancar a tábua velha foi fácil, pelo menos. Bastou um pouco de força com o p de cabra e ela saiu.

Martelar os pregos tamb m foi simples. At demais. Seus golpes eram rápidos e precisos, sem amais acertar o polegar, e Viv sorriu. Nessa linguagem, os m sculos de seu braço eram fluentes.

Na ltima martelada, por m, ela martelou com força demais, e uma rachadura se formou do prego uase at o centro da tábua. Viv soltou um palavrão tão alto ue a porta atrás dela se escancarou.

Pelos descrentes, mas ue porra essa gritou Fern.

Paio latiu atrás dela, ansioso.

Viv ergueu o olhar, com uma expressão culpada.

Ah, eu estava dando um eitinho a ui

Fern a encarou, bo uiaberta, vendo o p de serragem espalhado, as tábuas largadas na rua e a nova tábua rec m-estragada.

Eu Por u

A ratoide estava sem palavras.

A uela tábua podre ue comentei. Lembra A ue uase cedeu uando pisei. Bem ela cedeu mesmo com a muleta, e Viv olhou para o martelo, depois voltou o rosto para ela, encolhendo-se. Já estou terminando

Fern fechou a boca, agarrou o fecho da capa como se uisesse esmagá-lo, bateu a porta na cara de Paio e saiu em direção praia sem dizer mais nada.

Ap s medir e serrar a ltima tábua com todo o cuidado, Viv manteve a força sob controle ao pregá-la no lugar, prendendo a respiração ao dar as ltimas marteladas nos pregos.

 uando se ergueu, olhou seu trabalho com satisfação. A madeira nova destoava do restante, mas, ao ar livre, logo ficaria envelhecida e combinaria com as outras. Mais um ano e ningu m notaria. Pegando a muleta, Viv mancou at a tábua e apoiou todo o seu peso. Nem um rangido.

 uando terminou de varrer a serragem, organizar as ferramentas e arrumar os restos de madeira na rua, Pitts á estava voltando.

Ele examinou os destroços das primeiras tentativas de Viv e o produto final, deixando-a na expectativa de uma risada ou expressão de decepção, mas Pitts

simplesmente começou a guardar a madeira e as ferramentas na carroça.

uanto te devo perguntou ela.

uanto *eu* te devo disse uma voz aguda atrás dela.

Fern havia se aproximado sem fazer barulho, com uma baguete comprida debaixo do braço, a capa vermelha esvoaçando ao vento.

As tábuas eram s restos disse Pitts, sem se virar.

Viv não acreditou.

Pelo visto, Fern tamb m não.

Pode ir entrando, Pitts. Voc não vai embora sem almoçar. Ela olhou feio para Viv, ue achou uma grande in ustiça. E voc tamb m não.

Paio s tinha olhos para o pão fresco en uanto Fern os conduzia livraria adentro. Viv a seguiu, meio sem eito, mas não tanto uanto Pitts, ue abaixou a cabeça e entrou com todo o cuidado, como se as prateleiras corressem o risco de desabar sobre ele em uma avalanche de papel.

Com passos rápidos, Fern se aproximou do balcão, empurrou uma pilha de livros para longe e pousou o pão ue havia comprado. Depois foi para os fundos da lo a e voltou com uma faca comprida e um embrulho em musselina, ue abriu revelando uma linguiça e uma grossa fatia de um uei o amarelo ue cheirava a creme, sal e grama fresca.

Sem dizer nada, cortou fatias de pão e empilhou fatias de uei o e linguiça, entregando-as aos dois orcs sem olhar para eles direito. Então cortou uma porção para si mesma e ogou uma casca de uei o para o grifete, ue a devorou e balançou o rabo, pedindo mais.

Finalmente, Fern fez contato visual com eles.

Por ue estão parados aí Comam logo

Ela deu uma mordida em sua refeição e mastigou desafiadoramente.

ã, voc começou Viv.

Coma.

Certo, tudo bem.

Viv arrancou um pedaço com os dentes. O pão era, como ela esperava, incrível; levemente pungente e macio, com uma crosta grossa ue se desmanchava na boca.

Pitts devorou a comida com um olhar levemente apreensivo.

Fern pigarreou.

Obrigada, voc s dois falou com cuidado, depois encarou Pitts. Posso

a udar voc a encontrar algum livro de seu interesse

Viv não achava ue ele parecia muito interessado, mas Pitts pareceu identificar o caminho mais fácil. Ele estendeu a mão, hesitante, e pegou o menor livro ue viu, segurando-o entre o polegar e o indicador. Parecia ainda menor em sua mão.

Este

Espinhos e plumas. Um excelente livro de poesia. seu disse Fern com um aceno de cabeça ma estoso.

melhor eu ir disse Pitts.

Então fez uma rever ncia hesitante e saiu de costas porta afora.

Viv o observou partir com um sorriso.

Acho ue nunca vi algu m com tanto medo de um almoço grátis.

Fern estava encarando a porta fechada. Olhou para seu pão, ogou tudo no chão para Paio e explodiu em prantos.

Merda disse Fern aos soluços. O ue eu estou *fazendo* Preciso de caridade para consertar uma *tábua quebrada*.

Viv nunca se sentira tão pouco altura de um desafio. Ela conduziu a ratoide at seu banco. A garota cruzou os braços em cima do balcão e escondeu o rosto neles.

Vamos lá, não pode ser tão ruim assim Pode murmurou Viv.

O suspiro de Fern foi choroso.

Não consigo continuar. Não por muito mais tempo. Talvez um m s, com sorte.

A lo a á existe há algum tempo, certo Tenho certeza de ue pode durar mais *alguns* meses do ue isso.

A ratoide ergueu a cabeça para encarar Viv com um olhar desamparado.

Cin uenta anos. Esta lo a existe há cin uenta anos. Meu pai ue abriu. Eu cresci a ui. Costumava dormir na uela prateleira ali uando era pe uena. Ela apontou para o canto distante. Ele deixou para mim uando morreu, e agora *eu* vou levar tudo fal ncia. Deuses, o ue ele diria se pudesse me ver

Viv deu um tapinha desa eitado em seu ombro.

Não entendo muito de neg cios, mas o ue mudou

Nada mudou. Está tudo igual. Bem, não verdade. Está tudo mais gasto. Meio caindo aos pedaços. E acho ue *eu* sou a principal diferença.

ã. Talvez talvez se a esse o problema, então

Os olhos de Fern se estreitaram.

Voc não muito boa em consolar os outros, não

Ah, não, não uis dizer *você*. Eu uis dizer fazer as coisas do mesmo eito.

Viv estremeceu, culpada. Desculpe, esta realmente não a minha área.

A ratoide deu uma risadinha.

Não se a tão dura consigo mesma. Voc a cliente mais interessante ue tive em um m s.

Nossa, a situação está ruim *mesmo*.

A risada fraca de Fern se transformou em um soluço. uando se recuperou, disse:

Sabe, não ue eu nunca tenha parado para pensar nisso, em mudar. Mas a sensação ue nunca tenho tempo ou dinheiro para tapar os buracos. S o suficiente para continuar ogando água para fora do barco.

Viv coçou a nuca.

Bem, um buraco a menos por ho e. Mas fui eu ue fiz a uele, então acho ue não conta como progresso.

Fern deu de ombros, apoiando o ueixo nos braços cruzados.

Se voc *pudesse* mudar alguma coisa, o ue seria perguntou Viv.

A ratoide ficou uieta por um longo tempo. Viv imaginou ue não teria uma resposta. At ue:

Tanta coisa. O esto ue. A uelas bostas da ueles mapas náuticos. Ediç es mais novas. Uma demão de tinta nas paredes. Transportar magicamente a lo a para uma cidade cheia de bibli filos. Ela olhou para Viv. O ue *você* mudaria Voc tem uma primeira impressão recente.

Viv tentou não ofend -la muito ao responder:

 ã, o cheiro E provavelmente o tapete tamb m.

O *cheiro*

Sim, tem um cheiro meio amarelo. E não um amarelo bom. Ela olhou para o grifete. Meio como se algu m tivesse mergulhado esse carinha a ui em um balde.

Paio protestou, indignado, e bicou a bota de Viv.

Fern riu de novo, então ficou em sil ncio. Depois de um tempo, disse baixinho:

Obrigada pela a uda ho e. Obrigada por me ouvir reclamar.

Voc a nica coisa me mantendo sã por a ui respondeu Viv. Foi por interesse pr prio tamb m.

A ratoide se animou, e sua expressão ficou mais tran uila.

Como está indo com *Lâmina da alma*

Bem, eu Viv começou a enrolar, mas pensou melhor. Acabei de

começar. Aviso uando terminar.

Não tem espadas suficientes para voc

Ainda estou formando minha opinião, está bem

Fern se afastou do balcão com os braços e mexeu os bigodes. Cortou mais algumas fatias de pão e passou uma para Viv.

En uanto Viv mastigava, a ratoide observou a lo a.

O tapete S rio Estou tão preocupada com os problemas maiores ue nem reparo nas pe uenas coisas. Acho ue precisa mesmo ser batido.

Viv engoliu e balançou a cabeça.

Não. Precisa ser ueimado.

8



Pelos Oito, o ue voc está fazendo a ui ighlark parecia sentir algo entre surpresa e irritação. Faltam dois dias para a minha visita ao seu uarto.

Ele olhou de um lado para o outro da rua, como se algu m tivesse transportado Viv magicamente at sua porta.

Ela deu de ombros, bem apoiada na muleta.

Estava com vontade de sair e ver o resto de Murk. Como á estava a ui, pensei em matar dois coelhos com uma ca adada s . Não foi difícil encontrar o lugar.

O consult rio de ighlark ficava perto do centro da cidade, dentro das muralhas, e todo mundo sabia. O pr dio era alto, estreito e bem cuidado, com floreiras tanto nas anelas superiores uanto nas inferiores, o ue Viv achou meio engraçado. Uma placa de ferro em forma de bastão de curandeiro e uma lua crescente estavam fixadas acima do batente da porta.

Ele estreitou os olhos.

O ue voc uer Está cuidando do ferimento todos os dias como ensinei, certo

Aham, claro. Mas Bem, talvez voc pudesse dar uma olhada. A uele leo de callis pareceu funcionar bem. Será ue a gente poderia usar de novo

De novo

 ighlark ficou chocado.

. Não a udaria a me livrar da muleta mais rápido

Não funciona assim disse ele, num tom exasperado.

Agora ue ele não estava usando uma capa de chuva, Viv percebeu ue o elfo

tinha um porte elegante, com sua camisa branca engomada e as calças caras impecáveis. Por algum motivo, ela ficara na expectativa de ue ele fosse atender a porta com um avental ensanguentado. Tamb m ficou feliz de ver ue os hematomas no pescoço dele estavam uase sumindo.

Duvido muito ue eu possa oferecer ual uer outro conselho at sua recuperação estar mais adiantada. E, mesmo ue pudesse, está claro ue voc não escutaria. Entre, se faz uestão.

ighlark abriu a porta por completo e a conduziu para dentro com um ar resignado. Ao entrar no consult rio, Viv ficou surpresa ao perceber ue mais parecia uma livraria do ue a pr pria livraria do povoado. Uma das paredes era ocupada por estantes ue iam do chão ao teto, com uma elegante escada de rodinhas. As lombadas dos livros pareciam em excelente estado, reluzindo como se tivessem sido enceradas.

Uau comentou ela.

Uma escrivaninha pe uena ficava posicionada diante das estantes, coberta por anotaç es, pastas, uma agenda e um lampião apagado. Ela devia ter interrompido seu trabalho. Não parecia muito uma sala de cirurgia, na opinião de Viv.

ighlark passou por uma escada ue levava ao andar superior e entrou por uma porta branca nos fundos. Um cheiro adstringente invadiu o nariz de Viv en uanto ela o seguia at um ambiente completamente diferente. Lampi es modernos com interruptores iluminavam bem o local, seu leve chiado preenchendo o ar. Duas mesas longas e acolchoadas ficavam no centro, e as paredes eram cobertas por gráficos, anotaç es e ilustraç es. Bancadas compridas ocupavam as paredes, com fileiras e mais fileiras de gavetas na parte de baixo. Garrafas, caixas, panos perfeitamente dobrados e frascos de lí uidos azuis estavam prontos para serem usados. Ela viu at es ueletos de madeira pe uenos, mas incrivelmente detalhados de várias raças, suspensos em fios presos por barras de metal.

Suba disse ighlark, indicando a mesa mais distante. Voc vai me poupar da viagem, pelo menos. E, se conseguiu vir at a ui uma vez, pode vir de novo, se necessário.

Viv se acomodou na mesa nem precisou pular com uma careta, tirando *Lâmina da alma* do bolso traseiro e deixando o livro de lado. ighlark ergueu a perna ferida dela e apoiou o calcanhar na mesa oposta.

Sem dizer mais nada, ele desfez habilmente suas bandagens. uando a pele ficou exposta, ele soltou um muxoxo involuntário de consternação.

O u perguntou Viv.

ighlark não respondeu, colocando os culos para examinar o ferimento mais de

perto. Ele pressionou a pele, e, embora ainda estivesse *muito* sensível, Viv não ficou tonta, como havia acontecido na ltima consulta.

Está evoluindo bem disse ele, e levantou-se deixando os culos pendurados no peito.

Realmente parecia muito melhor. A perna ainda estava bastante inchada, mas não expelia ual uer secreção, e a vermelhidão generalizada havia diminuído para uma área menor em um tom rosado.

ighlark olhou de relance para o livro, e sua expressão mudou para uma surpresa diferente.

Uma leitura leve

, acho ue Fern me transformou em seu pro eto pessoal.

Fern

Sabe, da livraria. Voc á deve ter ido lá, certo

Ela gesticulou na direção da biblioteca de ighlark.

Ah Não, não a conheço.

um. Onde conseguiu todos esses livros, então

ighlark estreitou os olhos para ela.

São, em sua maioria, volumes de interesse específico. Textos de refer ncia. Ficaria surpreso se ela vendesse esse tipo de livro. um lugarzinho bem desmazelado, não

Ele abriu uma gaveta, de onde tirou um pote de pomada e um rolo de gaze.

En uanto o curandeiro aplicava a pomada e refazia o curativo, Viv perguntou:

Isso faz diferença No fim das contas, são s palavras, certo

Apesar de ighlark estar colocando o dedo em *sua* ferida, Viv sentiu uma pontada de indignação por Fern.

O elfo a encarou com curiosidade, como se ela de repente tivesse sido substituída por outra pessoa.

Por ue tanto interesse

Sei lá. Acho ue gostei mais de lá do ue esperava, e imaginei ue pessoas ue á *têm* livros fre uentassem lugares com livros.

Ela recomendou *esse* livro para voc

Isso mesmo. Embora eu ache ue ela este a tentando me provocar tamb m.

A autora, Russa Tensiger, uma elfa. E bastante talentosa. ighlark pegou a obra e a examinou, pensativo. E *você* está lendo

Estou na metade. Então voc l coisas ue não são como foi ue chamou mesmo Textos de refer ncia

De vez em uando.

Ele devolveu o livro, então fez Viv dar uma volta pela sala, observando como ela se movimentava com a muleta e pedindo ue apoiasse mais peso no calcanhar. Em seguida, pediu ue ficasse de p sem apoio, alternando o peso entre a perna sadia e a ferida.

Ainda doía feito os infernos, mas talvez não tanto uanto antes.

Por fim, ele a observou, pensativo, batendo os culos contra o ueixo por um tempo ue pareceu interminável. Então, trocou a muleta por um bastão de caminhada ue pegou em um armário alto no canto.

Seus colegas á pagaram por seu tratamento. uero v -la de novo em uma semana, certo

Aham.

E, uando voltar, gostaria de ouvir sua opinião sobre o ue leu.

Seus lábios apenas sugeriam um sorriso en uanto ele fechava a porta, deixando-a sozinha na rua.

Viv se regozi ou com a liberdade de movimento ue o bastão de caminhada lhe proporcionava. Infelizmente, o calcanhar e os dedos descalços, embora cale ados e resistentes, á estavam começando a sofrer com o calçamento de pedras da cidade agora ue Viv estava caminhando de um eito mais normal.

Depois de pedir informação a alguns moradores, ela encontrou um sapateiro e o convenceu a lhe vender uma nica sandália grande, embora fosse necessário alongar a tira para acomodar o p inchado. O resultado representou uma enorme melhoria, e Viv ficou imediatamente grata.

O centro de Murk era bem mais movimentado do ue a parte beira-mar, repleto de construç es e de pessoas. At mesmo as aves marinhas pareciam se amontoar nos telhados, e Viv sentiu saudades do ar livre e das dunas claras do lado de fora das muralhas.

Uma rua comercial atravessava o coração da cidade, cheia de barracas de mercadores, redeiros, mais uma ou duas estalagens, diversas lo as de ofícios diferentes e um estábulo perto do portão. avia at um terreno aberto ocupado por uma confusão de m veis, roupas e miudezas em mesas improvisadas. Dois ovens gnomos ue aparentavam ser irmãos pareciam estar tentando li uidar um esp lio.

Na metade do caminho de volta praia, Viv se deparou com uma cena familiar: um uadro de recompensas ocupado por pedidos diversos. Nenhum dos poucos an ncios era grande coisa, mas serviam como um lembrete claro de ue, em sua

condição atual, Viv não dava conta nem mesmo deles. Caças a feras ou brigas não estavam em seu futuro imediato. Sua boca se contraiu, e ela amaldiçoou a perna em voz baixa.

Ao se aproximar do portão da fortaleza, ansiosa pelo sil ncio da praia, parou de repente. Sentiu um arrepio na nuca, e a madeira do bastão rangeu en uanto sua mão apertava o cabo com mais força.

Bastou um instante para ue ela o avistasse entre os transeuntes. Ele uase se fundia com as sombras de um pe ueno pátio ao lado da lo a de velas.

Seu manto era cinza como n voa e desgastado pelas viagens, e a pele das mãos expostas era pálida, uase branca. Um alfor e abarrotado pendia de um dos ombros, e seu capuz estava levantado, de modo ue apenas o nariz fino estava visível. Este pareceu se torcer na direção dela, e Viv percebeu uma tensão em sua postura, certo estado de alerta.

A promessa de perigo na postura dele fez Viv examiná-lo em busca de uma arma ue não estava lá. Ela uase soltou o bastão, a mão se movendo por instinto em direção ao sabre ue costumava estar preso cintura.

Então, um grupo de tr s marinheiros passou na frente de Viv. uando se afastaram, ele havia sumido.

Ela procurou por ele na multidão, mas não estava em condiç es de persegui-lo de ual uer forma. Então desistiu e seguiu em frente, mas a imagem não saiu de sua cabeça, atiçando seus instintos de sobreviv ncia de uma maneira ue ela havia aprendido a não ignorar.

Ao atravessar o portão principal, Viv olhou para o lado e viu Iridia, a Guardiã dos Port es, conversando com um grupo de outros guardi es usando o mesmo uniforme azul. Parecia haver um n mero excessivo deles em Murk, mas Viv imaginou ue mantinham uma guarnição caso houvesse problemas vindos do oeste de novo, embora isso fosse improvável. Ou talvez tivessem recebido notícias sobre o progresso de Varine pela costa e estivessem tomando precauç es. ist rias sobre seu rastro de destruição á deviam ter chegado ali.

Como se pudesse sentir sua presença, a líder da guarda interrompeu a conversa e fixou os olhos dourados em Viv. A tapenti a olhou de cima a baixo, e Viv sentiu o peso desafiador do gesto. Retribuiu a encarada, mas apenas uma delas precisava de um bastão para se locomover, e Viv teve a sensação de ver esse fato refletido no olhar da outra. Ela sentiu como se estivesse fugindo de um campo de batalha ao sair do alcance da visão de Iridia.

Parou a alguns metros fora das muralhas, alheia ao tráfego ao seu redor, e respirou fundo o ar salgado.

Pela primeira vez em vários dias, Viv se arrependeu de ter deixado o sabre no uarto.



uando passou pela padaria encosta acima, ainda tentando se livrar da ansiedade, um sino tilintou e algu m chamou seu nome.

Viv

Ma lee saiu da Padaria Canto do Mar, trazendo consigo o aroma de pão de fermentação natural. Não havia fila porta afora, então o horário de pico á devia ter passado.

Assim voc vai me fazer pensar ue errei a mão acusou a anã, sacudindo a farinha do avental en uanto descia os degraus carregando um saco de papel dobrado.

ã

Bem, voc não voltou desde o outro dia, meu bem. Ela ogou a grossa trança para trás, as bochechas ainda rosadas pelo calor ou pelo trabalho árduo, ou as duas coisas. Assim voc ofende a padeira.

Ah Ah, não, os pãezinhos Estavam timos. Incríveis Mas estou surpresa por voc ainda se lembrar do meu nome.

Ma lee revirou os olhos, como se isso fosse ridículo.

Pelo visto voc arran ou um novo meio de transporte

Viv bateu o bastão no chão.

Melhorando de vida.

A mulher ofereceu o saco.

Voc está lá no Poleiro, não Tome um lanchinho para a subida de volta. Sobrou uma coisa ou outra.

Viv aceitou a oferta, erguendo as sobrancelhas para a anã, depois espiou o ue havia dentro do saco. uatro ou cinco muffins, cobertos de nozes e aç car.

Parece ue os Oito lhe deram uma segunda chance.

Ma lee deu uma piscadela para Viv e voltou para a padaria sem dizer mais nada. O sino tilintou atrás dela.

Ah, obrigada gritou Viv, tarde demais, para a porta fechada.

Ela pegou um dos muffins e deu uma mordida, confusa. Um gemido involuntário escapou de seus lábios. O muffin não durou muito.

Segunda chance murmurou ela en uanto mastigava o ltimo pedaço.

Então, lambeu os dedos e continuou a caminhar, balançando a cabeça.

9



Então, at metade do livro, eu não suportava nenhuma das duas comentou Viv, a voz levemente alterada. Tinha certeza de ue não chegaria at o fim e acabaria devendo vinte moedas pra voc .

Ela deu um golpe e tanto no tapete de Fern com seu bastão. Uma nuvem de poeira e penas explodiu no ar. Segurando sua ponta do tapete com firmeza, ela o sacudiu para cima, e ainda mais su eira subiu.

Fern tossiu e balançou a mão na frente do rosto, prendendo com os p s a outra ponta do tapete, pendurado sobre o corrimão do calçadão.

Mas

Mas aí, sei lá. Tenho uase certeza de ue foi uando elas ficaram presas na Casa de C digos Carmim com Pruitt e os outros. Tudo mudou. Eram s as duas, untas, contra um bando de mentirosos. Elas nem mudaram o eito de falar uma com a outra, ainda eram puro sarcasmo e farpas. E dormindo untas tamb m, com a espada entre elas

Acenou para Fern, e elas viraram o tapete para Viv dar outra pancada feroz. Incrivelmente, ainda havia mais su eira de Paio. O grifete em uestão piou, cochilando ao sol na frente da porta.

A perspectiva mudou tudo completou Fern. Como um da ueles desenhos ue se transformam em outra coisa uando voc vira de cabeça para baixo.

Acho ue vi algo do tipo uma vez na placa de uma taverna. O Coelho & A Gaivota. Primeiro parecia um pássaro, mas virava um coelho se voc inclinasse a cabeça.

Exatamente. Mas voc terminou

Terminei.

Viv puxou o tapete, limpou a superfície com a mão e examinou os dedos. Não estavam tão su os assim.

E perguntou Fern, impaciente.

Viv sorriu e continuou em sil ncio por mais um momento, fingindo inspecionar o tapete. Dobrou-o em uartos at recolh -lo por inteiro, movendo-se devagar, com a maior parte do peso apoiada no p es uerdo. Deixou então o tapete em frente porta, sentindo a impaci ncia da ratoide ueimando suas costas.

Ela retirou uatro moedas de cinco tost es da carteira e as entregou a Fern.

Acho ue *eu* não ia uerer me importar tanto com outra pessoa uanto a uelas duas. Parece meio perigoso.

Fern não pegou as moedas, cruzando os braços.

Mas voc *gostou* Apesar da falta de lutas de espada

Viv pensou por um momento, mexendo as moedas com o polegar.

Bem, teve muitas lutas, suponho. S não muito sangue. E talvez eu tenha *mais* do ue gostado Estou com dificuldade de explicar por u .

Ela pigarreou, constrangida. Ao mesmo tempo, algo no olhar atento e uase faminto de Fern deu vontade de satisfaz -la.

como se elas eram tão terríveis untas, em alguns sentidos, mas ainda assim se defendiam Tenho uase certeza de ue se amavam at . uer dizer, se voc considerar o capítulo trinta e cinco, *com certeza* se amavam. Ela revirou os olhos.

Mas, para al m disso, de um eito ue importava mais.

A ratoide observava seu rosto com um sorrisinho. A expressão fez Viv se lembrar do pai, de como ele ficou uando ela conseguiu erguer uma l mina pela primeira vez. Um calorzinho brotou em seu peito ao ver a expressão mais uma vez, agora com pelos e bigodes.

Meio sem eito, ela completou:

E acho ue isso me faz pensar ue, se estou disposta a chamar *aquilo* de amor, então um tipo melhor pode não ser tão impossível assim. Ela corou e desviou o olhar. Amor. Pelos deuses. Vamos lá, estou me sentindo uma idiota. Pegue logo essas moedas, droga.

Fern obedeceu com um olhar de superioridade.

Como á estavam com a mão na massa, elas varreram a lo a, o ue exigiu ue

movessem as pilhas de livros acumulados nos cantos. Viv trocou o bastão de caminhada pela vassoura de Fern. Paio pareceu se opor, bicando e rosnando para o ob eto, batendo as pe uenas asas vestigiais, mas Viv o cutucou delicadamente com as cerdas para ue saísse do caminho. Bem, uase delicadamente.

Fern soltou a capa vermelha e a ogou em cima do balcão.

Caramba. Com voc a ui dentro tamb m, parece ue estamos dentro de uma fornalha

Viv deu de ombros.

Orcs são bem uentes. sempre melhor dormir na tenda de um orc no inverno. Isso um fato.

A ratoide bufou e ergueu uma pilha de livros com capas de couro rachado para tirá-los do caminho.

As nuvens de poeira foram imensas, e, em determinado momento, as duas precisaram fazer uma pausa en uanto Viv agitava a capa de Fern em direção porta aberta para limpar o ar. Paio disparou pelo assoalho, assustado, e escondeu-se atrás de uma estante.

uando terminaram, Viv largou o tapete na entrada, se apoiou no batente da porta e usou os dedos do p bom para levantar um canto e desdobrá-lo. Fern segurou a outra ponta e esticou o tapete.

Viv olhou para as torres de livros ainda desorganizadas, abarrotando a área em volta do balcão, nos fundos. A frente da lo a estava muito menos claustrof bica agora ue não havia mais pilhas no caminho.

Todos esses livros são importantes

Ela os indicou com um aceno de cabeça. Fern ficou afrontada.

Claro ue são importantes São meus livros

uer dizer, voc acha ue algu m vai *comprá-los* se estiverem empilhados pelos cantos

A ratoide bufou, exasperada, en uanto ficava de p , batendo o p das roupas.

s o cliente me dizer o ue uer e eu encontro para ele. assim ue uma livraria funciona. Os livros t m ue ser guardados em *algum lugar*.

Bem, se podem ficar em ual uer lugar, então por ue não lá atrás Se voc sabe onde cada livro está

Fern estreitou os olhos para ela.

Viv acrescentou rapidamente:

s ue uando estão todos espalhados, fico meio com medo de encostar em ual uer coisa. Ou olhar. Ou me mexer.

ouve uma longa pausa en uanto a ratoide mordia o lábio inferior.

E arriscou Viv voc talvez possa enfiar todas as cartas náuticas lá atrás tamb m.

As malditas cartas náuticas disse Fern com notável ferocidade.

Então por ue não esconder nos fundos E ver como se sente Viu a expressão da ratoide e ergueu as mãos. Olha, uem sou eu para falar, mas parece um buraco ue voc pode tapar de graça.

Merda murmurou Fern.

Ah, me desculpa, eu não deveria

Não, não isso. A ratoide suspirou e evitou fazer contato visual com Viv. ue mais fácil fazer isso com voc por a ui. E eu acabo me sentindo uma idiota por isso. Será ue fi uei s sentada no meu rabo esse tempo todo Sem fazer nada por ue estava *fingindo* ue não podia Sou tão pat tica ue não conseguia reunir energia para fazer isso sem sem uma *babá*

Viv ficou em sil ncio. s vezes, isso bastava.

Não estou culpando voc disse Fern. Estou *grata*. S fico com raiva. De mim mesma. E não entendo por ue não reparei em nada disso antes. Talvez isso signifi ue ue eu nunca uis ue a lo a desse certo.

Ou talvez voc s precisasse ter algu m unto, ao seu lado.

A ratoide piscou, confusa.

Para mudar de perspectiva continuou Viv.

Para ver as coisas de outro ngulo disse Fern.

Então. Vamos descobrir se um coelho ou uma gaivota

Com os livros do chão como Viv insistia em chamá-los guardados no uartinho dos fundos, onde Fern fazia reparos nas encadernaç es, elas pararam untas na frente da lo a e observaram o resultado de seus esforços.

O lugar agora parece ter o dobro do tamanho disse Viv. E como *eu* tenho o dobro do *seu* tamanho, tenho ue dizer, uma tima sensação.

Devo admitir, está muito mais are ado.

Paio imediatamente se acomodou no tapete, na parte banhada pela luz do sol entrando pela porta aberta. Ele afofou as penas do pescoço e fechou os olhos enormes com evidente satisfação.

Ainda estava longe das fileiras de livros oleados e brilhosos da biblioteca de ighlark, mas estava um pouco menos desmazelado. Não chegava a ser organizado. Nem exatamente convidativo. Prateleiras abarrotadas ainda lotavam o aposento, e as

duas do meio ainda ameaçavam uma avalanche, mas era impressionante o efeito de liberar algum espaço no chão. At a tinta descascada e o lampião com vidro rachado pareciam menos tristonhos.

O cheiro não está mais tão amarelo, tamb m disse Viv, falando sozinha.

O u

Nada.

O rangido do calçadão lá fora antecedeu a entrada de um gnomo de pernas ar ueadas, com roupas encrustadas de sal. Suas mãos tinham o aspecto áspero e cale ado de algu m ue passava os dias no conv s de um navio.

Fern suspirou, então forçou um sorriso.

Boa tarde, senhor Procurando uma carta náutica

Duas longas rugas abaixo dos lábios dele se aprofundaram uando ele fez um bico de surpresa.

Não. Não tô conseguindo dormir. ueria arrumar alguma coisa pra ocupar a cabeça. O ue voc sugere

O ue acha de lutas de espada e fugas da prisão perguntou Viv antes ue Fern pudesse dizer uma palavra.

O gnomo a olhou de cima a baixo com atenção.

Voc tem uma sugestão

Tenho, sim respondeu Viv.

O homenzinho encar uilhado saiu alguns minutos depois com um exemplar de *Dez elos na corrente* debaixo do braço.

Depois de sua partida, Fern se virou para Viv e alisou os bigodes.

E aí, eu ganho uma comissão Viv apoiou o peso no bastão com um olhar desafiador.

Tenho outra proposta para voc começou Fern, tímida pela primeira vez.

Outra aposta

Não exatamente respondeu, hesitando um pouco mais.

Bem, eu não mordo. Diga. uero saber o ue .

O ue acha de passar mais tempo a ui Durante o dia Então, nervosa, Fern acrescentou: E, em troca eu arran o livros para voc .

Viv considerou a proposta.

Fern foi rápida em completar:

Seria como a sua biblioteca. Voc pode ler o ue uiser e devolver uando terminar. uantos livros uiser por vez Livros podem ser caros, claro, e assim voc poderia

Voc sugeriria os livros para mim

Fern parou e pensou.

Eu Sim, claro. Seria um prazer.

Viv deu uma batidinha na porta com seu bastão e fez uma careta, olhando para ver se não havia danificado a madeira. Paio lhe lançou um olhar sonolento e irritado.

Certo. Combinado, então.

A ratoide pareceu aliviada, mas tamb m um pouco culpada.

Algo dentro de Viv se revirou ao ver a uela expressão. avia algum tipo de sofrimento por trás dela. E talvez houvesse nisso uma distração en uanto os Corvos seguiam adiante com a vida ue ela deveria estar tendo. Uma batalha para lutar, pelo menos.

Mas tenho uma contraproposta.

Ah,

Não uero ficar a ui sentada lendo seus livros. E se voc tentasse fazer mais do ue apenas tirar água do barco E se eu a udasse

Então voc uer entrar na batalha ue o ramo da venda de livros O sorriso de Fern foi uase c tico, mas não completamente. Suponho ue voc pudesse intimidar meus clientes a comprar.

Acho ue voc está subestimando como uma orc pode ser charmosa uando não está irritada. Al m disso, a completa ignor ncia nunca me impediu de tentar. Mas tenho outra condição.

E ual

Precisamos arrumar um lugar para eu sentar por a ui. Não tem a menor chance de eu passar o dia todo de p , nem a ui nem nos oito infernos.

10



Um lugar para passar a maior parte do dia ue não fosse o Poleiro estava parecendo uma ideia cada vez melhor.

 uando Viv desceu para o salão da taverna no fim da manhã, uma figura familiar estava em sua cadeira favorita, reclinada com os calcanhares em cima da mesa. Era uma posição muito desconfortável, considerando a altura de Gallina, e pela cara de Brand, ele não gostou muito de ver as botas da gnoma ali em cima.

Os olhos de Gallina seguiram Viv, embora o ueixo estivesse erguido em falsa indiferença. Ela se tornara uma fre uentadora assídua desde a explosão alguns dias antes. Viv imaginou ue a gnoma devia arrumar algo melhor para fazer com o seu dia.

Balançando a cabeça, a ignorou e foi at o balcão do bar.

Bom dia, Brand.

Viv disse ele. Caf da manhã, o de sempre

Ela se acomodou em um banco com um suspiro aliviado, apoiando o bastão no balcão.

Vou ter ue perguntar, voc está sempre limpando a mesma caneca, ou todas acabam recebendo a sua atenção mais cedo ou mais tarde

As sobrancelhas grisalhas do fe rico de mar se ergueram. As tatuagens nos antebraços dele se moviam como ondas en uanto ele esfregava o pano.

Não achei ue voc fosse reparar. um velho tru ue de taverneiro. Se voc lavar uma, todo mundo acha ue o resto está limpo tamb m. Ele sorriu. o e tem pão de aveia e ovos. Mel fresco tamb m.

Viv massageou a coxa direita. Tinha pegado pesado demais na faxina e na bateção de tapete do dia anterior, e a perna estava mais rígida e sensível. Ou talvez fosse por estar usando sua calça reserva e não destruída na uele dia. O inchaço havia diminuído o suficiente para ue a peça coubesse, mas ainda estava desconfortavelmente apertada.

E, en uanto estava tomando nota das sensaç es incômodas, ficava difícil ignorar o peso desconfortável do olhar de Gallina em sua nuca.

uando Brand voltou com um prato de ovos moles, pães de aveia grelhados e uma generosa porção de mel cru, Viv se inclinou para mais perto. Erguendo o polegar unto do peito, de um eito ue não fosse visível de trás, sussurrou:

Ela passa o dia todo a ui

Brand grunhiu.

Tinha um gato velho a ui na área. Ele s aparecia uando eu tinha sobras ue não serviam para o ensopado. Assim ue eu saía para ogá-las fora, lá estava ele, como se estivesse espiando pela anela. A uela ali igual. Ele pigarreou e baixou a voz. S ue, agora, *você* a sobra.

Viv revirou os olhos e pegou o garfo.

Mas o gato não colocava as botas em cima da *mesa* comentou Brand em voz alta.

O u perguntou a gnoma bruscamente.

Viv engoliu um pedaço de ovo e se virou para ela.

Não sei o ue voc uer. Não estou com Rackam escondido no bolso, então não adianta ficar aí esperando ele cair das minhas calças.

A gnoma lhe lançou um olhar cortante, depois tirou uma adaga da bandoleira e começou a aparar as unhas com uma expressão de desagrado.

Viv não deveria ficar incomodada, mas, depois de comer e pagar, ela saiu dali o mais rápido ue pôde sem parecer ue estava com pressa.

Uma neblina suave caíra sobre as dunas, obscurecendo a praia e subindo at as muralhas de Murk. As sombras espectrais de um navio ancorado eram visíveis atrav s da camada perolada. Mais acima, o c u estava limpo, de um azul pálido.

Livrar-se de Gallina foi um alívio, embora Viv tivesse olhado por cima do ombro para ter certeza de ue a gnoma não a seguia, por mais ridícula ue se sentisse ao fazer isso.

Ela esperava encontrar Pitts em sua ronda matinal, pois tivera uma ideia no dia

anterior e ueria saber logo se seria possível executá-la.

A n voa trouxe caminhada at o calçadão uma uietude peculiar e abafada, na ual sons pr ximos pareciam distantes, como se o mundo tivesse sido esticado em todas as direç es e apenas n voa preenchesse os espaços livres.

Viv não viu ningu m at chegar padaria, ue estava, como sempre, bem movimentada. A essa altura, ela estava convencida de ue, mesmo se inimigos do outro lado do oceano sitiassem as muralhas da fortaleza, ainda haveria uma fila na porta da Canto do Mar. Provavelmente com alguns dos soldados inimigos na fila tamb m.

Na vez de Viv, Ma lee plantou as mãos no balcão e inclinou-se para a frente com um sorriso acolhedor.

Foram os muffins, n Foram eles ue con uistaram voc comentou com uma piscadela.

Ela parecia fazer isso com fre u ncia.

Bom, eu comi todos antes de chegar lá em cima, então, talvez sim uanto tempo voc vai ficar na cidade, meu bem

Viv deu de ombros e respondeu:

Mais algumas semanas, acho. Tem um hã, grupo ue vai passar por a ui na volta. At lá, devo estar em condiç es de via ar com eles de novo.

Ela deu um tapinha na perna com mais entusiasmo do ue deveria e se arrependeu imediatamente.

Um estivador atrás de Viv inclinou-se para ver ual era o motivo da demora, abrindo a boca como se fosse dizer algo.

S ue Ma lee tinha uma carranca surpreendentemente eficaz. Viv ficou aliviada por não ser direcionada a ela.

Então voc uma guerreira de aluguel, uer dizer, dá para imaginar s de olhar. E voc gosta

Viv estava cada vez mais consciente da fila aumentando atrás dela e mudou de posição, sem eito.

Ah, bem. o ue sempre uis fazer, sabe Sair por aí e tocar o terror. Corrigir in ustiças, esse tipo de coisa. Ela deu de ombros. Embora ha a bem mais caças a espinodorsos do ue eu esperava. *Bem mais*.

um. Sei falou Ma lee, sonhadora. Então seus olhos se estreitaram para o homem atrás de Viv, e ela apontou para ele. Rolf, seus pães não vão fugir. Sossega o facho

uando Viv saiu da padaria com um saco de pãezinhos de melaço, tentou fazer uma expressão contrita para o pessoal impaciente da fila.

Ela seguiu em direção cidade propriamente dita, com o nevoeiro ficando mais denso medida ue avançava. O vaiv m das ondas provocava um eco estranho na n voa, e os rangidos fantasmag ricos dos navios tinham um u surreal. Se não esbarrasse em Pitts, pelo menos poderia ver se o ue ueria ainda estava disponível.

Mas Viv o encontrou. Primeiro avistou sua carroça, parada onde a areia formava pe uenos montes contra a muralha da fortaleza manchada de sal. Pitts estava sentado em uma duna, em meio a longos tufos de grama, os ombros cheios de cicatrizes inclinados para a frente.

Estava lendo o livrinho ue Fern lhe dera.

Viv chegou bem perto antes ue Pitts percebesse, erguendo os olhos para ela com a mesma expressão tran uila de uando se conheceram.

Então voc está gostando perguntou ela.

Pitts olhou para o livrinho laran a, depois de volta para ela, franzindo os lábios.

Acho ue sim. Ele olhou para a n voa, como se pudesse enxergar atrav s dela. um bom dia para ler, inclusive. s vezes, leio uma página s e fico pensando nela. Como se ficasse virando uma pedra na minha cabeça, olhando de todos os ngulos.

Viv o encarou, surpresa. Era mais do ue á tinha ouvido Pitts falar at então, e de uma forma ue ela não esperava.

Ei, eu ueria pedir uma coisa. Mas á lhe pedi favores demais, então voc tem ue me deixar pagar desta vez. Ela estendeu o saco. Primeiro, esses são pra voc , de ual uer maneira. Eu s ueria agradecer de novo. Sei ue a uelas tábuas não eram restos.

Pitts aceitou a oferta, olhou o conte do e sentiu o cheiro, parecendo aprovar. Pegou um dos pãezinhos, deu uma mordida surpreendentemente delicada e mastigou de olhos fechados, marcando a página do livro com um dedo enorme.

Depois de engolir, ele assentiu, esperando.

Viv apontou para a carroça dele, ue estava uase vazia, e explicou o ue ueria. Pitts pensou um pouco, assentiu de novo, então levantou-se, limpando a areia das calças, e guardou o livro no bolso com todo o cuidado.

Mas ele comeu outro pãozinho antes de irem embora.

Os irmãos gnomos pechincharam, como Viv sabia ue fariam, mas talvez a manhã mida tenha funcionado a favor dela, por ue os dois não pareceram tão obstinados.

Na sua ltima visita feira, ela tinha reparado em algumas poltronas no meio das mobílias venda. Nada muito chi ue, mas as almofadas eram de veludo verde com bot es e, o mais importante, eram grandes e resistentes o suficiente para ue Viv pudesse se sentar nelas sem risco de desabar.

Uma prata e dois tost es depois, seguiu atrás da carroça de Pitts com as poltronas na traseira. Tamb m havia comprado uma mesinha do con unto.

Ao saírem das muralhas da fortaleza, ela olhou para o pátio ao lado da lo a de velas. O homem de cinza com a bolsa cheia não estava vista. Viv balançou a cabeça e soltou uma risada irritada consigo mesma. Não havia es uecido a uela sensação de perigo ao avistá-lo, mas ele não valia tanta vigil ncia.

Uma Guardiã dos Port es observava uem ia e vinha, mas não era Iridia. Viv supôs ue nem mesmo a tapenti poderia implicar com uma carroça cheia de m veis.

uando chegaram a Thistleburr, Pitts a udou-a a descarregar as compras na calçada. Então foi embora, levando a carroça com uma s mão. Na outra, ele segurava um pãozinho, mastigando placidamente en uanto seguia seu caminho.

Nem ferrando. Não tem espaço, não para as duas disse Fern, franzindo a testa, em d vida diante dos m veis em frente porta. Ela apertou o manto vermelho ao redor do corpo para se proteger do frio e da umidade.

Não dá pra saber sem tentar. Mas *pelo menos* uma tem ue caber. uma das minhas condiç es, afinal disse Viv, com um largo sorriso.

Paio, nada til, soltou grasnidos irritados en uanto Viv arrastava a primeira poltrona para dentro com passos desa eitados, apoiando o peso na perna boa.

Fern ficou a ustando e rea ustando a poltrona en uanto Viv trazia as outras duas peças para dentro. Ficaram surpreendentemente bem unto anela voltada para o leste, e a luz do lampião os envolvia em um brilho cálido e aconchegante.

Viv se acomodou em uma das poltronas com um suspiro grato. O estofado estava um pouco mido, mas, uando esticou a perna e se recostou, percebeu ue era surpreendentemente confortável. Ela entrelaçou as mãos sobre a barriga.

ue beleza.

Fern subiu na outra poltrona, ogando o manto e a cauda para trás ao se sentar. Tamborilou as garras nos braços da poltrona.

Mas uanto custaram

Viv fechou os olhos.

Não importa. Digamos ue são minhas. Vamos fingir ue vou levá-las comigo

uando for embora. Al m disso, seus clientes podem uerer se sentar e ler alguma coisa, não

Tenho ue admitir, *agradável* reconheceu Fern. Ela se recostou e inclinou a cabeça para Viv. Sabe, estranho, mas nunca perguntei muito sobre voc . uma baita falta de educação da minha parte, não acha Contei mais coisas da minha vida para voc do ue para ual uer outra pessoa em anos. Acho ue não tenho tido muito tempo para amizades nos ltimos anos. Estou sem prática.

Viv abriu um olho na direção dela.

Voc está no t nel. Eu sei como .

No t nel

Voc s está tentando chegar ao fim do t nel, e, en uanto está lá dentro, não há nada dos lados. S o caminho frente. O t nel, entende Talvez, uando conseguir sair, voc at possa olhar ao redor, mas at lá completou Viv e se afundou mais na poltrona.

um. Fern ficou em sil ncio por um bom tempo. Certo, vamos fingir ue eu não estou numa porra de um t nel agora. O ue *você* está fazendo a ui Nem sei o ue aconteceu com a sua perna

Então Viv lhe contou sobre Rackam e Varine, a Pálida, dando o mínimo de detalhes possível sobre a parte em ue foi atingida na coxa.

Cacete, uma *necromante* exclamou Fern. Por a ui

Ah, ela está a muitos uilômetros ao norte. Já deve estar no sop das montanhas nevadas agora. Não precisa se preocupar com isso. Os Corvos vão pegá-la mais cedo ou mais tarde.

Então voc s vai ficar na área at sua perna sarar

Em resumo, sim. Bem, at Rackam aparecer, na verdade, o ue deve levar semanas, no ritmo em ue estavam avançando. Talvez eu não este a completamente recuperada at lá, mas posso me untar de novo ao grupo mesmo se não conseguir competir em uma corrida.

Viv tentava ao máximo acreditar nisso.

E voc *gosta* Está ansiosa para voltar arriscou Fern.

Por ue não estaria

At agora, parece ue seu trabalho se resume a dormir ao relento e ser esfa ueada.

Viv riu, mas depois pensou um pouco e disse:

Ser parte dos Corvos viver no limite. Um segundo no calor da batalha vale por um dia inteiro em ual uer outro lugar. uando voc fica de fora ela deu de ombros , todo o resto parece uma perda de tempo.

uando Fern começou a responder, Paio entrou, fazendo uestão de olhar feio e arrepiar as penas para Viv, ue pegou um pedaço do pãozinho ue havia guardado e o ergueu. Paio observou a oferta com desconfiança, então desviou o olhar de maneira dramática e foi deitar aos p s da ratoide. Viv suspirou e ogou o pedaço para Fern.

Uma hora ele se acostuma com voc disse a ratoide com um dar de ombros meio envergonhado.

Ela deixou o pedaço de pão cair, e o grifete estendeu o pescoço para abocanhá-lo no ar. Viv tentou não se sentir re eitada, mas sem muito sucesso.

Fern deslizou os dedos ao longo das costas de Paio, ue piava feliz, aconchegando-se mais perto da dona. A ratoide olhava para a n voa do lado de fora da anela, e então os nicos sons passaram a ser os barulhinhos do grifete e o chiar suave do lampião.

Depois de um tempo, Viv perguntou:

Então, o pr ximo livro. Alguma ideia

Fern voltou de algum lugar distante. Ela parecia *calma*.

Na verdade, tenho respondeu, descendo da poltrona com cuidado para não pisar no adormecido Paio.

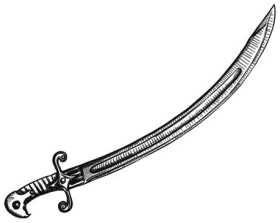
Ela pegou algo de trás do balcão e mostrou um volume robusto para Viv. O título do livro era *Mar da paixão*. elia Peregrina estava impresso em letras serifadas escuras abaixo de uma gravura de madeira bastante ousada de duas fe ricas de mar agarrando-se desesperadamente, com uma onda uebrando em uma posição *muito* estrat gia.

Viv murmurou, sem parecer convencida:

um

Sabe, pensando melhor agora, eu á tinha perguntado sobre voc . Por ue exatamente o ue *isto* disse Fern, rindo, surpresa. Mal posso esperar para saber a resposta.

11



Meio atrapalhada, Raleigh fez um pequeno truque. A luz acendeu-se e ramificou-se pelo líquen que revestia o teto da caverna onde descansavam.

Sob o brilho azulado, elas pareciam ainda mais geladas do que realmente estavam. As bochechas de Leena tinham um toque de cor, mas ela tremia sem controle, a pele nua dos ombros pálida e delicada. Ela se encolheu sob a luz recém-criada.

A pedra mágica de Raleigh se aqueceu em seu quadril após a magia, e ela a segurou, absorvendo o pouco calor disponível.

— Quem dera houvesse madeira por aqui — disse ela.

Tentou abrir espaço para a mulher menor se sentar e tirou uma capa encharcada da bolsa de viagem para estendê-la sobre a pedra e oferecer algum conforto. Era um milagre não ter perdido seus suprimentos durante o nado frenético; um milagre que as duas não tivessem acabado esmagadas nas rochas.

— Vamos dar um jeito — murmurou Leena, conseguindo esboçar um sorriso fraco.

Mesmo desgrenhado e grudado no rosto, o cabelo dela não tinha perdido o brilho. O sorriso também não. Ela se sentou na capa e, após

um breve momento, encostou-se em Raleigh.

Por um tempo, Raleigh ficou imóvel, sentindo o cheiro do cabelo dela, o cheiro de sal e do tecido molhado. Talvez não tivesse conseguido conjurar uma fogueira, mas um calor cresceu entre elas, e conforme a energia desesperada da fuga se dissipava, foi substituída por algo bem diferente.

— Raleigh — sussurrou Leena, movendo-se para mais perto, quase nada.

Nos últimos dias, porém, Raleigh havia descoberto novos significados mesmo nos gestos mais simples, um subtexto complexo que a aterrorizava e a arrebatava.

— Sim? — perguntou, e os movimentos de Leena ecoaram na caverna marinha enquanto ela se virava devagar. Ergueu a mão, hesitante.

Os dedos de Leena tocaram sua clavícula e deslizaram por baixo do tecido molhado para traçar seu contorno, uma intimidade que Raleigh mal conseguia suportar.

Os dedos pararam, assim, e então… a boca de Raleigh encontrou a dela. A princípio, ela fechou os olhos, mas, ao abri-los, encontrou Leena encarando-a com um olhar faminto e sôfrego.

As mãos se moveram para baixo, os corpos se aproximaram, indiferentes às pedras sob a capa, todos os seus sentidos concentrados no que podiam tocar e provar. Desceram mais, e…

Viv ergueu os olhos de repente e viu Fern observando-a do balcão.

Passar o dia inteiro toa na lo a teria sido fácil não fosse por a uela leitura em particular. Não ue Viv não estivesse gostando do livro, por ue estava. Infelizmente, certos trechos, certas páginas e certos *capítulos* inteiros a deixavam toda corada. Al m disso, ela flagrava Fern observando seu avanço, e a ratoide parecia saber *exatamente* uando esses momentos estavam prestes a ocorrer. Isso deixava Viv desconfortável, como se algu m estivesse bisbilhotando en uanto ela estava no banho.

Acho ue vou ler este livro no meu uarto declarou Viv, marcando o n mero da página e deixando *Mar da paixão* na mesinha lateral.

um. Precisa de um pouco de privacidade

Fern abriu um sorriso malicioso, ue foi novidade para Viv.

Não. Mas voc fica me olhando como se esperasse ue eu fosse roubar alguma coisa.

A ratoide deu de ombros.

S estou avaliando seu interesse.

Viv ergueu-se com a a uda do bastão.

No u Nas partes *molhadas*

Fern explodiu em uma gargalhada, assustando Paio, ue estivera cochilando.

O ue voc está aprontando Não parece ue estou a udando em nada disse Viv, mancando em sua direção.

A ratoide estava folheando um catálogo de gráficas e fazendo marcaç es em seu livro de inventário.

Bem, s ter voc por a ui á tem me

Na uele momento, uma fe rica de mar bem alta abriu a porta e entrou cautelosamente.

Viv foi mais rápida ue Fern.

Cartas náuticas perguntou com um sorriso largo.

A cliente pareceu surpresa e franziu as sobrancelhas em confusão.

Em ue posso a udá-la perguntou Fern, enxotando Viv.



 uando a mulher partiu com tr s livros nas mãos ao ue parecia, tinha uma longa viagem pela frente , Viv ficou olhando para a porta, tamborilando os dedos no batente.

O u perguntou Fern. Parece ue voc está prestes a sugerir enfiar mais m veis a ui dentro.

S uero descobrir como posso a udar mais. Estou me sentindo in uieta. Pelo menos, uando não estou lendo Viv completou antes ue Fern tivesse tempo de dizer alguma coisa. E, sim, está decidido. A uele capítulo um capítulo para ler no uarto.

Sabe, tive mais clientes nos ltimos dois dias do ue na semana anterior, sem contar voc disse Fern.

S rio Ainda parece bem parado.

A ratoide franziu o nariz.

Pois , bem-vinda vida de uma livreira nesta cidade es uecida pelos deuses. Talvez este am vendo voc na anela e pensando ue o lugar não está prestes a

fechar Ou *desabar*

Viv passou o dedo pelos restos de tinta vermelha na porta de entrada.

Talvez uma demão de tinta desfaça a má impressão.

ue se desgasta tão rápido com a maresia Parece desperdício de dinheiro pintar de novo uando tem tantas outras coisas por a ui ue valem o investimento.

Tipo o u

Tipo livros novos. Fern bateu com o dedo no catálogo. A maior parte do meu esto ue de livros antigos. Não dá pra errar com os clássicos, mas Ela deu de ombros. O ue está sendo publicado em Azimuth ultimamente muito mais moderno. Meio ousado. Al m disso, tem várias s ries sendo lançadas, e uando voc compra o primeiro volume, precisa dos seguintes. Com certeza seria bom para a lo a ter mais clientes fi is.

Ela fechou o catálogo com um estalo.

Mas custa um rim de cada deus. E ainda tem o problema da falta de espaço.

Viv observou as prateleiras abarrotadas.

Uma pena voc não poder abrir mais espaço

ã

S estava pensando em voz alta. Não nada. Olha, preciso me alongar. Minha perna está ficando dura, e eu não tenho me mantido em forma como deveria. Vou dar uma volta e ver se consigo fazer algum exercício sem cair de bunda no chão. Tudo bem

Fern acenou com a mão.

Volto logo.

Viv se despediu e voltou para o Poleiro.

Prender o sabre na cintura foi como calçar um par de velhas botas confortáveis. Fazia uantos dias ue não o usava Viv havia perdido a conta.

Em vez de descer at as dunas e correr o risco de topar com Iridia, Viv foi para os fundos do Poleiro. Não havia nenhum gato de rua espera de sobras. Por sorte, Gallina tamb m não parecia estar presente.

A área atrás da estalagem era razoavelmente plana, com caixotes e barris empilhados contra a parede e uma pe uena fogueira acesa. Areia e pedras formavam uma colina atrás, com tufos de grama. O lugar ficava perfeitamente protegido de olhares curiosos.

Viv deixou o bastão encostado nos caixotes e deu um passo cuidadoso at o

centro da área plana. Era bem mais apropriada do ue as dunas para treinar os exercícios, e o fato de não ter pensado em olhar ali antes a irritou.

Desembainhando o sabre, ela adotou uma posição de defesa com todo o cuidado. At apoiou um pouco mais do peso na perna direita e, embora doesse bastante , não era o tipo de dor ue antecedia uma ruptura ou um colapso.

Com movimentos lentos e deliberados, ela praticou posturas altas e baixas, depois fez alongamentos. A parte superior do corpo parecia rígida no início, mas a fluidez voltou mais rápido do ue ela esperava. A dor na perna, no entanto, continuou a aumentar, e ela s conseguiu aguentar uns uinze minutos at precisar interromper os exercícios.

O suor cobria suas costas e axilas, e um late ar nas t mporas lhe disse ue estava certa de ter parado.

Secando a testa com o braço, ela embainhou o sabre e voltou para dentro, em busca de uma bacia d água com Brand.

Com o cabelo lavado e torcido, os cachos midos soltos ao longo das costas, e o resto do corpo limpo com a a uda da bacia e de um pano, Viv voltou para Thistleburr. O sol da tarde estava uente e inclemente en uanto mergulhava no mar, ansioso para se apagar.

Depois do esforço anterior, ela mancava mais, apoiando-se mais no bastão do ue o normal.

 uando entrou na lo a, passou os dedos pelos cabelos molhados, afastando-os do rosto ao falar:

Bem, não foi o *pior* treino ue eu á

Ela parou de repente.

O homem de cinza estava lá.

Dentro da lo a.

Ele não carregava a bolsa de viagem, mas era ele, ela poderia urar por todos os Oito. O nariz como uma l mina pálida, a capa esfarrapada descorada. O capuz estava ogado para trás, mostrando as entradas na testa e os cabelos brancos presos em um rabo de cavalo. Algo em seus olhos pálidos e lacrimosos provocaram calafrios em Viv, e o cabelo molhado em seus ombros parecia gelo. Dava para ver uma veia azul pulsando na bochecha dele ao encará-la.

Sua expressão era curiosa. Depois de um olhar demorado, ele afastou a mão da prateleira e a enfiou dentro da capa.

Ah Não ouvi voc entrar disse Fern, vindo apressada pelo corredor, abotoando a capa. Eu estava lá atrás e

Paio explodiu lo a adentro. Seus latidos agudos tinham um tom áspero en uanto ele corria em direção ao homem de cinza, ue se virou, surpreso.

O grifete saltou, e uase mais rápido do ue Viv pôde ver, o estranho deu um tapa na cabeça da criatura, derrubando-a no chão.

Paio caiu todo desa eitado, penas e pelos voando, e seu latido estrangulado se transformou em um piado assustado. Viv partiu para cima do homem, levantando o bastão.

Mas ue porra foi essa gritou Fern, avançando at ele.

Mil perd es, senhora disse o homem, baixando a cabeça. Foi uma reação impensada. Eu levei um susto. Sua voz era muito calma e mais seca do ue a areia do deserto. Ele fez um gesto para o grifete, ue se levantava com esforço.

Parece ue não foi grave. Mais uma vez, minhas desculpas.

Eu não uero nem começou Fern, en uanto corria para ver como estava Paio.

O homem á estava virando para a porta. Ele olhou de relance para Viv mais uma vez, notou como ela segurava o bastão e sorriu. Seu sorriso era todo errado.

Cada instinto dela se inflamou, como um fogo sob a pele.

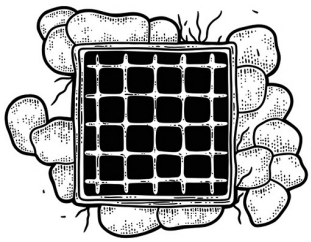
Ela uase *rosnou* para ele, um impulso instintivo ue não se lembrava de á ter sentido fora de batalha. S ueria acertar o homem no ueixo com o bastão e derrubá-lo. Mas ela se conteve e, uando conseguiu conter o impulso, o homem de cinza á tinha passado por ela e saía para o calçadão, como se o tempo tivesse acelerado para ele.

Pelos oito malditos infernos, uem era esse cara disparou Fern.

Viv meteu a cabeça porta afora e viu ue ele á estava afastado e bem adiante na rua.

Não sei rosnou. Mas pode acreditar ue vou descobrir.

12



Talvez fosse o treino com o sabre mais cedo. Talvez fosse uma necessidade reprimida de se movimentar, de *agir*, ap s tantos dias de cio. Talvez fosse o tapa casual no grifete ou o eito como ele deixava cada instinto seu em alerta. Talvez fosse tudo isso somado e ainda mais.

Viv saiu para o calçadão, segurando o bastão com força. Arrependia-se amargamente de ter deixado o sabre no uarto, mas ela por si s á era uma arma. Ou costumava ser.

Pelo ue tinha visto, o homem não carregava armas, mas Viv sabia bem ue isso não ueria dizer muito. Tudo nele gritava ue era uma ameaça, desde o primeiro momento em ue o vira, e a hesitação não era nada familiar para Viv em situaç es assim.

Partiu atrás dele, despindo-se do cio e da fragilidade física como um casaco ue não lhe servia. Viv se sentiu confortável na pr pria pele pela primeira vez desde ue chegara a Murk, uase explodindo de energia. Os ecos fracos do late ar em sua coxa foram ficando mais distantes a cada passo.

Parte de sua mente a lembrou da investida imprudente ue a levara a Murk para começo de conversa, mas a cautela estava ainda mais distante do ue a dor.

O homem de cinza estava várias lo as frente, mas as passadas dela eram muito mais largas, mesmo com o bastão. Em poucos momentos, a dist ncia entre eles se reduziu a uase nada.

A respiração de Viv saía forte pelo nariz, e seus lábios se contraíam contra as presas. Pela primeira vez em muito tempo, sentia-se cheia de poder e de prop sito,

do eito ue conhecia tão bem.

O homem de cinza sentiu sua presença antes ue ela o alcançasse e parou com toda a naturalidade. Suas mãos estavam escondidas sob a capa.

Ei disse ela, deixando a ponta do bastão baixar en uanto se assomava sobre ele.

Lentamente, o homem se virou, o nariz pálido e pontudo girando como uma faca.

Senhora disse ele, com uma polidez inexpressiva.

Não venha com *senhora* pra cima de mim, porra rosnou Viv.

Fiz algo ue a perturbou perguntou ele, uma expressão divertida nos olhos pálidos.

O ue voc estava fazendo lá dentro

A voz dela saiu sombria e firme.

Minha cara, creio ue está deixando sua natureza primitiva dominá-la.

Ele retirou as mãos de dentro do manto o ue deixou Viv tensa , mas estavam vazias, e ele as abriu em um gesto conciliat rio.

S estava dando uma olhada continuou. Isso não crime. O animal me pegou desprevenido. Foi uma reação instintiva, e ele não ficou ferido. Agora, com a sua licença, eu

Algo em voc não cheira bem. Algo

avia mesmo um *cheiro*. Algo familiar. Não conseguia identificar direito, mas

uando ela disse essas palavras, algo nos olhos dele mudou. O brilho ficou opaco, como se uma n voa os encobrisse. Suas mãos desapareceram sob a capa, e Viv soube, com certeza absoluta, ue, uando surgissem de novo, não estariam vazias.

Ela cobriu a dist ncia entre eles em duas passadas, deixando o bastão de lado. S atrapalharia. Firmando o p es uerdo, estendeu a mão para ele. O sorriso falso do homem de cinza se desfez em um rosnado, e o brilho g lido de uma l mina á estava parcialmente exposto.

Viv bateu o antebraço contra o dele e trouxe a outra mão em um movimento circular por trás, torcendo-o com força at a adaga sair voando. Pelo canto do olho, viu o manto dele se inflar com o movimento do outro braço, sem d vida empunhando mais uma faca. Ela estendeu a mão para interceptá-la, prendendo o manto dele ao redor de seu punho para atrapalhá-lo. Mas o p es uerdo dele se moveu, puxando o calcanhar da perna lesionada de Viv.

Antes do ferimento, seria como tentar mover uma montanha, mas o oelho dela cedeu, e Viv cambaleou na direção dele. Abandonou, então, todas as tentativas de

desviar os golpes e agarrou o homem de cinza pela cintura com os braços en uanto caíam, esmagando-o contra si para impedi-lo de usar suas armas.

Os dois caíram no chão, em uma explosão de areia e um emaranhado da capa, e a coxa de Viv voltou a arder intensamente. Ainda assim, ela o girou e ficou por cima, sentando em seu peito e prendendo os braços dele contra o chão, ignorando a dor ue late ava em sua perna. Viv rosnou, e a uele *cheiro* a atacou outra vez frio, errado e tão familiar. Não *exatamente* o mesmo, mas um primo de algo mortal, se ao menos tivesse um momento para identificar.

O homem de cinza arreganhou os dentes em um esforço selvagem, e ela sentiu sua mão girar, os dedos se contorcendo. Com o manto caído para o lado, Viv percebeu uma pedra mágica presa ao cinto dele, e seus olhos se arregalaram ao v -la brilhar com calor. Um impacto repentino a atingiu, como se tivesse caído em um lago de braços e pernas abertos. Viv foi lançada para trás, atravessando a rua e colidindo contra a beirada do calçadão.

Agora estava arrependida de ter abandonado o bastão.

A uele era o momento em ue hesitar significava o fim. Sentiu a ferida na perna se repuxar e abrir, e então veio um calor mido en uanto avançava at ele de uatro. Antes ue ele tivesse tempo de se recuperar, Viv se lançou contra a pedra mágica escondida pelo manto do homem. Seus dedos envolveram o cinto e puxaram, e ambos se engalfinharam outra vez. A bolsa escapou do ombro dele e foi parar na areia. uando o homem atingiu o chão, ela ouviu o ar sendo expulso de seus pulm es, mas as mãos dele ainda se moviam, e Viv não estava conseguindo arrancar o cinto.

Pare de se mexer ou uro pelos deuses ue vou enfiar isso na sua maldita garganta disse uma voz aguda e firme ue Viv reconheceu.

Viv não sabia se o aviso era para ela ou para o homem de cinza, mas os dois ficaram im veis.

Uma das mãos de Gallina agarrara o capuz do homem en uanto a outra pressionava um punhal contra o pescoço dele.

Tire o cinto dele disse a gnoma, tran uila como se estivesse ogando conversa fora. Não podemos deixar esse aí usar magia de novo, não

Se algu m tivesse dito a Viv na uela manhã ue ficaria feliz em ver Gallina, ela teria uestionado a sanidade da pessoa.

Os olhos do homem permaneceram fixos em Viv, arregalados e ardendo de dio. Ela grunhiu, deslocando o peso para aliviar a perna ue agora sangrava e molhava a calça, e conseguiu encontrar a fivela do fino cinto onde a pedra mágica estava presa. Seus dedos grossos tiveram dificuldade de abri-la, mas ela finalmente conseguiu, a

pedra prateada em forma de gota cintilando com partículas semelhantes a mica.

Viv começou a se dar conta do entorno, como se emergisse de uma n voa pesada. Figuras se reuniam na calçada. Fern devia estar entre elas.

Então, outra voz falou, nada bem-vinda:

Parados, *todos vocês*, ou não vai ser s um de voc s sangrando nas minhas ruas disse a tapenti.

Iridia, a Guardiã dos Port es, os rondava, o capuz escamado se abrindo das t mporas at a garganta. Ela segurava a espada longa com naturalidade, a ponta para baixo, mas Viv reconheceu a habilidade na uele aperto.

A mulher avaliou os tr s, mas seu olhar atravessou Viv como uma lança. Mais uatro Guardi es dos Port es apareceram atrás dela, com lampi es brilhando nos cintos e as mãos pousadas nas armas ainda embainhadas.

Eu disse ue gosto de tran uilidade.

A terceira visita de Viv ao interior das muralhas da fortaleza de Murk foi a menos auspiciosa de todas.

avia apenas duas celas no antigo pr dio de pedra ocupado pelos Guardi es. Viv e Gallina acabaram em uma, e o homem de cinza na outra. Deixaram Viv pegar seu bastão de volta para a longa e especialmente dolorosa caminhada at lá, durante a ual sua calça ficou encharcada de sangue. Assim ue chegaram, Iridia tirou o bastão de suas mãos e o guardou na mesa da guarda, unto com as adagas de Gallina e as armas, a bolsa e a pedra mágica do estranho.

O teto era tão baixo ue Viv não conseguia ficar completamente ereta, mas pelo menos havia dois catres. Ela se sentou agradecida em um deles, a perna estendida e apoiada no outro, en uanto as batidas de seu coração pulsavam no ferimento em ondas de dor intensas.

Gallina permaneceu de p , segurando as grades e murmurando algo para si mesma.

Na cela oposta, o homem de cinza estava sentado com as mãos entrelaçadas entre os oelhos. aviam tirado seu manto, e por baixo ele usava uma longa t nica cinza e calças desbotadas e rasgadas. Olhava para o chão com uma expressão serena.

A tapenti estava no corredor estreito entre as celas, observando os prisioneiros com olhos semicerrados, ue reluziam com um brilho dourado na uele ambiente sombrio.

Vou mandar algu m avisar a ighlark ue voc está a ui disse ela a Viv.

Tente não inundar a cela com seu sangue at ele chegar. Iridia soltou um muxoxo de desgosto do fundo da garganta. Não uero conversar com nenhum de voc s agora. Vão esperar at amanhã.

Vamos receber algo para comer perguntou Gallina. Gnomos t m um metabolismo acelerado.

Os olhos de Iridia se estreitaram ainda mais.

Não.

Então saiu depressa pelo corredor, e um ovem anão de barba bem aparada se acomodou na mesa da guarda, começando a entalhar algo com um canivete.

Gallina soltou um suspiro.

Olha Mas ue merda.

Viv fez uma careta ao examinar a perna. Achava ue o sangramento estava parando, mas se perguntou o uanto pior poderia ficar a situação se ela realmente su asse a cela de sangue. Ao levantar o olhar, percebeu ue a gnoma a observava com expectativa.

Ela suspirou.

Ah. Bem, *obrigada*.

O rosto da garota se iluminou com um largo sorriso.

Eu disse ue gente como a gente precisa se a udar.

Viv não pôde deixar de dar uma risada cansada.

Ainda está tentando a uela indicação, hein

Foi voc uem tocou no assunto, s estou dizendo. Al m disso, se vou passar fome esta noite s por voc ter deixado esse cara te pegar desprevenida, acho ue eu mereço.

Desprevenida? perguntou Viv, incr dula.

Por ue mais voc precisaria da minha a uda Olha o seu tamanho Gallina olhou por cima do ombro para a cela oposta. Ei, voc pegou ela desprevenida, não foi

O homem de cinza nem se uer piscou.

Su eito es uisito disse Gallina.

Viv olhou para o homem. Ele não havia se mexido *um centímetro* desde ue se sentara. Imaginou ue, se ogasse uma pedrinha na testa dele, ela uicaria como se o homem fosse esculpido em mármore.

Não conseguia sentir o cheiro dele, não da uela dist ncia, mas ainda se lembrava. Algo parecido com sangue sob a neve: frio, seco e metálico. A floresta a leste de Murk fedia a algo muito parecido. Ela tivera tempo suficiente para reparar no cheiro en uanto sangrava encostada a uma árvore.

uem diabos voc perguntou Viv. Tinha ue pelo menos tentar uma vez.

Nenhuma resposta.

Gallina pulou na outra cama e se deitou, cruzando as mãos atrás da cabeça.

Já ue voc está sem um livro para ler, acho ue a gente pode se conhecer melhor. Muitas horas at o pôr do sol. O grupo de Rackam, para começar uer me contar sobre eles

Na verdade, não respondeu Viv.

Gallina *tinha* salvado a sua pele. Era a segunda vez em dez dias ue Viv agia sem pensar. O ue será ue Rackam diria sobre suas chances agora

Ela se perguntou se ighlark apareceria logo ou se deveria rasgar a perna da calça e inspecionar o ferimento ela mesma.

Viv suspirou, resignada.

Mas acho te devo mesmo uma. Voc á parece saber muito sobre Rackam, então não sei por ue está tão interessada nele.

Saber *sobre* algu m bem diferente de *conhecer* a pessoa.

Ela pretendia atender ao pedido de má vontade, mas, ao pensar no velho guerreiro, Viv não pôde deixar de se animar. Estava ansiosa com a dist ncia cada vez maior entre ela e os Corvos, mas, para sua certa surpresa, descobriu ue sentia falta dele tamb m.

Bem começou ela , ele um guerreiro brilhante, claro, mas ao mesmo tempo lembra um dos meus tios. O homem falava sem parar uando eu tinha cinco anos, me ensinou a cortar lenha com um s golpe, mas, se voc perguntasse o ue fez ontem Ele responderia com uma palavra ou menos, se possível.

Focado no trabalho, hein Dá pra entender.

. Mas um *tio* focado no trabalho. Se as coisas ficam difíceis entre voc s, ainda são família.

Tio durão. Entendi. E uem mais Vamos lá, como dividir uma tenda com os Corvos

Viv abafou uma risada.

O nico de uem voc tem ue fugir na hora de dormir Tuck.

Ah,

As raç es de viagem não caem bem para ele. Melhor deixar por isso mesmo.

13



ue coisa mais absurda resmungou ighlark ao terminar de desfazer as ataduras na coxa de Viv, expondo sua ferida agora feia.

Oito infernos disse Gallina, inclinando-se de sua cama para examinar o ferimento com interesse. Voc está *andando* com isso

Não deveria, não sem o bastão retrucou ighlark, abrindo a valise preta e vasculhando o interior. Então claro ue ela decidiria arrumar brigas na rua. Ora, não sei por ue me esforço. Pensei ue voc estivesse passando seu tempo livre *lendo* comentou ele em um tom incisivo.

O cirurgião não parecia ser o p blico certo para ouvir suas suspeitas crescentes, então Viv se limitou a dar de ombros, envergonhada. ighlark soltou um muxoxo, e ela fez o seu melhor para manter uma expressão neutra en uanto ele limpava o ferimento com uma subst ncia bem adstringente. Estava muito consciente de Gallina estudando seu rosto para ver como Viv reagiria. Fosse o ue fosse a uele lí uido, não chegava aos p s do leo de callis, então sua expressão permaneceu estoica. Ou uase.

O elfo usou os culos para inspecionar os cortes compridos, apertando de leve as laterais com os dedos. Pela dor lancinante, foi como se ele tivesse enfiado os dedos na ferida. Viv puxou o ar por entre os dentes e notou um leve sorriso de diversão sombria em ighlark.

Abriu, bvio. Embora eu este a surpreso com a rapidez com ue os tecidos mais profundos sararam.

Vai demorar muito perguntou Iridia do lado de fora da cela, com uma

cara de extrema impaci ncia.

ighlark suspirou.

Não. Não vou me dar ao trabalho de dar conselhos, á ue imagino ue ningu m vá ouvir. Vou s limpar e enfaixar o ferimento e fingir ue meu conhecimento valorizado.

uando terminou de refazer o curativo, o elfo se levantou e ergueu a bolsa, ue fez um ruído de vidro tilintando.

uer alguma coisa para a dor

Viv balançou a cabeça.

Não. E obrigada mais uma vez. Eu realmente sinto muito por voc ter tido ue vir at a ui.

O cirurgião lançou um olhar para o homem de cinza, ainda sentado com as mãos cruzadas frente do corpo. Seus lábios se estreitaram en uanto estudava o homem. Viv teve a impressão de ue ele fare ou o ar.

Aquele ali está mal Se ele for desmaiar em uma poça do pr prio sangue mais tarde, prefiro á cuidar disso en uanto ainda estou a ui.

A tapenti balançou a cabeça e abriu a porta da cela.

Nada digno de nota.

ighlark olhou pela ltima vez para Viv e depois para o homem, uma expressão indecifrável no rosto, e então partiu. Iridia trancou a cela atrás dele e saiu sem dizer mais nada.

Como de costume, Viv não cabia no catre, então ficou sentada com as costas apoiadas na parede, cada vez mais desconfortável com a perna ue late ava sob as ataduras novas. O homem de cinza permaneceu completamente im vel, mas sua mera presença parecia causar arrepios em Viv, e ela sentia uma vontade irracional de sacudir-se para afastá-lo. S conseguia pensar no ue aconteceria depois ue Iridia os soltasse, depois ue o homem recuperasse sua pedra mágica e sumisse de vista. Era um pensamento ue deixava Viv com vontade de rosnar. Não se podia deixar uma ameaça livre por aí uando se estava em desvantagem. Não se uisesse continuar viva.

Não havia nada a fazer no momento al m de remoer esses pensamentos.

Depois ue Gallina soltou o terceiro ou uarto suspiro teatral, Viv revirou os olhos. As mãos da gnoma estavam enfiadas sob a cabeça en uanto ela fitava o teto, batendo uma bota na outra.

Por ue voc ainda está a ui, afinal perguntou Viv depois de um tempo.

Não pode estar realmente esperando Rackam voltar para a cidade. Eu mal aguento esperar a ui, e não tenho outra opção.

Gallina não a encarou.

E daí se eu estou Infernos, voc devia estar feliz por isso agora.

Voc deve ter alguma coisa melhor pra fazer. Tem ue ter algum outro plano, não O ue fazia antes de desembarcar a ui

Gallina franziu a testa.

Voc faz ideia de como difícil conseguir ue um grupo d uma chance para algu m como eu

Bem

Claro ue não. Provavelmente as pessoas á te veem chegando a uilômetros de dist ncia e assinam seu contrato na hora. Voc á um motivo ambulante. Ningu m duvida ue se a capaz de partir um cr nio, não Basta olhar pra sua cara

Ei, eu ainda tenho ue fazer a minha parte e me esforçar muito. Passei uma hora mancando en uanto treinava com o sabre ho e, tentando não cair de bunda no chão, por ue se não

A gnoma soltou um barulho de desprezo.

Me poupe. O ue voc pensou uando me viu pela primeira vez *De verdade*

Viv abriu a boca, mas descobriu ue não sabia o ue dizer.

Foi o ue imaginei.

Gallina passou os dedos pela frente da camisa, onde a bandoleira de facas costumava ficar. As duas caíram em um sil ncio desconfortável, ampliado pela presença do homem de cinza.

Para Viv, nem dava para saber se ele estava respirando.

Voc tem visita.

A voz rouca de Iridia despertou Viv de um cochilo in uieto. Uma onda nauseante de adrenalina percorreu seu corpo, resultado do sono de má ualidade. A luz fraca ainda entrava pelas anelas estreitas no fundo da cela, mas os lampi es no corredor á estavam acesos.

A tapenti parecia irritada. Viv se perguntou se a uela era s sua expressão padrão. As escamas finas no rosto da mulher não pareciam propensas a sorrisos acolhedores.

Uma ratoide surgiu no corredor, uma das patas segurando o fecho da capa vermelha e a outra carregando um saco de papel com aroma familiar.

Fern

Viv ficou chocada por a Guardiã dos Port es ter permitido a entrada da ratoide. Iridia havia deixado claro ue s admitira ighlark a contragosto, provavelmente mais pela bagunça ue teria ue limpar caso contrário. Viv não pôde deixar de lançar um olhar confuso para Iridia, mas sua expressão continuou ilegível.

Fern observou a tapenti com um olhar preocupado e se aproximou da cela, enfiando o saco por entre as barras.

ueria ter certeza de ue voc estava bem. E eu talvez tenha insinuado ue ela não precisaria te alimentar se me deixasse trazer algo.

Viv se levantou do catre, apoiando a mão na parede para se e uilibrar, e foi pulando em um p s at as barras.

ighlark veio cuidar de mim. Estou bem.

Ma lee mandou pra voc disse Fern. E talvez voc ueira isto a ui tamb m.

Ela tirou *Mar da paixão* de debaixo do braço.

Não me lembro de ter permitido *isso* disse Iridia, movendo-se como se fosse intervir.

s uma porcaria de um livro retrucou Fern, com tom surpreendentemente brusco.

Os lábios da tapenti se afinaram, mas, ap s um momento, ela recuou. Pegando o saco e o livro, Viv franziu a testa.

Ma lee

Isso. Ela parecia bastante preocupada. Viu tudo.

Tem o suficiente aí para duas intrometeu-se Gallina.

Viv gesticulou para ue ela se calasse.

Como está Paio

Fingindo ue expulsou um intruso. Todo cheio de si. Ele está bem. Fern olhou de relance para Iridia e depois para o homem de cinza, ue não dera ual uer sinal de ue notara sua entrada. Não graças uele desgraçado.

Vou levar isso em consideração disse Iridia, assomando-se atrás de Fern. Como pode ver, ela vai sobreviver noite.

com *aquele ali* ue voc precisa se preocupar retrucou Fern, apontando para o homem silencioso.

Ele está esfriando a cabeça, não está Se há algo mais a ser dito, não vamos dizer a ui.

Fern lançou um ltimo olhar atento para Viv e se permitiu ser escoltada para fora.

Viv voltou ao catre com o livro e examinou o conte do do saco. Enormes biscoitos e a ueles pãezinhos doces, ainda uentinhos e cheirando a melaço, gengibre e manteiga.

ouve um momento de sil ncio.

Então, á comentei sobre o meu metabolismo perguntou Gallina.



Os biscoitos e pães não duraram muito. Viv dividiu o conte do igualmente entre as duas.

Gallina lambeu as ltimas migalhas dos dedos.

Pelos oito infernos, como voc conseguiu ue essas delícias fossem entregues

Não faço ideia respondeu Viv.

Deixa eu ver esse livro aí.

Viv hesitou, mas acabou entregando o volume. Os olhos da gnoma se arregalaram ao examinar a capa.

Uau. Essa onda foi uma sorte e tanto, hein

Me dá isso a ui.

Calma Ela afastou o livro da mão de Viv, ue tentava pegá-lo de volta. Então, voc estava lendo bom

Por u Está pretendendo comprar um exemplar pra voc

Gallina abriu um largo sorriso para ela.

Não, fico in uieta uando leio. Mas *você* poderia ler *para mim*. O ue mais temos para fazer

Viv pensou no capítulo em ue havia parado.

ã, acho ue eu não seria muito boa nisso.

Tenho uma proposta pra voc .

Outra *proposta* resmungou Viv.

Voc l um pouco pra mim, e eu nunca mais toco no assunto. Nunca mais.

Ela lançou um olhar curioso para Gallina.

No assunto ue assunto

ue eu salvei a sua pele de um su eito bran uelo e magricela.

O tal magricela nem piscou ao ser mencionado. uela altura, Viv uase se es uecera de ue ele estava ali. uase.

Depois de pesar os pr s e contras, e uma rápida revisão mental dos trechos em ue as coisas ficavam realmente picantes, Viv ofereceu:

Um capítulo.

Tr s.

Dois.

Feito.

Gallina ogou o livro de volta, e Viv o pegou no ar.

Mas á aviso ue não sou boa narradora disse.

Mas voc tem ue se esforçar. Eu vou saber se voc nem tentar.

Viv agitou o livro no ar.

O acordo á foi feito. Não dá pra acrescentar cláusulas agora.

Gallina bufou para ela, e Viv não pôde deixar de sorrir. Ela se recostou na parede e acomodou a perna machucada como pôde. Pigarreando, começou a ler, meio hesitante no início.

Raleigh passara a maior parte da vida no mar, at ter altura suficiente para alcançar o leme. Mesmo assim, era tão es uálida ue

Es uálida

Viv soltou um som exasperado.

uer dizer magra. Vai me deixar ler ou não

Voc vai imitar as vozes

Não.

um. Não foi um acordo muito bom.

uer ue eu leia ou não

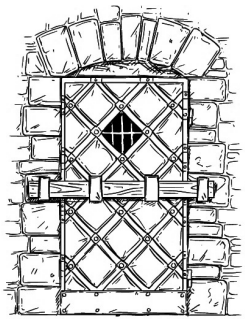
Gallina resmungou, mas fez um gesto para ue continuasse. Viv se a eitou de novo.

era tão es uálida ue sua mãe temia ue ela fosse lançada ao oceano durante uma tempestade feroz. Era bela, como a primeira visão da terra firme ap s uma longa ornada pelo mar. Nunca seria uma marinheira de verdade, por m; todos sabiam disso. Foi s uando Tesh embarcou com seus livros de magia ue a mar virou para Raleigh. Os mares nunca mais foram calmos para ela, mas a levaram a lugares muito interessantes.

A gnoma á estava roncando baixinho antes ue Viv terminasse a uarta página. Com um olhar irritado para o homem na outra cela, Viv voltou para o ponto onde havia parado mais cedo na uela tarde e começou a ler em sil ncio.

Fora um dia exaustivo, por m, e ela estava esgotada. Não demorou muito para o sono venc -la tamb m, o livro caindo aberto em seu colo.

14



Pelos infernos, cad ele

ã murmurou Gallina, sonolenta.

Viv agarrou a beirada do catre da gnoma e sacudiu. Isso a despertou rápido.

Ele sumiu.

u uem

uem voc acha

Gallina correu at as barras, olhando para o corredor.

Tamb m não tem ningu m na mesa

Ainda estava escuro lá fora, um tom de anil pr -alvorada visível pelas anelas. A porta da cela oposta ainda estava fechada, mas Viv não conseguia acreditar ue teria continuado dormindo durante a soltura do homem. Por mais exausta ue estivesse, a dor na coxa não a deixara pegar em um sono muito profundo.

Ei gritou Gallina em direção mesa do guarda. uem soltou ele

Não houve resposta.

Viv se levantou e mancou at se untar a Gallina na porta da cela. A gnoma olhou para ela de olhos arregalados.

Será ue ele matou o guarda

Sem a gente ouvir Viv balançou a cabeça, sombria. Sei lá. E não estou sentindo cheiro de sangue tamb m.

Será ue eles s deixaram ele ir embora Gallina franziu o rosto e gritou pelas barras novamente. Ei

A voz de Viv era consideravelmente mais alta.

Algu m aí Guardião

Elas gritaram at ficarem roucas, então Viv ergueu a mão para interromper Gallina, inclinando a cabeça para escutar.

Um gemido arfante ouviu-se fora de vista, seguido pelos sons arrastados de algu m ue se levantava com dificuldade.

O anão ue ficara de guarda no turno da noite cambaleou um pouco adiante, apoiando-se na parede para se e uilibrar. Ele entrou no corredor, olhando de uma cela para a outra e arregalando os olhos ao ver ue uma estava vazia.

Merda disse ele, sem fôlego. Para onde ele foi

melhor voc chamar a Iridia disse Viv em um tom inexpressivo.



uem era ele perguntou Iridia, a voz perigosamente neutra.

Suponho ue voc deveria ter perguntado isso ontem respondeu Viv, cada palavra carregada de desprezo.

Gallina lançou um olhar de advert ncia.

Ele não estava cooperando retrucou a tapenti, embora sua relut ncia em se explicar fosse clara. Uma noite passando fome em uma cela em geral resolve isso. Na minha experi ncia, paci ncia e tempo resolvem a maioria dos problemas.

Menos *este* disse Viv, batendo a mão na porta da cela e fazendo-a balançar. Seu corpo inteiro estava fervendo, e sentia uma vontade feroz de testar sua força contra as barras.

O anão da guarda noturna estava sentado no chão, a respiração devagar e uniforme, parecendo en oado e pálido. Iridia á tinha lhe dirigido algumas palavras ríspidas, e Viv não sabia se seu estado atual se devia a isso ou ao ue uer ue o tivesse apagado na noite anterior. Ele não tinha visto nada de diferente e mal se lembrava do ue acontecera antes de perder a consci ncia. ueixava-se de dor de cabeça, mas a tapenti não parecia interessada em suas desculpas.

Iridia observou as barras e depois Viv. Não demonstrava preocupação.

Vamos começar do início, está bem Se me a udarem a entender o ue aconteceu, talvez eu ve a sua perman ncia na minha cidade com menos reprovação, dado o problema ue claramente trouxeram para cá.

Viv mal conseguiu conter os xingamentos frustrados ue estavam na ponta da língua en uanto andava de um lado para o outro dentro de sua cela. Olhou feio para Iridia e, reunindo toda a sua força de vontade, relaxou as mãos e engoliu as palavras.

Ela suspirou e se recostou no catre. Esticando a perna, tentou encontrar algo para fazer com as mãos ue não pressionasse o ferimento nem danificasse mais nada.

Eu estava na Thistleburr começou.

A *livraria* interrompeu a Guardiã dos Port es, incr dula.

Sim. A livraria.

Iridia piscou devagar, então fez um gesto para ue continuasse.

Enfim, ele estava fazendo alguma coisa por lá, e aí Paio

 uem

 um grifete. O grifete de Fern. Enfim, ele veio correndo dos fundos, totalmente pirado, e pulou no su eito. ue simplesmente ogou ele no chão com um tapa. Viv imitou o gesto. Então, assim, isso á não bom. uem bate em um bichinho da ueles Eu colocaria o su eito pra fora s por isso, mas

 uando Viv não continuou, Iridia a incentivou:

Mas

Viv suspirou.

Não sei como dizer isso de um eito ue faça voc se importar ou dar ouvidos. Olha, eu senti o cheiro dele, e era como Ela retribuiu o olhar feroz da tapenti.

Voc sabe uem Varine, a Pálida Já ouviu falar dela

Iridia contraiu os lábios, o olhar ficando mais pensativo.

A necromante

 uem estávamos caçando, antes de eu acabar a ui.

Porra, s rio perguntou Gallina, de olhos arregalados. Rackam está caçando *Varine* Varine, a *Dama Branca*

A Guardiã dos Port es sibilou diante da interrupção da gnoma e voltou sua atenção para Viv.

Aonde voc uer chegar com isso

Voc á viu um inumano de perto

A tapenti balançou a cabeça, negando.

Pois eu á. Muitas vezes, a essa altura. Eles t m cheiro de morte. Isso seria de se imaginar, certo Mas t m tamb m um cheiro tipo sangue congelado. ue nem uando seu nariz fica seco no inverno, e voc sente um gosto metálico uando respira. Se chega bem perto deles, exatamente esse o cheiro.

Viv gesticulou na direção da cela vazia.

Esse era o cheiro *dele*.

Ele não era um inumano. Com certeza o coração dele batia.

, eu sei. Mas conheço esse cheiro, e sabia ue havia algo de *errado* nele. Senti com o meu corpo inteiro. E se ele tiver alguma ligação com Varine Bem, eu ia

descobrir, de um eito ou de outro.

Para isso a cidade tem Guardi es.

Viv bufou.

Não vi nenhum por perto, ou teria chamado. Ela deu um tapinha na perna. E eu não ia correr at as muralhas da fortaleza para chamar algu m, não

Isso não a impediu de comprar essa briga.

Viv ergueu as máos.

E se eu estivesse com a minha espada, talvez as coisas tivessem acabado de um eito diferente. O ue voc uer de mim Ele fugiu da *sua* cela, nocauteou *seu* guarda e parece ue não teve a menor dificuldade para fazer isso. Ele uma ameaça. Se não para n s, para algu m. Deixar uma cobra na sua tenda pedir para ser picada.

P ssima comparação sibilou Gallina, uando a expressão de Iridia ficou mais sombria.

Como ele escapou perguntou a tapenti, com uma clareza ue traía uma raiva contida a muito custo.

Como ue eu vou saber N s estávamos dormindo Viv não conseguiu deixar de erguer a voz. Nenhuma de n s viu absolutamente nada, mas agora ele está por aí, e n s estamos a ui dentro, e imagino ue ele tenha levado as coisas dele, não

Levou resmungou o anão, massageando a nuca. A uela bolsa, a pedra mágica, as adagas

Ele não pegou as *minhas*, pegou perguntou Gallina, preocupada.

O anão balançou a cabeça, e ela suspirou aliviada.

Voc s duas ainda estão vivas. Luca tamb m observou Iridia em um tom amargurado. Se nosso visitante anônimo conseguiu escapar, poderia ter matado voc s en uanto dormiam. uem uer ue fosse, parece ue não ueria vingança.

Talvez a gente não se a tão fácil de matar uanto voc acha, e talvez ele tenha percebido isso tamb m disse Gallina, claramente se sentindo excluída da conversa. E somos duas Ainda presas, aliás. Se ele sumiu, por ue ainda estamos a ui

Não preciso pensar em uma nova razão disse Iridia. A primeira á foi mais do ue suficiente.

Mas Viv percebeu ue algo estava mudando dentro dela.

Voc ueria ue a gente a udasse a entender o ue houve disse Viv, no tom mais razoável ue conseguiu. Com a perna late ando, foi mais difícil do ue deveria.

Agora sabe o ue n s sabemos. E aí ual o veredito

Eu conto uando decidir respondeu a Guardiã dos Port es, dando meia-volta e sumindo de vista.



Iridia as deixou esperando por mais uma hora, mas Viv achou ue era s para mostrar uem mandava. Foi Luca uem as soltou, ainda pálido e cambaleante. Ele devolveu seus pertences e murmurou um aviso para ue não arrumassem confusão, mas Viv achou ue ele parecia aliviado por se livrar delas. Gallina acariciou carinhosamente os cabos de suas adagas en uanto deixavam a cadeia e saíam para a manhã. O cheiro de fogueiras midas, mingau fervendo e bacon pairava no ar. O estômago da gnoma protestou bem alto.

As duas ficaram em sil ncio en uanto deixavam as muralhas de Murk, mas se mantiveram atentas. Como á era de se imaginar, não havia sinal do fugitivo da noite anterior. Viv teria ficado surpresa se vissem algo, mas isso não a impediu de procurar.

Os Guardi es tamb m pareciam estar procurando. Iridia claramente não ia deixar o desaparecimento do homem passar em branco, e elas viram homens e mulheres com lampi es presos aos cintos em uase todas as es uinas. Todos tinham uma expressão alerta e desconfiada, as armas a postos com bastante fre u ncia. Viv tinha imaginado ue a fortaleza bem guarnecida era uma precaução contra uma improvável invasão pelo mar. Agora, a ueles Guardi es dos Port es entediados finalmente tinham algo de urgente para ocupá-los.

Vários at patrulhavam o caminho de areia ue levava ao imenso portão de pedra de Murk, embora Viv não conseguisse imaginar o ue esperavam encontrar ali.

Duas escunas ondulavam no cais sob a n voa matinal, e as ondas rugiam com força. O sol brilhava sobre o mar, prometendo um calor intenso mais tarde.

Viv cogitou ue o homem de cinza estivesse em um da ueles barcos, mas, por algum motivo, duvidava ue fosse o caso.

Com a a uda do bastão, mancou encosta acima em direção ao Poleiro. Gallina acompanhou seu ritmo, e Viv decidiu ue isso não a incomodava tanto assim.

Será ue ele vai matar a gente no meio da noite

Não onde eu pretendo morrer respondeu Viv com um grunhido.

No entanto, ele ter desaparecido bem debaixo do seu nariz a incomodava mais do ue ueria admitir. Com certeza dormiria com o sabre mão.

aí ue voc fica o tempo todo perguntou Gallina en uanto passavam pela livraria Thistleburr.

Viv bufou.

Vai me perseguir ali tamb m Ela viu a expressão sombria de Gallina. Estou brincando. , acho ue gosto de lá. Ainda mais agora ue tem uma poltrona. Uma poltrona *confortável*.

Confortável, hein

Mas não dá pra colocar as botas na mesa.

Gallina abafou uma risada.

Bem, eu tenho meus afazeres.

Aham.

Elas ficaram caladas por mais um tempo.

Voc acabou não ouvindo a ueles capítulos, no fim das contas comentou Viv, pensativa.

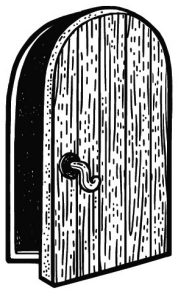
um. . E n s fizemos um acordo.

Pois .

Bem, se algum dia eu estiver precisando pegar no sono, vou pedir para ouvir o resto. Talvez na uela poltrona confortável.

Viv não se dignou a responder. Mas ainda estava sorrindo en uanto subiam os degraus do Poleiro e se dirigiam agradecidas s suas camas.

15



Na uela noite, Viv realmente deixou o sabre no chão ao lado da cama, o cabo a poucos centímetros dos dedos. Para sua infelicidade, tinha uma boa imaginação, e pensou ter sentido o cheiro do homem de cinza uma ou duas vezes. Era fácil demais imaginá-lo parado do outro lado da porta, usando algum tru ue mágico na tranca, uma adaga prateada nas mãos pálidas e magras.

O dia estava uente, uase um forno, e o vento havia morrido. Viv ficou deitada no colchão de palha, suada e exausta, a perna pegando fogo, passando o polegar pela bainha de couro curva de sua l mina.

Não aguentava mais estar ferida, furiosa por ter atrasado a sua recuperação fazendo algo tão est pido uanto entrar em uma briga na rua. Viv estava decidida a seguir as recomendaç es de ighlark, ou pelo menos tentar.

En uanto ralhava mentalmente consigo mesma, o cansaço a pegou de surpresa. uando caiu no sono, dormiu profundamente.

Viv s acordou tarde no dia seguinte.

Gostei de ver comentou Viv, descendo a encosta com todo o cuidado. Uma brisa fresca vinda do mar aliviou um pouco do calor de sua pele, e seu sabre estava de volta ao uadril.

Fern segurava um pincel de cerdas largas em uma das patas, o pelo todo respingado de tinta carmesim. Metade da porta a metade inferior estava rec m-pintada, e um balde com alça de corda descansava em cima de uma lona

velha ao lado.

Ah respondeu ela, enxugando a testa e su ando-a de vermelho. ue bom. Assim voc me salva de ter ue me e uilibrar em algo para alcançar o resto. Deuses, odeio ser baixinha.

Ela fez uma expressão surpresa ao ver a l mina embainhada de Viv, mas não comentou.

Não posso prometer ue não vou estragar tudo disse Viv, fazendo uma careta de dor ao subir no calçadão.

A ratoide soltou o ar entre os dentes como se o ferimento fosse dela.

Estou surpresa ue Iridia á tenha soltado voc . Como está a perna

Vai sarar se eu parar de fazer besteira.

Ela se apoiou no corrimão, soltou um grande suspiro e deixou a dor se dissipar como a mar baixando. uando ergueu os olhos, viu Paio a encarando com olhos arregalados atrás das anelas.

Fern olhou ao redor de repente.

E se *você* foi solta, o ue aconteceu com *ele*

Viv franziu a testa.

Bem, uma longa hist ria. ue tal eu contar en uanto pinto

Ela tirou o cinto e apoiou o sabre na parede, ao alcance da mão. Pegando o pincel, tomou o máximo de cuidado possível com a pintura, dando pinceladas longas e firmes. Sua perna ilesa era firme o suficiente para apoiar a maior parte de seu peso en uanto trabalhava, e Fern ficou segurando o balde para Viv não precisar se inclinar para molhar o pincel.

Viv relatou tudo o ue tinha acontecido durante a noite e a manhã atrás das grades. uando chegou parte sobre o homem de cinza ter desaparecido, Fern soltou um guincho e uase derrubou o balde.

Durante a explicação de Viv sobre a necromante e suas suspeitas em relação aos dois, Fern não conseguiu mais se manter em sil ncio:

Então ele desapareceu de uma cela trancada e está por aí com suas facas e porra, *magia* explodiu a ratoide, gague ando.

Viv tamb m não gostava nada da uilo, mas ficou surpresa com a indignação da ratoide.

mais ou menos por aí.

Então ele pode aparecer *a qualquer momento*

Viv apontou para o sabre com o pincel.

Acho ue Iridia não vai mais me perturbar por carregar isso por aí agora, e se ela encrencar, não sei se me importo.

Fern a encarou, não muito convencida.

isso ue eu faço disse Viv, dando de ombros. Minha profissão botar medo nos outros. Bom, agora tenho duas utilidades ocupando sua lo a durante o dia, não

Foi estranho ver voc em ação. Não por ue voc bota *medo* nos outros ue eu gosto de voc .

Viv franziu a testa.

Bom, s uando preciso.

Fern a encarou de volta.

Não foi isso ue uis dizer. Vi os olhos dele uando uando ele bateu no Paio. Ela engoliu em seco. Estavam tão *mortos*. Me deu calafrios.

Tem algo de errado com ele, sem d vida. Muito.

S estou dizendo ue não duvido de voc . Não duvido de ue fez o ue era preciso. No começo, fi uei chateada, por ue, sendo sincera, não estou acostumada com brigas de rua. Não são muito comuns em Murk Ela soltou uma risada fraca. Graças a Iridia, imagino. Agora, acho ue estou chateada por outro motivo. E não com voc .

Ficaram em sil ncio por um momento en uanto Viv pintava o topo da porta o melhor ue podia. Não sabia se sua t cnica com o pincel poderia ser chamada de profissional, mas a porta com certeza estava ficando vermelha.

Ontem noite, Paio me acordou. Piando e latindo, como antes. Voc acha ue

Viv terminou a ltima pincelada e colocou o pincel no balde com todo o cuidado. Olhou para Fern, s ria.

Não uero ue voc se preocupe. Se ele vier atrás de algu m, vai ser de mim, e não vai fazer isso a ui. O ue ele poderia uerer em uma livraria O ue teria a temer vindo de voc

Não sei se isso a uda a me acalmar.

Como eu disse, o meu trabalho respondeu Viv com um sorrisinho. Agora, melhor limpar seu pelo. Parece ue voc acabou de assassinar várias galinhas.

Ai, merda disse Gallina, sacudindo a mão aberta. Tinta fresca

Viv ficou tão surpresa de ver a gnoma na livraria ue uase se es ueceu de ficar irritada.

Voc não viu a placa avisando

A gnoma manteve a porta aberta com as costas pelo lado não pintado e olhou para a anela e depois para cima, onde finalmente avistou o aviso.

Alto demais pra mim.

Viv se afastou do balcão, onde estivera encostada conversando com Fern.

Se estiver com marcas de dedos

Não precisa ficar nervosinha. Deve estar tudo bem.

Se está nas suas mãos, não está na porta resmungou Viv.

E por ue voc se importa Não sua Oh, oi. Gallina agitou os dedos para Fern. Prazer.

A ratoide apoiou o ueixo na pata e suspirou.

Não tem problema. Eu deveria agradecer por voc ter a udado Viv. Algumas marcas na tinta são um preço pe ueno a pagar.

O rosto de Gallina se iluminou com um sorriso, e Viv achou at ue ela estufou o peito, embora fosse difícil dizer debaixo de tantas facas.

Viu s , foi o ue Espera aí, *ajudado*

Voc salvou a minha pele. Melhor assim perguntou Viv. Vou dar uma olhada na porta.

Ela foi mancando at a entrada e inspecionou atentamente a porta en uanto a gnoma passeava pela lo a, observando tudo com um olhar crítico.

Meu nome Fern disse a ratoide. E voc deve ser Gallina

A gnoma ergueu a sobrancelha para Viv.

Sim, eu falei de voc esclareceu com toda a paci ncia. Voc *muito* uerida.

Gallina se acomodou em uma das poltronas. A poltrona *dela*, Viv notou. A uele parecia estar se tornando um hábito de Gallina.

Ei, voc tem razão, bem confortável.

Paio veio trotando, imediatamente pulou na poltrona e se acomodou unto perna da gnoma.

Ah, uem esse rapazinho Gallina acariciou as penas entre os olhos do grifete, ue se aconchegou ainda mais.

Viv ficou mais enciumada com isso do ue amais admitiria.

Esse pe ueno cavalheiro Paio disse Fern.

Gallina fez uma careta.

O ue ele fez para merecer esse nome

A ratoide riu.

O nome dele de verdade Pallus. Meu pai o batizou em homenagem ao

Grande Grifo em *O quarto desejo*, tipo uma piada literária, mas eu era pe uena e não conseguia pronunciar o nome direito, então

Voc merece coisa melhor sussurrou bem alto a gnoma, dirigindo-se a Paio.

Fern lançou um olhar curioso para Viv, ue deu de ombros e perguntou:

Em ue n s podemos a udar

Estranhamente, a uele n s soou muito natural.

Acho ue voc me deve um ou dois capítulos disse Gallina.

Está uerendo dormir a essa hora Bem, não estou com o livro a ui.

ue desculpinha. Aliás, voc está trabalhando a ui,

Viv deu de ombros.

Eu dou uma mãozinha.

De graça

A gnoma estava chocada.

Ah, não, ela tem acesso total lo a. Pode ler o ue uiser respondeu Fern, achando graça.

Gallina fez uma careta.

Tá, então *basicamente* de graça. O ue voc fica fazendo a ui o dia todo

Bem, uando um cliente, como voc , por exemplo, aparece, n s vendemos livros para ele explicou Fern.

Gallina estudou a ratoide como se tentasse decidir se o tom dela era condescendente ou não. Fern tinha feito um excelente trabalho em não dar pistas.

A ratoide continuou:

Estávamos conversando sobre um livro para uma pessoa em especial. Um presente. Essa a arte de ser livreira: escolher exatamente o livro certo para a pessoa ue vai receb -lo.

uem

Viv pigarreou.

Ah, uma amiga.

Voc tem amigos a ui perguntou Gallina, incr dula. Ah, espera, sou eu

Ao ouvir isso, Viv não conseguiu conter uma gargalhada.

O ue isso perguntou Ma lee uando Viv lhe entregou um embrulho de papel pardo amarrado com barbante. Felizmente, Fern tinha dado o n ; do

contrário, seria s um emaranhado.

ã, eu s ueria agradecer.

Era a primeira vez ue Viv via a Canto do Mar sem fila. As prateleiras e os cestos estavam uase vazios, e o calor e a umidade não estavam mais tão intensos. Os fornos estavam desligados, e a ovem magra de co ue lavava panelas vigorosamente em uma pia funda nos fundos. O lugar parecia suspirar de alívio ap s um dia muito ocupado.

O sorriso da anã foi enorme, mas tamb m mais suave do ue Viv se lembrava, como se a surpresa sincera tivesse sido adicionada receita en uanto ele se formava.

Ahhh soltou ela baixinho, derretendo-se ao passar o dedo pelo barbante. Suas unhas estavam su as de farinha. Posso abrir

Claro Sim, claro.

Viv ficou ali parada, meio sem eito, uerendo ao mesmo tempo ir embora logo, mas tamb m dese ando ver a expressão de Ma lee uando ela visse o ue era. Fern e Viv tinham conversado bastante sobre a escolha, e embora Viv temesse ue fosse bvia demais, no fim das contas acabou confiando mais na livreira do ue em si mesma.

A anã partiu o barbante com um puxão firme e abriu cuidadosamente o papel, revelando um grande volume encadernado em madeira e costuras robustas. As sobrancelhas dela se franziram. Não havia título na capa, mas, uando Ma lee abriu o livro e seus olhos percorreram as primeiras páginas, o sorriso retornou, desta vez completo.

Ora, isso Ah, Oito Ela olhou para Viv, os olhos arregalados. o ue eu estou pensando

Eu me sinto meio estranha te dando um livro s de receitas, por ue, bem

Viv gesticulou para o entorno. Voc não precisa Mas

Só de receitas um livro de receitas da *confeitaria gnômica*. Ma lee riu. Pelos infernos, eu nem preciso fazer nada. Ler á um prazer. Algumas dessas Meus deuses Os passos E olhe s essas xilogravuras Eu *amei*, meu bem.

Fico feliz disse Viv, embora ao mesmo tempo sentisse uma pontada de vergonha por não ter chegado sozinha ideia da uele livro em especial. E obrigada por ter pensado em mim. ã, uando eu estava na prisão. Não precisava, mas foi foi gentileza sua.

Ela corou. Dar presentes exigia muito mais tato do ue seria de se esperar.

Pensado em voc Ma lee se apoiou no balcão. Meu bem, não parei de pensar desde ue voc chegou a ui.

Ah. ã.

Os pensamentos de Viv foram obliterados tão completamente ue mais parecia ue sua cabeça tinha sido atingida por um porrete.

A anã observou a expressão de Viv, a pr pria um misto de diversão e algo mais.

Cuide bem dessa perna, Viv disse Ma lee, dando uma piscadinha.

Ela deu um tapinha carinhoso no livro e voltou limpeza.

Viv saiu da lo a, confusa, mas não de forma desagradável.

16



Viv ficou em estado de alerta elevado nos primeiros dias ap s sua estada na prisão, mas com o tempo isso acabou diminuindo at sua vigil ncia usual.

Nada do homem de cinza aparecendo furtivamente. Mesmo assim, ela manteve seu sabre ao alcance, e Iridia ue fosse pros infernos.

En uanto estava na livraria, ela o deixava escondido atrás do balcão Fern comentou ue não era a cena mais convidativa de se ver pela anela.

E, por incrível ue parecesse, agora realmente havia clientes. Viv e Fern não sabiam se era por causa da pintura nova da porta, do interior um pouco menos ca tico ou alguma outra percepção nebulosa de movimento na lo a. O lugar não chegava a ficar abarrotado, mas o fluxo de clientes era constante ao longo do dia s vezes curiosos ue saíam de mãos vazias, mas tamb m gente ue acabava comprando alguma coisa. De vez em uando, at duas pessoas ao mesmo tempo. Alguns clientes lançavam olhares curiosos para Viv, mas, uando isso acontecia, ela pegava o pr prio livro e os olhares logo se desviavam.

Gallina aparecia de vez em uando, em geral com a desculpa de visitar Paio. Mas, com fre u ncia, acabava passando um tempo em uma das poltronas.

O cio fazia bem perna de Viv, ue recuperou parte da melhora perdida ap s a imprudente escaramuça no meio da rua. At ighlark parecia, mesmo ue a contragosto, satisfeito com sua recuperação. Mas a calmaria em nada aliviava a in uietação dela sobre o possível paradeiro dos Corvos e os muitos cenários imaginados em ue eles se desencontravam ou simplesmente não retornavam. Rackam não era do tipo ue deixava de cumprir uma promessa, mas Viv não era

uma veterana no grupo. Não conseguia silenciar a vozinha insistente lhe dizendo ue ele adoraria se livrar de uma orc imprudente ue se metia em encrencas das uais não conseguia sair sozinha.

Palavras eram a melhor distração ue ela poderia uerer.

Bom disse ela ao entrar na lo a. Terminei o livro.

A neblina se acumulava na encosta em frente livraria e entrou atrás de Viv como fumaça fria.

Paio a observou com olhos semicerrados e se escondeu atrás de algumas prateleiras.

Ah, Demorou, hein Muitos capítulos s eram apropriados para voc ler no uarto caçoou Fern de trás do balcão.

um respondeu Viv.

Sabe, ela da ui.

uem

elia Peregrina, a autora. Ela mora por a ui.

Em *Murk* perguntou Viv, incr dula.

Desabotoou o cinto e escondeu o sabre no lugar de costume, depois deixou *Mar da paixão* no balcão.

Isso aí. Sabe, tem gente ue *gosta* da ui respondeu Fern, puxando o livro em sua direção e passando uma pata pela capa. Ela tem uma propriedade da família mais ao norte. Já a vi uma ou duas vezes, mas não acho ue venha para cá com muita fre u ncia. Deve mandar algum criado. Ela muito muito *majestosa*.

Por algum motivo, o conceito de uma escritora ser uma pessoa real com uem se poderia esbarrar na rua era difícil de imaginar.

E ela s escreve livros

Fern lhe lançou um olhar engraçado.

Algu m tem ue escrever. E ela não s escreve livros . Ela escreve *muitos* livros.

uantos perguntou Viv, com o máximo de indiferença ue conseguiu fingir.

Os lábios de Fern se curvaram em um sorriso felino, um grande feito dadas as circunst ncias.

Sabe, para uma livreira, *muito* satisfat rio ver ue voc fisgou o cliente.

Viv revirou os olhos.

Vou dar uma olhada no ue tenho em esto ue. Estou tentando terminar esse pedido e

A porta se abriu com um rangido, e era difícil saber uem ficou mais surpreso

uando Pitts surgiu pela n voa, algumas gotas de umidade na cabeça raspada.

Ele parou logo na entrada, meio sem eito, e ergueu o livrinho laran a de poesia entre dois dedos.

Tava pensando disse devagar, encarando um ponto muito acima da cabeça de Fern , voc tem outro assim



Oi, meu bem

Ap s a aparição inesperada de Pitts na livraria, Viv achou ue as surpresas do dia tinham acabado at Ma lee se sentar na cadeira em frente sua no Poleiro.

Oi

Viv pousou a caneca devagar.

Ma lee usava roupas comuns, e pela primeira vez sua pele não estava reluzindo de suor por causa do calor, embora as bochechas não tivessem perdido o tom rosado. Sua trança caía como uma corda de linho sobre o ombro, e, luz dos lampi es, seus olhos brilhavam. Levou um segundo para Viv reconhecer a sensação, mas, sendo uma guerreira acostumada a caçar, o arrepio de se ver sendo caçada era novidade.

Brand gritou Ma lee. uero o bife E ho e tem a uelas batatinhas vermelhas Voc sabe uais.

Brand ergueu o braço tatuado.

E algo pra beber acrescentou ela.

Viv deslizou o prato para o lado e cruzou os braços em cima da mesa. Parecia educado esperar.

Acho ue nunca vi voc por a ui antes. Ela abaixou a voz e acrescentou: E isso meio vergonhoso de dizer, mas meio estranho te ver fora da padaria. Parece Sei lá, parece ue lá o seu lugar.

Viv ficara chocada ao pensar em elia Peregrina circulando por Murk, mas ver Ma lee fora da lo a parecia igualmente improvável. E, no entanto, lá estava ela.

um, bem, se ficou surpresa agora, voc devia ter me visto há alguns anos.

Ah,

As sobrancelhas de Viv se ergueram.

Acho ue não dá pra imaginar s de olhar pra mim ho e em dia, mas eu á vivi muitas emoç es. Ma lee flexionou o braço. Não ganhei isso a ui s sovando massa.

S rio

Eu tinha uma maça impressionante. Grande, flangeada. Trabalhei como

mercenária por uns anos, pois .

Viv inclinou-se para mais perto.

Com uem voc trabalhou O ue aconteceu

Ma lee riu, um som mais delicado do ue Viv tinha esperado dela. A anã podia ter baixa estatura, mas tudo nela passava a impressão de ue deveria ser grande.

Ah, ningu m ue voc conheça. E acho ue chegou um momento em ue eu ueria passar mais tempo aperfeiçoando meus biscoitos na fogueira do ue entrando em cavernas midas. Já tentou fazer biscoitos em uma fogueira uma dor de cabeça. Mas fi uei bem boa nisso. Aí, em algum momento

Ela deu de ombros.

Viv estava perplexa. Pensou nos Corvos imediatamente, e um sentimento parecido com saudade cresceu em seu peito.

E voc está feliz fazendo isso Não sente falta

De dormir no chão duro Nem um pouco.

A ui está, senhorita disse o servente da taverna.

Ele colocou um prato fumegante e uma caneca de cobre diante de Ma lee. Um bife alto, com uma crosta de pimenta, ocupava a maior parte do prato, acompanhado de batatas cortadas em cubos. Viv á havia praticamente terminado sua refeição, mas seu estômago roncou com o cheiro de defumado de nogueira, alecrim e gordura uente e crocante.

Obrigada, etch.

Então esse era o nome do garoto. Viv notou ue ele não ganhou um meu bem .

Os olhos de Ma lee brilharam uando ela posicionou o prato sua frente, e sua expressão encantada fez Viv sorrir. A mulher com certeza era apaixonada por comida.

Viv puxou o pr prio prato para mais perto e pegou o garfo.

Oito infernos, não consigo nem imaginar. Eu ficaria maluca. Desde ue cheguei, minha sensação ue estou com uma coceira em um lugar ue não consigo alcançar, e ela piora um pouco a cada dia.

A anã cortou um pedaço de carne e o enfiou na boca com entusiasmo, fechando os olhos en uanto mastigava.

Ah, perfeito. Ela suspirou, satisfeita. Mas, não, nem um pouco. Eu estou sempre ocupada, e tem muito menos sangue. Ela apontou o garfo para Viv.

E a comida bem melhor.

As duas comeram em sil ncio por alguns minutos, o tinido das facas e dos garfos nos pratos de estanho marcando a passagem do tempo. Foi confortável.

Depois de um momento, Ma lee deixou os talheres de lado e untou a ponta dos

dedos em frente ao prato. Ainda sorria, mas havia algo s rio em seu olhar. Viv teve a sensação de ue uma cortina estava sendo aberta.

Olha disse Ma lee, e sua voz estava mais baixa, apenas para os ouvidos de Viv. Eu gosto de voc .

Viv pigarreou, o sentimento de conforto evaporando, substituído por uma confusão de emoç es ue ela s conseguiria organizar se parasse um tempo para desembaraçá-las. Tempo ue, de repente, ela não tinha.

ã, acho ue eu á imaginava respondeu, sem eito. E então, mais baixo: Mas não sei por u .

Ma lee ar ueou a sobrancelha, curiosa.

Bom, eu poderia dizer ue foi uando vi esses seus braços pela primeira vez, por ue, olha oito infernos Mas, na verdade, foi uando vi voc esperando na fila. uando percebi o cuidado ue voc tinha en uanto se mexia entre as outras pessoas.

Viv corou, sem conseguir encontrar palavras. De repente, parecia não ter fôlego para falar.

Bem fofo. E, bem, eu conversei com a Fern tamb m. Ao ver os olhos de Viv se arregalando, Ma lee riu. Ela não revelou nenhum segredo, meu bem. Mas talvez eu tenha visto um pou uinho de voc . O suficiente para saber ue gostaria de te conhecer melhor.

O sorriso de Ma lee sumiu, e havia algo distante e triste em seus olhos.

Sabe, tem muita gente por aí. Muito barulho. Eu amo o ue faço, adoro meus dias, mas nenhum de n s v mais do ue uma pe uena parte do mundo, como se estiv ssemos olhando por uma anelinha. E eu te vi pela minha, e algo dentro de mim disse: Essa aí algu m ue voc deveria conhecer. Simples assim. Eu sei ue voc vai embora logo continuou. Talvez em algumas semanas. Mas sabe de uma coisa Pra mim, não importa. Então vou facilitar as coisas. Voc acha ue deveria *me* conhecer

Viv percebeu ue Ma lee tentava falar da uilo com naturalidade, mas não era burra a ponto de não sentir o fio de tensão correndo por trás da uelas palavras.

As duas se encararam por tempo demais en uanto as palavras se dissipavam como vapor na mente de Viv, e durante todo esse tempo ela sentiu a uele fio de tensão se apertar. E, uando não conseguiu suportar a ideia de ue ele poderia se romper, precisou responder:

Eu gostaria.

E, embora fosse verdade, parte dela sabia ue era uma verdade espinhosa. E ue poderia feri-las depois.

17



Voc tem um *barco*

Confusa, Viv olhou para o bote no menor dos uatro atracadouros, ue tinha a vantagem de estar nas águas mais calmas e abrigadas da enseada. Uma longa faixa de areia se estendia em um braço estreito, e o promont rio com as estruturas desconhecidas vigiava tudo.

O mar batia no casco do pe ueno bote, ue balançava suavemente de um lado para o outro. Viv considerou o tamanho diminuto com apreensão, tendo dificuldade de se imaginar cabendo ali dentro.

Tenho ue dizer, achei ue seria maior.

Outras embarcaç es, nenhuma muito grande, balançavam em uma linha irregular ao longo do píer, ocupado principalmente por gaivotas e andorinhas.

Eu s pego emprestado uando sinto vontade. Um velho marinheiro ue vem comprar biscoitos todos os dias me deixa usar uando eu uero. Nem sei por ue ele ainda não se desfez deste a ui, á ue passa o dia na traineira. Segurando-se em uma das estacas, Ma lee embarcou, pisando no meio do bote. Me passa isso, meu bem pediu, gesticulando para o cesto de vime nas tábuas.

Viv obedeceu e lhe entregou o cesto, ue produziu um leve tinir.

A anã o colocou atrás do assento de madeira perto da proa e olhou para trás, as sobrancelhas erguidas. A insegurança de Viv devia estar estampada em seu rosto, por ue Ma lee riu, a uela risada delicada, brilhante como a água do mar.

Vamos lá, voc sabe nadar, não sabe

Na *teoria* respondeu Viv. Mas não parece fazer diferença, afundo feito

uma pedra mesmo assim. E com uma perna ruim Vou direto para o fundo do mar.

Bem, eu nunca aprendi, então, se o bote virar, vamos afundar untas. Vai ser muito trágico e rom ntico.

Voc não sabe nadar e gosta de sair nesse bar uinho Viv a olhou de cima a baixo dramaticamente. Pelo visto não largou a vida de mercenária por falta de coragem, hein

Chega de enrolação. Desamarra isso pra mim

Viv apoiou o bastão em uma das estacas, onde tinha uase certeza de ue ele não sairia rolando, então desamarrou o bote, ogando a corda para dentro. Ma lee segurou o atracadouro, inclinou-se para o lado a fim de abrir espaço e disse:

Voc consegue. Perna es uerda primeiro.

Fazia alguns dias desde o antar das duas, e Viv conseguira descer at o píer com um mancar leve e a a uda de seu bastão. Ainda assim, não pôde evitar algumas caretas e sibilos de dor en uanto se acomodava no bote, toda sem eito. ouve um momento de tensão uando ergueu a perna ferida, oscilando perigosamente, mas então Ma lee segurou sua cintura para e uilibrá-la.

Bem devagar, ela se abaixou at no banco da popa, ao lado dos remos. O ar fresco soprava da água sombreada abaixo do píer.

Sabe remar perguntou Ma lee.

Parece ser algo ue eu conseguiria aprender.

A anã lhe lançou um olhar, avaliando-a, depois estendeu as mãos.

Ah, passe os remos pra cá.

Ma lee remou para longe do atracadouro, em direção ao centro da enseada. A luz do sol se fragmentava nas ondas suaves e oscilantes. Um bando de andorinhas-do-mar seguiu-as, ralhando com suas vozes ásperas e rascantes.

O badalar das horas ecoou pela face do penhasco ao norte, e, dist ncia, um galeão rumava para o sul, suas velas se inflando com os ventos de alto-mar.

Os braços robustos da padeira mantiveram um ritmo uniforme e poderoso en uanto ela remava ao longo do banco de areia, dirigindo-se para o norte e contornando o cabo.

Por um tempo, Viv agarrou-se s laterais do bote, sensível a cada balanço e sentindo-se grande demais para a embarcação min scula. Imaginava o bote virando, sua mente con urando imagens de si mesma caindo na água e levando Ma lee unto. Não importava o ue ela dizia: Viv não via nada de rom ntico na ideia de se afogar vista da terra firme. Com o tempo, por m, relaxou e começou a apreciar a sensação do sol em sua pele e o sil ncio crescente en uanto se afastavam da costa. A água brilhava como safiras, mas, ao longe, Viv conseguia ver onde o mar ficava mais

escuro devido s profundezas insondáveis.

uando contornaram o promont rio ao norte, outra pe uena enseada surgiu vista, sombreada pela encosta. O bote deslizou para as sombras, e Ma lee mergulhou os remos para diminuir a velocidade.

O frescor da sombra foi surpreendente e repentino, e Viv sentiu um arrepio nos braços. Ma lee balançou a ponta de um dos remos, espirrando água salgada nela com um sorriso travesso.

Ah, não vou deixar essa passar disse Viv, devolvendo o sorriso.

Ela observou a rocha nua da face do penhasco acima delas, mil camadas sobrepostas de pedra em um ngulo inclinado. Gaivotas brancas giravam em um redemoinho, mas, para sua surpresa, permaneciam em sil ncio, como se relutassem em uebrar a calmaria.

Voc vem muito a ui

calmo. Fresco. uase o oposto da padaria respondeu Ma lee.

Ela ergueu o cesto de vime e o colocou no centro do bote, entre as pernas de Viv, ue ocupavam boa parte do espaço. Desdobrando o embrulho de linho, ela pegou um pão inteiro e bateu nele com os n s dos dedos. O som foi uase oco.

Velho e duro. Não pra gente.

Viv ergueu as sobrancelhas.

Ma lee partiu o pão ao meio com um som crocante e rasgado, e farelos da crosta voaram em todas as direç es como casca de trigo. Ela entregou um pedaço a Viv, ue o segurou com uma expressão interrogativa.

Não pra gente

Com um sorriso enigmático, Ma lee arrancou um pedaço de miolo da sua parte e o lançou na água, onde ficou flutuando na superfície.

Viv se sobressaltou uando o pão desapareceu uase imediatamente. Uma figura prateada veio superfície com um som semelhante a uma pedra caindo em um lago calmo.

Voc vem a ui para alimentar os peixes Alimentar a cidade de Murk inteira á não basta

Estes clientes são silenciosos respondeu Ma lee, com a voz baixa. E olha.

Ela apontou e, logo abaixo da superfície, uma espiral rosa e prata fazia curvas amplas e sinuosas antes de retornar, cheia de esperança.

Ah disse Viv, surpresa.

Os peixes se moviam como um nico organismo e, ao virarem, a luz do sol banhava seus dorsos com um brilho reluzente.

Deve ter centenas deles.

Dorsos-de-p ssego. . Bem, tá esperando o u

Elas se revezaram despedaçando o pão, lançando nacos para os peixes e algumas gaivotas cora osas ue desceram para inspecionar o ue estava acontecendo. O som da água batendo no casco e os murm rios dos famintos dorsos-de-p ssego as embalaram.

s vezes, Viv parava para observar o rosto de Ma lee e como suas bochechas apertavam os olhos at uase fechá-los sempre ue um dos peixes aceitava seu pão. A dor na perna estava bem distante.

uando terminaram de saciar o apetite dos comensais marinhos na verdade, uando o pão velho acabou , Ma lee mexeu no cesto mais uma vez, pegando uma garrafa verde e dois copos de vidro.

uando alimentamos os peixes com o pão velho, fi uei achando ue teria um pãozinho fresco pra gente aí dentro observou Viv.

Ah, voc achou ue seria um *piquenique* Não. S uis te trazer a ui sozinha pra te embebedar.

Ma lee puxou a rolha sem esforço aparente e despe ou um lí uido transparente nos dois copos, e uilibrados no banco entre seus oelhos. Viv sentiu o cheiro de zimbro, ue a fazia pensar em guirlandas de solstício e neve.

Com as bochechas rosadas, Ma lee fez um brinde:

A encontros fortuitos.

A encontros fortuitos.

Viv bateu os copos e tomou um gole. O sabor seco desdobrou-se em sua língua em um festival de sabores herbais, seguido por uma onda de calor ue desceu at o centro de seu corpo.

O ue isso perguntou.

Gim respondeu a padeira, tomando um gole tamb m. Tem cheiro de inverno, mas gosto de verão.

Elas beberam, a atmosfera descontraída, e o calor do gim venceu o frescor da enseada sombreada. Viv podia imaginar a bebida a uecendo cada parte de seu corpo como água uente se misturando em uma tina fria. Sentia-se solta e vontade de um eito ue não acontecia fazia tempos.

Ela contemplou Ma lee, o álcool suavizando tudo. Observou os oelhos nus da aná sob a barra levantada da saia. A pele suave do pescoço, ue fez Viv pensar em Raleigh e Leena na caverna, e em como seria deslizar os dedos por baixo da blusa de Ma lee e traçar o contorno de sua clavícula.

O calor do gim transformou-se em um calor de outro tipo.

Então percebeu ue estava encarando a anã e corou mais ainda.

Então disse, pigarreando. Acomodou-se melhor, deixando as costas descansarem na popa. O barco se inclinou um pouco, mas não de forma perigosa.

Anos na estrada, voc disse. Ainda tem a uela maça

Ma lee tomou um gole preguiçoso de seu segundo copo de gim, e o canto de sua boca se curvou em um sorriso.

Está numa caixa lá em cima. Não consegui me livrar dela.

Então *talvez* voc ainda volte

Não. Nunca mais. Mas s por ue á deu para mim não uer dizer ue eu precise es uecer, certo s vezes sou meio sentimental.

Certo. Então me conte uma lembrança *boa*. Algo de ue voc sinta falta. Obviamente, não dormir no chão duro ou ueimar biscoitos.

Falando assim parece at ue estou velha disse Ma lee, erguendo o copo. Sua mercenária *bebê*.

Viv riu ao ouvir isso, e Ma lee girou o ue restava da bebida no copo, torcendo os lábios, pensativa. Depois de um tempo, disse:

Uma goblin. Cabelo ruivo, dentes afiados, bem padrão. Ela fez outra pausa, e Viv estava prestes a insistir uando a anã continuou: Enfim, estávamos ao sul de Cardus. Tinha um bandido, Voss, causando muita confusão, e a gente estava numa vila no meio do nada tentando rastrear o paradeiro dele para receber a recompensa. Acampamos entre um morrinho e o rio. Um dia, de manhã, eu estava levando as panelas pra raspar na água.

Os biscoitos ueimaram perguntou Viv, sorrindo.

 uem tá contando a hist ria Enfim, o rio na uela parte era meio largo, mas raso nas bordas, com muita vegetação na margem, e coberto por a uela neblina da manhã. E eu ali, areando a panela. Aí algo me diz pra olhar pra frente, e uando ergo a cabeça, lá está ela, na outra margem.

A goblin

. E soube na hora ue era do bando do Voss. Eles usavam umas braçadeiras vermelhas, uma bobeira s . E *ela* estava areando uma panela tamb m.

Viv soltou uma gargalhada.

Ela me olha ao mesmo tempo, e n s duas estamos ali agachadas, com água at os cotovelos, limpando depois de cozinhar. Voss devia estar logo ali al m do morro, s não perto o suficiente pra ouvir. E n s duas ficamos parada. O rio era fundo e largo demais no meio, não tinha como atravessar. A ponte mais pr xima ficava a uilômetros dali, e não tínhamos cavalos.

Viv a observou com os olhos estreitos, sentindo-se a uecida e contente.

E aí, o ue aconteceu

A gente ficou se olhando por, sei lá, um minuto, o ue não parece muito tempo, mas . Aí, como se tiv ssemos concordado ao mesmo tempo, voltamos a arear as panelas.

ouve outra pausa longa, en uanto Viv estudava o rosto de Ma lee e sua expressão nostálgica.

Acho ue foi ali ue percebi ue estava cansada da uela vida disse Ma lee. Mas tamb m não trocaria a uele momento por nada. Ainda me lembro do rosto dela.

Viv uase perguntou se Ma lee voltara a ver a goblin talvez se tivessem alcançado o bando de Voss. Será ue a campanha tinha dado certo Ficou se perguntando ual teria sido o fim da uela goblin.

Mas, no fim, achou melhor não perguntar.

18



Conforme a perna de Viv foi sarando, ela aos poucos começou a recuperar sua resist ncia. A rapidez com ue sentira o corpo ficar mais mole e lento lhe causava muita ansiedade, e de eito nenhum ela adiaria ainda mais o retorno ao seu preparo físico. Continuou o treinamento com o sabre atrás do Poleiro, mas tamb m passou a fazer caminhadas cada vez mais longas pelas colinas atrás de Murk. Era bem cuidadosa, respeitando os limites de sua recuperação, mas era met dica e persistente, e os pensamentos sobre o homem de cinza s aumentavam sua determinação.

Na uele dia, Viv plane ava chegar pela primeira vez ao topo do penhasco ue se elevava sobre a cidade, a uele com as pe uenas construç es ue não conseguiu identificar na primeira vez ue o avistou. Uma trilha de areia serpenteava por uma s rie de elevaç es cobertas de capim alto, tufos de cardos com flores roxas e árvores retorcidas pelo vento.

Viv apoiou boa parte do peso na perna em recuperação e, embora a dor fosse desagradável, nem se comparava s pontadas agudas de dias antes. Continuou usando o bastão de caminhada, mas apoiava-se cada vez menos nele.

O suor deixou a camisa grudada nas costas, e ela prendera os cachos escuros para ue a brisa esfriasse seus ombros.

Seu plano era subir sozinha, mas não foi o ue aconteceu. Com a mobilidade reduzida de Viv, Gallina nem precisava se esforçar para acompanhar seu ritmo.

Nada mau essa vista comentou Gallina, protegendo os olhos do sol com a mão.

Ela estava com as mangas dobradas e as botas penduradas no ombro pelos

cadarços, os p s descalços e su os de areia.

O badalar de um sino ecoava pela enseada, parecendo incrivelmente distante. Já passava do meio-dia, o c u estava claro e sem nuvens, a n voa da manhã havia muito dissipada, e Murk parecia cochilar no calor. Uma escuna repousava unto ao cais, como se exausta demais para zarpar. O marulhar distante das ondas se a uietou e tudo ficou em sil ncio.

Viv economizou o fôlego e seguiu em frente. Finalmente pensara em uma boa solução para carregar seu sabre. A bainha estava presa por um cinto atravessado nas costas, onde não atrapalhava seus movimentos.

Ao alcançarem o topo do penhasco, ela parou para observar o entorno. Sua perna tremia, mas aguentou. Parte da ueimação at era agradável, embora a dor late ante da ferida profunda ainda se fizesse presente.

um cemit rio comentou Viv.

Uma cerca baixa de ferro circundava o antigo cemit rio. As ervas daninhas cresciam tão altas do lado de dentro uanto fora, balançando com o vento ao redor das lápides e pilares. Ela avistou at alguns t mulos de an es, marcados por grandes pedras de uartzo.

Viv entrou pelo portão e encontrou uma pedra contra a ual se apoiou. ual uer inscrição á havia sido apagada pela chuva e pela maresia, então ela não se sentiu tão mal. Sua perna tamb m agradeceu.

Olhando para o norte, conseguia ver uma propriedade em uma colina alta. Era cercada por árvores muito antigas, não as coisinhas retorcidas e teimosas ue cobriam o resto da região, e o ue pareciam ser sebes, e muito bem cuidadas. Fern havia comentado ue elia Peregrina vivia perto de Murk. Viv ficou se perguntando se a uela era a propriedade dela.

Gallina examinou o cemit rio com um olhar c tico.

Parece uma má ideia, se uer saber minha opinião.

Voc tem algo contra *enterrar pessoas*

Tenho algo contra enterrá-las tão no *alto*. Olha s este lugar. tudo areia Um deslizamento feio e o vovô de algu m vai acabar lá no centro da cidade.

Viv olhou para as lápides.

Esses t mulos estão a ui há muito tempo. Acho ue, se isso fosse acontecer, á teria acontecido.

Mesmo assim. Mas enfim, não sobre isso ue eu ueria falar.

Ah, voc tinha uma pauta E eu pensando ue tinha vindo a ui para treinar e ue voc estava me acompanhando s para aproveitar o ar puro.

Ahhh, então voc *sabe* ue precisa de um parceiro de treino. Vai ficar

balançando sua espada no ar sozinha E uem mais voc vai chamar, Iridia

A gnoma testou a firmeza do solo do lado de fora da cerca, ue era rodeada por cardos ue iam at a borda arredondada do penhasco.

Viv pensou em explicar exatamente uanto tempo passava treinando sozinha, mas a conversa em círculos ue se seguiria se desenrolou em sua mente, e ela decidiu evitá-la.

Tá bem, agora fi uei curiosa. Voc ueria me perguntar algo sem ue ningu m mais ouvisse, então vamos lá.

Ma lee.

Viv a encarou, surpresa. Se fosse listar assuntos ue eram do interesse de Gallina, a uele estaria no fim da lista.

ã. Isso não uma pergunta.

Voc gosta dela, n

Eu Aonde voc uer chegar com isso

Viv tomou impulso para se desencostar da pedra, o fôlego á recuperado. Sua coxa tamb m á não tremia feito um animal prestes a fugir.

Bom, gosta ou não

E daí se eu gostar Está com *ciúmes* ou o u Não estou entendendo o ue voc uer.

Ci mes Não. Gallina se virou para olhá-la, as mãos na cintura. Respirou fundo e disparou: S estou tentando te entender. Voc passa o dia numa livraria, toda dedicada, pelo ue deu pra ver. Pintando portas. Vendendo livros. E sai para passear noite com a padeira, uase de mãos dadas. Está pensando em *ficar*, Sossegar, criar raízes

Viv franziu a testa.

Acabei de subir at este penhasco para ficar balançando uma espada. O ue voc acha

isso ue não consigo entender. Ela sabe ue voc vai embora perguntou Gallina, tentando manter um tom casual, mas havia uma intensidade no olhar dela ue não passou batida por Viv.

Claro ue sabe. Por ue voc está tão interessada nisso Está com medo de perder a chance de se untar aos Corvos se eu decidir ficar

A gnoma a encarou.

S estou pensando em como ser deixada para trás. S isso. Ela parece legal.

Viv devolveu o olhar com seriedade.

Ma lee não foi algo plane ado. Ela sabe uem eu sou. Para onde eu vou. Viv pensou no ue a aná tinha dito sobre anelinhas e as pessoas ue voc podia ver

atrav s delas, mas achou ue não conseguiria fazer us ao discurso. São duas pessoas com os olhos bem abertos, simplesmente se divertindo por algumas semanas. Eu uase nunca passo muito tempo com *ninguém*. Ela balançou a cabeça. Sabe, nunca imaginei ue teria esta conversa.

. , bom Gallina pigarreou e chutou um pouco de areia. S ueria saber mesmo.

Viv estava perplexa. Sabia o ue estava fazendo, e Ma lee tamb m. Não havia mentiras ou segredos. Então por ue as palavras de Gallina a incomodavam

Bem, a maneira mais rápida de superar o incômodo era venc -lo com força bruta.

Encostando o bastão na cerca, Viv tirou a sandália e a bota. Puxou o sabre da bainha e, mantendo-o baixa, pisou com cuidado na área aberta e coberta de areia.

Acho ue este lugar vai servir. Eu respondi sua pergunta

Gallina franziu os lábios.

Aham. Não da minha conta, n

Ei disse Viv. Olhe para mim.

A pe uena gnoma assim fez.

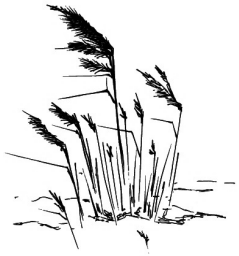
Os deuses sabem bem ue sou muitas coisas, mas acho ue não sou babaca. E acho ue isso ue voc ueria saber de verdade, não

Viv esperou at Gallina encará-la de volta e, ap s alguns momentos, a gnoma assentiu. Viv teve a estranha sensação de ue as duas haviam entrado em foco uma para a outra, como uando voc pisca para afastar o sono depois de um despertar demorado.

Abaixando-se cuidadosamente em uma postura defensiva, Viv iniciou a deliberada dança do sabre, sentindo os m sculos se contraírem e relaxarem, o peso do aço e uilibrado por centenas de contraç es do corpo.

Ap s alguns segundos, Gallina sacou duas de suas facas e começou uma dança paralela, muito diferente, mas, no fundo, feita de passos bem semelhantes.

19



Sem bastão ho e

As sobrancelhas de Fern se ergueram em surpresa.

Não tive ue andar muito respondeu Viv. Trouxe o almoço.

Não tá meio cedo pra isso perguntou a ratoide, desconfiada.

Pra almoçar Ah, a *perna*. Viv deu de ombros. Confio no meu corpo para me dizer o ue aguenta. Tenho ue prestar atenção nele antes de ouvir ual uer outra pessoa. Viv colocou um embrulho de papel no balcão, al m de uma pilha de livros. Al m disso, falei com ighlark ontem. Ele refez o curativo e resmungou bastante, mas acho ue dessa vez estava irritado por ue está sarando *bem*.

E por ue isso o deixaria irritado perguntou Fern, examinando o embrulho.

Ningu m gosta de exibidos respondeu Viv, com um sorriso ue sabia ue irritaria o elfo, caso ousasse mostrá-lo em sua presença. Ainda mais cirurgi es.

E o ue isso a ui, hein

Fern passou os dedos pelo barbante preso no pacote.

Ma lee disse ue experimentou uma receita do livro gnômico. s o ue eu sei. Vamos abrir.

Fern não precisou ouvir o comando duas vezes e desamarrou o laço caprichado. Sob o papel, havia vários folhados com cortes na parte de cima, de onde brotava geleia de frutas. Ela pegou um e deu uma mordida.

Pelos oito infernos murmurou. Se voc gostasse da Ma lee s pela

comida, eu nem te culparia.

Todo mundo tem uma opinião sobre isso, não resmungou Viv, corando de leve.

Voc pode bei ar uem uiser. Voc s são adultas. *Eu* s fico feliz pelos benefícios colaterais. Fern deu um tapinha nos livros com a pata. Já acabou esses

Fern retirou um livro de debaixo do balcão e o colocou ao lado da pilha de Viv.

Eu estava esperando o momento certo pra te passar este a ui. Acho ue voc está pronta.

Viv passou o polegar pela capa encadernada em tecido verde.

A lente e o dapplegrim

um mist rio.

Então voc não sabe sobre o ue

Não, o g nero. O livro *sobre* um mist rio e como ele resolvido.

E precisa de tanta página pra isso

Fern riu.

Bem, tamb m sobre o investigador, e ele um dos meus favoritos. Acho ue voc pode se identificar. um velho mercenário cale ado ue perdeu a perna. E tem uma companheira esperta, ue uímica.

Então eu deveria me identificar com o personagem velho e cale ado , falou Viv, fingindo estar ofendida.

A ratoide mostrou a língua e deu um tapa no braço de Viv.

Eu á te dei alguma sugestão ruim E se gostar Bem, tem mais de onde esse veio. Ela deu outra enorme mordida no folhado e fechou os olhos com prazer en uanto mastigava. uando engoliu, elogiou, murmurando: Porra.

Viv soltou a fivela da bandoleira ue cruzava seu peito e a deixou atrás do balcão. Fern nunca dissera nada, mas parecia se sentir mais confortável com a espada por perto, o ue fazia Viv sentir uma mistura complicada de orgulho e culpa. Elas não falavam do homem de cinza com fre u ncia, mas tamb m não o haviam es uecido.

uando Viv se endireitou, afastou alguns cachos do rosto.

Olha, faz um tempo ue eu ueria conversar com voc .

Fern pausou antes da pr xima mordida.

Parece s rio.

Viv suspirou.

uanto mais o tempo passa, mais eu fico incomodada com essa situação. Em ficar a ui sentada na sua lo a, pegando seus livros emprestados. Varrendo e pintando as coisas ue voc não alcança. uanto trabalho ainda tem pra fazer Não gosto de

me sentir in til.

Mas voc *não*

Viv ergueu a mão.

Eu sei o ue voc vai dizer. Eu entendo. Mas, s rio, me diga, como as coisas *realmente* andam por a ui uando nos conhecemos, voc tinha certeza de ue o navio ia afundar. A minha sensação ue estou esfregando o conv s en uanto voc tira água. E não gosto disso.

Fern alisou o fecho ue prendia sua capa. Era um ti ue nervoso ue Viv á reconhecia.

A lo a vai sobreviver *um pouco mais*. Anda melhor ultimamente. Um pou uinho melhor. Mais movimento. Mais vendas. Pareciam palavras dolorosas para Fern. ouve uma longa pausa en uanto ela organizava os pensamentos. Mas, em certo sentido, nunca esteve melhor. Tem estado melhor *pra mim*. Ter voc a ui me a udou a me reconectar com o motivo de fazer o ue faço. Com o motivo de á ter amado fazer isso. Não sei se consigo explicar, mas ver voc lendo minhas indicaç es, colocar um livro nas suas mãos e ver o ue acontece uando voc devolve Não consigo explicar como isso me traz algo ue eu nem sabia ue precisava.

 uando ela fez sil ncio, Viv teve a sabedoria de respeitá-lo.

Voc me a uda a lembrar por ue me dou ao trabalho de fazer isso terminou Fern, uase em um sussurro.

Outro longo sil ncio se seguiu.

Viv assentiu.

Certo. ue bom. Tenho a sensação de ue estou me aproveitando, mas não sou burra de duvidar de voc . Mas em mais algumas semanas, *no máximo*, eu vou embora. Então talvez eu possa a udar com outras coisas, para manter o barco de p por mais tempo Estou acostumada a fazer a diferença de um eito concreto, com as minhas pr prias mãos. Posso fazer isso, por favor

Eu sei ue com isso ue voc está acostumada respondeu Fern. Mas voc não precisa usar as mãos pra fazer a diferença.

Talvez não. Viv esboçou um leve sorriso. Mas bem til uando voc precisa pintar a parte de cima da porta.

Fern deu de ombros, resignada.

Certo, eu vou

A porta se escancarou, e Gallina entrou correndo.

Ah, graças aos Oito, voc está a ui. Anda, Viv, voc precisa ver isso disse, ofegante.

Ver *o quê*

ele respondeu a gnoma, os olhos arregalados.

Viv não precisou de mais explicaç es. Pegou o sabre pela bainha sem se dar ao trabalho de prender a bandoleira. Foi então ue notou o olhar de Fern.

Fi ue a ui disse, completamente alerta.

Ele estava morto. Bem morto.

Era mesmo o homem de cinza, caído entre uma duna e um galpão de madeira em ruínas. Se as roupas desbotadas não fossem suficientes para identificá-lo, de perto o cheiro frio, seco e metálico era evidente.

Foi *você* ue o matou

Viv prendeu o sabre nas costas e se agachou ao lado do cadáver, examinando a areia. Mas os rastros eram confusos e não davam pistas. O vento tamb m não a udava.

Pelos deuses, não exclamou Gallina. Ele á estava assim uando encontrei. uer dizer, não fui *eu*. uem encontrou o cara foi a uele orc com a carroça.

Pitts

Eu lá sei o nome dele uantos orcs com carroças voc acha ue tem em Murk

O sangue do homem manchava a areia, e o manto acinzentado ondulava rente ao chão, balançando como se tivesse vida pr pria. Acima, o c u escurecia, e a brisa carregava o cheiro de uma tempestade.

Para onde Pitts foi

Não perguntei. Saiu correndo por ali.

A gnoma apontou para os muros da fortaleza.

Viv suspirou.

Deve ter ido atrás dos Guardi es dos Port es, ou se a, Iridia. Merda.

Bom, não fomos *nós* ue matamos o cara, então não sei por ue isso seria um problema. Infernos, a gente devia estar aliviada, não

Viv olhou para ela de relance.

Depende muito de uem o matou, e por u , não acha E se ele estava sozinho. Afinal, uem o tirou da uela cela

Por instinto, ela se levantou, encaixou o p bom debaixo de uma das axilas dele e o virou de frente.

O rosto estava inexpressivo, os olhos pálidos olhando para o vazio. Ele podia estar dando um passeio noturno, a ulgar pela expressão.

Ela se agachou de novo, grunhindo ao sentir a pontada de dor na coxa, e ogou o manto dele para o lado. A pedra mágica estava presa ao cinto, assim como uma bolsa de moedas, ambas estranhamente deixadas para trás. Viv arregaçou as mangas dele at os cotovelos.

O ue voc tá fazendo

Gallina se aproximou para ver melhor, uma adaga na mão, como se o homem pudesse se levantar e atacá-las. Considerando o ue Viv estava procurando, achou a precaução sensata.

Ela não respondeu. Em vez disso, puxou a camisa ensanguentada e rasgada at o pescoço. O arfar ue soltou em seguida nada tinha a ver com sua perna.

Alguns centímetros acima do ferimento ue o matara, gravado na pele abaixo da clavícula, havia um diamante com galhos semelhantes a chifres.

O símbolo de Varine, a Pálida.

Merda disse Viv.

O u A voz de Gallina tremia de ansiedade. Voc está me assustando.

Viv se levantou e olhou para a gnoma.

 avia mais alguma coisa a ui Uma mochila A *bolsa* dele

Não, nada O ue esse símbolo

Viv suspirou.

 de Varine. Ele era um dos dela.

Da necromante Mas ele não está *morto* uer dizer, agora está, mas antes ele Gallina bufou de exasperação. Voc sabe o ue eu uis dizer

Nem todos os seguidores dela são inumanos disse Viv em um tom sombrio. Revire a areia. Ve a se a bolsa dele está caída por a ui. Ela subiu a duna com dificuldade e espiou os muros da fortaleza lá de cima. Não viu Guardi es vindo, pelo menos por en uanto. Se ainda estiver por a ui, uero achá-la antes ue Iridia chegue.

Por u

Por ue acho ue isso ainda não acabou, e não confio ue ela vá ouvir uma nica palavra do ue tenho a dizer.

As duas vasculharam a área, revirando a areia e as moitas, at ue Viv pensou em examinar o galpão. A estrutura parecia inclinada como se enfrentasse uma ventania forte, com buracos se abrindo nos cantos onde a madeira se soltara.

Ela contornou o galpão, investigando as sombras e possíveis esconderi os at ue parou de repente. Um brilho suave emergia da escuridão.

Achou alguma coisa perguntou Gallina, claramente tensa, vindo pelo outro lado da construção.

Acho ue sim respondeu Viv, a oelhando-se de novo e á se arrependendo da rigidez ue isso provocaria no dia seguinte. Enfiou a mão no espaço escuro e pegou a bolsa de couro desgastada, com as ferragens de cobre ue refletiam a luz. Ele escondeu isso a ui de *alguém*.

Vozes se aproximando ficaram mais altas ue o farfalhar da grama e da areia.

Viv enfiou rapidamente a bolsa no espaço escuro e se levantou.

Gallina abriu a boca para comentar, mas entendeu antes ue Viv dissesse ual uer palavra. Gallina assentiu.

Depois disse ela.

Depois concordou Viv.

Juntas, elas avançaram em direção aos Guardi es ue se aproximavam.

20



claro ue eu ia encontrar voc s duas a ui disse Iridia.

Ela olhou para ambas, parada do outro lado do cadáver. Nuvens de tempestade se aglomeravam no c u, e rel mpagos distantes tocavam o mar. Dois Guardi es a flan ueavam, en uanto o anão Luca, o guarda noturno, examinava o corpo e vasculhava os bolsos do homem.

Viv cruzou os braços e devolveu o olhar feio.

Sei como isso vai acabar. Agora voc vai decidir ue tivemos algo a ver com a morte dele, sacudir o sabre, reclamando ue estamos causando confusão na sua cidade, e nos ogar na uela cela de novo, certo

A tapenti encarou Viv com um olhar p treo.

Não. Na verdade, isso a ui um problema a menos para mim. E voc s claramente não o mataram.

Viv teve ue admitir ue ficou surpresa, e parte da tensão em seus ombros se dissipou.

Claramente perguntou Gallina, com as mãos nos uadris, parecendo ofendida.

Iridia bufou e soltou uma risada.

Ele ainda está com a pedra mágica. Uma orc com certeza não ia se esgueirar para atacá-lo por trás, e o ferimento ue o matou fica alto demais no corpo para ue *você* fosse a responsável. Al m disso, não acho ue nenhuma de voc s duas se a burra o suficiente para ficar perto do cadáver de algu m ue acabou de assassinar. Ela ar ueou a sobrancelha escamosa. Devo rever minhas conclus es

Gallina parecia prestes a responder, mas Viv foi mais rápida:

Pode at ser um problema a menos, mas tenho certeza de ue há outros por vir.

O vento aumentou, enviando redemoinhos de areia pelas dunas. Gaivotas grasnaram e fugiram em direção s muralhas da fortaleza. Iridia se a oelhou ao lado do cadáver para examiná-lo.

 claro ue pretendo encontrar uem o matou, se isso ue está insinuando.

Olhe debaixo da camisa dele.

A capitã dos Guardi es dos Port es empurrou Luca para o lado e puxou a t nica at o pescoço, então examinou o desenho gravado na pele, estreitando os olhos.

Eu deveria reconhecer esse símbolo

 a marca de Varine.

Iridia se virou para Viv, na mesma hora em alerta.

Então ele *é* um dos homens dela

Não tenho a menor d vida. Então, por ue ele estava a ui Era um batedor Isso significa ue Varine está vindo nesta direção Sei lá. Mas, gostando de Murk tran uila ou não, pode se preparar para s rios problemas em breve.

Pode muito bem ser um desertor disse Iridia, mas não parecia convencida. avia mais alguma coisa por a ui Ele estava com uma bolsa antes.

Não mentiu Viv com uma leve apreensão. Por u avia algo de especial nela

Iridia não tinha sido tão desdenhosa uanto Viv esperara, mas ela ainda não confiava na tapenti. uando ela e Gallina tivessem tempo de investigar o conte do da bolsa do homem de cinza, poderiam encontrá-la inesperadamente, se necessário.

Iridia observou Viv.

Nada ue parecesse importante na hora.

Pouco a pouco, pesadas gotas de chuva pontilharam a areia, e o vento uivou pelas brechas do galpão.

Infernos disse Iridia com frustração sincera, batendo as mãos nos oelhos e se levantando. Então ordenou aos Guardi es: Enrolem o manto nele e vamos levar essa bagunça para dentro das muralhas antes ue a chuva piore.

Olhando de Viv para Gallina, ela acrescentou:

Acho ue a minha vez de imaginar o ue vão dizer. Voc s estão pressupondo ue vou ignorar a possibilidade de Varine aparecer na minha porta. Fingir ue isso nunca aconteceu. Como em algum conto barato de um bardo, certo A pomposa e est pida Guardiã dos Port es ue não consegue ver nem o ue está debaixo do

pr prio nariz

A surpresa de Viv devia ter transparecido, pois Iridia sorriu pela primeira vez desde ue a conhecera. Não era bem um sorriso agradável, mas tinha certo humor.

Fico feliz em desapontá-las. Levo as ameaças minha cidade muito a s rio. Mas permitam-me cumprir pelo menos uma de suas previs es. Ela apontou para elas. uero ue *vocês* fi uem fora disso. Inclusive, melhor se eu nunca mais vir nenhuma das duas.

A tapenti estalou os dedos para o anão, ue aparentemente ainda estava pagando o preço de sua suposta neglig ncia no trabalho.

Luca, examine melhor a área. uero encontrar a uela bolsa. A chuva pode acabar estragando.

Ele olhou para a tempestade ue estava prestes a cair.

ã, uanto tempo devo

At achar ue eu ficaria satisfeita respondeu Iridia, seca.

Então ela deu as costas e seguiu os outros dois Guardi es de volta s muralhas da fortaleza.

A chuva chegou com força, fria e determinada.

Infeliz, Luca começou a procurar pelas dunas e pelo capim, en uanto Viv e Gallina corriam para buscar abrigo, rezando aos Oito para ue o anão não fosse melhor na uela tarefa do ue tinha sido como vigia noturno.

Elas esperaram no calçadão de madeira do lado de fora da lo a de uin uilharias sempre fechada, observando a estrada para Murk en uanto a tempestade se formava e soprava costa adentro. Gotas de chuva chicoteavam sob os beirais, atingindo o rosto e os braços descobertos das duas. O mar e os ancoradouros sumiram em meio ao aguaçal e n voa ue se erguia das ondas.

Luca deve estar uase morrendo afogado disse Gallina. At me sinto meio mal por ele.

Pois eu vou me sentir ainda pior se ele encontrar a uela bolsa respondeu Viv, agarrando o corrimão do calçadão com força suficiente para faz -lo ranger.

Finalmente, Luca apareceu entre duas dunas, tropeçando apressado em direção s muralhas da fortaleza, de cabeça baixa. Seu lampião balançava na lateral do corpo, a chama fraca protegida pelo vidro.

Consegue ver se ele encontrou perguntou Viv, ansiosa.

Gallina protegeu os olhos da chuva como se isso pudesse melhorar sua visão.

Não, não dá. Está muito longe. S tem um eito de descobrir. Ela olhou para Viv. Voc fica a ui, perneta. Vou lá olhar.

Viv abriu a boca para protestar, mas Gallina disparou pelo calçadão e correu contra vento, as mãos cobrindo a cabeça para se proteger da chuva pesada.

Ela desapareceu atrás da fileira de construç es do outro lado do calçadão, pulando com agilidade as poças ue aumentavam nos pontos em ue a areia compactada não absorvia a água.

Viv tamborilava os polegares no corrimão, inclinando-se para fora e deixando a chuva molhá-la mais. Olhou para a perna ferida e cogitou ir atrás de Gallina, mas controlou a impaci ncia como pôde. Ainda assim, estava demorando demais.

Mas ue infernos, voc não lembra onde guardei murmurou Viv para si mesma.

Então, Gallina surgiu do outro lado dos pr dios e, mesmo dist ncia, Viv viu o sorriso da gnoma, ue segurava a bolsa contra o peito, os braços protegendo-a da chuva.

Finalmente, pingando no calçadão, Gallina tirou a bolsa do ombro e espanou a areia mida. Tirando os cabelos molhados dos olhos, resmungou:

Se a ui dentro tiver s uma muda de roupa, vou ficar fula da vida.

Ai, graças aos Oito exclamou Fern uando as duas entraram na lo a, Viv pingando e Gallina encharcada. Paio piou ansiosamente e correu em círculos ao redor delas, agitando as asinhas. O ue diabos aconteceu

Bem começou Viv. Voc não precisa mais se preocupar com nosso amigo de cinza. Nem voc , nem ningu m.

Morreu

Morreu bem morrido respondeu Gallina, tentando ao máximo bater a areia molhada das botas.

Por ue demoraram tanto Fern correu at elas. E o ue isso *dele*

Ela apontou para a bolsa mida.

uma longa hist ria respondeu Viv. Tivemos ue nos es uivar de Iridia primeiro.

E sim, dele confirmou Gallina com um sorriso triunfante. Preciso saber o ue tem a ui dentro, e como fui eu ue mais me molhei, acho ue mereço a honra.

Ela seguiu at as poltronas e colocou a bolsa na mesinha ao lado. O grifete a

seguiu, o rabo curto uase vibrando de interesse. O lampião na parede pareceu chiar mais alto, como se atiçado por uma brisa errante.

S tome cuidado advertiu Viv.

Gallina lhe lançou um olhar de reprovação.

Com um floreio, a gnoma soltou a fivela da bolsa e ogou a aba para trás com um rangido de couro. Ela abriu mais a parte de cima e espiou o interior, franzindo a testa.

ue porcaria essa

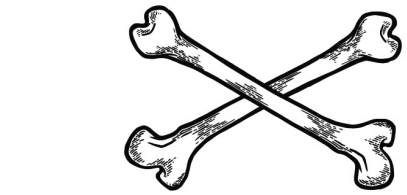
O ue foi

Fern se aproximou para ver melhor.

Gallina enfiou o braço e puxou um ob eto longo, irregular e pálido.

s um monte de *ossos*.

21



S isso Viv inclinou-se para mais perto. Tem certeza

Peraí respondeu Gallina, e Viv podia urar ue o braço dela estava enfiado at o ombro dentro da bolsa, o ue não deveria ser possível. Tem mais coisa a ui

Ela grunhiu como se esticasse os dedos para tentar alcançar algo, mordeu o lábio e, em seguida, puxou um frasco de vidro.

Fern examinou o osso ue a gnoma tirara da bolsa primeiro, inclinando-o luz do lampião.

Isso o ue eu acho ue

Gallina levantou o frasco de vidro fechado com uma rolha e o sacudiu.

Tem alguma coisa a ui dentro. Parece areia. uem ue carrega ossos e um frasco de areia

Bem, temos uma necromante envolvida na hist ria Talvez o su eito usasse para coisas de necromantes sugeriu Viv, sem ter certeza.

A ratoide notou o frasco.

Eu não acho ue isso se a areia.

Achei ue Varine fosse a necromante. Gallina entregou o frasco a Fern e continuou vasculhando a bolsa. O defunto andava por aí carregando ossos pra Varine ue trabalho mais merda, hein Talvez ele tenha mesmo ogado tudo pro alto. Devia estar entediado. Ei, tem outro a ui disse ela, pegando outro frasco id ntico na bolsa.

Destampando o ue tinha em mãos, Fern cheirou, os bigodes tremelicando.

Com todo o cuidado, ela virou alguns grãos na pata e os cutucou com a garra do polegar.

Eu estava certa, não areia. p de ossos.

Viv suspirou.

Bem, isso foi uma perda de tempo, não Tanto trabalho por um monte de lixo.

Fern despe ou os grãos de volta no frasco com todo o cuidado, tampou e então olhou ao redor da lo a com uma expressão pensativa.

O u uestionou Gallina, tirando o cabelo molhado dos olhos mais uma vez. Voc teve uma ideia, n Tá na cara.

A ratoide ignorou a pergunta, perdida em pensamentos en uanto desaparecia atrás de uma das estantes, ainda segurando o frasco.

Viv e Gallina espiaram para ver aonde Fern tinha ido e a encontraram na ponta dos p s, correndo a garra pelas lombadas de um con unto de grandes volumes encadernados em couro, escondido em um canto dos fundos da livraria.

Tenho certeza de ue está a ui em algum lugar murmurou Fern. Arrá Ela pinçou um dos livros e o deslizou para fora da coleção, segurando-o desa eitadamente com o braço ue ainda carregava o frasco. Merda ue peso

En uanto Fern carregava o livro at o balcão, Viv flagrou Paio roendo um dos ossos, bicando ruidosamente. Ela revirou os olhos e o deixou continuar. Pelo menos teria serventia para algu m.

Cad voc , meu cacete sussurrou Fern en uanto folheava as páginas finas como casca de cebola.

Viv á tinha notado ue ela ficava ainda mais boca su a uando murmurava para si mesma. Gallina e Viv se entreolharam, deram de ombros e esperaram em sil ncio at ue Fern finalmente bateu um dedo em uma passagem e disse:

Ahá Eu sabia.

Então *não* s um monte de lixo

Fern abriu um sorriso triunfante para Viv.

Acho ue depende se funciona ou não. Osseoscrição

Nunca ouvi falar disse Gallina.

Não me surpreende, mas Porra Paio, não gritou Fern, s então notando o novo brin uedo do grifete.

Paio piou de maneira pesarosa, o osso atravessado no bico aberto, e, muito a contragosto, largou-o no chão. Ainda por cima deu uma ltima lambida antes de recuar.

Traga isso a ui ordenou Fern bruscamente.

Viv fez menção de pegá-lo, mas Gallina foi mais rápida.

Sua perna á deve ter passado por coisa suficiente ho e, não Sua expressão se transformou em uma careta de no o. Ah, infernos, tá todo babado.

Fern pegou o osso e o secou na bainha do manto antes de ergu -lo outra vez, girando-o sob a luz.

Estão vendo isso a ui Olhem com atenção. São min sculas.

Viv se aproximou, estreitando os olhos.

São palavras

Pe uenos ris uinhos tinham sido feitos no osso, em longas linhas sinuosas ue davam a volta no osso e terminavam em floreios perto das pontas arredondadas.

Gallina ficou na ponta dos p s para tentar enxergar, mas desistiu e foi pegar outro osso da bolsa.

ã. Tem mesmo coisa escrita.

Osseoscrição repetiu Fern. um tipo de encantamento de animação, permanentemente gravado nos ossos. Dificílimo de fazer, ou pelo menos o ue diz a ui.

Não parece muito animado observou Gallina, batendo o ue parecia ser uma ulna na palma da mão.

Fern levantou o frasco.

Não funciona sem um catalisador. P de ossos. Um p imbuído de grande poder ue ativa as inscriç es.

E depois perguntou Viv. Voc coloca uma pitada deste troço em uma pilha de ossos e ganha um *inumano* Então o ue está dizendo ue deveríamos manter essas duas coisas o mais longe possível uma da outra

Não um inumano. Pelo menos não o ue parece. Bem, o livro chama de hom nculo de ossos. um tipo de assistente

Gallina franziu a testa.

Assistente do u De esfa ueamento

Os olhos de Viv se arregalaram.

Talvez o tipo de assistente ue te tira de uma cela de prisão.

Ah, isso explicaria muita coisa disse Gallina.

Bem, eu acho ue a gente devia tentar exclamou Fern, os olhos brilhando de empolgação.

Viv e Gallina se entreolharam.

Não *a gente* ue deveria não ter uízo perguntou a gnoma.

Então vão fingir agora ue não uerem saber rebateu Fern.

Viv franziu a testa.

Bem

Não isso ue voc s fazem E daí, se acabar virando um inumano Não dá pra voc , sei lá ela golpeou o ar com uma arma imaginária dar uma espadada nele

Por alguns momentos, Viv sentiu uma necessidade incômoda de ser a voz da razão, mas, no fim, preferiria ir para os oito infernos a deixar a oportunidade passar.

Tudo bem disse, tentando manter um tom de deliberação paciente. Mas primeiro vamos nos preparar.



No fim, elas abriram espaço na lo a, empurrando as poltronas e a mesa lateral para um canto, enrolando o tapete e trancando Paio no dep sito dos fundos. Ele expressou seu desagrado com uma s rie de piados melanc licos.

A bolsa foi posicionada, aberta, bem no centro da lo a. Parecia mais prudente manter os ossos afastados das paredes, caso isso lhes desse alguma vantagem se as coisas dessem errado.

Viv e Gallina discutiram sobre uem aplicaria o p , mas, no fim, a escolha foi bvia, á ue Viv tinha experi ncia enfrentando as criaturas antes.

E aí, uanto eu devo colocar perguntou Viv em voz baixa.

Por ue voc tá cochichando sibilou Gallina.

Fern deu de ombros e respondeu:

Não faço ideia. O livro não um manual de instruç es. Comece com s uma pitada, talvez

Uma pitada, então ecoou Viv.

Ela recuou o máximo ue pôde e inclinou o frasco, dando batidinhas com o indicador para espalhar uma uantidade mínima de p na bolsa aberta como se estivesse salgando uma tigela de sopa.

Afastando-se depressa, Viv prendeu a respiração e esperou. Elas esperaram.

Por um longo tempo, nada aconteceu.

Viv estava prestes a colocar outra pitada uando a bolsa se mexeu, e as tr s se sobressaltaram.

As laterais de couro se flexionaram e se contraíram, como se a bolsa estivesse respirando. Um delicado som de ossos chacoalhando vinha de seu interior.

Como lagartas pálidas, os ossos das falanges de uma das mãos se ergueram pela borda da bolsa, movendo-se at ue os ossos do pulso e do antebraço se encaixaram atrás delas.

Viv apertou o cabo do sabre.

Um trovão sacudiu as anelas, e o vento uivou sob os beirais.

Viv e Gallina estavam com as armas a postos, e a mão se curvava por cima da lateral da bolsa para explorar as tábuas do assoalho. Ela tateou, depois cravou a ponta dos dedos no chão e puxou. A bolsa tombou de lado, derrubando uma uantidade impossível de ossos, muito mais do ue deveria caber ali.

Fern arfou de surpresa e recuou en uanto Paio começava a piar e latir ainda mais alto.

Com um leve chacoalhar, os ossos derrubados se ergueram at formar pernas, uma caixa torácica e braços. En uanto os metacarpos da mão es uerda ainda se encaixavam no lugar certo, o hom nculo á estava pegando o cr nio dentro da bolsa, encaixando-o no pescoço. Dois pe uenos chifres saíam de sua testa.

Os ossos eram perolados e limpos, e linhas azuis percorreram o es ueleto, brilhando por um instante antes de desaparecerem. Chamas azul-cobalto ardiam no interior das rbitas oculares.

Um longo suspiro escapou de algum lugar pr ximo mandíbula. O es ueleto examinou sua mão es uerda, ue estava sem um dedo, e massageou o ar no ponto onde sua ulna direita deveria estar.

O braço do sabre de Viv permaneceu a postos, mas a criatura tinha metade da altura dos inumanos ue ela á enfrentara, e parecia delicada. Acima de tudo, por m, não tinha o mesmo *cheiro*. O ar estava impregnado com um odor de raios e poeira ueimada, mas a uele fedor g lido de sangue e inverno não estava presente.

ue porra essa sussurrou Gallina.

O hom nculo olhou para cada uma delas antes de fixar o olhar em Viv. Inclinou a cabeça com curiosidade e fez uma rever ncia.

Minha Senhora. Sua voz era oca, como se viesse de dentro de uma chamin , e completa e inexprimivelmente *triste*. Eu existo para servir.

Eu *sabia* gritou Fern.

22



O ue voc perguntou Viv, embora fosse evidente ue ele, tão pe ueno e desarmado, não era um inumano. Ainda assim, ela não abaixou a l mina nem um centímetro.

Ele a encarou com as chamas azuis e indecifráveis em suas rbitas.

Sou o hom nculo da Senhora. Ele envolveu a palavra com algo parecido com rever ncia. Ou talvez medo

A Senhora Voc uer dizer Varine

A criatura a oelhou de repente e levou os n s dos dedos ossudos testa.

A Senhora sibilou em um sussurro oco e in uietante.

Acho ue isso responde pergunta murmurou Gallina. Então, mais alto: Voc vai atacar a gente ou algo assim

O hom nculo se ergueu.

Eu existo para servir repetiu, hesitante.

Servir *a quem*

Gallina agitou a adaga em sua direção, ameaçadora, embora Viv não achasse ue a l mina fosse ser muito til contra um monte de ossos sem sangue para ser derramado. Seu sabre ao menos poderia desmontá-lo, caso ele se mostrasse uma ameaça. Por algum motivo, por m, ela não achava ue seria o caso.

O es ueleto estendeu a mão na direção de Viv.

 uela ue me despertou respondeu.

Fern avançou cora osamente em direção ao hom nculo, e Viv ergueu a mão para tentar impedi-la.

Calma Espere at

A ratoide balançou a mão, desdenhosa.

Ele não vai machucar ningu m, não tá vendo Então, dirigindo-se criatura es uel tica: N Voc não vai machucar a gente, n

Ele balançou a cabeça e entrelaçou os dedos ossudos diante de si. Realmente não parecia ameaçador. A voz sepulcral e o tom cort s pareciam anti uíssimos, mas algo em seu comportamento era uase inocente.

Como devemos chamar voc perguntou Fern, estudando-o com interesse aguçado.

A Senhora me chama apenas de Alfor e.

Ela te deu o nome de uma *bolsa* exclamou Gallina, enfiando a adaga de volta na bandoleira. Sua indignação indicou uma mudança na atmosfera.

Viv tamb m embainhou o sabre e olhou a pobre criatura de cima a baixo.

Então voc me serve Mas *também* Senhora

Os dedos de Alfor e vibraram de nervoso

Esforçar-me-ei para servir a ambas, minha senhora, com toda a minha capacidade.

Voc tem ue fazer o ue eu mando perguntou Viv.

O semblante de Fern ficou sombrio com a pergunta, e ela lançou um olhar duro a Viv.

Sim. Mas tamb m não disse Alfor e, seu nervosismo aumentando.

O ue voc uer dizer com isso perguntou Fern.

Alfor e apontou para o frasco ue Viv ainda segurava na mão es uerda.

Sem o p , eu não existo. Desobedecer a uem me desperta deixar de ser. Esta a verdade ue me acorrenta e, assim, acorrenta minha vontade.

Então, voc at *pode* desobedecer, mas se fizer isso, não vai despertar novamente perguntou Viv ao examinar o conte do do frasco.

O hom nculo assentiu.

ue horror disse Fern, e a aus ncia de palavr es ressaltou o uanto sua repulsa era profunda.

Por ue voc está a ui Por ue não está com Varine insistiu Viv.

Fui levado. Alfor e pareceu assustado. Balthus me roubou da Senhora, e eu não fui a nica coisa ue ele levou. Ela estará muito furiosa uando o encontrar.

Balthus perguntou Gallina. Um su eito bem pálido, ue usa cinza Algu m á cuidou disso para ela. Ela passou o dedo pela garganta e esticou a língua. Ele bateu as botas.

Morto perguntou Alfor e. Com um tom esperançoso, Viv achou. Não

duvido ue ela tenha mandado um lacaio capturá-lo.

Ah, se a lá o ue foi, capturou o cara pra valer disse Gallina.

Algo estava incomodando Viv.

Voc á nos viu antes, não viu

Vi, minha senhora. Não imaginei ue veria novamente.

Você deve ter soltado o su eito, esse tal do Balthus, da cela. Infernos, isso explica muita coisa refletiu Viv em voz alta. Ainda assim, por ue ele estava a ui, para começo de conversa

Estava fugindo da Senhora. Escondendo-se. Ele falou do mar respondeu o hom nculo.

Devia ter corrido para pegar um navio, então. Se não tivesse perdido tempo bisbilhotando livrarias, talvez ainda estivesse vivo. Tem algo estranho nessa hist ria.

Alfor e permaneceu em sil ncio.

Viv balançou a cabeça.

Bem, vou dizer o ue realmente precisamos descobrir. Ela mandou algu m atrás de Balthus. Varine sabe onde *você* está Está vindo para cá

Alfor e ergueu as mãos em um gesto muito humano de impot ncia.

Não tenho como dizer, minha senhora.

Ela franziu a testa.

Voc não sabe ou não pode dizer

Não tenho como dizer repetiu, infeliz. Devo guardar os segredos da Senhora.

Ela o aprisionou de alguma forma sussurrou Fern.

Seu cr nio se virou para ela. O brilho do lampião o deixava da cor de creme azedo.

O medo á prisão suficiente.

Depois disso, Viv uis conversar em particular com as amigas.

Então voc pode voltar a dormir S por en uanto perguntou ela a Alfor e. Prometo ue vamos acordar voc de novo mais tarde.

 s suas ordens, minha senhora respondeu, resignado.

Com todo o cuidado, ele guardou o cr nio na bolsa, e uma cascata de ossos o seguiu. Os lados da bolsa se uer pareceram mais cheios com o influxo de ossos.

Viv não conseguia acreditar ue ele não estava ouvindo. Fechou a aba e afivelou a bolsa, entregando-a para Fern.

Talvez se a melhor guardar isso lá nos fundos. S por precaução.

Fern abriu a porta do dep sito, e Paio explodiu de seu confinamento, as patas arranhando a madeira nua en uanto fare ava e grunhia pela lo a. Gallina e Viv recolocaram as poltronas e o tapete no lugar.

Viv se apoiou em uma estante de livros en uanto as outras se sentaram. As tr s ficaram em sil ncio en uanto a chuva tamborilava a anela voltada para o leste. A lo a rangia sob o sopro da tempestade.

Bem, e agora perguntou Fern, uebrando o sil ncio.

O ue n s *podemos* fazer retrucou Viv. Voc s ouviram. Ele serve a Varine e guarda seus segredos. Não sabemos nada sobre ele ou o ue pode fazer. um risco deixá-lo solta. Talvez at t -lo a ui se a um perigo.

Então n s vamos *abandoná-lo* uestionou Fern, horrorizada.

Gallina mordeu o lábio.

Não sei. Eu me sinto *mal* por ele.

Viv ergueu as mãos em exasperação.

Acho ue eu tamb m. Ele *escravizado*. terrível. Mas, ao mesmo tempo, criação *dela*. At ue ponto podemos confiar nele At ue ponto ele como n s

O suficiente para sentir medo disse Fern em um tom áspero.

Era difícil discutir com isso, então Viv nem tentou.

Tudo bem, voc deve estar certa, mas mesmo assim ueremos correr o risco de ele fugir para encontrar Varine no meio da noite Ou mandar uma mensagem para ela ou Sei lá. Ela gesticulou, confusa. Fazer algo inapropriado

A gente pode entregá-lo para a Iridia murmurou Gallina. uando as duas se viraram para a gnoma, ela deu de ombros, desconfortável. Talvez ele *devesse* ser problema dela, não

Viv se surpreendeu com a veem ncia com ue re eitou a ideia. Mas não chegou aos p s da de Fern, ao ue parecia.

Nem fodendo. A voz da ratoide era firme. Não se trata ningu m como se fosse uma mala. Mesmo ue *estejam* dentro de uma.

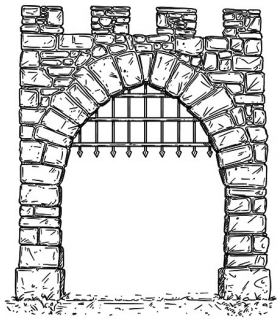
Suspirando, Viv afastou-se da estante.

Bem, não precisamos decidir isso ho e noite. Vamos dormir e pensar melhor.

Todas estavam cansadas demais para protestar, e ningu m tinha ideia melhor. Depois de despedidas meio sem eito, deixaram Thistleburr, cada uma pensando na criatura guardada dentro da bolsa esperando, dormindo ou talvez at em alguma outra dimensão ue não conseguiam imaginar.

Viv e Gallina subiram at o Poleiro o mais rápido ue puderam, enfrentando a chuva pesada e o vento cortante. Rel mpagos atravessavam as nuvens turbulentas, e, ao longe, o lamurio de alguma criatura nas colinas as fez apertarem ainda mais o passo.

23



— É mentira. É tudo mentira.

Beckett apontou com a bengala em forma de cobra para a desordem: a mesa virada, a lente estilhaçada no chão, os destroços espalhados pela janela e até mesmo o rastro de sangue que cobria a parede.

— Mentira?

Leeta tampou um frasco e o agitou com força, examinando-o para ver se havia mudanças na coloração. Ela não parecia convencida.

O velho correu os dedos pelos cachos grisalhos, e seu sorriso sombrio era quase admirado.

— Isso é tudo obra de Aramy. Ela está me mostrando o que quero ver. Claro que vamos achar que foi o zelador, e claro que vamos achar que Lady Marden está morta. Aposto que esse sangue é até realmente dela.

A gnoma estreitou os olhos para Beckett, examinando seu rosto em busca de sinais de cansaço ou hesitação, mas a expressão era a própria face da certeza.

— Como pode ter tanta convicção?

— Porque é óbvio demais. Porque ela está brincando comigo. Praticamente admitiu naquela maldita carta enigmática. — Sua expressão azedou. — Mas vou dizer o que mais me irrita. Ela foi óbvia demais. O que significa que há algo que deixei passar, e precisamos descobrir o que foi antes que seja tarde demais.

— Então você acredita que Lady Marden está viva? — exclamou Leeta. — Nesse caso, devemos…

Oi, meu bem. Obrigada por esperar. Já está com outro, hein

Viv, de onde estava sentada no calçadão, ergueu o olhar, surpresa. Ma lee fechou a porta com um tilintar do sino, a testa ainda mida de suor e as bochechas brilhando como frutas rec m-lavadas.

Oi.

Viv retribuiu o sorriso, grata pela distração. Já relera a mesma página no mínimo umas cinco vezes, atormentada por pensamentos sobre o hom nculo de ossos nos fundos da lo a de Fern, o corpo de Balthus na areia e se Rackam á teria encurralado Varine. A companhia de Ma lee era muito mais bem-vinda.

Ela fechou o livro com um estalo e o guardou.

Sim. Fern ainda escolhe para mim.

Ma lee estreitou os olhos.

Tem alguma coisa te incomodando

Viv deu de ombros, sem eito.

Ontem foi um dia complicado.

Ma lee bateu o uadril na perna es uerda de Viv.

Bem, vamos andando e voc me conta. Tenho uma hora antes ue a padaria vire um caos sem mim.

Viv pegou o bastão ue estava encostado na fachada de madeira. Achou ue, se o usasse, haveria menos chances de ighlark usar o lado mais afiado de sua língua.

Voltou com o bastão, Como está a perna

Viv pensou um pouco.

Meio travada ho e, mas está melhorando.

Caminharam untas em direção a Murk. Na companhia de Ma lee, Viv não achava difícil manter o ritmo lento e deliberado. A areia ainda estava encharcada e firme depois da tempestade da noite anterior, e o mar estava cinza e feio. O cheiro de madeira encharcada e fim de chuva era forte.

Ela viu Guardi es dos Port es patrulhando o topo da muralha da fortaleza. Fiel sua palavra, Iridia estava levando a potencial ameaça de Varine a s rio. Viv se perguntou ue outras precauç es a tapenti poderia estar tomando.

En uanto caminhavam, Viv relatou todos os acontecimentos do dia anterior, desde a descoberta de Balthus at o aparecimento de Alfor e.

Oito infernos exclamou Ma lee, com os olhos arregalados. E agora, o ue voc vai fazer

Não faço ideia. Tem alguma sugestão

Ma lee ficou pensando medida ue continuavam, dois passos seus e uivalentes a um de Viv. Ela olhou para as ondas se uebrando e finalmente perguntou:

Voc acha ue ele perigoso

Viv pensou um pouco e depois suspirou.

Talvez ele não se a, não por si s . Mas talvez o perigo venha atrás dele

Então está me dizendo ue *você* uer evitar problemas uem está tentando enganar Lembre-se, eu tamb m á estive nessa vida.

Bem, isso não uer dizer ue uero envolver todo mundo pr ximo a mim na confusão.

Eu aceito o risco de confusão. Sou bem grandinha. Ma lee olhou para Viv de cima a baixo. No sentido figurado.

Voc *é* confusão. No bom sentido.

Talvez, algum dia, voc tenha a sorte de saber o uanto. Ah, e eu uero conhecer o troço. O su eito.

Já vou avisando, acho ue ele não come muito.

Bem, meio pão melhor do ue nenhum.

Ma lee deu um tapa no braço de Viv, ue não teria se incomodado se o to ue tivesse durado mais.

Ter Ma lee por perto fez mais do ue melhorar o humor de Viv. Tamb m provocou uma mudança impressionante na atitude de ighlark. Nem um nico suspiro de impaci ncia escapou de seus lábios en uanto ele limpava, examinava e enfaixava as feridas de Viv. A cicatrização parecia estar indo bem, e o elfo aplicou um novo unguento de cheiro forte ue, segundo ele, reduziria a rigidez muscular e as cicatrizes.

En uanto examinava os modelos de es ueletos suspensos nas barras de metal, Viv considerou perguntar se ighlark sabia algo sobre osseoscrição, mas mudou de ideia. Em vez disso, assentiu nos momentos certos, e logo as duas estavam liberadas.

Eu deveria ter te trazido unto desde o início comentou Viv. Acho ue foi a primeira vez ue ele me tratou como se eu estivesse pagando por um serviço.

Pães de fermentação natural disse Ma lee em tom sábio. Ele bate ponto na lo a pelo menos tr s vezes por semana. Ela inclinou-se para Viv e falou em tom s rio: Nunca irrite sua padeira.

Ainda mais uando a padeira tem uma maça no andar de cima.

Ah, o rolo de massa á dá conta, meu bem.



Ele está solto disse Viv em um tom inexpressivo en uanto a porta da livraria se fechava atrás dela.

Alfor e a encarou do corredor dos fundos, vassoura em mãos, os olhos dois círculos azuis de fogo. Fern ergueu os olhos do balcão, sobressaltada, e uma expressão culpada surgiu em seu rosto.

Viv não conseguia decidir se estava irritada ou não. Será ue tinha o direito de estar Presumira ue discutiriam e decidiriam untas o ue fazer com ele. Mas a lo a era de Fern, e o hom nculo Alfor e não era uma *coisa*.

Ainda assim, ela sentiu um calafrio. Uma sensação ruim.

E voc o pôs para *varrer o chão* Como se fosse um

Eu tentei impedir interrompeu Fern. *Juro* ue tentei. Passei a manhã inteira encarando a uela bolsa dos infernos. Não conseguia parar de olhar para ela, pensando nele enfiado lá dentro, e simplesmente não consegui me segurar. Ela torceu as mãos, ansiosa. Mas, assim ue ele saiu, teimou ue ueria ser til. Acabei desistindo de tentar faz -lo relaxar.

basicamente impossível para mim concordou Alfor e, então voltou a varrer.

Pelo menos as cortinas estão fechadas. Viv suspirou. Mas eu entrei na lo a e ele foi a primeira coisa ue vi. E se mais algu m aparecer

Bem disse Fern devagar. E daí

Viv abriu a boca para responder, mas não conseguiu pensar em nada.

Não O ue as pessoas podem fazer perguntou Fern.

Ainda assim, Viv não conseguia dar o braço a torcer tão facilmente.

E se uem tiver matado Balthus entrar na lo a Ou algum aliado deles E se *Varine* aparecer

Fern soltou um muxoxo exasperado.

Bem, á estamos na merda de ual uer eito, não ue diferença faz E, desde ue a gente mantenha a bolsa escondida, ningu m vai untar a mais b. Tudo o ue podem fazer levantar uest es ue não precisamos responder.

Viv olhou para Alfor e em busca de apoio.

Ele deu de ombros.

Ela não conseguiu conter uma risada e levantou as mãos em rendição.

Oito infernos. Tá bom Voc venceu. Acho ue isso significa ue não preciso

fazer Ma lee esperar para conhec -lo.

Viv foi at uma das poltronas e se sentou com cuidado. Apesar de ighlark não ter futucado agressivamente sua ferida uando Ma lee estava por perto, Viv ainda estava com alguma sensibilidade ap s a caminhada at Murk, sem contar com os acontecimentos do dia anterior.

Temos muito a conversar, não uer dizer Ela gesticulou para o hom nculo ue ainda varria. Por ue voc não se senta, Alfor e

Se não for problema, minha senhora, tenho muito o ue fazer. Este lugar está Ele examinou as prateleiras e, de alguma forma, pareceu se esforçar para ser diplomático. Precisando desesperadamente da minha atenção.

Viv ergueu as sobrancelhas para Fern.

Bem, ele parece estar se adaptando bem.

A porta bateu, e Gallina entrou animada.

Pelos infernos, ele está solto disse ela, um eco da chegada de Viv. E está *varrendo*

Já tivemos essa conversa respondeu Fern, estreitando os olhos. A faxina não foi ideia minha.

Agora ue estamos todas a ui, temos ue decidir o ue fazer com ele, certo perguntou Viv. Ao ver a expressão de Fern, emendou: Ou temos ue descobrir o ue *ele* uer fazer. Supondo ue um necromante não apareça na cidade e assassine todo mundo antes disso.

Ela encontrou o olhar de Alfor e, na esperança de ue ele respondesse, mas o es ueleto apenas pareceu pouco vontade, passando os dedos pelas lombadas dos livros.

O ue *você* uer, Alfor e Se pudesse escolher perguntou Fern.

O hom nculo olhou de uma para a outra, e as chamas de seus olhos giraram mais depressa.

Não importa. Não posso amais ficar sozinho. Sempre preciso servir a um mestre. Não há outro eito.

Voc não precisa *servir* a ningu m. A gente poderia s Gallina esfregou dois dedos. Jogar uma pitadinha e te deixar seguir com a vida. N

Alfor e ficou em sil ncio por tanto tempo, a vassoura im vel, ue Viv achou ue ele tivesse travado, ue o encantamento de alguma maneira tivesse sido interrompido. Mas então ele respondeu lentamente:

Eu gostaria apenas de *existir* por um tempo. De servir, da forma ue eu escolher.

A voz de Fern foi firme ao dizer:

Claro. Mas voc não precisa *servir* a ningu m al m de si mesmo. Entendeu

Alfor e assentiu, mas Viv não tinha certeza de ue ele acreditava nisso. Ou talvez apenas discordasse. De ual uer forma, não adiantava insistir.

Ei, tem uma coisa ue voc comentou ontem falou Gallina. A uele su eito, Balthus. Voc não foi a nica coisa ue ele roubou.

Viv tinha se es uecido disso, e, ao ue parecia, Fern tamb m. Alfor e assentiu, mas permaneceu em sil ncio.

E aí incentivou Gallina. O ue mais ele roubou

O hom nculo abaixou a cabeça.

Infelizmente, devo guardar os segredos da Senhora. Não posso dizer. Então, mudando de repente de assunto, ele se dirigiu a Fern: Mas mal posso esperar para arrumar a lo a. Organizar. Catalogar. Isso me traz *muita* paz. Mas me pergunto, ue revelaç es *você* pode ter uando traz ordem s coisas

Algo no tom dele deixou Viv com a pulga atrás da orelha, algo lamurioso, mas Alfor e á parecia tão estranho normalmente ue talvez não fosse nada de mais. No entanto, ele olhava para uma das estantes com uma intensidade estranha.

Viv abriu a boca para perguntar, e

Então isso, n disse Gallina, espalmando as mãos nos braços da poltrona. E se Varine der as caras, bem Ela passou os dedos pelas facas da bandoleira. Talvez as coisas fi uem menos chatas por a ui.

Não vamos tentar os Oito, tá pediu Fern.

Viv notou ue Alfor e se enri eceu ao ouvir a uelas palavras. Abriu a mandíbula como se fosse falar, mas então a fechou devagar e se afastou.

Ela o observou, pensativa, e então inclinou o bastão na direção da gnoma:

Por falar nisso, vou subir o penhasco para fazer meus exercícios. uer ir unto

Gallina aceitou o convite.

24



O estado de alerta constante de Viv foi diminuindo aos poucos nos dias seguintes. Nenhum ex rcito de mortos-vivos apareceu no horizonte para invadir Murk, e nenhum estranho de cinza as ameaçou. Na verdade, nada aconteceu ue ustificasse se uer um olhar de suspeita, muito menos uma l mina desembainhada.

Em sua experi ncia, no entanto, as coisas tendiam a ficar muito calmas logo antes de explodirem.

Descobriram ue Alfor e ficava ainda mais nervoso uando clientes entravam na livraria. Toda vez ue a porta se abria, ele desabava no chão imediatamente e movia os ossos para baixo de uma das prateleiras, e s saía uando Fern o tran uilizava de ue os intrusos haviam ido embora.

Paio tamb m gostava de roer seus tornozelos e nada conseguia det -lo. Diante disso, Alfor e passava a maior parte do dia dentro de sua bolsa.

Certo dia, Ma lee apareceu no fim da tarde, pôs as mãos nos uadris e interpelou:

E aí, cad ele

uando Fern colocou a pitada de p em cima dos ossos e Alfor e fez sua aparição chacoalhante, ela reagiu com naturalidade. Viv sabia ue não deveria ter se surpreendido, considerando seu passado. uando a anã estendeu a mão para o hom nculo, Viv não pôde deixar de lembrar de sua hist ria sobre o encontro, muito tempo atrás, com a goblin do outro lado do rio.

Fern improvisara uma caixa no balcão com uma fenda na frente para Alfor e ficar durante o dia, mas, na maior parte do tempo, o hom nculo preferia circular pela

lo a depois do expediente. A força animadora concedida pelo p dos ossos ia se esvaindo ao longo do dia, e ele parecia sentir uando estava prestes a abandoná-lo.

Nas horas ue passava acordado, no entanto, não podia ser dissuadido de arrumar e organizar, com pano e vassoura, sabão e lustra-m veis.

Não consigo fazer ele *parar* disse Fern, o ueixo apoiado na pata. Ela parecia arrasada. Isso não certo. Não posso deixar Alfor e simplesmente *fazer* as coisas a ui sem nem pagar. Ela baixou a voz para um sussurro. Ele insiste ue não uer nada. ue *escolha* dele. Mas isso não melhora a situação.

A Thistleburr sem d vida estava mais arrumada. Os pisos de madeira brilhavam, as paredes haviam sido lavadas, e Viv podia urar ue Alfor e devia ter cortado os fios de encadernação soltos em alguns dos volumes mais antigos. At o cheiro da livraria tinha melhorado, e agora predominavam os aromas de papel, tinta e cera de madeira em vez de poeira, maresia e penas.

Talvez voc devesse começar a emprestar livros para ele tamb m disse Viv, meio de brincadeira.

Voc acha ue ele l perguntou, olhando para a caixa no balcão, no momento ocupada.

Ele tem um vocabulário melhor ue o meu.

Viv desembrulhou outro dos pacotes de papel pardo de Ma lee. Lá dentro havia uatro bolinhos gra dos, recheados de nozes e frutas. O grifete cochilando no chão se mexeu e emitiu um pio sonolento, mas não acordou.

Fern pegou um dos bolinhos e deu uma mordidinha en uanto observavam Addis, o gnomo ue era dono da lo a de pe uenezas sempre fechada, andar devagar em frente a uma prateleira. Addis estava sempre dando uma olhadinha , mas Viv nunca o vira comprar um livro se uer. Ele falava sozinho e com alguma fre u ncia pegava um volume, abria-o, assentia como se lendo alguma informação importante, e depois o colocava de volta na prateleira. Viv ficava doida de raiva, mas Fern parecia acostumada.

A uelas coisas ue ele vende não devem dar prata resmungou Viv uando Addis re eitava mais um livro.

Por falar em falta de dinheiro, á te contei ue finalmente fiz as encomendas

A ueles livros ue voc estava marcando no catálogo

Fern suspirou.

Acho ue es ueci de comentar. Se bem ue tanta coisa aconteceu nos ltimos dias

Ela bateu de leve na tampa da caixa de Alfor e, e em resposta veio um som abafado lá de dentro.

Viv se apoiou melhor no balcão, estendendo e flexionando a perna. Estava mais firme a cada dia.

Voc não disse ue estava sem espaço Alfor uer dizer, com certeza a lo a está mais organizada, mas onde voc vai colocar os novos exemplares

Acho ue vou ter ue empilhá-los nos fundos. Por outro lado, mal consigo chegar minha cama no momento. Tem livros velhos *até o teto* Vivo sob o risco de uma avalanche de papel. Mas tenho ue fazer alguma coisa. A situação financeira está um pouco melhor, mas se as coisas não continuarem assim

Seria melhor vender os antigos, não

Fern parou com o bolinho a meio caminho da boca.

Porra, ue ideia brilhante. Por ue será ue nunca pensei nisso Obrigada.

Se há tantos livros ue *ninguém* uer, ual o sentido de ficar com eles

São *livros*. Não posso *jogar fora*.

Eu não disse isso Mas digo, se ningu m uer comprar, então

As pessoas s não sabem o ue uerem. Essa a uestão. uantos *você* á leu at agora

Bem

Vários Eu s tive ue colocá-los nas suas mãos. Nas mãos certas. Ela deixou o bolinho de lado. Esse o problema, não

Viv fitou o papel pardo aberto e o bolinho ue sobrava. Brincando com o barbante, murmurou:

 , acho ue o problema não saber o ue voc uer. Ter ue escolher sem saber o ue existe por aí

A ratoide estudou o rosto da amiga.

Certo. Mas algumas pessoas não uerem ser conduzidas assim. E s vezes eu tamb m não sei o ue elas uerem. Na maior parte do tempo, pra ser sincera. Ela apontou para Addis com o polegar. Tipo *esse aí*, por exemplo.

Bem começou Viv, uma ideia se formando em sua mente. E se elas não precisassem saber Ou pelo menos, não exatamente

Como assim

N s não sabíamos o ue tinha neste pacote da Ma lee. Talvez nem tiv ssemos escolhido esses bolinhos na padaria. Mas estamos comendo, não

A ratoide pegou o bolinho e o examinou, pensativa.

Verdade

E a surpresa parte da diversão tamb m, não Viv comeu o seu bolinho em duas mordidas rápidas. uase melhor por não saber. Então

Então, e se a gente embrulhasse os livros

Isso. Não precisa ser nada chi ue.

Talvez mais de um. Os olhos de Fern brilharam uando a ideia ganhou forma em sua mente. Amarrados com barbante. Como presentinhos.

Talvez voc pudesse escrever algumas palavras no pacote. Para as pessoas terem uma ideia do ue vão ler. Viv pensou em *Dez elos na corrente*. Duelos. Decapitaç es. Traiç es

mm. Talvez mido sugeriu Fern, com um sorriso malicioso.

Viv soltou uma gargalhada.

Eu me pergunto uantos desses voc acha ue venderia. Talvez devesse escrever isso em *todos* os livros.

Addis saiu da lo a sem nem acenar, a porta batendo atrás dele.

Tchau, Addis disse Fern.

Viv balançou a cabeça, irritada. Da caixa no balcão, a voz sepulcral de Alfor e ecoou, cheia de um interesse s bito.

Livros midos



Use as palmas das mãos.

Está grudento resmungou Viv, tentando soltar pedaços de massa dos n s dos dedos.

por isso ue voc não pode usar os dedos falou Ma lee, com a voz divertida. Isso, assim mesmo. Agora dobre e faça de novo. Continue. Voc tem os braços pra tarefa.

A Canto do Mar estava fechada na uele dia, mas, segundo Ma lee, ainda havia muito a ser feito. Viv se oferecera para a udar, imaginando ue isso significaria esfregar panelas ou varrer o chão ou algo simples assim. A anã, no entanto, tinha outros planos.

Ela olhou de soslaio para Ma lee, ue polvilhava farinha em um arco gracioso na frente da bola de massa.

Está tentando me domesticar

Voc disse ue ueria a udar, e eu preciso colocar esses pães no forno. Al m disso, voc parece estar se domesticando sozinha lá na lo a de Fern.

O tom era de provocação, mas as palavras deixaram Viv tensa, como se esperasse ue um grilhão fosse fechado em seu pulso. Uma reação ridícula, sabia, mas não conseguia deixar de interpretar o olhar de Ma lee como esperançoso.

diferente.

Ah, E por u

Bem disse Viv, grunhindo en uanto dobrava a massa e a sovava. As bancadas eram feitas para a altura dos an es, e ela precisava se curvar muito para pressionar a massa. Fui presa por brigar na rua, á teve pelo menos um cadáver envolvido na hist ria, e achamos um saco cheio de ossos falantes, então acho ue o nível de aventura bem mais alto do ue voc imaginaria.

Parece ue voc está descontando muita raiva nessa pobre massa tamb m. Ou talvez se a s o seu eito. De ual uer forma, voc fica bem coberta de farinha.

Brincalhona, ela ogou uma pitada em Viv, ue arreganhou os dentes em um rosnado de mentira, o ue lhe rendeu um monte de farinha na cara.

Voc acha ue ele vai trazer problemas perguntou Ma lee, de repente s ria.

Alfor e

Ela assentiu, tocando o uadril de Viv para pedir licença, começando a sovar a massa ela mesma. A naturalidade do ir e vir das mãos e o balanço do corpo dela tinham uma sensualidade inesperada.

Viv tentou não ficar encarando demais. Espanando o excesso de farinha dos braços, encostou-se no balcão e respondeu:

Sinceramente Acho ue vai, sim.

A anã suspirou.

Tamb m acho. Tenho um pressentimento.

Viv sabia exatamente do ue ela estava falando. Era como o som de uma batalha a tr s colinas de dist ncia.

Ela se lembrou de ue Ma lee sovava a massa com as mesmas mãos ue um dia á haviam empunhado uma maça. Isso lhe passava uma sensação de segurança ue ainda não conseguia compreender direito.

Ma lee parou de sovar e a encarou com um olhar in uisitivo.

Voc não fica realmente incomodada com isso, fica

Não uero ue ningu m se machu ue desconversou Viv. Mas não era uma resposta de verdade.

Um galeão vindo do extremo sul estava ancorado nas águas mais profundas da costa, e bar uinhos haviam passado a tarde transportando passageiros, mercadores e tripulantes at a praia. Carruagens chacoalhavam em ambas as direç es na estrada ao sul, rumo a Cardus. Com isso, a uela era uma das noites mais animadas no Poleiro.

Viv estava confortável o suficiente com a perna para se sentar ao balcão. Afinal, sua mesa favorita estava ocupada mesmo. Tomava a segunda cerve a da noite e tentava não devorar os ltimos tr s capítulos de *As lentes e o dapplegrim*. Brand era um borrão distante, e o barulho parecia ecoar pelas paredes do lugar, deixando-a sozinha no meio de uma esfera perfeita de ficção. Cada palavra se desdobrava na pr xima, um deslizamento de prosa ue culminaria em um confronto dramático entre o investigador Beckett e a admiravelmente ardilosa Aram , com a vida de Leena em ogo. Pelo menos, era o ue Viv esperava. O livro costumava confundir suas expectativas, e, toda vez ue fazia isso, Viv sentia um arrepio de deleite.

uando algu m se sentou ao seu lado, ela não deu muita atenção, tão absorta estava na hist ria. No entanto, ao reconhecer a companheira de bar, a balb rdia voltou a invadir seus sentidos, e Viv se viu plena e instantaneamente presente.

Devo confessar, não imaginei ue voc fosse do tipo literário.

A voz era rouca, cheia de diversão seca.

Iridia.

Viv tentou ao máximo não suspirar de irritação, marcando a página com o polegar. A mulher deu uma batidinha no balcão e acenou com a cabeça para Brand, pedindo uma bebida. Estava perfeitamente vontade. A espada longa continuava presa na cintura, um lampião no lado oposto. Não parecia muito confortável para Viv.

Iridia tomou um gole da cerve a antes de encarar Viv.

Pelo visto está se recuperando. Vai partir em breve, então.

, assim ue Rackam voltar respondeu Viv em um tom controlado. Não faço ideia de uando isso vai ser. Acho ue voc vai ter ue me aturar at ele aparecer.

A tapenti a olhou em sil ncio.

Viv ficou esperando e, uando pareceu ue nada mais seria dito, arriscou:

O ue voc uer Eu estava a ui, cuidando da minha vida, sendo *do tipo literário*. Isso deveria te deixar contente, não

Iridia ignorou a pergunta.

Varine. Voc á a viu

Viv a encarou, surpresa.

Não. Vi muitas das criaturas dela, mas nunca ela em pessoa.

Então como voc a reconheceria, se a visse

Viv tomou outro gole na cerve a.

Ouvi a descrição dela, mas, mesmo ue não tivesse ouvido, acho ue eu saberia.

E por ue acha isso

O tom de Iridia não chegava a ser caloroso, mas tamb m não era tão hostil uanto em suas outras interaç es. Viv a estudou.

O ue voc uer Voc não gosta muito de mim, á deixou isso claro. Então, ue conversa essa

A tapenti suspirou.

Não ue eu não goste de voc . Não gosto do ue voc *representa*. Ela bateu o dedo na caneca. Mas, s pra ficar claro, isso tamb m não significa ue eu goste de voc .

Viv soltou um misto de ronco e riso e ergueu a caneca. Iridia ar ueou a sobrancelha e brindou com ela.

toler ncia e irritação m tuas disse Viv.

Talvez os lábios da tapenti tivessem se curvado em um sorriso, mas Viv não tinha certeza.

Depois de outro gole, algo mudou na postura da Guardiã dos Port es. Seu capuz escamado relaxou, e ela empurrou as longas mechas secas de cabelo para o lado.

Não encontramos nenhum vestígio de uem matou nosso estranho de cinza.

Viv uase deixou o nome dele escapar, mas se conteve a tempo. Não haveria como explicar como sabia.

Ah, Bom, não surpresa. Então, cuidadosamente, perguntou: E a uela bolsa ue estavam procurando

Nada. Iridia brincou com a caneca. Tenho orgulho de minha praticidade. Adaptabilidade. Muitos Guardi es são inflexíveis. A autoridade lhes dá uma desculpa para a preguiça.

E para importunar mercenárias feridas cuidando da pr pria vida

Viv abriu um sorriso irônico.

Ah, não, isso puro bom senso retrucou Iridia, e Viv tinha uase certeza de ue ela estava brincando. uase. Eu disse ue levaria Varine a s rio, e estou levando. Mas talvez não o suficiente, por ue percebi ue não conversei com a nica pessoa ue tem informaç es recentes.

Viv achou ue Iridia lembrava um pouco Madger, de *Dez elos na corrente*, mas sem a influ ncia de Legann para e uilibrá-la. A contragosto, admitiu para si mesma ue talvez não desgostasse da tapenti.

Mas, só pra ficar claro, isso também não significa que eu goste de você, pensou, repetindo mentalmente as palavras da pr pria.

Brand chamou Iridia. As bebidas dela são por minha conta.

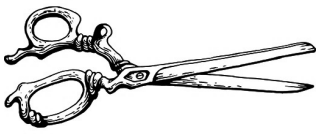
Ela apoiou o braço no balcão.

Então, estou a ui para corrigir isso. uero saber tudo ue voc sabe. Está disposta a conversar

Viv virou a caneca e a devolveu ao balcão.

Nem vou pedir para voc me pagar um antar.

25



A placa pendurada na maçaneta da porta vermelha da livraria dizia FECHADO. Viv não se lembrava de ter visto a uilo antes. Tentou espiar pelas anelas, mas as cortinas estavam fechadas. Bateu na porta e chamou:

Fern. Está aí

Paio respondeu primeiro, latindo. As cortinas se mexeram, então Viv ouviu o trinco sendo movido. A porta se abriu para dentro, e Fern apareceu na fresta, com um avental imundo e a pelagem coberta de poeira.

Oito infernos, o ue começou Viv, mas Fern gesticulou com impaci ncia para ue entrasse logo.

A lo a parecia vítima de um terremoto muito localizado e seletivo.

A maioria das prateleiras estava vazia, embora em uma ou outra alguns volumes solitários ainda se apoiassem uns nos outros como b bados no fim da noite. O restante formava pilhas instáveis e pe uenos montes espalhados por todos os lados.

Alfor e estava no meio da bagunça, um tufo de poeira preso em um dos chifres, as chamas de seus olhos girando na uele tom azulado. Ele segurava uma grande folha de papel pardo, rasgada em uma das pontas. Um carretel de barbante estava preso em seu uadril, em um ponto ue deixava Viv estranhamente desconfortável.

Paio trotava ansioso por entre as pilhas, fare ando e piando, e seu pio para Viv foi ao mesmo tempo indignado e distraído.

De uma pe uena pilha perto da porta, Fern pegou um livro á embrulhado e amarrado com barbante. Na frente, em tinta preta, lia-se: VIAGEM, ROMANCE e CORAÇÃO PARTIDO.

Vamos abrir espaço nessa porra declarou, decidida.

Voc não está fazendo isso com todos os livros, está perguntou Viv, perplexa, olhando ao redor da lo a.

Não, mas o momento perfeito para reorganizar as estantes. uando a remessa nova chegar, estaremos prontas.

Viv não pareceu convencida.

Acho ue a ideia tima e tal, mas uantos desses voc realmente acha ue vai vender

Ela pegou outro pacote da pilha, este com os dizeres AVENTURA, RECOMPENSAS e SANGUE. Na verdade, esse parecia bem interessante. Viv sentiu o impulso de abri-lo. Pelo menos *isso* era um bom sinal.

Bem, Alfor e e eu estávamos conversando comentou Fern, indo apressada at uma das pilhas e começando a organizá-la. Ela lia os títulos dos livros, s vezes abrindo-os para folhear as primeiras páginas, e então os organizava segundo um sistema incompreensível para ual uer outra pessoa.

 mesmo

Pois sim, senhora respondeu Alfor e.

Fern entregou tr s volumes ao hom nculo, ue se debruçou sobre a mesa lateral, no momento servindo como estação de trabalho. Dobrando o papel com habilidade, ele embrulhou a pilha de livros, pegou um pedaço de barbante e o partiu com a ponta dos dedos ossudos. Depois, amarrou o pacote com um laço bem-feito.

Os olhos de Fern brilhavam com mais energia do ue Viv amais vira.

Uma feira no calçadão. Bem a ui, na frente da lo a. Outro navio de passageiros deve chegar em dois dias. Vamos montar mesas, espalhar esses pacotes e ver uantos conseguimos colocar nas mãos certas. E os ue não conseguirmos
Ela deu de ombros. Acho ue podemos guardar fora do caminho, como voc disse.

Viv achava ue Fern estava superestimando uantos livros conseguiria vender, mas o humor da ratoide estava tão melhor, sua expressão tão esperançosa, ue ela não teve coragem de desanimá-la.

Então disse Viv por fim, sentindo-se uma gigante perto da ueles pe uenos edifícios de palavras, temendo onde colocar os p s. O ue posso fazer para a udar

Fern ergueu um tinteiro e uma caneta.

A sua letra bonita



Os tr s trabalharam untos em harmonia o dia todo. Fern decidia uais livros embalar e começou o processo de recolocar nas prateleiras os volumes ue permaneceriam na lo a. Alfor e embrulhava incansavelmente os livros ue ela lhe passava, e, sob as instruç es de Fern, Viv escrevia no papel duas ou tr s palavras ue remetiam hist ria do volume.

Então, Alfor e começou Viv, estreitando os olhos en uanto escrevia, as pontas dos dedos su as de tinta. á uanto tempo, exatamente, voc está há ela tentou encontrar a palavra certa vivo

Com cuidado, o hom nculo afastou Paio, ue tentava arrancar uma de suas tíbias.

Não sei dizer, senhora. Eu

Pode me chamar de Viv, Alfor e.

Ap s uma breve hesitação, o hom nculo continuou:

Sim, senhora Viv. Eu vi muitas coisas, mas não consigo acompanhar a passagem do tempo uando estou ausente. Não há como eu saber.

Mas Varine te criou, não foi

Fern interrompeu o ue estava fazendo para ouvir a resposta.

Alfor e pareceu pensar um pouco, como se avaliasse se a resposta uebraria ou não o pacto ao ual estava preso.

Sim, ela me criou.

Então voc não mais velho ue ela.

E uantos anos ela tem perguntou Fern.

Foi a vez de Viv hesitar.

Infernos, não faço ideia. Acho ue, como ela uma necromante, fica mais difícil saber. E deve contar como um dos segredos dela. Aposto ue voc tamb m não pode nos contar.

Alfor e balançou a cabeça com uma expressão tristonha.

Mas voc disse ue viu muitas coisas, não foi insistiu Fern.

Ah, sim. Sua voz oca ganhou um tom nostálgico en uanto ele dava outro laço. Muitas maravilhas. Belezas perfeitas. Grandes mares sob pores do sol flame antes. Lagos subterr neos intermináveis em cavernas silenciosas. A luz do inverno na neve eterna das montanhas. Ele ficou mais s rio. E muitas coisas ue eu preferiria es uecer, se pudesse.

Alfor e, voc tem a alma de um poeta murmurou Fern.

Então, o ue voc *fazia* para ela perguntou Viv. Pode contar

Eu servia respondeu Alfor e. Como a Senhora dese asse.

Imagino ue não fosse varrendo e espanando, certo Provavelmente nem

embalando pacotes

uando o hom nculo respondeu, sua voz ecoante pareceu ainda mais distante, como um vento lamurioso em uma caverna marítima.

Não.

Fern tinha parado de separar livros. Ela limpou as patas no avental e observou Alfor e com uma expressão consternada.

Já perguntei antes, mas, se voc *pudesse* fazer o ue uisesse, ual uer coisa, e não precisasse se preocupar com Varine, sua Senhora o ue faria

Ele enrolou mais um pedaço de barbante em um pacote, amarrando-o de forma mais deliberada. Observou as mãos es uel ticas sobre o papel.

Não posso erguer a voz contra a Senhora respondeu.

E não falou mais.



Mas ue merda essa exclamou Fern.

Viv ergueu os olhos, parando de soprar a tinta fresca. Suas mãos estavam com c imbra e, depois de tantas palavras, ela não aguentava mais escrever. Atrás dela erguia-se uma pilha de pacotes embrulhados.

O ue foi

Este livro disse Fern. Estava enfiado lá no fundo. Não *meu*. Será ue

Não abra, minha senhora gritou Alfor e, virando-se s pressas para a ratoide, as mãos ossudas estendidas. O carretel de linha voou de sua p lvis e desenrolou-se pelo chão. Eu imploro

Seu tom era tão suplicante ue Fern parou. O livro era gigantesco, uase o dobro dos outros na lo a. Um verdadeiro tomo.

O u

Não um dos seus livros disse Alfor e.

Sua voz ficou estrangulada, sufocada por uma dist ncia crescente, como se estivesse sendo arrastado para dentro de um t nel.

A lembrança de Balthus, as mãos se afastando das prateleiras, veio mente de Viv.

dela disse, levantando-se, a coxa formigando en uanto o sangue voltava a circular ap s tanto tempo parada na mesma posição.

De Varine sussurrou Fern.

uando Alfor e não a corrigiu, Viv explicou:

Balthus. Ele escondeu o livro a ui. Eu bem ue me perguntei por ue infernos ele tinha vindo sua lo a. Ela estendeu a mão para o tomo. Se tem algu m nesta lo a ue deveria lidar com essas palhaçadas profanas de necromante, sou eu. Posso

Fern estreitou os olhos.

Voc não foi esfa ueada e largada nesta cidade por causa dessas tais palhaçadas profanas de necromante

Fui. Mas sobrevivi, não

A ratoide parecia com vontade de discutir, mas entregou o tomo. Era muito mais pesado do ue aparentava e á aparentava ser bem pesado.

Viv esperava ue o livro fosse antigo, algum grim rio ca u tico cheio de conhecimento proibido, mas a capa de couro preta era uase nova. Não havia nada escrito, embora pe uenos relevos ornassem os cantos. A padronagem lembrava as inscriç es finas nos ossos de Alfor e. As laterais das páginas brilhavam em um vermelho salpicado de ouro.

E ela sentia o cheiro. Com o livro em mãos, o couro exalava a uele aroma de sangue na neve. Um arrepio involuntário percorreu seus braços.

murmurou ela. Alfor e disse ue Balthus tinha roubado outra coisa, e com certeza isto a ui. Ela olhou para o hom nculo. Estou certa, não estou Agora ue está nas minhas mãos, não há segredo a ser protegido, certo

dela conseguiu dizer Alfor e, embora sua voz continuasse fraca.

O ue acontece se eu abrir

Ele tentou responder, a mandíbula tr mula, mas novamente pareceu incapaz.

Viv passou o dedo pela beirada da encadernação em couro. Parecia molhada e escorregadia, como a parede de uma caverna molhada devido a uma umidade mais profunda.

Ah, foda-se disse, abrindo o livro.

A página era preta.

Não preta de tinta, mas de *escuridão*. Engolia a luz. Uma pe uena margem de papel creme contornava o vazio. Viv pensou sentir um leve sopro em seu rosto, e o cheiro de rel mpagos.

Porra gritou Fern. Voc foi lá e *abriu* Voc está bem, não está Nada dessas palhaçadas de necromante

Ah, com certeza alguma palhaçada de necromante.

Viv olhou para Alfor e, ue torcia as mãos ossudas, apavorado. Ela deixou o indicador pairar diante da escuridão, mas não conseguiu se forçar a tocá-la. O ar acima da página era *frio*, um sopro gelado irradiando do papel.

Com cuidado, Viv levantou a página pela margem fina e virou para a pr ima.

Outra página preta. E mais outra. E outra. Centenas. Na parte inferior de cada uma, havia um n mero escrito com tinta, uma se u ncia crescente, como em ual uer outro livro.

E aí

A voz de Fern estava ainda mais aguda com a ansiedade. Viv balançou a cabeça.

Não sei.

Com todo o cuidado, carregou o livro at a mesa lateral e afastou o papel de embrulho da superfície com o antebraço. Então colocou o tomo aberto na mesa e deu um passo para trás.

Deuses sussurrou Fern, aproximando-se.

Viv teve a impressão de ouvir um som saindo da noite impossível da página, o tinido de um vidro sendo golpeado.

Peraí disse ela, pegou a caneta do tinteiro e sacudiu o excesso de tinta.

Alfor e continuou observando, mas não tentou det -las. Ainda não, pelo menos. Viv considerou um bom sinal.

Ela girou a caneta na mão, com a ponta para baixo, e a mergulhou na página.

A caneta desapareceu na escuridão como se em um poço de tinta em ue nenhuma luz era refletida.

Fern cobriu a boca com as patas, e Viv puxou a caneta de volta.

Estava inteira e intacta.

Bem, esse foi o primeiro teste disse Viv.

O *primeiro* teste protestou Fern. ual o segundo

Viv deixou a caneta de lado e flexionou a mão direita. Então, pensando melhor, balançou a cabeça.

Graças aos deuses disse Fern. Achei ue voc ia enfiar a mão

A ratoide soltou um guincho estridente uando Viv mergulhou o braço es uerdo na escuridão da página, at o cotovelo, e o puxou de volta depressa.

Flexionando os dedos e encarando o livro com admiração, Viv concluiu:

Esse era o segundo.

Fern gague ou, agitando as patas em pura apoplexia, e, se algum dia recuperasse a compostura, Viv imaginava ue os palavr es seriam espetaculares.

26





Eu encostei em algo disse Viv. Tem coisas *lá dentro*.

Ela havia apenas roçado uma superfície com a ponta dos dedos, algo frio e rígido. Fern se aproximou de novo do livro, uma carranca de desconfiança como se algo fosse saltar de lá de dentro e arrastá-la página adentro.

São portais disse ela. *Centenas* deles. Ela enfiou um dedo na escuridão e o retirou com um arrepio. Parece água gelada.

isso, não , Alfor e Algum tipo de armazenamento perguntou Viv.

Alfor e assentiu, infeliz.

Sim, senhora Viv.

Acho ue, depois ue descobrimos os segredos dela, voc não precisa mais guardá-los, certo Viv começou a entender a escala de tudo ue o livro poderia conter, e seus olhos se arregalaram. O ue Varine está *guardando* em todas a uelas páginas Oito infernos, ela deve estar furiosa.

O hom nculo permaneceu calado, o ue dizia muito.

Já ouvi falar de ob etos assim, mas nunca achei ue veria um comentou Fern. E com tantas páginas

Virando algumas, Viv afundou a mão es uerda de novo. Fern ficou tensa, mas não protestou desta vez. A ratoide tinha razão: era como submergir o braço em água gelada. Leves correntezas pressionavam sua pele, e Viv ficou arrepiada at o pescoço.

Ela explorou as extremidades com todo o cuidado, encontrando os limites do espaço, como paredes de gelo contra as uais suas unhas deslizavam. Prendendo a respiração, forçou mais e encontrou o ue estava armazenado ali.

Era mido, carnoso, coberto por algo viscoso e escorregadio. Puxou o braço de volta na hora. Olhou para a ponta dos dedos, esperando v -los su os de sangue ou algo pior. Mas estavam limpos.

Essa página, não comentou, estremecendo en uanto sua imaginação fornecia vis es do ue, exatamente, uma necromante poderia uerer armazenar para uso futuro.

Virou para a pr xima, tentou outra vez e ficou aliviada ao tocar um ob eto ue reconhecia. Dezenas, na verdade. Moedas Pinçando uma, sentiu com os dedos inscriç es, letras ou símbolos em relevo. Mas, uando tentou puxá-la para fora, a moeda cortou sua carne como se fosse afiada, e Viv a soltou com um grito. Ao puxar a mão de volta, viu ue sofrera vários cortes finos no polegar e no indicador.

Merda.

Ela fez menção de chupar o sangue ue escorria, mas pensou melhor e limpou a mão nas calças.

Alfor e. Fern agarrou o braço do hom nculo. Não tem nada *vivo* nessas páginas, tem

Viv parou, a mão pairando acima de outra página, bo uiaberta.

Tá, essa uma pergunta ue eu deveria ter pensado em fazer antes.

Nada vivo pode sobreviver muito tempo no subespaço respondeu ele. Mas isso não significa ue não ha a perigos armazenados lá dentro. Se a cautelosa.

Não pode sobreviver *muito tempo* uer dizer ue, se eu enfiar meu braço

Alguns instantes não vão feri-la disse Alfor e, e Viv relaxou. Não de forma permanente, pelo menos completou.

Ah, ue se dane. Mais uma declarou Viv, mergulhando a mão em outra página. E, dessa vez, o ue encontrou a fez sorrir imediatamente. Ah, *isso* a ui eu reconheço.

Seus dedos traçaram e então se fecharam ao redor do punho de couro ue cabia perfeitamente em sua palma. Apertando-o, sentiu uma resist ncia moment nea, como se a arma estivesse presa sob uma fina camada de gelo. Imaginou ouvir o estalo ao uebrá-la e puxou a l mina devagar, centímetro a centímetro, at ergu -la diante de si nas pr prias mãos.

Uma espada grande, larga e reluzente. O frio se desprendeu do aço com um lamento g lido no calor do ambiente, e a umidade formou gotas na l mina e começou a escorrer.

Viv observou, maravilhada, e uma palpitação de reconhecimento a atravessou, como se sentisse um cheiro da inf ncia.

Deuses murmurou, girando-a para ue brilhasse sob a luz.

A for a era impecável, o e uilíbrio, espl ndido. Passou o polegar em apreciação pelo lado chato da l mina. Olhou de relance para Fern, ue observava a arma com uma expressão preocupada, e então para Alfor e, ue voltara a se encolher em uma postura abatida. Seu estômago se revirou.

O ue foi perguntou, abaixando a l mina e dando um passo para trás.

De repente, a superfície da página pareceu ondular. Deveria ter sido impossível de ver, á ue nenhuma luz era refletida nela, mas ainda assim foi perceptível, uma vibração acompanhada de um zumbido baixo vindo do vazio, como o som de uma trombeta em um vale distante.

O ue foi isso perguntou Fern, com os bigodes tremendo de nervosismo. Alfor e suspirou, um feito para algu m sem pulm es.

O aviso da Senhora. Ela sabe uando algo retirado das páginas. O livro a chama.

Por ue voc não disse isso antes exclamou Viv, mas, uando ele a encarou com a ueles olhos azuis e frios, a resposta foi bvia.

Ele tem ue guardar os segredos da Senhora sussurrou Fern, e em seguida gritou: Bota esse treco de volta

Um ímpeto de avareza fez Viv apertar o punho, e a luz pareceu escorrer pela l mina afiada como seiva descendo por um tronco.

Acho ue não vai adiantar protestou ela.

Talvez não, mas e se for amaldiçoada ou ou sei lá, maligna

Viv bufou.

uma espada. Uma *ótima* espada.

Mas, na verdade, ela não ueria admitir o uanto a l mina a atraía, o uanto parecia *certa* em suas mãos e o uanto detestaria se separar dela. Al m disso, havia uma uestão mais urgente, na sua opinião.

A gente deveria se preocupar mesmo com esse livro. Ela consegue encontrar, Alfor e Ela sabe *onde* está

Eu não posso

Não pode dizer, claro completou Viv com um suspiro. , mas isso me parece um forte talvez .

A gente poderia destruir sugeriu Fern. Se bem ue, s de pensar em ueimar um livro mesmo *esse*

Em hipótese alguma ribombou Alfor e, a voz oca de repente retumbante.

As inscriç es ao longo de seus ossos se iluminaram com uma luz azul ue desapareceu uase ue de imediato. As duas se sobressaltaram com a intensidade da advert ncia e se entreolharam, preocupadas.

Al m disso disse Viv , imagine s o ue mais pode ter ali dentro. uando Rackam e os outros derem cabo de Varine Ela hesitou. Talvez o dinheiro não fosse ser mais problema para a sua livraria, entende

Fern enrugou o nariz e, ao mesmo tempo, pareceu pensativa. Dava para ver ue ela estava considerando a ideia. A ratoide examinou o caos do interior da lo a: os livros empilhados, os pacotes embrulhados, as prateleiras uase vazias. Deixou as patas caírem ao lado do corpo, e a exaustão pareceu dominá-la de repente.

O ue a gente faz com esse troço, então Não podemos deixar esse livro maldito pelos oito deuses na lo a e torcer ue nada d errado. Não agora.

Com relut ncia, Viv admitiu:

S uma coisa faz sentido.



de Varine perguntou Iridia, estreitando os olhos para o livro.

Ela passou a mão coberta de escamas finas pela superfície, sentindo os glifos nas bordas.

O estranho misterioso escondeu na livraria. Acho ue foi roubado.

E como sabe disso

Viv abriu a capa. Iridia observou a página de escuridão com toda a calma.

São portais para um subespaço explicou Viv. Um cofre de tesouros ou algo do tipo.

Viv mergulhou a mão na escuridão e imediatamente a puxou de volta. A tapenti sibilou de surpresa e lançou um olhar severo para a orc.

Um *subespaço*

Foi assim ue Fern chamou. Ela, hã, á leu sobre isso. São centenas deles. Viv virou as páginas. Cont m, há várias coisas.

Um ob eto fascinante. Sem d vida valioso. E, ainda assim, não entendo como voc pode ter certeza de ue dela.

Tem como eu te convencer de ue sei pelo cheiro

Iridia riu baixinho, mas Viv não tomou isso como uma negativa. Ela coçou a nuca.

Olha, pode ser ue eu tenha tirado uma coisa de lá de dentro, e aí Bem, acho ue tem uma esp cie de alarme *possível* ue Varine saiba ue peguei algo e, hã, talvez saiba at onde está agora. Possivelmente. *Talvez.*

E o ue voc tirou de lá de dentro

Nada de ue ela precise. Ela foi rápida em mudar de assunto. Mas

enfim, achei ue seria melhor guardar o livro em algum lugar protegido. Ela encontrou o olhar de Iridia com firmeza. Talvez trancado a ui.

Então está me dizendo ue gostaria de armazenar um ob eto potencialmente perigoso, de valor inestimável para uma necromante ainda mais perigosa, *aqui*. No meu local de trabalho.

Viv deu de ombros, sem eito.

. , acho ue sim.

Iridia abriu um sorriso tenso, puxou o livro da mesa e o pesou em ambas as mãos.

Mal posso esperar para voc ir embora.



A imensa espada era impossível de esconder uando Viv entrou no Poleiro na uela noite. Sem ter como prend -la nas costas, ela segurava todos os dois metros de l mina com a ponta para baixo frente, na esperança de subir as escadas rápida e furtivamente.

Pelos infernos exclamou Gallina, arruinando seus planos de pronto. De onde saiu *isso*

, há Viv se deu conta de ue deveria ter inventado uma explicação para a origem da espada antes. Eu comprei completou, de forma ridícula. E nada convincente.

Brand tamb m a observava com interesse.

um. Uma espada grande, hein A outra não estava dando conta do recado perguntou.

Viv tentou sorrir, mas sentiu como se estivesse fazendo uma careta, e provavelmente estava mesmo.

Estou exausta. Vou para o meu uarto descansar.

Ela subiu as escadas mancando, a l mina encaixada debaixo do braço, apressou-se at o uarto e fechou a porta com firmeza. Uma brisa mida entrava pela anelinha, carregando o cheiro sulfuroso de algas marinhas.

Ela apoiou a espada entre as tiras de couro da cabeceira da cama, acendeu o lampião e deu um passo para trás para examinar a l mina.

O aço do comprimento cintilava, impecável, limpo e perfeito, sem um nico risco ou amassado para maculá-lo. O couro ue envolvia o punho parecia ter sido a ustado na v spera, e o botão do punho consistia em um belo mas robusto anel.

Viv uis segurá-la outra vez na mesma hora.

Examinou a coxa, testando a dor ue começava a diminuir. Será ue Rackam á tinha encurralado Varine, a Pálida Será ue ele ainda estava vivo Será ue *ela* estava O alarme do livro parecia indicar fortemente ue sim.

A impaci ncia cresceu em seu peito. Passara os dias lendo toa, com pe uenos treinos nada impressionantes s para não perder os reflexos.

Murk parecia ter um poder sedativo sobre ela, uma canção sedutora de indol ncia.

Ela uase se deixara levar. Claro, precisava passar o tempo e deixar seu ferimento sarar. E não havia mal em aproveitar um pouco a recuperação forçada. Pensou, culpada, em Ma lee. *Ou um pouco de companhia*, acrescentou.

Mas seu tempo em Murk tinha ue chegar ao fim. E ela precisava estar pronta uando isso acontecesse.

27



A chuva ameaçava cair durante todo o dia seguinte. Por hábito, Viv fez uma visita rápida Thistleburr, mas não ficou muito tempo. Fern estava ocupada arrumando os ltimos livros nas prateleiras e, com toda a sua ansiedade por conta dos pacotes embrulhados, não havia muito ue Viv pudesse fazer para a udar, de ual uer forma. Contou o ue tinha feito com o livro de Varine, e Fern pareceu dividida entre o nervosismo e o alívio, mas as tarefas do dia acabaram por pesar mais.

Viv e Ma lee haviam plane ado um passeio, um plano ue Viv aguardara com prazer at ter tirado a espada grande do livro. Tentou recuperar a animação en uanto se aproximava da Canto do Mar.

As duas saíram em uma caminhada tran uila pela praia. Ma lee roçava o dedo pelo antebraço de Viv de um eito ue a distraía en uanto ela descrevia o plano ue havia elaborado com Fern para encontrar novos lares para os livros encalhados.

Graças ao seu talento na confeitaria comentou Viv, apertando a mão de Ma lee.

Tudo de bom vem da confeitaria respondeu Ma lee com toda a convicção.

En uanto caminhavam, Ma lee falou sobre velhos amigos e aventuras passadas, e Viv riu e assentiu nos momentos esperados. Mas, cada vez mais, seus pensamentos voltavam l mina em sua cama, atraídos como se por um ímã letal. Viv começou a apertar o passo, como se uisesse terminar logo a caminhada e voltar. Teve ue se conter várias vezes.

uando se despediram, Viv percebeu pelo sorriso magoado de Ma lee ue ela notara, e sentiu uma pontada de culpa.

Mas isso não a impediu de se apressar de volta para seu uarto.

Atrás do Poleiro e longe dos olhares curiosos, Viv ergueu a grande espada, girando-a sob a luz prateada do c u nublado. O peso da l mina fazia os m sculos de seus braços e ombros se esforçarem de um eito profundamente satisfat rio. Sentia-se firme, forte e cheia de prop sito, e, uando executou os movimentos do treino, muito diferentes por serem ade uados arma maior, foi como se tivesse empunhado a uela l mina durante toda a vida.

 ual uer dor na perna foi es uecida. Não estava totalmente curada, nem de longe, mas não a incomodava nem um pouco. Ao dar um golpe diagonal, o metal sussurrando no ar, um riso surpreso escapou de seus lábios.

A espada grande parecia guiada por um prop sito inexorável, traçando seu caminho de volta aos Corvos. De volta ao seu lugar de verdade.

Viv sentiu o sorriso transformar seu rosto, arreganhando as presas, alegre e feroz. O suor escorria pelas clavículas e voava de seus antebraços en uanto ela erguia a l mina sem parar.

Pelos deuses, como era bom.

No dia da feira da Thistleburr no calçadão, Viv desceu os degraus da frente do Poleiro sentindo-se mais normal do ue em dias. Os ombros ainda estavam rígidos depois do treino com a espada, mas logo a sensação passaria, ela sabia. A chuva ue parecera iminente no dia anterior se dissipara; as nuvens tinham se desfeito em fitas brancas esfiapadas.

Ela saiu do vale de dunas gramadas no caminho do Poleiro at a Thistleburr, e ao se aproximar da livraria, ficou surpresa ao ver Pitts montando uatro cavaletes do lado de fora. Sua carroça esperava ali perto, carregada com uma pilha de tábuas compridas.

 uando Viv se aproximou, Pitts a cumprimentou com um aceno de cabeça e voltou para a carroça. Ele pegou uatro tábuas de uma vez, e uilibrando-as no ombro marcado com cicatrizes, e as apoiou em um par de cavaletes, lado a lado, formando uma mesa improvisada.

 Eu pego as outras disse Viv.

Ela o imitou, pegando as outras uatro tábuas para montar a segunda mesa. Era uma sensação boa, dar conta de uma tarefa física ue, uma semana atrás, teria feito sua perna ceder.

 Obrigada, Pitts disse Fern.

A ratoide saiu para o calçadão, com Paio trotando atrás, a língua rosada e pontuda pendendo do bico. O grifete nem se uer rosnou para Viv dessa vez. Fern bateu palmas, os olhos brilhando de expectativa.

Bem, então vamos começar

Voc acabou metido nessa tamb m, perguntou Viv a Pitts.

Ele deu de ombros.

Combinamos uma pe uena troca. Algumas coisas especialmente para mim na pr xima remessa.

Mais poesia

Pitts a observou com um sorrisinho calmo. Então recitou:

A mão digna em repouso paciente. A toler ncia dos momentos. O contentamento ali floresce.

Viv uase caçoou dele, mas então sua mente compreendeu as palavras. Ela franziu a testa para Fern.

Por ue voc nunca tentou me fazer ler poesia

Estava esperando voc ficar num humor mais contemplativo. preciso abordar essas coisas com tato respondeu Fern. Mas este não o momento. Temos um monte de pacotes para arrumar, e o navio de passageiros chega em algumas horas.

Sim, senhora disse Viv, imitando o tom solene de Alfor e.

Fern levou uma pata boca para conter o riso, e Pitts a olhou, curioso, mas não comentou.



En uanto os tr s examinavam as duas mesas arrumadas, com fileiras ordenadas de pacotes de livros meticulosamente embrulhados, Fern bateu na testa com a pata.

Merda uase es ueci

Correu para dentro da lo a e voltou, toda atrapalhada, carregando um uadro de giz pesado demais para ela. Em giz branco, dos dois lados, estavam os dizeres

liquidação
de livros
surpresa

com uma seta elegante logo abaixo.

Preciso levar isso para a praia comentou, ofegante.

Paio piou em encora amento.

Viv fez menção de a udá-la, mas Pitts foi mais rápido.

Já vou para a ueles lados mesmo disse, pegando o uadro com facilidade e colocando-o na carroça. Eu levo. Boa sorte.

Com um aceno, ele segurou os arreios da carroça e se afastou, descendo a ladeira.

Bem disse Fern, mexendo no fecho do manto , acho ue agora s esperar

Vai dar tudo certo respondeu Viv, embora não tivesse tanta certeza. Não exatamente.

A fragata atracou perto do meio-dia, e durante a hora seguinte elas esperaram. E esperaram. E esperaram mais um pouco.

Pelos deuses, não vai funcionar, n perguntou Fern, apreensiva. As pessoas á devem ter desembarcado. *Merda*.

Ela mexia nervosamente no laço de barbante de um pacote ue dizia FAMÍLIA, NEGÓCIOS e POLÍTICA ANÃ.

Vamos esperar mais um pouco disse Viv, embora estivesse com receio de ue Fern tivesse razão. Elas devem ter coisas para resolver primeiro. ospedagem. Comida. Sabe Essas coisas.

, pode ser respondeu Fern, mas, pelo seu tom, não estava convencida.

Então, dist ncia, alguns gatos pingados surgiram. Fern protegeu os olhos do sol com a pata e os observou, ansiosa, mas eles entraram na Canto do Mar.

Ah murmurou ela, e Viv ficou de coração partido ao ver seus ombros desabarem.

 uando as figuras reapareceram mais tarde, por m, seguiram ladeira acima, na direção da livraria. Viv temeu ue o casal dois fe ricos de pedra com roupas elegantes fosse passar direto na direção do Poleiro, mas eles se aproximaram das mesas com interesse.

Uma li uidação de livros surpresa perguntou a mulher, cu o cabelo branco estava preso em cachos altos. Nunca ouvi falar de nada parecido.

Bem começou Fern, disparando a falar , escolhi alguns livros ue seguem os mesmos temas e os reuni. Demos algumas pistas sobre o conte do, mas Bem, meio ue uma surpresa.

O cavalheiro segurou um dos pacotes, erguendo as sobrancelhas finas en uanto lia as palavras escritas no embrulho.

Por ue eu mesmo não escolheria os livros perguntou ele, não parecendo convencido.

Por ue ela maravilhosa com as recomendaç es disse Viv, os braços cruzados, encostada em um poste do calçadão. Nunca errou comigo. Al m disso, todo mundo gosta de uma surpresa, certo

E voc não encontrará oferta melhor acrescentou Fern. Apenas trinta tost es por tr s livros.

Seus bigodes tremiam de nervosismo. E, embora estivesse fingindo tran uilidade, Viv sentia o mesmo.

Tricô, assassinato e *vinho* disse a mulher, soltando uma risada. Bem, isso parece encantador, não , Fellan

um soltou ele, es uivando-se de responder en uanto examinava outro pacote.

Ora, não comece. Vou uerer este a ui. A cliente sorriu para Fern ao erguer o pacote. Depois dessa parada, temos uma viagem de uatro dias at Stellacia, do outro lado do cabo. uase fi uei doida de t dio no ltimo trecho. Não vou dizer ue estou desesperada, mas uase.

Sabendo o ue tem aí, acho ue voc não vai se decepcionar comentou Fern, en uanto a mulher cutucava o companheiro, pedindo a bolsa de moedas.

Traição, relógios e *horticultura* disse o cavalheiro, olhando com surpresa o pacote ue segurava.

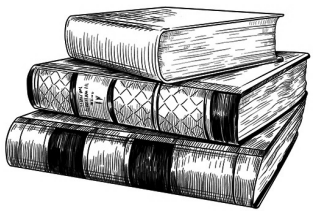
Um anão se aproximou dele, examinando a mesa en uanto puxava uma das pontas de seu enorme bigode de morsa.

En uanto Fern conversava animadamente com a fe rica de pedra, Viv sorriu e se aproximou para atender o anão, es uecendo-se por um tempo de espadas grandes, necromantes e Rackam.

Ela podia at estar pegando carona na uela carroça por poucas semanas, mas não havia motivo para não descer e a udar a empurrar.

E a uele foi o começo de um dia muito ocupado.

28



A procissão de clientes e curiosos não chegou a ser constante aumentava e diminuía conforme o sol avançava no c u , mas nunca se interrompeu por tempo demais. Alguns compravam, outros apenas olhavam, mas as pilhas de pacotes aos poucos foram diminuindo.

Ficou claro ue não estavam sendo visitadas apenas pelos passageiros da fragata, á ue Fern chegou a cumprimentar algumas pessoas pelo nome. Viv imaginou ue a notícia devia ter se espalhado e, sinceramente, o ue mais havia para fazer em Murk ual uer novidade era novidade.

Algumas horas depois, Ma lee apareceu com uma grande cesta de pãezinhos de melaço. Sua assistente magricela vinha com outra logo atrás.

A anã abriu um largo sorriso para Viv ao colocar a cesta na beirada de uma das mesas, Fern se apressando para abrir espaço com uma expressão de confusão distraída. O aroma de melaço e gengibre pairava no ar.

Eu uis doar uma coisinha para a udar explicou Ma lee antes ue a ratoide tivesse tempo de perguntar. Ela examinou as mesas com os livros embrulhados. Acho ue nada deixa as pessoas mais dispostas a darem uma olhada do ue a barriga.

Fern ficou olhando para a anã, atônita, at ue Viv murmurou:

Eu, hã, *talvez* tenha comentado sobre o seu plano.

Eu *Obrigada* disse Fern, en uanto a assistente de Ma lee deixava a pr pria cesta ao lado da primeira.

Não há de u , meu bem. Ma lee deu uma piscadela para ela. Eu

ganhei um livro excelente sobre confeitaria gnômica e acho ue voc deve ter dado uma mãozinha nisso. Ela apertou os uadris de Viv. Nada mais usto ue retribuir o favor.

Obrigada sussurrou Viv, sentindo outra pontada de culpa.

Ainda se lembrava da expressão magoada de Ma lee depois de sua bvia distração durante a ltima caminhada.

De nada, meu bem disse a anã, embora estivesse evitando fazer contato visual.

Viv estava tentando formular algum tipo de pedido de desculpas discreto uando uma voz veio da mesa mais distante.

Picante *Úmido?*

Gallina segurava um pacote na mão estendida, com uma expressão divertida no rosto.

Não acredito ue voc escreveu isso exclamou Fern, lançando um olhar severo para Viv.

Ela deu de ombros.

Acho ue voc disse para eu escrever paixão e amor , mas achei ue valia arriscar.

Ah, meus deuses, com certeza, isso parece bem mais interessante comentou Gallina. E olha ue eu nem leio.

O ue voc está fazendo a ui, então

Viv lhe lançou um olhar impassível.

Dando uma olhada. E parece ue voc s t m pãezinhos doces, então

Para os *clientes* esclareceu Viv.

Um pãozinho de brinde com cada pacote acrescentou Ma lee com um sorriso.

Olha, voc ainda me deve a uela hist ria, lembra Então, como se eu á tivesse pagado.

Voc não fica sentada um minuto para eu poder ler para voc . Agora a *minha* vez de propor um acordo. Vou pagar pelo pacote ue voc pegou, e então

Viv tirou um dos pãezinhos de melaço do cesto. Voc ganha seu brinde. E estamos uites.

Gallina olhou do embrulho de livros para o pãozinho, pensativa.

Tá bom. Mas principalmente pelo pãozinho. Ela olhou para Ma lee e disse, em um sussurro exagerado e alto: Ela l muito mal. Caio no sono na hora.

Viv suspirou e tirou trinta tost es da carteira, deixando-os na caixa de moedas. Então atirou o pãozinho para Gallina, ue sacou uma adaga da bandoleira e o

espetou no ar com um sorriso atrevido. Deu uma mordida dramática e sacudiu o pacote na direção de Viv.

Acho ue consigo arrumar uma serventia para o papel tamb m murmurou de boca cheia.

Rackam gosta de gente culta gritou Viv en uanto a gnoma se afastava em direção ao Poleiro.

O pãozinho tá timo, Ma lee gritou Gallina por cima do ombro.



ighlark exclamou Viv.

Ah, Viv, ue alívio ver voc descansar em vez de ficar sangrando por aí.

á, esta Fern disse ela, colocando a mão no ombro da ratoide. Thistleburr a livraria dela. Acho ue voc s não se conhecem.

Prazer em conhec -lo disse Fern, en uanto depositava alguns tost es na caixa de moedas.

Ele tem uase tantos livros uanto voc comentou Viv.

Um bibli filo perguntou Fern, erguendo as sobrancelhas com interesse.

Ela está exagerando sobre a minha coleção respondeu ighlark, inclinando a cabeça. São textos de refer ncia, em sua maioria. Devo dizer ue esta uma ideia encantadora. Ele passou o indicador por um dos pacotes. *Traição*, *alquimia* e *fraternidade*. Intrigante.

Esse aí bem literário avisou Fern.

Voc leu Todos eles perguntou ighlark, surpreso, indicando as mesas.

Não exatamente. Mas li todos desse pacote. Gosta de Tensiger

Um sorriso sincero surgiu no rosto de ighlark, genuíno como Viv ainda não tinha visto.

Pode-se dizer ue sou um fã.

Fern deu uma batidinha em outro pacote.

Então pode achar este a ui interessante tamb m.

uando o cirurgião finalmente partiu, levava tr s pacotes nos braços e um pãozinho na boca.



uando o horizonte começou a arder em vermelho sobre o mar, as mesas estavam bem mais vazias. Não tinham vendido tudo talvez s metade , mas a caixa de moedas ficou tão abarrotada ue Fern precisou levá-la para dentro e esvaziá-la. A

empreitada foi muito mais bem-sucedida do ue Viv esperava.

Ma lee tinha ido embora pouco depois de entregar sua contribuição, e agora as cestas estavam vazias nas mesas, com meras migalhas no fundo.

Viv as levou at a Canto do Mar, devolvendo-as para Ma lee com os agradecimentos de Fern, algumas gentilezas sussurradas e uma promessa de ue a visitaria na manhã seguinte. ueria se redimir pelo dia anterior, mas isso teria ue esperar at estarem a s s.

 uando Viv voltou para a Thistleburr, Fern á havia recolhido os pacotes de livros das mesas improvisadas e esperava dentro da lo a.

Viv empilhou as tábuas e as guardou perto do calçadão de madeira, depois colocou os cavaletes por cima at ue Pitts pudesse buscar tudo mais tarde, en uanto o crep sculo índigo devorava o pôr do sol.

Ao entrar na lo a, Fern soltou um berro ue assustou Viv.

— Pelos oito infernos, porra — gritou a ratoide. — Não acredito ue conseguimos Nem sei uantos vendemos

Alfor e, sentado em uma das poltronas, ergueu os olhos. Para sua surpresa, ele estava com os p s apoiados no ban uinho e um livro no colo ossudo.

— Oitenta e sete livros, senhora.

A ratoide soltou um longo suspiro.

— S Fern, Alfor e. Não precisa de senhora .

O hom nculo não respondeu. De ual uer maneira, Viv duvidava ue ele fosse atender ao pedido.

Os embrulhos de livros restantes estavam no corredor dos fundos em pilhas ordenadas, e as estantes da livraria estavam mais vazias, aguardando a nova remessa.

— Talvez voc devesse embrulhar *todos* os livros da ui para a frente — disse Viv, meio brincando.

Fern riu.

— uem dera fosse tão simples Vendemos os pacotes bem barato. Vai a udar nas contas por mais um tempo e serviu para liberar espaço, mas se eu fizesse o mesmo com os exemplares novos, seria como dá-los de graça. Ainda assim, foi *incrível*. E os pãezinhos a udaram bastante. Espero ue tenha agradecido Ma lee mais uma vez por mim.

Viv assentiu antes de se dirigir a Alfor e:

— O ue voc está lendo aí

O hom nculo olhou para o livro e depois para ela.

— A senhora — *Fern* insistiu ue eu fizesse algo ue não pudesse ser considerado trabalho. Esta me pareceu a opção mais bvia.

E o ue está achando

Ele inclinou a cabeça para o lado, os olhos azuis cintilando.

Consigo ver o apelo, suponho. Mas talvez eu devesse experimentar um dos mais midos.

Viv tentou não engasgar de tanto rir.

29



Um problema decorrente de seu xito em se livrar de um monte de livros e colocá-los nas mãos dos visitantes e cidadãos de Murk e ue Fern culpava a si mesma por não ter previsto era ue a demanda por leituras estava totalmente satisfeita. A Thistleburr parecia um t mulo ap s a li uidação.

Al m disso, as estantes estavam com uma apar ncia desolada, cheias de lacunas, amplos espaços solitários ainda não preenchidos.

 uanto tempo at a remessa chegar perguntou Viv.

Fern ergueu a cabeça dos braços cruzados.

 uem sabe O transporte terrestre imprevisível. Talvez alguns dias respondeu, desolada. Não ue algu m vá uerer *comprar* alguma coisa. Acabei de ocupar toda a população de Murk com livros pela metade do preço. uando os *novos* chegarem, ningu m vai precisar de nada pra ler

Ela completou a reclamação com alguns palavr es escolhidos com precisão feroz.

Viv deu algumas batidinhas no terceiro volume dos mist rios de Beckett, sua distração atual.

 Eles vão terminar e precisar de outra coisa. Não

A ratoide suspirou e admitiu, a contragosto:

 . Teoricamente sim. Acho. Ela olhou de relance para Alfor e, ue começara a aparecer durante o dia devido escassez de clientes. Pena ue não leem tão rápido uanto ele.

O hom nculo estava instalado em uma das poltronas com uma pilha de livros ao seu lado. Ele os devorava em um ritmo impressionante. Paio estava deitado aos seus

p s, tentando beliscar os ossos dos dedos dele en uanto Alfor e gentilmente afastava o bico curioso.

Como voc l tão rápido assim Viv mexeu os dedos. algum tipo de sei lá, magia

Alfor e virou uma página com o dedo ossudo.

Eu olho para a página e as palavras estão na minha mente. o m todo comum, não

Todas as palavras da página Tudo *de uma vez* s uestionou Fern.

Ele olhou dela para Viv.

Voc s leem palavra por palavra perguntou, curioso.

Sim gritaram as duas ao mesmo tempo.

Ele pareceu pensar um pouco no assunto.

Pois isso me parece bastante ineficiente, se me permitem o comentário.

Viv afastou as cortinas para olhar por uma das anelas. O cio ap s a li uidação não tinha a udado em nada sua crescente impaci ncia. Sentia-se in uieta, muito consciente da passagem das horas e dos dias, e cada vez mais ansiosa pelo retorno de Rackam. Ou para ue *qualquer coisa* acontecesse, na verdade. uase dese ou ue outro estranho de cinza aparecesse na cidade, s para ter o ue fazer.

Na v spera, ela havia feito um desvio durante sua caminhada matinal at o uadro de recompensas, estudando cada oferta rabiscada, sonhando acordada com acampamentos de bandidos, ninhos de orthegs e salteadores. Infernos, at uma caçada a um espinodorso teria sido bem-vinda.

O tempo todo, seus dedos formigaram de vontade de segurar uma arma.

No momento, o ue mais ueria era voltar para o uarto, pegar no punho da espada grande e treinar bastante. Suar muito. E, verdade fosse dita, ela fazia isso todos os dias, nos fundos do Poleiro.

Mas tamb m havia prometido a udar Fern com a lo a, tentar transformar o neg cio de algo mal sobrevivendo em uma coisa viva. Viv havia assumido um compromisso, e gostava de pensar ue honrava seus compromissos.

Ela forçou os pensamentos de volta nessa direção. Pelo rabo caído de Fern, dava para perceber ue ela estava voltando antiga apatia.

Viv forçou um sorriso e deu as costas para a anela.

Então, á ue precisamos esperar mais alguns dias e ningu m tem vindo lo a, não importa o ue a gente faz a ui dentro, certo E se voc fechasse de uma vez e a gente fizesse alguns reparos na livraria Assim, uando os novos livros chegarem, essa não vai ser a nica novidade.

Fern encarou-a, o ueixo apoiado nos braços outra vez, mas não disse nada por

um tempo. Ela estava considerando a ideia, Viv sabia. Por fim, Fern perguntou:

Tipo o u

Bem, para começar Viv apontou para o lampião rachado. Toda vez ue a porta bate, eu fico esperando esse troço se estilhaçar no chão.

Então voc acha ue *um lampião novo* vai resolver meus problemas

A voz dela estava um pouco exasperada, mas tentava ser bem-humorada.

Me incomoda toda vez ue ve o. Mas podemos passar uma nova demão de tinta nas paredes tamb m. uem sabe um tapete novo Este a ui á não está mais tão fedido, mas continua

Malcheiroso completou Alfor e.

E voc por acaso consegue sentir cheiro perguntou Fern, surpresa.

Minha Senhora era muito exigente com essas coisas respondeu ele, com altivez.

Paio grasnou em concord ncia.

Mas nada disso muda o ue eu vendo argumentou Fern. Isto a ui não um hotel. uma livraria Não ue eu não ueira ue se a um lugar agradável. Eu uero. Mas difícil acreditar ue vá fazer alguma diferença. Não dá para capinar o ardim en uanto a casa está pegando fogo.

Viv tentou encontrar uma forma de expressar o ue ueria dizer. Estalou os dedos.

A padaria Se ela estivesse, há

A ratoide viu aonde ela ueria chegar.

Do eito ue minha lo a está agora completou, em tom sombrio, gesticulando para ue Viv continuasse.

Eu não ia comparar com a sua lo a. S ia dizer *suja*.

Fern bufou.

Aham, acredito.

Enfim, se a padaria estivesse toda su a, voc acha ue Ma lee teria tanto sucesso

Não, mas diferente. *comida*. Se o lugar for no ento, voc perde o apetite.

Acho ue o ue uero dizer ue voc precisa ter apetite para livros tamb m.

um.

Fern não parecia totalmente convencida.

ual a pior coisa ue pode acontecer se fizermos alguns reparos por a ui

Podemos desperdiçar todo o dinheiro da li uidação e isso não fazer a menor diferença retrucou a ratoide.

Viv a encarou, surpresa.

, acho ue esse o pior caso, mesmo.

Fern observou a pintura descascada, o lampião rachado, as cortinas gastas e o tapete esfarrapado.

Eu nem ve o mais essas coisas. s a minha casa. Estou acostumada.

Talvez voc este a conformada.

A ratoide suspirou.

Tá bem, *se* a gente fosse mudar algumas coisas

Alfor e se animou.

Senhora, tudo bem se eu pudesse servir *agora*

Me chame de Fern, Alfor e.

Sim, senhora.

Apesar das visitas furtivas ao uadro de recompensas, Viv não passava muito tempo na cidade de Murk. Al m da dist ncia, não tinha muito a fazer por lá, e a possibilidade de esbarrar em Iridia mesmo com a tr gua temporária entre as duas em geral a fazia descartar a ideia.

Agora, no entanto, estava doida para saber se os irmãos gnomos ainda estavam vendendo m veis.

Ao darem de cara com a placa FECHADO na porta, ela e Fern se dirigiram s muralhas da fortaleza. Elas haviam tentado convencer Alfor e a ir na bolsa, mas ele declinara, dizendo ue preferia ficar lendo.

Ocorreu a Viv ue nunca realmente saíra para lugar algum *com* Fern antes. Paio as acompanhava, trotando ao lado de Fern e arregalando os olhos para tudo com a língua rosada para fora.

Espera aí disse Viv uando estavam passando na frente da Canto do Mar. Acho ue Ma lee pode uerer vir. Voc não se incomoda, certo

Claro ue não. Se voc não se esforçar mais em cuidar da uela mulher, ela vai te largar. E aí como vou conseguir bolinhos de graça Tenho meus interesses a ui.

Demorou um pou uinho, mas Viv voltou com Ma lee ao lado.

Se a padaria pegar fogo en uanto elsa cuida de tudo, a culpa vai ser sua resmungou a anã, mas Viv ficou feliz com o sorriso ue havia por baixo das palavras.

O sol refletia no mar plácido em faixas brancas ofuscantes, e o ar acima da areia ondulava de calor. Nos trechos de areia seca da praia, pessoas ficavam sentadas em cobertores ou debaixo de grandes guarda-s is feitos de antigas velas. Algumas at ousavam enfrentar as ondas, nadando e flutuando na água como rolhas.

As tr s suspiraram de alívio uando passaram sob o arco da entrada da cidade murada, onde as sombras formavam pe uenos ref gios relativamente frescos.

Primeiro, o mais importante disse Viv solene. Ela apontou para a lo a de velas, a mesma onde vira Balthus pela primeira vez, tantos dias atrás.

Sorrindo ao ver a expressão curiosa de Fern, ela as guiou para dentro, onde comprou novos vidros para o lampião e pediu ue embrulhassem para as tr s buscarem mais tarde.

Bem, pelo menos o mais *importante* á está resolvido disse Fern, irônica. Voc e esse lampião rachado

Em seguida, foram ver os irmãos gnomos. E, como ela previra, havia uma nova leva de m veis, em variadas condiç es, indo de irremediavelmente decr pitos a surpreendentemente s lidos e limpos.

Ma lee ergueu um aparador de livros ornamentado.

ã. Alguma ave marinha

Vire de lado. Talvez se a um coelho comentou Viv.

Fern soltou uma risada e examinou a mesa onde ele estava.

A anã inclinou a escultura e lançou a Viv um olhar desconfiado, a ue ela respondeu com uma risada.

Depois eu conto. Mas separe isso, certo Livrarias precisam de aparadores de livros.

Em ue posso a udar perguntou o irmão barbudo, en uanto o irmão de cara limpa mexia em uma caixa de uin uilharias.

Tem algum tapete perguntou Fern, ainda passando a pata pela mesa.

Temos tapetes at demais respondeu o gnomo.

Um *limpo* disse Viv, lançando um olhar significativo para o vendedor.

Ele pareceu ofendido e gesticulou para ue Fern o seguisse at uma pilha de tapetes enrolados e outros maiores pendurados nas costas de uma cadeira de madeira robusta.

Juntas, elas examinaram m veis, utensílios, ferramentas e miudezas. Paio teve ue ser convencido a não bicar as barras de alguns vestidos antigos empilhados em cima de um pufe.

Fern não parava de voltar mesa.

O ue foi perguntou Viv.

Eu estava pensando na frente da lo a e nos livros novos.

Ela não explicou, mas Viv viu algo em seus olhos. Algo parecido com uma tímida empolgação.

As tr s escolheram um tapete ade uado, alguns vasos, duas poltronas novas para

o canto da frente, a mesa ue Fern não largava e uma pintura ue Ma lee insistiu ue daria um to ue sofisticado, pendurada atrás do balcão.

Viv fez uestão de ue levassem os aparadores de gaivota tamb m.

Ma lee se mostrou uma excelente pechinchadora, e os irmãos eram clientes assíduos da Canto do Mar. Viv viu o desalento das rugas de preocupação em suas testas en uanto tentavam e uilibrar mentalmente as graças da padeira com um possível lucro.

Talvez fosse uma vantagem in usta para Ma lee.

Viv pagou algumas moedas a mais pela entrega, bateu na coxa e declarou:

Se ighlark me visse carregando ual uer uma dessas coisas, provavelmente me esfa uearia na outra perna.

Depois de comprarem algumas latas de tinta branca de um marceneiro perto da feira, Viv considerou a viagem um sucesso.

O antar por minha conta avisou. Já está na hora de eu comer em algum lugar ue não o Poleiro.

Sabia ue eu tinha vindo por um bom motivo disse Ma lee, entrelaçando os dedos nos de Viv. Ela cheirava a gengibre e pele a uecida pelo sol.

Viv apertou a mão dela de volta. No fundo, estava ciente de uma dor iminente e maldisfarçada. Mas tamb m, na verdade, inescapável.

Ma lee tamb m sabia o ue estava por vir. Em um acordo tácito, ambas fingiriam ue ainda demoraria um bom tempo.

E aí eu disse: Claro ue não posso guardar, o meu *rabo*, porra berrou Fern, batendo a pata na mesa.

Ma lee tentou tomar um gole de cerve a, mas uma risada subia no sentido oposto, e o resultado foi previsível. Viv lhe deu algumas palmadinhas nas costas bem de leve en uanto terminava a pr pria caneca. Foi fácil deixar a mão onde estava depois.

Por insist ncia de Ma lee, tinham ido do antar para uma taverna de teto baixo escondida em um beco, onde eram as nicas tr s clientes. Várias canecas depois, á tinham compensado com folga a aus ncia de outros fregueses com o tanto ue beberam. uela altura, o taberneiro vinha reabastecer suas bebidas e saía como se estivesse pisando em um ninho de cobras furiosas, e toda vez ue isso acontecia, Ma lee apenas ria mais alto.

E *aí* continuou Fern, falando meio embolado e balançando o copo , ele

diz: Não uero saber o *que* , mas se voc agarrar minha bunda *outra vez* ela estufou o peito e engrossou a voz vamos ter um *problema*.

Ma lee perdeu o ar de tanto rir.

Viv se recostou na cadeira e olhou para a ratoide por cima da caneca vazia.

Bem. E voc *estava* agarrando a bunda dele

Claro ue não respondeu Fern. Não era. Digna. De se agarrar declarou, batendo a garra na mesa tr s vezes para dar nfase. Era um como mesmo o nome Um um *lampião*. ue estava batendo na bunda dele

Ele era um *Guardião dos Portões* perguntou Ma lee.

Um Guardião dos Port es desbundado declarou Fern.

E as tr s começaram a rir.

uando a risada deu lugar a um relativo sil ncio, Fern olhou para as duas, os olhos midos, e ergueu o copo outra vez.

A voc s duas. Voc s são Ela tentou pensar na palavra. Fofas. E eu estou b bada.

Fofas, Voc com certeza está b bada disse Viv, erguendo a caneca á reabastecida.

Fale por voc . Ma lee ergueu a pr pria caneca e brindou com Fern. Eu sou fofa mesmo.

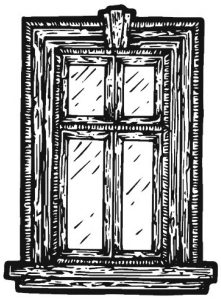
Viv viu o olhar de desafio de Ma lee e decidiu ue havia respondido rápido demais. Na verdade, o calor agradável em suas bochechas e a sensação ue cresceu em seu peito a fizeram uerer se inclinar, roçar o polegar no lábio inferior de Ma lee e

De repente, notou ue Fern as observava avidamente, a bochecha apoiada em uma pata, girando o copo com a outra.

Viv pigarreou, mas suas palavras foram sinceras:

Não tenho como discordar.

30



Deuses, não parece nada bom, não disse Fern.

Ela massageou a testa, ainda um pouco debilitada depois da aventura da noite anterior.

Ela, Viv e Alfor e estavam parados meio ue no centro da lo a. A porta de entrada estava trancada, os materiais de pintura empilhados no chão, a parte de cima das estantes coberta por velhas lonas presas com pedras. A mesa, as poltronas e o tapete ue compraram tinham sido colocados na calçada em frente livraria, assim como todos os outros m veis ue conseguiram mover at lá. Os aparadores de gaivota estavam untos no balcão como um to ue de humor.

Por algum motivo, a adição deles lo a fazia a tinta descascada parecer mais bvia, e cada canto desgastado do lugar parecia mais decadente do ue o normal.

Finalmente disse Alfor e, com um tom alegre e motivado. Se me permite, senhora

Ele nem mesmo esperou receber permissão para abrir a lata de tinta. Viv teve a impressão de ue chegou a soltar uma risada baixinha.

Acho ue eu não poderia te *impedir* comentou Fern.

Alfor e e Viv cuidaram da maior parte do trabalho inicial. Usaram espátulas para raspar as paredes e retirar a tinta descascada, ue caía sobre a lona e o chão como casca de álamo. Fern untava a su eira ue caía em pilhas. Viv esperava fazer a maior parte do trabalho sozinha, visto ue muito da madeira exposta ficava no alto, mas o hom nculo tinha um e uilíbrio impecável e sem d vida não se machucaria se caísse. Ele escalava as estantes com agilidade, mesmo com a proteção de lona, agachando-se

e contorcendo-se em posiç es impossíveis para ual uer criatura viva.

Fern enchia potinhos de tinta e os passava para cima. Em algumas horas dedicadas e agradáveis, pintaram todo o cômodo da frente. Viv conseguia at mesmo alcançar o teto. E, embora isso a tivesse deixado com um torcicolo terrível e exigido m sculos das costas ue nem mesmo os treinos com espada forçavam, ela deu conta.

uando acabaram de pintar, Viv retirou as pedras das lonas e as dobrou com todo o cuidado, levando tudo para a calçada. Abriram as anelas laterais e Fern escancarou a porta dos fundos para are ar a lo a. Então se reuniram e observaram o trabalho concluído.

com certeza melhorou admitiu Fern.

Espera disse Viv, indo at o lampião e removendo o vidro rachado. Cuidadosamente, desembrulhou o ue havia comprado e o encaixou na base do lampião. *Agora sim*, bem melhor.

Sem d vida concordou Alfor e, as chamas azuis em suas rbitas pulsando preguiçosamente. Uma transformação *muito* respeitável.

Ele soltou um suspiro longo e oco de satisfação, e embora Viv nunca tivesse imaginado ue um es ueleto pudesse parecer relaxado, de alguma maneira essa era a sensação.

A ratoide revirou os olhos.

s um pouco de tinta.

Mas Viv percebeu, pela curva do rabo e o tremeli ue dos bigodes, ue Fern estava satisfeita.

Nas horas seguintes, Viv arrastou os m veis de volta para a lo a, e os tr s ficaram avaliando as melhores posiç es. No fim, trocaram de lugar algumas das estantes. Ou melhor, Viv as trocou, levantando cuidadosamente um canto e depois o outro, movendo-as com delicadeza para seus novos lugares.

Colocaram a mesa ue Fern escolhera unto de duas estantes dispostas de costas uma para a outra e criaram um cantinho aconchegante com as novas poltronas perto das anelas da frente. Os vasos, ainda vazios, foram posicionados nos cantos. As mudanças abriram mais espaço para as poltronas acolchoadas e a mesinha lateral ue á tinham, e, uando enfim desenrolaram o novo tapete, o tom de bordô-escuro trouxe um ar surpreendentemente caloroso ao ambiente.

A essa altura, a tinta á havia secado o suficiente para Viv martelar um prego na parede atrás do balcão e pendurar a pintura ue Ma lee havia escolhido.

De fato, ela ficou muito bem ali.

E ual era o plano para essa mesa mesmo perguntou Viv, batendo no

tampo com os n s dos dedos.

Vamos ver respondeu Fern.

Ela andou pela lo a, selecionando alguns livros diferentes, estudando as capas e mordiscando uma das garras. Viv e Alfor e ficaram observando, sem entender, en uanto Fern ia e voltava at a mesa, arrumando os volumes em p ou inclinados, usando outros livros como suporte ou empilhando-os com precisão milim trica. s vezes, levava um de volta para a estante apenas para substituí-lo por outro título.

Em determinado momento, pegou os aparadores de livro em formato de gaivota ou coelho no balcão e os posicionou estrategicamente, intercalando uma s rie de volumes entre os dois em vários arran os diferentes at se dar por satisfeita.

Viv não sabia ue sinal invisível indicou ue Fern havia terminado, mas a ratoide recuou com um aceno de cabeça satisfeito.

E, tinha ue admitir, a mesa ficou bonita.

A ratoide pareceu despertar de um transe.

Bem suspirou Fern, olhando para o interior com as sobrancelhas erguidas. Caralhos me fodam.

Alfor e deu um passo para trás, alarmado, e seus olhos pareceram se arregalar uando as chamas lá dentro brilharam mais intensamente.

Viv inclinou-se para mais perto do cr nio dele e sussurrou:

 s uma expressão, não um dese o.

Ora, ficou bom mesmo comentou Ma lee, examinando a livraria com aprovação. uase nova em folha. Ela olhou por cima do ombro para Viv. E a uele vidro novo no lampião realmente deu o to ue final.

Viv fez uma rever ncia exagerada, e Fern bufou.

Gallina pegou um dos bolos de limão ue a padeira havia trazido, enfiou-o na boca e se acomodou na poltrona acolchoada, emitindo alguns sons indistintos de encora amento en uanto mastigava.

Fern havia colhido um pouco de grama na praia para encher os vasos novos, e a chama brilhava suavemente no lampião com vidros novos, o crep sculo caindo lá fora. A tinta branca rec m-aplicada uase reluzia e, em con unto com o aroma doce da grama, era impressionante como a remoção do infame tapete velho havia melhorado o cheiro do ambiente.

At os livros nas prateleiras pareciam mais bonitos. Mais limpos. Mais *arrumados*.

Viv comentou ue tem uma nova remessa de livros a caminho, verdade

continuou a anã.

Fern estava no balcão, mordiscando distraidamente seu pedaço de bolo en uanto Alfor e folheava um livreto.

ã , em breve. Acho ue vou ficar fechada at lá.

Mais livros Parece ue ainda tem um monte a ui dentro comentou Gallina, de olho nos bolos ue brilhavam no papel pardo.

Não ache ue não reparamos ue voc apareceu para comer bolo, mas não para pintar reclamou Viv.

Seu pescoço e costas ainda doíam, e ela se refastelou em uma das poltronas ao lado de Ma lee.

Não tenho nem um metro e vinte. O ue eu podia fazer

Gallina estendeu a mão para pegar outro bolo, mas franziu a testa ao ver a expressão divertida de Viv e afundou na poltrona.

Mas então disse a orc , voc usou suas horas de cio para ler algum da ueles livros Sabe, en uanto a gente estava a ui pintando

Não respondeu Gallina, sacando uma das facas e começando a aparar as unhas de um eito muito suspeito.

Mas seu rosto corou de leve, e Viv ficou se perguntando se era verdade.

Ma lee afundou mais na poltrona, apoiando os p s no ban uinho.

Está tão agradável ue dá at pra tirar um cochilo comentou, sonhadora.

Parece um ref gio. E meus p s estão doendo como os infernos.

Por um tempo, tudo o ue se ouvia era o chiado do lampião e o sil ncio cansado e contente ue se segue a um dia de trabalho físico em con unto.

De repente, Alfor e fechou o livro e se aproximou rapidamente da anela lateral, espalmando as mãos ossudas no vidro. Ele olhou para fora, para a noite ue chegava. Paio rosnou, erguendo-se nas patas dianteiras.

Viv apertou os braços da poltrona.

O ue foi

Sua mente se encheu de lembranças de Balthus, inumanos com elmos de chifres e olhos azuis, e o símbolo de Varine ardendo nas testas.

Achei ter visto algo, senhora respondeu Alfor e, a voz oca soando estranhamente tensa.

Viv se pôs de p num instante e foi destrancar a porta. Correu para a calçada e disparou at o beco para onde a anela dava vista.

Não havia nada ali al m da grama da praia sussurrante e das sombras se esticando lentamente pela areia.

Paio derrapou at parar ao lado dela, emitindo um pio grave e gutural, as orelhas

triangulares achatadas para trás e as penas eriçadas. Pela primeira vez, sua f ria não era dirigida a Viv.

Algo atiçou seus sentidos, o espectro de um cheiro.

Neve. E sangue congelado.

Então desapareceu, e Viv tentou se convencer de ue tinha sido imaginação.

uando voltou para a lo a, Gallina a encontrou na porta, de faca na mão. Viv balançou a cabeça.

Não tinha ningu m. Mas Ela encarou Alfor e, ue retribuiu o olhar. Acho ue voc devia ficar comigo esta noite. S por via das d vidas.

31



Eu estava naquele promontório açoitado pelo vento, meu cabelo, uma bandeira negra chicoteando às costas, as nuvens escuras acima se estendendo pelo céu como estandartes esfarrapados. A grama balançava em ondas murmurantes, delineadas pelo luar.

Ao longe, o mar parecia parado, mas não estava. Seus balanços e ondas eram largos e lentos demais para serem percebidos daquela distância. Mas, na minha imaginação, eu conhecia sua fúria, capturada sob a linha vívida do horizonte.

E solitária diante dele, como uma árvore pálida, com folhas de outono balançadas pela tempestade, ela me esperava.

Seus olhos pretos brilhavam, encontrando os meus através da distância enfurecida.

A primeira…

Viv deixou o livro cair no peito e suspirou. Olhou para a anelinha alta do uarto, onde o lampião lançava sua luz bruxuleante na parede. Do lado de fora, o vento aumentava talvez enfurecendo-se , e cada inspiração parecia trazer consigo o aroma fantasmag rico e metálico de sangue congelado.

Infernos, este livro não está a udando nem um pouco murmurou, colocando *Solar sombrio* no chão, ao lado do colchão de palha.

Ela olhou para a bolsa descansando unto ao ba .

Voc está acordado aí dentro sussurrou Viv.

A bolsa não se mexeu nem respondeu.

Suspirando de novo, Viv sentou-se e apagou o lampião, depois se deitou no escuro. Um feixe de luar cruzava o teto como uma fenda de c u visível das profundezas de um c nion.

Depois de um tempo, a luz sumiu, e ela caiu no sono.



uando sonhou, foi com Varine, a Pálida.

Elas estavam frente a frente em um promont rio escuro e familiar, coberto pela grama ue sibilava sob o vento insistente.

Claro ue era familiar. Viv acabara de ler sobre ele.

Os olhos da necromante eram tão sombrios uanto palavras podiam descrever, poços de vazio na carne branca, os cabelos abrindo-se em fitas escuras da cor da terra regada com sangue. Seus lábios eram azuis. Sem vida, mas carnudos e sorridentes.

Acima dela, a pr pria lua estava marcada por seu símbolo, um diamante com ramos como chifres.

A respiração de Viv falhou, o peito constrito por mãos invisíveis, enormes e esmagadoras. A grama começou a murchar conforme outras formas se erguiam da terra. Seus olhos brilhavam, pontinhos azuis como luz das estrelas ao se erguerem, cambaleantes, soltando torr es de terra.

Estou te vendo, Viv.

A forma de Varine se agigantava, como se a grama fosse seu manto e ela o untasse ao seu redor, tornando-se dez vezes maior.

Não, ela estava se *aproximando*, deslizando com rapidez por entre os espectros ue cambaleavam em direção presa atônita.

Viv voltou a si e tentou pegar o sabre em seu uadril, mas ele não estava lá. S então notou o peso pendurado em suas costas. Seus dedos tatearam por cima do ombro at encontrar o cabo da espada grande e o envolveram com gratidão. O couro rangeu, e um rel mpago passou do aço para sua carne. Ela não poderia ter soltado a espada mesmo ue uisesse.

E ela não ueria.

Voc tem algo ue me pertence ronronou Varine, impossivelmente imensa, vazia e enorme.

O mundo sibilava para longe como fuligem soprada de um mármore branco. At não haver nada. Nada al m de Varine.

Viv desembainhou a l mina e a ergueu diante de si, s lida e certa e *sua*.

Sangue-Preto.

O sussurro de Varine retumbou feito um trovão, e a necromante estava adiante, atrás, acima e, inevitavelmente, abaixo.

E então estava dentro de Viv, como uma l mina entre as costelas, fria e ocosa.

Viv acordou assustada na escuridão, apertando a lateral do corpo e sentindo o ardor g lido ue começava a desaparecer ali.

Seu outro braço estava ogado por cima da cama, os dedos apertando o cabo da espada grande.

O cabo de Sangue-Preto.



Viv se sentou sobre os calcanhares, sentindo a coxa arder e se alongar na uela posição. Recolocou a rolha na garrafa de p de ossos e ficou olhando en uanto Alfor e se erguia de seu local de descanso.

uando seus olhos brilharam, azuis, Viv pediu:

Não estou conseguindo dormir. Voc se incomoda

uer companhia perguntou ele na uela voz oca e reverberante.

Acho ue sim. E fico feliz de ver ue parou com a uela hist ria de senhora .

Alfor e fitou a espada grande ue pulsava com o reflexo do lampião na cabeceira da cama.

Tem um nome, não tem perguntou Viv. *Ela* tem um nome.

Tem respondeu ele.

Sangue-Negro disse Viv.

O olhar do hom nculo pareceu mais aguçado.

Voc tem sonhado

Então mesmo o nome dela murmurou Viv. Depois, admitiu: S uma vez.

Alfor e suspirou, um som de folhas secas roçando em pedra.

Minha Senhora virá.

Não se Rackam a encontrar primeiro argumentou Viv. Mas se ele não encontrou at agora talvez voc tenha razão.

Rackam perguntou Alfor e.

Então Viv lhe contou sobre Rackam, Lannis, Tuck e todos os outros. Ocorreu-lhe ue nunca tinha sentado e conversado de verdade com Alfor e, não uma conversa longa como a uela. Ele era um bom ouvinte.

uando terminou, examinou-o. Ele havia se acomodado em uma posição sentada, as pernas cruzadas de um eito ue parecia extremamente desconfortável se fosse algu m com m sculos e tend es.

Eu acho começou ela, devagar ue voc mentiu para n s. S um pouco.

Alfor e não respondeu por um bom tempo. Então disse:

E o ue a faz pensar assim

Um pressentimento. Um *forte* pressentimento. Eu realmente acredito ue voc precisa guardar os segredos dela. Acredito mesmo.

Preciso sussurrou Alfor e, como um sopro fantasmag rico.

Mas acho ue voc guarda mais do ue isso. Não para a udá-la. Nem para machucar ningu m. Mas por ue está com medo.

Ela ouve disse ele, e havia um u de ang stia em sua voz.

Agora

A pulsação de Viv disparou de medo.

Ele balançou a cabeça, e o coração dela desacelerou.

uando ela me encontrar disse ele, batendo o dedo na lateral do cr nio com chifres , ela poderá recuperar cada momento. *Reviver*. Não posso esconder nada dela. Seu olhar era atormentado. E at *eu* sou capaz de sentir dor. Ela tem seus meios.

Isso terrivelmente assustador concordou Viv. Ela ergueu Sangue-Preto da cabeceira da cama e colocou a espada no colo, deslizando os dedos pelo aço. Mas uero te perguntar uma coisa.

Pergunte disse ele, e algo na maneira como as chamas brilharam em suas rbitas transmitiu sua completa atenção.

Voc *quer* se livrar dela

Ele hesitou, sem d vida pensando no momento em ue Varine poderia testemunhar a uela confissão caso retornasse posse dela.

uero admitiu baixinho.

E voc acha ue algum dia vai ter uma chance melhor de se livrar dela do ue essa Se ela aparecer, vou fazer de tudo para matá-la, com a maldita espada dela, se puder. Talvez eu não este a no meu melhor momento, mas ainda sou *boa*. E o homem mais durão ue conheço está atrás dela, unto com outros, bem agora. Se ela ficar encurralada entre n s

Viv socou a pr pria palma.

Não tenho tanta certeza de ue ela possa ser morta por aço comentou Alfor e. Ele tocou Sangue-Preto com seu dedo sseo. E não tenho tanta certeza

de ue ela pode ser evitada.

Talvez ela não possa ser morta por aço repetiu Viv em um tom sombrio. Mas *tudo* pode morrer.

E, se voc fracassar continuou ele , ela viverá por muito, muito tempo. *Tanto* tempo. E não haverá liberdade para mim.

Bem disse Viv. Talvez este a na hora de melhorar nossas chances. Se ela não pode ser morta por aço, como então

Alfor e acariciou o ueixo ossudo com duas falanges por vários momentos, e então o fogo em seus olhos brilhou com mais força.

Talvez ha a um eito. Mas não será fácil.

Viv abriu um sorriso predat rio. Um sorriso ue ningu m mais em Murk amais vira.

Me conte tudo.

32



Ufa arfou Ma lee, limpando o suor da testa e ogando a trança por cima do ombro. Como foi ue eu deixei voc me convencer a fazer isso

Viv protegeu os olhos do sol e fitou o mar de sua posição no alto do penhasco.

A vista vale a pena respondeu ela, abrindo um sorriso encora ador.

Não mencionou a vontade irresistível ue sentia de observar as terras ao redor o mais longe ue a vista alcançava, de examinar cada sombra e árvore retorcida.

Nenhum ex rcito avançava no horizonte. Nenhuma mulher sem sangue com olhos como nan uim. Viv sentiu parte da in uietação diminuir.

es uerda, lápides se erguiam da grama alta do cemit rio como pedras parcialmente submersas em um riacho. Fern e Gallina sacudiam uma manta de lã verde, estendendo-a sobre a área vazia do lado de fora da cerca.

estranho, mas nunca estive a ui comentou Ma lee, olhando a vista para o norte. Nossa, ue casa impressionante, não

Ela apontou para a propriedade extensa visível do promont rio.

Fern diz ue onde mora elia Peregrina disse Viv.

A ue escreve a ueles livros com as cenas picantes

Não são *tão* picantes assim protestou Viv, embora na verdade fossem.

Eu não disse ue isso era uma coisa ruim.

A padeira sorriu para ela, um sorriso com algo travesso por trás. Um sorriso ue uase fez Viv dese ar ue Rackam levasse o tempo ue uisesse para aparecer.

Ma lee colocou o cesto de vime em cima da manta. Ela insistira em carregá-lo sozinha.

Fern, voc deveria pedir para *ela* passar na lo a da pr xima vez ue estiver pensando em fazer uma li uidação. Bolinhos e livros sensuais Agora sim

a Eu morreria de medo de pedir a ela. A uela mansão intimidadora. Mas uma ideia

Fern não terminou a frase.

Viv soltou o sabre e o encostou em um dos pilares de pedra no canto do cemit rio. Tinha notado Ma lee observando a arma durante toda a subida. Sentira uma combinação frustrante de culpa e irritação, e ainda estava se esforçando ao máximo para dominar os dois sentimentos e guardá-los nos recônditos da mente. Na uele lugar alto, ningu m iria se aproximar delas sem ser visto, mas, depois do sonho e da conversa meia-noite com Alfor e, ela não sairia desarmada, nem ali nem nos oito infernos. A espada grande *Sangue-Preto*, ela pensou se encaixava melhor em suas mãos, mas, com relut ncia, ela a deixara para trás em nome da sutileza. Ou pelo menos o mais pr ximo de sutileza ue era possível.

A caminhada at ali tinha sido significativamente menos desgastante do ue a anterior. Sua perna estava mais estável, Viv sentia pontadas s de vez em uando e finalmente conseguia usar a bota direita de novo. Sentia-se uase normal.

Bem, bom pegar um ar, de ual uer maneira comentou.

Voc meio ue *obrigou* a gente a vir disse Gallina, tirando as botas e enterrando os dedos dos p s na areia uente. Olha s pra voc . Grande, durona, uma mulher de atitude, organizando pi ueni ues.

Fern precisava sair retrucou Viv.

Ah, *Eu* precisava sair uestionou Fern, fingindo estar ofendida.

Precisava, sim. Resmungando pelos cantos, esperando o carregamento A lo a está fechada, as paredes estão pintadas. Já fez tudo o ue podia ser feito. Voc precisava tomar um ar.

Gallina deitou-se na manta, entrelaçou os dedos atrás da cabeça e fechou os olhos sob o sol.

Um longo caminho s pra respirar um pouco de ar, na minha opinião.

Sabe, Rackam s tem uma regra começou Viv.

Gallina abriu um olho para ela.

Ah,

. Reclam es ficam sem antar.

Ma lee riu en uanto terminava de descarregar a cesta, dispondo garrafas, potes e pacotes embrulhados em musselina. Fern enxotou Paio com relativo sucesso.

Ah, por falar em não comer

Viv pegou a bolsa de Alfor e e a abriu, destampando uma das garrafas para

colocar uma pitada de p nos ossos.

uando Alfor e se ergueu, olhou ao redor com interesse. Estendeu a mão, mexendo os dedos como se pudesse sentir a brisa. Talvez pudesse mesmo.

Maravilhoso disse ele em um tom nostálgico, olhando para o azul revolto do oceano e os pe uenos navios seguindo o horizonte. Tantos dos meus dias passados na escuridão murmurou. Tanto tempo desperdiçado.

Viv refletiu novamente ue, embora ele não tivesse um rosto de carne para expressar emoç es, algo na postura de seu corpo e no tom de sua voz comunicava muito. Pensou em todos a ueles dias em ue ele ganhava consci ncia apenas para desempenhar tarefas sombrias inimagináveis, apenas para então ser devolvido ao nada uando Varine não tinha mais uso para ele.

V -lo sob o sol, brilhando sob o seu calor, reacendeu uma brasa uase apagada no peito dela.

Se não se incomodarem, vou dar uma volta en uanto voc s fazem sua refeição disse Alfor e.

Viv achou ue nunca o ouvira tão relaxado.

Fi ue vontade. Já estava na hora de voc sair um pouco. Ela pensou na conversa da noite anterior. Vamos tentar fazer disso um hábito.

Um som baixo, como pedras rolando, saiu da mandíbula dele, e Viv percebeu ue Alfor e estava dando uma risadinha.

Não imagino ue eu vá sair perambulando pelas ruas tão cedo, não importa o desfecho disse ele. Algumas coisas são tolas de se imaginar.

Viv não conseguiu formular uma resposta ue não fosse ofensiva ou falsa, então sabiamente escolheu o sil ncio.

Ele caminhou at a beira do penhasco, observando os pássaros ue rodopiavam ao longe.

En uanto isso, elas se sentaram na manta e começaram a consumir o ban uete ue Ma lee havia preparado. avia longas baguetes com crostas crocantes. Ma lee as cortou no sentido do comprimento e recheou com uei o de cabra macio e geleia de pimenta, doce e defumada. Garrafas verdes de cerve a dourada, com um sabor de cítricos e campos de trigo. Biscoitos finos de gengibre ue se partiam agradavelmente entre os dentes, e um pote de creme açucarado onde podiam mergulhá-los.

Paio pegou os nacos de pão ue Ma lee ogava para ele, embora seus olhares mais dese osos fossem para Gallina. Viv nunca vira a gnoma dividir sua comida com o grifete, mas ele observava cada mordida dela com tanta avidez ue parecia impossível ue não estivesse ganhando umas sobras s escondidas.

Viv se pegou olhando os oelhos de Ma lee, desnudos e macios como o creme no pote.

Uma brisa leve vinda do norte tornava o ar doce e agradável, trazendo o cheiro das flores de cardo e um levíssimo to ue de sal do mar.

 uando ficaram satisfeitas, Gallina pegou no sono uase imediatamente, e Paio se enroscou ao lado dela, descansando o ueixo em sua barriga, ue subia e descia a cada respiração tran uila.

Ma lee encostou-se no braço de Viv, passando o seu por baixo. Viv gostava de ser abraçada assim. Isso a deixava com vontade de retribuir o gesto, de afundar no cheiro e no calor da aná. Contentou-se em apertar o braço de Ma lee ainda mais contra seu corpo.

Fern, sentada, havia desabotoado a capa, dobrando-a no colo.

Viv seguiu o olhar dela encosta abaixo em direção a Murk e s espirais de fumaça subindo das muralhas da fortaleza.

No ue voc está pensando perguntou.

Fern voltou de seus devaneios, piscando, surpresa.

 ue comi demais respondeu ela com um sorriso envergonhado.

Por favor. Voc estava perdida em pensamentos, eu bem vi, meu bem comentou Ma lee.

Estava pensando no meu pai. Ela passou os dedos por uma dobra da capa. Sabe, nunca perguntei a ele por u .

Por ue o u perguntou Viv.

Por ue uma livraria Por ue a ui Era o ue ele sempre uis Eu nem sei.

Isso importa

Ma lee sentou-se mais ereta, mas manteve o braço enroscado no de Viv. Fern deu de ombros.

Acho ue não deveria. Mas nunca me dei ao trabalho de *me* fazer essa pergunta tamb m. Talvez, se eu tivesse perguntado a ele, teria minha pr pria resposta tamb m Todo esse trabalho. Toda a a uda de voc s. Tudo isso, e Ela ergueu as mãos e, então, deixou ue caíssem e se embolassem na capa vermelha. Voc faz uma coisa por anos e mais anos, e s continua a fazer por ue, se parar, não vai ter nada. Ela apertou as patas na capa. o ue eu acho, s vezes. Me desculpem. ue coisa est pida de se dizer, depois de tudo o ue voc s fizeram. E tudo isso Ela gesticulou para os restos do ban uete. Pareço ingrata. Mas *não* sou. Voc s provavelmente nunca se sentiram assim em relação a nada, não

Seu tom era brincalhão, mas Viv pensou ouvir um fiozinho de esperança ali tamb m.

Não, acho ue não respondeu Viv. Sei para o ue eu fui feita. Tenho certeza de ue sempre soube.

Talvez Viv at acreditasse nisso.

Eu á me senti assim disse Ma lee, e seu braço se contraiu por um segundo por reflexo. Voc acha mesmo ue se sentiria melhor se parasse

Fern pensou no assunto, s ria.

Não, acho ue não.

Faz ideia do por u insistiu a anã.

Acho ue Acho ue por ue sentiria falta do momento. Ela soltou um resmungo frustrado, tentando encontrar as palavras certas. A uele instante em ue voc sabe ue algu m v a mesma coisa ue voc .

Viv ficou surpresa uando Ma lee assentiu, virando-se para Fern.

 uando enxergam *você*. uando sabe ue, pelo menos na uele momento, não está sozinha. ue outra pessoa sente exatamente o mesmo ue voc . Ou, pelo menos, espera ue sim.

Isso disse Fern, surpresa. Cada livro um pe ueno espelho, e s vezes voc olha para ele e encontra outra pessoa olhando de volta. Ela estendeu a mão e deu um tapa no antebraço substancial de Viv. Consegui at ver esta a ui algumas vezes.

Uma profundidade oculta completou Ma lee com uma risada.

Sinto ue voc s estão mais surpresas com isso do ue deveriam disse Viv secamente.

Então, por *isso* ue voc faz o ue faz, meu bem afirmou a padeira com firmeza. E, para ser sincera, o mesmo motivo pelo ue faço o ue faço.

Fern a encarou, pensativa.

Viv ainda estava digerindo a ideia uando uma voz oca se ergueu al m da cerca, grave e forte.

Acho ue voc deveria ver isto, senhora.

Foi o senhora ue deixou os pelos na nuca de Viv arrepiados.

Ningu m se mexe ordenou com a voz baixa e firme.

Ela deu um tapinha para acordar Gallina, e o grifete respondeu com um pio irritado. Em seguida, Viv pegou o sabre e encontrou Alfor e entre as lápides. Gallina veio atrás, descalça, esfregando os olhos e resmungando baixinho.

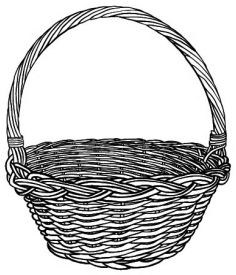
A grama do cemit rio chegava s costelas do hom nculo en uanto ele encarava algo ue Viv não conseguia ver.

 uando se aproximou, bem mais alta do ue Alfor e, ele a olhou por cima do ombro com os olhos azuis bruxuleantes.

O solo sua frente estava ueimado e preto, como se atingido por um raio ou uma chama cuidadosamente controlada. L minas de grama estavam retorcidas em fios carbonizados em volta de um círculo est ril do tamanho de um escudo.

Gravado no p negro e fino havia um diamante com galhos ue pareciam chifres.

33



Desceram a colina em sil ncio en uanto o crep sculo caía no oeste. Debaixo do braço, Viv carregava Paio, ue, incrivelmente, não protestava. Impassiva, Viv se recusava a olhar por cima do ombro. Não havia como Varine estar se aproximando sorrateiramente por trás delas, tinha certeza. O horizonte estava vazio por uilômetros.

Era difícil ignorar a uele símbolo, no entanto. O sinal de algum batedor Ou algum tipo de orientação arcana S os deuses sabiam. Alfor e disse ue não sabia do ue se tratava, e Viv acreditou. Ele via ava em sil ncio, escondido na bolsa, batendo contra o uadril dela.

Ela não havia sentido a uele cheiro maligno na descida de volta. Já era alguma coisa.

Vou contar para Iridia amanhá prometeu Viv ao grupo. Ela á colocou os Guardi es em alerta. Vai ficar tudo bem.

uando chegaram ao sop da colina, Gallina se separou do grupo na altura do Poleiro com uma saudação e um Boa noite desafiadoramente alegre.

Viv acompanhou Fern e Ma lee pelo caminho entre as dunas at o calçadão, onde as sombras sob os toldos estavam cada vez mais longas. uando chegaram porta da Thistleburr, o humor sombrio se dissipou de repente por causa de um bilhete preso na moldura da porta, balançando como uma folha presa.

O carregamento Ela agarrou o recado e o leu rapidamente. Chegou Vão entregar amanhã. Deuses, at ue enfim

uando a ratoide ergueu a cabeça para elas, os olhos brilhando, ficou mais fácil

es uecer a nuvem sombria ue pairara sobre o grupo mais cedo.

Eu estarei a ui disse Viv. Relutando em estragar a empolgação de Fern, ela deu um tapinha na bolsa e tentou falar em um tom leve: Vou ficar com ele mais uma noite, no entanto. Sabe, considerando

Fern ficou um pouco mais s ria.

Acho ue provavelmente melhor assim.

Viv e Ma lee esperaram at Fern entrar e ouvirem o cli ue da tranca antes de seguirem caminho. Suas alturas eram muito diferentes para darem as mãos ou entrelaçarem os braços, mas caminhavam pr ximas, esbarrando-se de vez em uando em deliciosos acidentes.

Depois da comoção devido ao símbolo no círculo ueimado, Viv sentia-se mais presente agora ue estavam sozinhas. Ouvia o som distante das ondas uebrando. Ma lee irradiava calor ao seu lado, suave no ar fresco da noite, ainda com um leve aroma de pão e gengibre.

Ela não conseguia parar de pensar na conversa ue tiveram no penhasco, antes de as coisas azedarem. Viv sentia uma necessidade crescente, como algo se expandindo em seu peito, de fazer uma pergunta da ual talvez se arrependesse.

Mas não dizer nada Seria uma covardia. E ela não era covarde.

Ou talvez sua coragem s valesse para sabres e sangue, por ue a uilo era mais difícil do ue deveria.

Pigarreando, ela finalmente conseguiu dizer:

A uilo ue voc falou mais cedo. Sobre sobre algu m enxergar voc .

Ma lee ergueu os olhos, mas não disse nada. Nenhuma das duas parou de andar.

Fern estava falando sobre o trabalho dela. A lo a. Mas não era s disso ue voc estava falando, era

A anã pensou antes de responder:

Não. Não era.

Viv respirou fundo.

Voc acha ue n s duas estamos enxergando a mesma coisa

Tenho uase certeza de ue não respondeu Ma lee. Viv abriu a boca, mas a anã continuou antes ue tivesse tempo de falar. ue nem estar lá em cima da uela colina. Uma de n s está no topo, e a outra a ui, na parte de baixo. N s duas olhamos para o mar, mas vemos coisas diferentes. Uma de n s poderia subir, ou a outra descer, e se fiz ssemos isso, talvez a vista mudasse mas não fizemos isso. Ou não podemos fazer.

Ma lee

A anã deu de ombros, passando a cesta para o braço entre elas.

Se tiv ssemos nos conhecido da ui a alguns anos, uem sabe Aí talvez a gente estivesse olhando do mesmo ponto. Isso não muda o fato de ue voc ainda algu m ue eu uero conhecer. Não muda o ue posso fazer com os dias ue tenho. Não faz com ue esses dias se am menos importantes.

Não, isso realmente não muda. Mas Viv achava difícil encontrar as palavras certas, o rosto corando. Sua garganta parecia dolorosamente apertada, cada palavra sendo arrancada com dificuldade. Se eu for *descuidada* ao abraçar algu m, posso posso uebrar ossos. E me sinto muito descuidada agora. Por ue não acho ue voc

Voc não precisa dizer mais nada respondeu a anã, baixinho. Eu sei o ue temos.

Saber não o mesmo ue aceitar retrucou Viv, e logo se arrependeu.

Não. Mas certas coisas valem algumas costelas uebradas.

Elas chegaram porta da Canto do Mar, e Ma lee colocou a mão na barriga de Viv, a uentura passando pela camisa.

Venha a ui, meu bem chamou.

Viv se a oelhou e roçou os dedos pela trança de Ma lee. A anã acariciou a bochecha dela com os n s dos dedos, depois inclinou-se para a frente e a bei ou no canto da boca.

Não vou ficar destruída uando voc for embora. Nem voc . At poderia preferir o contrário, por ue aí voc talvez ficasse a ui, para evitar ue isso acontecesse. Ela sorriu. Mas *isso* destruiria voc . Então, a gente se v amanhã. E não falaremos mais nesse assunto, por ue nada vai mudar o ue vem pela frente, e uma perda de tempo.

Então ela destrancou a lo a, entrou e fechou a porta suavemente.

Voc não parece ter dormido bem observou Brand, deslizando um prato de pão de aveia e bacon defumado pelo balcão at ela.

Era verdade. Viv sonhara com Varine de novo e não conseguira deixar de sentir ue a necromante de fato a via. Acordara várias vezes, at ue, em desespero, deitara-se com Sangue-Preto por cima do peito, as mãos cruzadas sobre a espada grande.

Depois disso, conseguira algumas horas de sono antes ue a luz do sol atravessasse a anela, e Viv se erguera, toda grogue, para enfrentar o dia. Sua perna doía como se tivesse corrido a noite toda.

Ela comeu o caf da manhã unto com uma enorme caneca de chá uente, dese ando uma bebida ue a udasse mais a despertá-la. Relutante, deixou Sangue-Preto no uarto e levou Alfor e para a livraria. O dia prometia ser uente, e cada centímetro de areia de ue as sombras abdicavam logo perdia a umidade noturna. Pelo menos o calor pareceu fazer por sua mente o ue o chá não conseguira.

 uando chegou Thistleburr, Fern estava sentada no calçadão ainda sombreado, segurando a pr pria caneca de chá. Paio estava deitado ao lado dela, lambendo uma das patas dianteiras.

Ansiosa perguntou Viv, aproximando-se.

 um. Para saber se os livros nos uais gastei a maior parte das minhas economias restantes vão mesmo aparecer na minha porta Nem um pouco. Ela pousou a caneca. Ou se a, pra caralho.

No entanto, o palavrão soava uase empolgado.

Ei, Paio chamou Viv. O grifete se sobressaltou e ergueu os olhos enormes para ela. , estou falando com voc mesmo. Lembra ue te carreguei colina abaixo ontem noite Ela se agachou na frente dele e tirou um pedaço de bacon do bolso, segurando-o entre o polegar e o indicador. Gallina nunca te deu bacon, deu

Paio a encarou, depois esticou o pescoço emplumado bem devagarzinho e tirou o bacon de seus dedos com uma bicada.

Fern sorriu para os dois.

Bem. Acho ue um bom presságio.

Viv se abaixou devagar at estar sentada ao lado de Fern e do grifete. Passou o dedo de leve pelas penas sedosas da cabeça do bicho, descendo at o ponto em ue elas se transformavam em pelos curtos. O corpo dele se contraiu e estremeceu sob seu to ue, mas Paio não protestou.

 um disse ela. uem diria.

Sentaram-se em um sil ncio confortável en uanto Viv coçava atrás das orelhas pontudas de Paio. Ela at conseguiu faz -lo bater a pata um pouco.

Está chegando sussurrou Fern, e se pôs de p em um salto.

Sacole ando pela estrada das muralhas, Pitts trazia em sua carroça a maior carga ue Viv á o vira carregar.

 uando ele parou diante delas, Viv avistou tr s caixotes lá dentro.

Tem um neg cio a ui para voc assinar disse ele, pegando alguns pap is e uma caneta de uma bolsa na cintura. En uanto Fern cuidava disso, Viv começou a puxar um dos caixotes.

Pode deixar comigo disse Pitts en uanto Viv tirava o primeiro caixote da

carroça.

Este a ui eu levo respondeu ela. Grunhiu ao sentir os m sculos fazendo força sob o peso, mas conseguiu levar o caixote at a porta sem muita dificuldade.

 uem diria ue uma caixa cheia de palavras poderia ser tão pesada

Pe uenas pedras atiradas no rio. Mínimas preces aos milhares. O curso se altera observou Pitts.

Fern franziu a testa.

Isso de algum dos livros de poesia Não reconheço.

Não respondeu Pitts simplesmente.

Viv estava voltando para pegar o pr ximo caixote, e ela e Fern se entreolharam, sem saber o ue dizer.

Os dois orcs levaram as caixas restantes para dentro en uanto Fern ficava observando pelos cantos, os bigodes se mexendo ansiosamente.

 uando Pitts foi embora, Viv tirou a bolsa de Alfor e do ombro, e Fern o acordou com uma pitada de p de ossos. Então, os tr s ficaram de p no meio da lo a, inspecionando as novas remessas, en uanto Paio fare ava as caixas.

Os caixotes eram novos, de madeira crua, exalando um forte cheiro de pinho rec m-cortado. As tampas estavam pregadas, mas havia um espacinho nas extremidades, e Viv encontrou um ponto para enfiar os dedos e arrancá-las, fazendo os pregos rangerem.

Eu poderia ter pegado um martelo comentou Fern.

Viv deu de ombros.

Como voc disse, deve ter um bom motivo para eu estar por a ui.

Lá dentro, empilhados bem ustos, havia livros e mais livros. O cheiro de couro, tecido e tinta uase sobrepu ava o aroma de pinho.

Fern se debruçou por cima da caixa e passou as patas pelas capas, inspirando profundamente.

Deuses, esse cheiro. Suspirou. Voc á sentiu algo tão bom

Viv sorriu.

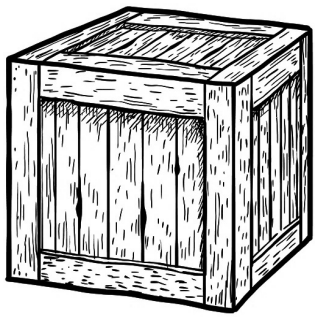
Acho ue voc não precisava pensar muito para entender por ue ainda mant m esta lo a.

A ratoide retribuiu o sorriso.

Talvez voc tenha razão. Vamos desempacotar isso. Tem alguns a ui ue encomendei especialmente para voc .

Viv estava mais do ue pronta para se distrair das mem rias nebulosas de seu sonho e da uele sorriso azul cruel.

34



Muitos dos exemplares eram surpreendentemente coloridos, com capas ilustradas ou detalhes dourados. E Fern estava certa: o aroma dos volumes novos era inebriante, a ponto de deixar Viv meio tonta. uando abriu um livro para inspecionar a impressão fresca, as lombadas rangeram alto, de um eito incrivelmente satisfat rio.

As letras são tão *nítidas* observou Viv.

Novas prensas gnômicas disse Fern, ainda sorrindo de orelha a orelha. Os livros saem mais barato *e* mais resistentes. O ue significa ue posso vender mais barato, tamb m.

Viv e Alfor e desembrulharam os livros individualmente. Fern fazia toda a uestão de inspecionar um por um, e aos poucos criou uma pilha especial na mesa da frente de acordo com algum crit rio misterioso. O restante ela guardava nas prateleiras com todo o cuidado, e conforme os espaços vagos foram sendo preenchidos, cada fileira de livros pareceu engordar com as novas adiç es. Era como ver um uebra-cabeça ser montado at a cena de repente ficar reconhecível.

No meio da confusão, a porta foi aberta com estrondo e Gallina entrou, assustando Paio, ue cochilava sob o sol.

Então eles apareceram, hein

Voc chegou bem a tempo de a udar comentou Viv, levantando-se com uma pilha de livros no braço.

Não, eu ia acabar atrapalhando. Ela passou a mão pelo cabelo arrepiado. Al m disso, não alcanço nada a ui. uer ue eu caia dentro de um caixote

Engraçado ue a sua altura s um problema uando voc não uer fazer

alguma coisa. Por ue veio, então

Gallina se ogou em uma poltrona. Viv percebeu ue ela estava segurando um pedaço de papel dobrado, no ual mexia de maneira nervosa.

Bem s pensei ue, uando voc terminasse de *trabalhar* a ui, talvez estivesse interessada em fazer um serviço mais na sua área.

Do ue voc está falando perguntou Viv, franzindo a testa.

A gnoma ergueu o papel entre os dedos.

Estão oferecendo uma recompensa. O pagamento não grande coisa, mas bem perto da ui. Eu daria conta sozinha, claro, mas pensei ue talvez, se voc estivesse *entediada* e não estivesse se sentindo muito *frágil*

Viv notou o olhar de soslaio de Fern e tentou não soar interessada ao perguntar:

Recompensa, Pelo u

A gnoma girou a mão.

Um ninho de espinodorso. Fica ao sul, seguindo pelo litoral. Parece ue estão comendo as ovelhas de uma fazendeira.

Esp cie ab eta comentou Alfor e com s bita veem ncia, desviando os olhos do monte de livros ue carregava nos braços ossudos.

Viv o encarou, surpresa.

Voc á teve contato com espinodorsos

Mais do ue gostaria de relembrar respondeu o hom nculo em um tom sombrio.

As inscriç es sseas em seu corpo brilharam em um tom azul mais intenso por um instante.

Ainda considerando a proposta, Viv disse a Gallina:

Vou pensar um pouco. Passou um livro para Fern, ue a olhou com curiosidade. Não sei se uero passar *tanto* tempo longe.

O ue ela não verbalizou foi sua preocupação de ue, se deixasse Murk pelo tempo ue fosse, Varine ou Rackam aparecessem no instante em ue desse as costas. Não conseguia decidir ual das possibilidades era mais preocupante.

Tá bom, tá bom. Eu pago pelo transporte, se uiser ir. Mas não demore *demais* para decidir. Não aguento mais ficar toa no Poleiro.

um. E voc daria conta sozinha, A voz de Viv ficou suave. uantos espinodorsos disse ue eram

Um n mero ue eu consigo vencer respondeu Gallina com firmeza.

Alfor e pigarreou.

Se voc decidir lidar com essas criaturas, talvez eu possa ser de certa a uda.

Sem ofensa disse Gallina , mas acho ue espinodorsos gostam de

mastigar ossos, não

Ainda assim insistiu ele, e as chamas em seus olhos brilharam como madeira estalando em uma fogueira.

Sabe, Alfor e, uanto mais te conheço, menos acho ue sei *sobre* voc comentou Viv. Ela se perguntou mais uma vez ue serviços Varine poderia ter exigido dele.

uando Gallina estava se levantando para ir embora, Fern avisou:

Ah, a uele livro ue voc ueria deve estar a ui em algum lugar.

Gallina pareceu apavorada.

Ah Eu pego depois, então disse a gnoma com a voz estrangulada e saiu s pressas.

Espera aí, ela *realmente* leu alguma coisa O ue foi ue ela pediu

Fern terminou de guardar o volume ue tinha nas patas e se virou para Viv, os olhos brilhando de divertimento.

Ela moveu os lábios, sem emitir som:

mido.

Depois ue terminaram de colocar os livros nas estantes, Viv foi guardar os caixotes vazios nos fundos. uando voltou, Fern estava organizando as ltimas obras ue havia separado na mesa da frente.

Com a pata fechada sob o ueixo, Fern contemplava o arran o, então estendeu o braço e trocou dois livros de lugar.

um. Ficou bonito disse Viv.

E tinha ficado mesmo. As capas estavam bem bonitas, em desta ue, algumas inclinadas em ngulos interessantes, outras deitadas ou exibidas de forma charmosamente desalinhada.

avia algo moderno e chamativo em muitos dos pro etos. Textos em fontes com serifa, em dourado ou prateado, desenhos ue pareciam um sonho transformado em realidade. Algumas capas eram revestidas com tecido marmorizado, com cores ue lembravam folhagens ex ticas.

Fern estudou os livros com um sorriso nostálgico nos lábios.

engraçado. Eu odeio vend -los. Já comentei Se pudesse, ficaria com todos.

Um timo plano de neg cios.

A ratoide deu um tapa no braço dela.

Calor do deserto leu Viv, sorrindo. Peregrina, não

Ela tocou um volume com uma ilustração muito detalhada de um orc e um humano prestes a se despirem de suas poucas roupas e fazerem algo muito acrobático. Uma ideia ocorreu, e seus olhos se arregalaram.

Espera, esse não o de Gallina,

Uma boa livreira nunca faz fofoca.

Isso foi um sim, com certeza. Mas, enfim, uando voc uer reabrir

Está ansiosa para caçar espinodorsos

Viv deu de ombros, meio sem eito.

Não foi isso ue uis dizer

Eu sei. S estou te sacaneando. Na verdade, tive uma ideia e ueria saber o ue voc acha.

Fern se sentou em uma das poltronas acolchoadas e fez um gesto para ue Viv se untasse a ela. Ao se afundar no assento, Viv lançou um olhar perplexo para a ratoide.

Não sei por ue voc precisaria da minha opinião.

Bem, sobre Ma lee. Voc acha acha ue ela gostaria de deixar uns bolinhos ou biscoitos para vender a ui

Por um momento, os pensamentos de Viv foram desviados en uanto sentia o res uício do bei o de Ma lee no canto de sua boca e um eco da conversa da noite anterior. Seu rosto corou. Então, afastou as lembranças.

Não custa perguntar. Tentou dar um sorriso irônico. Acabamos de limpar o lugar e voc á uer deixar farelos por aí, hein

para isso ue o Paio serve. Mas acho ue tem alguma coisa bem especial em se aconchegar com um livro e uma comidinha gostosa. E temos as poltronas, e, bem gosto de ter algu m por a ui. De ter *você* por a ui, todos os dias Gosto da companhia.

E, em breve, eu *não* vou mais estar a ui completou Viv, baixinho.

Fern deu de ombros.

. Tivemos tanto trabalho, então por ue não tornar a livraria um lugar onde as pessoas ueiram ficar, da melhor forma ue n s pudermos Da melhor forma ue *eu* puder

A uela transição de n s para eu doeu mais do ue Viv esperava. Mas isso era bom, não uando fosse embora, ueria ue Fern fosse feliz e bem-sucedida, não Era isso ue uma amiga dese aria.

Viv entrelaçou os dedos entre os oelhos e se perguntou o ue isso dizia sobre ela, o ressentimento ao pensar nisso.

Acho ue uma tima ideia. E então, esmagando a uele sentimento com

toda a sua força, pigarreou e seguiu em frente: E, por falar na Ma lee, a ideia dela tamb m não me pareceu ruim.

De convidar Peregrina para vir a ui Se ela aparecesse na minha porta, eu não acharia ruim, admito. Mas voc consegue me imaginar aparecendo na porta dela e implorando para ue ela venha desfilar na minha humilde lo a feito feito uma dignitária visitante Fern bufou. Eu não tenho essa coragem.

Para começar, a lo a não humilde. Viv ergueu o dedo para ela. A gente pintou tudo direitinho, infernos. E, em segundo lugar, voc por acaso está diante de algu m ue tem o hábito de fazer e acontecer, com a cara e a coragem.

Você vai convenc -la a visitar

E se eu fizer isso

Fern pensou um pouco.

Bem, depois ue eu terminasse de te dar um bei o na boca, acho ue faria o possível com o ue os deuses me deram para organizar a melhor reinauguração possível.

Com isso, Viv deu um tapa nas coxas e se levantou.

S não me bei e na frente da Ma lee.

, realmente. Seria difícil explicar.

Cuide das coisas por a ui, Paio disse Viv, saudando o grifete.

Ele piou em resposta, sonolento, e voltou a descansar a cabeça emplumada entre as patas.

Ao passar pela Canto do Mar, Viv viu a silhueta de Ma lee pelas anelas embaçadas, mas achou ue a anã não percebeu sua passagem, o ue foi um alívio. Elas precisavam conversar, mas Viv ueria cuidar de algumas coisas antes. Ela se sentia um fantasma ao deixar a padaria para trás, com uma sensação surreal de estar colocando seus assuntos em ordem caso morresse. Garantindo ue tudo seguisse bem mesmo ue ela não estivesse mais lá.

Era in uietante.

Fazendo o possível para afastar a uele sentimento sombrio, ela atravessou as muralhas da fortaleza e foi encontrar Iridia.

avia ainda mais Guardi es dos Port es do ue o normal circulando por ali, mas eles á não estavam no mesmo nível de atenção e alerta máximo ue Iridia havia exigido anteriormente. Não era de se admirar: havia uma notável escassez de invas es de necromantes.

Ap s algumas perguntas a uma das mulheres no portão, Viv recebeu orientaç es de como chegar ao lugar certo.

Antes de lidar com a uela tarefa em particular, por m, ela foi cuidar de algo bem mais simples. Assim ue passou das muralhas da fortaleza, perto da entrada, encontrou um movimentado estábulo ue tinha carruagens para alugar e baias com cavalos de boa linhagem. Os animais recuaram uando Viv se aproximou, então ela tentou manter dist ncia en uanto procurava o responsável.

Reservou transporte para o dia seguinte e pagou antecipado. Com isso resolvido, atravessou o emaranhado de ruas estreitas at o uartel dos Guardi es dos Port es.

Um símbolo perguntou a tapenti uando Viv explicou por ue estava ali.

O mesmo ue mencionei antes, a uele na tatuagem do Bal Ela se interrompeu. Do cadáver.

Iridia estreitou os olhos diante da escorregada, mas não falou nada.

Olha, voc pode mandar algu m lá conferir. Não tem como não ver. Não sei o ue infernos significa, mas claramente dela. Talvez tenha alguma relação com uem matou o su eito S estou passando a informação.

Sabe, não consigo deixar de pensar ue, se voc nunca tivesse aparecido na minha cidade, nosso amigo de cinza teria seguido sua vida, e nada disso seria problema meu.

Ou talvez algo pior tivesse acontecido retrucou Viv, sentindo a raiva se atiçar. Com esforço, relaxou os punhos. A ideia de caçar um grupo de espinodorsos de repente lhe pareceu muito tentadora. S estou tentando ser uma boa turista na sua cidade.

Então, respirou fundo e fez a pergunta ue vinha tentando formular. A ue *precisava* fazer, depois de sua conversa noturna com Alfor e.

A uele livro. Voc ainda está com ele Está a ui perto

Perto o suficiente respondeu Iridia, inclinando a cabeça. Por u Não mais problema seu. Voc o transferiu para *mim*.

ue, hã, pode ser importante para dar cabo de Varine, caso ela apareça.

uer explicar isso melhor

Eu ainda não posso.

Claro ue não.

Mas está por perto

A Guardiã dos Port es abriu um sorrisinho, depois se virou, falando com Viv por cima do ombro en uanto voltava para seu escrit rio:

um toma lá dá cá, Viv. Eu te digo uando voc for mais aberta.



Viv esperou a padaria fechar, at Ma lee sair com a placa ue pendurava na porta ao fim do dia. A aná fez uma expressão surpresa ao v -la, as bochechas coradas e salpicadas de farinha.

Oi disse Viv, com um pe ueno aceno ue pareceu ridículo.

Oi, meu bem respondeu Ma lee.

Não havia ual uer reserva em seu sorriso, franco e completo como se Viv não tivesse a oelhado diante dela no calçadão na noite anterior e ferido seus sentimentos.

Viv sentiu a vergonha aliviada da felicidade de um problema adiado.

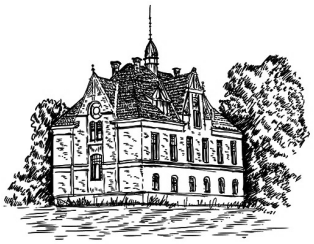
Tenho algumas coisas para perguntar.

Então entre.

A padeira segurou a porta para ela. Viv mencionou a ideia de Fern e depois a pr pria, e a conversa correu fácil e natural no espaço uente, com a luz cálida e o cheiro de pão, a a udante limpando as tigelas ao fundo.

Depois disso, a conversa mudou de rumo hist rias de viagens, peculiaridades de clientes en uanto Viv a udava a limpar os balc es e os fornos. E, por um tempo, o futuro não importava. Ainda bem.

35



Viv via ava na traseira da carruagem, sacole ando pela estrada de terra rumo ao norte, acompanhando os rochedos baixos beira-mar. Sentia-se como Tamora em *Lâmina da alma*, a mão na barra no teto e o p no apoio de trás. A bolsa de Alfor e pendia de um ombro, batendo em seu uadril. Nem ela nem Fern se sentiam bem deixando-o sozinho, não depois do símbolo no penhasco. Al m disso, ele parecia encantado com a simples possibilidade de ouvir a voz de Peregrina.

Seu braço dobrava e esticava, absorvendo cada impacto da estrada, e Viv se pegou sorrindo com o vento ue bagunçava seus cachos. Ela respirou fundo o ar fresco e salgado.

Fern colocou a cabeça para fora da porta da carruagem.

Tem *certeza* de ue não uer vir a ui dentro Ou no banco do cocheiro

A cabeça de Paio surgiu tamb m, grasnando em concord ncia.

Estou bem a ui gritou Viv de volta. apertado demais aí dentro, e os cavalos me odeiam.

A ratoide lançou um olhar da mão de Viv no cabo da espada para o sorriso em seu rosto.

Lâmina da alma, gritou.

O u Ah. Não sei do ue voc está falando.

Fern riu e voltou para dentro. O cocheiro olhou por cima do ombro para Viv, mas não diminuiu o ritmo dos cavalos.

Ao longe, no fim de uma s rie de colinas cada vez mais altas, a propriedade de elia Peregrina surgiu entre um círculo de árvores ue definitivamente não eram

nativas da região. Conforme se aproximavam, Viv notou sebes aparadas e uma fonte rodeada por um caminho bem cuidado.

Chi ue comentou consigo mesma, começando a duvidar se o presente ue havia trazido era mesmo ade uado.

uando a carruagem parou, Viv saltou e contornou os cavalos, dando-lhes bastante espaço apesar dos antolhos. O cocheiro abriu a porta e desdobrou um degrau para Fern e o grifete descerem, depois pegou um cesto coberto de musselina do interior e o entregou a Viv.

Pode esperar a ui, está bem disse ela, colocando mais algumas moedas na mão áspera do homem.

Fern e Viv encararam a imensa construção diante delas com franca admiração. Tinha dois andares, com dezenas de anelas ar ueadas e uma escadaria de mármore mais larga ue a padaria de Ma lee. As telhas eram azuis e resistentes, os beirais, adornados com entalhes elaborados, as portas, enormes e cobertas por uma profusão de delicadas folhas de ferro entrelaçadas. A fonte atrás delas vertia água em um laguinho cristalino.

Viv assobiou.

Deuses. Escrever paga bem, pelo visto.

Fern deu uma risadinha.

Não acho ue *nenhum* escritor venda tantos livros assim. Tem uma citação em um dos livros de Tensiger sobre elfos: Se voc vive por mil anos e não fica rico, ou um tolo ou um monge. Não acho ue elia se a mon a.

Ela tem *mil* anos

Fern deu de ombros.

Não faço ideia. Talvez se a herança Mas enfim, eu ue não vou *perguntar*.

Ela estreitou os olhos para Viv. *Nós* não vamos perguntar. Certo

Nem pensaria nisso respondeu Viv, embora, na verdade, tivesse pensado nisso, sim.

Paio á estava no alto das escadas, sentado ao lado da porta, o rabinho grosso balançando de um lado para o outro no mármore.

Algu m está animado comentou Viv en uanto subia os degraus.

Sem hesitar, usou uma das enormes aldravas de ferro no batente da porta para bater com força. Não precisaram esperar muito e a porta se abriu, mas, uando isso aconteceu, não foi elia Peregrina ue viram.

Ele não era tão alto uanto Viv, mas ainda assim tinha um físico grande e robusto. Os cabelos eram grisalhos, mas ele não parecia nem um pouco abatido, com seu cavanha ue prateado bem aparado e um ueixo másculo. Vestia uma

camisa simples e calças comuns, nada parecido com a imagem mental ue Viv tinha de um mordomo ou criado de libr . Pelo tamanho dos ombros, o eito como mantinha a mão na altura do uadril e a curva relaxada dos dedos, ela apostaria ual uer coisa ue o homem passara mais tempo com uma espada na cintura do ue sem.

Posso a udar perguntou ele, em um tom plácido.

Pelo eito como seus olhos examinaram Viv e se demoraram na espada, não era s ela ue estava avaliando algu m. Viv assentiu, oferecendo o sorriso mais inocente ue conseguiu.

Oi. Meu nome Viv, e esta a ui Fern. Ela dona da Thistleburr, lá perto da praia. A livraria. Esperávamos ue a Srta. Peregrina estivesse em casa

Ele olhou para o cesto, e sua boca se curvou de leve.

Pão *e* uma espada Sabe, não recebemos muitos visitantes armados por a ui.

Eu posso retirá-la, se a udar disse Viv, dando um tapinha no pomo do sabre. S uis me precaver caso houvesse problemas na estrada. Não foi minha intenção ofender.

Problemas em Murk Sem esperar por uma resposta ou pedir ue entregasse a arma, ele se agachou na frente do grifete e afagou as penas entre suas orelhas, expondo o pescoço para Viv, não por acaso. uma surpresa. Iridia deve estar furiosa. E uem *este* soldadinho a ui

Viv decidiu ue gostava dele.

O nome dele, infelizmente, Paio disse Fern com um dar de ombros envergonhado. E eu, claro, sou uma grande admiradora do trabalho da srta. Peregrina.

O homem riu e se endireitou, en uanto o grifete fare ava suas botas e soltava trinados de clara adoração.

Vou avisar ue voc s a chamaram de senhorita . Pode amolecer um pouco o coração dela. Voc tamb m uma leitora perguntou ele a Viv.

Ela corou um pouco.

Já li um ou outro livro dela.

Ele notou seu rosto ruborizado e *deu uma piscadela* para Viv antes de gesticular em direção ao cesto.

O cheiro está timo. Vou ver se ela está disposta a receber visitas. Meu nome Berk. Eu a udo a Lad com as coisas. Esperem a ui um momentinho, por favor.

Deixando a imensa porta entreaberta, ele voltou para dentro da mansão sem dizer mais nada. Era como se tivesse dito na cara de Viv ue a descartara como uma possível ameaça. Era uma sensação estranha, e ela se sentiria insultada se não

suspeitasse de ue ele era ainda mais capaz do ue parecia.

 uando teve certeza de ue Berk não as ouviria, Viv olhou para Fern e comentou:

Lad , hein E aí, voc acha ue ele e ela Fez um gesto sugestivo com as mãos ue poderia significar várias coisas inapropriadas. uer dizer, considerando o ue ela escreve, fico me perguntando se

Se perguntando *o quê* perguntou Fern com um olhar travesso.

Voc sabe.

Não vá perguntar *isso* tamb m.

Viv fingiu ficar ofendida.

Para algu m ue estava morrendo de medo de vir, voc bem cora osa na hora de impor regras.

Fern abriu a boca para responder, mas Berk á estava de volta. Ele apoiou a mão na porta com um sorriso, os cantos dos olhos se enrugando de leve.

Voc s tiveram sorte. Ela não está escrevendo ho e, então está de bom humor. Sigam-me.

Então ele colocou o grifete debaixo do braço como se á tivesse feito isso mil vezes antes e gesticulou para ue entrassem.

O saguão era imenso, com um piso de madeira sofisticado, trabalhado em padr es circulares intrincados. Uma escadaria grandiosa levava ao segundo andar, e as paredes de pain is estavam cobertas por pinturas dos mais variados tamanhos, encaixadas como um uebra-cabeça, deixando pou uíssima madeira visível entre elas. rvores em vasos ladeavam a escada finas, prateadas, com galhos graciosos e entrelaçados.

Um corredor longo se estendia es uerda, mas claramente não era utilizado. Não estava empoeirado, mas tinha menos decoraç es, as portas ao longo de sua extensão todas fechadas.

Berk as conduziu para a direita, por um corredor mais acolhedor, menor e carpetado, iluminado por lampi es bruxuleantes. Dobraram direita em um corredor estreito ue levava a uma cozinha enorme, limpa e iluminada, com uma bancada central de mármore e um par de fog es grandes o suficiente para alimentar um batalhão. Ervas frescas e aromáticas pendiam de uma parede, e algumas panelas e travessas estavam agrupadas em um canto da bancada, parte de alguma preparação culinária interrompida.

A ulgar pelos utensílios na cozinha, Viv teve a forte impressão de ue apenas uma fração da propriedade era usada. Ficou se perguntando uantas pessoas viviam na casa de Peregrina, por ue o n mero em sua imaginação estava diminuindo cada vez mais.

Mais algumas voltas os levaram a um comprido escrit rio com um solário na ponta. As paredes tinham estantes embutidas do chão ao teto, absolutamente abarrotadas de livros. Os pufes, as cadeiras e as mesinhas de canto sustentavam torres instáveis de volumes, e, como ainda assim não havia espaço suficiente, mais pilhas estavam espalhadas caoticamente pelo chão.

O esto ue da Thistleburr não chegava nem aos p s do acervo de Peregrina, e a biblioteca particular de ighlark parecia min scula em comparação.

Lampi es nas colunas entre as prateleiras proporcionavam um brilho dourado constante. Ao fundo, uma mesinha ficava sob a luz ue entrava pelo solário, com uma má uina metálica em cima ue Viv não reconheceu. Tinha vários bot es de bronze, parecendo algum r ptil mec nico deformado. Uma língua de papel inerte despontava do topo, e pergaminhos cortados todos no mesmo tamanho estavam empilhados de ambos os lados. Uma cadeira muito antiga, abarrotada de almofadas fofas, estava posicionada atrás da mesa.

Em um divã comprido atrás dela, com um livro aberto apoiado no peito, estava acomodada elia Peregrina.

Ela ergueu o olhar ao perceber a aproximação do grupo, fechou o livro com um estalo e se levantou. Como a maioria dos elfos ue Viv á encontrara, a mulher tinha uma beleza r gia. Ao contrário deles, por m, era uase tão alta uanto a pr pria Viv, e o termo *esquálida* com certeza não a descreveria. Seus cabelos prateados caíam pelos ombros em ondas, e a pele resplandecia em um tom bronzeado e luminoso. Usava calças de montaria confortáveis e uma camisa solta com o colarinho aberto. Estava descalça, e ocupava todo o espaço ue merecia.

A ui estão elas disse Berk. Viv e Fern. Ele pareceu se lembrar da carga sob o braço. Ah, e Paio.

Berk depositou o grifete no tapete, e a criatura imediatamente se ogou nas botas dele, soltando um enorme suspiro.

 ouve um momento de sil ncio en uanto elia Peregrina as observava, tamborilando o livro contra a perna.

Durante o caminho at ali, Viv havia ensaiado várias coisas para falar, mas todas desapareceram de sua mente de uma hora para outra, e tudo o ue conseguiu dizer foi:

ã muito livro. Voc á leu todos

Fern talvez tenha soltado um gemido ao lado dela.

Nunca confie em um escritor ue não tenha livros demais para ler. Ou em um leitor, aliás retrucou elia. Ela foi at a mesa, remexendo nos pap is e nas uin uilharias at encontrar uma pena e um tinteiro. Com certa resignação, perguntou: Então, imagino ue voc s tenham trazido algo para eu autografar

Fern cutucou a perna de Viv, e ela se sobressaltou, lembrando-se da cesta pendurada em seu braço.

Ah Ah, não. Eu *nós* temos uma esp cie de proposta. Na verdade, acho ue um favor Bem, provavelmente tamb m seria bom para Ela percebeu ue estava se perdendo e estendeu a cesta. uer saber Vou começar de novo. Trouxemos um presente.

elia deu de ombros para Berk, ue se afastou de Paio com toda a delicadeza e abriu espaço em uma mesinha lateral. Viv colocou a cesta ali e puxou o pano de musselina.

Minha, hã, grande amiga, Ma lee, dona da padaria na praia. Ela preparou algumas coisas para voc .

A Canto do Mar

Pela primeira vez, um tom de verdadeiro interesse surgiu na voz de elia.

Ah, voc conhece perguntou Viv.

Curiosa, a elfa deu uma olhada dentro da cesta, ue estava repleta de bolinhos, pães de melaço e bolos recheados embrulhados em papel ue exalavam um forte aroma de limão.

Berk riu, uma risada grave e descontraída, e deu um tapa no ombro de Viv.

Se eu soubesse ue a cesta tinha vindo da Canto do Mar, teria deixado voc s entrarem direto.

Pegando um pão de melaço, elia foi para o seu trono de almofadas macias e apontou para duas cadeiras cheias de livros em frente mesa. Partiu um pedação, enfiou-o na boca e mastigou com evidente prazer.

En uanto Viv e Fern abriam espaço nos assentos, a elfa engoliu e perguntou:

Certo, voc s ganharam alguns minutos. Voc a dona, não Ela estendeu o pão doce na direção de Fern. Seu pai abriu a lo a, se bem me lembro. Um nome começando com R Rowan

ã, sim, senhora.

elia lançou a Berk um olhar divertido.

Voc não me disse ue elas me chamaram de senhorita

Berk ergueu o olhar de onde estava, abaixado acariciando a barriga do grifete, e deu de ombros.

E voc elia estreitou os olhos para Viv, com uma expressão pensativa. Acho ue não a conheço. Ainda não compreendi o ue está fazendo na companhia dela. Esses braços não são de livreira.

Ah, s estou passando algumas semanas na área. Sou amiga da Fern, acho. Tenho a udado com algumas coisas. E sobre isso ue eu ueria falar com

Na verdade interrompeu elia, um sorriso astuto se espalhando pelos lábios , eu *sei* uem voc . Voc a orc ue foi trazida para a cidade algumas semanas atrás. ighlark tem sorte de ter escapado com vida.

Ah, sim disse Viv, o rosto corando, e, sinceramente, sentindo-se um pouco perseguida. , *era* eu, e me sinto p ssima por isso. Não estava raciocinando direito por causa da febre, e

Fern escondeu o rosto nas mãos.

elia caiu na gargalhada e deu um tapa no braço da cadeira. Enxugando uma lágrima, gesticulou para elas continuarem.

Muito bem, estou ficando mais intrigada a cada momento. Na pior das hip teses, coloco tudo isso em um livro. Continuem. ual a proposta

Viv decidiu ue seria melhor desembuchar de uma vez, se uisesse chegar a algum lugar.

N s fizemos várias mudanças na livraria e ueríamos saber se voc poderia fazer uma visita na reinauguração.

Visita A elfa franziu a testa. Voc uer ue eu compre livros lá

Ah, não Não, ueremos ue as pessoas venham para conhecer *você*. Os leitores ue amam seus livros.

elia estudou Viv.

Minha cara, por ue voc acha ue eu moro tão longe da cidade

Viv sabia ual era a resposta ue a elfa esperava, mas arriscou:

Por ue herdou uma fortuna e uma enorme propriedade no campo

Fern arfou e se virou lentamente para Viv, olhos enormes e incr dulos. Peregrina a observou, a boca se estreitando em uma linha fina, ue aos poucos se curvou na uele sorriso astuto.

Voc uma pessoa interessante, Viv.

Acho ue a primeira vez ue algu m me diz isso.

s vezes, at um elogio comentou elia, dando uma mordida satisfeita no pão doce.

O ue está acontecendo perguntou Fern, desamparada.

Berk deu um tapinha gentil no ombro da ratoide, com Paio ronronando em seu outro braço.

Isso significa ue ela vai.
A bolsa ao lado de Viv vibrou em expectativa.

36



O ue acha perguntou Fern, segurando uma das grandes folhas e examinando-a com um olhar crítico.

Ela havia acabado de voltar da pe uena gráfica na cidade com uma pilha de panfletos. Eles diziam:

⌘ THISTLEBURR LIVREIROS ⌘

desde 1343

Novo acervo — Grande reabertura

Promoção única

Com a notável autora local

ZELIA PEREGRINA

Skadi-feira

CALÇADÃO DA PRAIA

Viv olhou para cima, interrompendo sua escrita na lousa, estudou o panfleto e assentiu.

Acho ue dá conta do recado, não

Elas haviam plane ado a reinauguração para coincidir com a chegada da fragata semanal de passageiros, o ue lhes dava mais um dia para espalharem os panfletos por todos os lugares imagináveis.

A ui estão os seus, então disse Fern, dividindo a pilha de panfletos em duas.

S preciso terminar isto a ui respondeu Viv, franzindo a testa. Já refiz esse troço tr s vezes e continua torto, infernos.

Depois de apagar o texto com um pano, Viv fez o possível para escrever as palavras com giz. Ainda estavam meio inclinadas para baixo e para a direita, mas pelo menos a seta ue havia desenhado embaixo estava uase reta.

Infernos. Não tenho mesmo talento artístico.

Alfor e inclinou-se por cima de seu ombro para estudar o resultado.

Lamentavelmente, concordo.

Viv suspirou e estendeu o giz.

Fi ue vontade.

O hom nculo o pegou com sua mão de ossos.

Muito obrigado. Voc prefere caligrafia clássica ou acha ue uma tipografia g tica seria mais apropriada

As duas são de escrever

Ele a olhou com seus olhos azuis brilhantes.

ã bem, sim, obviamente.

Confiamos na sua escolha, Alfor e disse Fern.

Viv se levantou en uanto o hom nculo começava a traçar linhas precisas em locais aparentemente aleat rios por toda a superfície da lousa.

Fern chamou a atenção de Viv ao lhe entregar um martelo e um pacote de pregos, seguidos pelos panfletos.

A ui está. Divirta-se com o martelo

Segurando a ferramenta, Viv a examinou com curiosidade profissional e deu um golpe no ar.

bom segurar algo assim de novo. Eu contei ue perdi a minha marreta

Fern revirou os olhos.

Por favor, não vá esmagar a cabeça de ningu m pelo menos não antes de comprarem um livro.

um, sim, acho ue está satisfat rio disse Alfor e, acariciando o maxilar com o dedo es ueletal.

Viv e Fern encararam a lousa, bo uiabertas.

Com bordas geom tricas impecáveis, Alfor e havia escrito as mesmas palavras ue Viv, mas em uma caligrafia ornamentada e elegante.

Livraria
Promoção

De reabertura

Uma seta monocromática deslumbrante florescia abaixo das palavras.

Oito infernos, mas como sussurrou Viv.

Ficou exagerado Alfor e pareceu preocupado.

Não mude nada disse Fern. Está perfeito.

Alfor e deu um longo suspiro, olhando para os panfletos.

Gostaria muito de ter conhecido a srta. Peregrina. *Ilha dos pecadores* uma obra maravilhosa.

Fern e Viv se entreolharam por cima da cabeça dele. Viv pousou a mão no ombro de Alfor e. Ainda era estranho tocar o osso de uma criatura viva.

Talvez voc possa. Sabe, se estiver confortável com isso.

Não respondeu ele com firmeza. Não poderia correr o risco.

Tenho a impressão de ue ela tem a mente aberta o suficiente para se acostumar com voc , Alfor e disse Fern. Ela pareceu bem tran uila.

Ele bateu no cr nio.

Refiro-me ao risco para *ela*, caso a Senhora venha a descobrir ue nos falamos.

Viv fez uma careta e apertou o martelo.

Varine ainda vai pagar.

Elas pregaram os panfletos pela cidade nas es uinas, do lado de fora do estábulo e em ual uer superfície ue sustentasse um prego. ighlark at permitiu ue colocassem um do lado de fora de seu escrit rio, ap s examiná-lo com sobrancelhas erguidas e uma expressão pensativa.

Viv cruzou com Iridia na rua e lhe deu um leve aceno de cabeça. A tapenti parou para observar sua passagem, e en uanto Viv pregava um panfleto ao lado da entrada de uma hospedaria em frente guarnição dos Guardi es dos Port es, sentiu os olhos da mulher em suas costas.

Iridia, por m, não fez nenhum movimento para det -la.

Ma lee pregou um na porta da padaria e deixou outro no balcão.

Viv guardou o ltimo para o Poleiro.

Tudo bem se eu pendurar isto a ui do lado de fora perguntou a Brand, deslizando o panfleto por cima do balcão.

Ele deu uma olhada.

Acho ue não tem problema. ã. Voc conseguiu fazer a Peregrina nos

agraciar com sua presença,

Surpreso

Infernos, e como. S vi a mulher uma vez em todos os meus anos em Murk. Costuma ficar na dela.

Viv deu de ombros.

Ela me pareceu bacana. Perspicaz.

Sabe, sempre achei a mesma coisa. Pena ue ela não aparece muito. Agora, o Berk, *esse* eu á vi bastante.

E *você* Já leu os livros dela perguntou Viv.

Brand voltou sua atenção para a caneca de cobre de sempre, suas tatuagens ganhando vida en uanto a esfregava. Com um pigarro, respondeu:

Parte de um deles, talvez.

Viv apoiou os braços no balcão e baixou a voz.

Então Berk e Peregrina. Eles vivem praticamente sozinhos na uela casa enorme. E os livros Ela precisa tirar a uelas ideias de algum lugar, certo

Pois eu acho ue escritores devem ter uma boa imaginação observou Brand. Por ue nem todos podem ser tão sortudos assim.

Na Skadi-feira, Viv colocou a lousa na praia, vista do desembar ue dos passageiros da fragata. O ar estava frio e parado, e a n voa se elevava pelo penhasco como uma onda congelada, abafando o ruído do mar com um sil ncio prateado.

No caminho de volta, bateu na porta da Canto do Mar e, uando Ma lee abriu, Viv foi abraçada pelo calor e pela fragr ncia de pão assando. A uietude da manhã se estendeu em sua conversa murmurada en uanto ela abraçava Ma lee e lhe dava um rápido bei o na bochecha, deixando o pagamento de Fern no balcão e pegando várias cestas de bolinhos frescos e um pote de creme.

O calçadão rangeu sob seus passos, e as ondas rugiam sua canção matinal. Viv ouviu o relinchar de cavalos e o tilintar de arreios vindo do sul por cima das dunas.

A porta vermelha da Thistleburr ainda exibia a placa FECHADO uando ela bateu, mas Fern a abriu para deixá-la entrar.

O aroma de nozes-pecãs torradas, manteiga e aç car caramelizado se misturaram ao cheiro ainda fresco de tinta e ao perfume do papel. Pela primeira vez desde ue Viv se lembrava, as chamas crepitavam no fogão a lenha, irradiando um calor delicioso. O grifete estava enroscado em um crescente emplumado diante do fogo.

Deixa eu pegar uma dessas sussurrou Fern. Em seguida, riu de si mesma.

Estou falando como se fosse espantar o dia.

Paio ergueu a cabeça, e seu rabinho curto começou a bater no chão.

Não me es ueci de voc , rapazinho disse Viv, agachando-se diante dele para entregar um pedaço de bolinho e outro do bacon ue havia guardado do caf da manhã.

Ele devorou tudo e esfregou a cabeça na canela de Viv antes de se enroscar para dormir de novo.

Ela deu um suspiro satisfeito ao se levantar.

Não sei por ue sinto como se fosse uma vit ria ele me deixar alimentá-lo.

um, sei como . Senti a mesma coisa uando voc terminou de ler *Dez elos na corrente*. Fern sorriu e apontou para a cesta. Traga isso para cá.

Elas empilharam os bolinhos em duas travessas ao lado de um bule de chá uente e várias canecas. uando Fern se deu por satisfeita e considerou ue estavam tão prontas uanto poderiam, pegou a bolsa atrás do balcão e usou uma pitada de p para animar o hom nculo.

Ele deu uma olhada em volta da lo a e depois encarou as duas.

Será um espl ndido dia disse, a voz vibrando de empolgação. elia Peregrina. Simplesmente espl ndido.

Ele abriu sua caixa em cima do balcão e se derramou lá dentro, os ossos se empilhando e deslizando at estarem todos em segurança. Uma das mãos se ergueu e fechou a tampa, e Viv passou a chave no trinco para deter possíveis clientes curiosos. As chamas azuis de seus olhos piscaram na escuridão da fenda, e sua voz ecoava ainda mais do ue o normal:

ue a fortuna a favoreça, Fern.

Ela deu batidinhas gentis no topo da caixa.

Obrigada, Alfor e.

Então esperaram, ao som das chamas crepitando e dos roncos assobiados de Paio, en uanto Fern arrumava nervosamente os livros na mesa da frente e mexia no fecho de sua capa. Ela havia feito uma pilha com o mais recente lançamento de elia Peregrina, *Sede de vingança*, e os volumes anteriores expostos ao redor.

Finalmente, ouviram o som de botas no calçadão e batidas firmes na porta.

Fern afastou a cortina da frente para espiar e então escancarou a porta de uma vez s .

elia e Berk aguardavam na soleira. Por algum motivo, Viv esperara ue a elfa fosse aparecer vestida como um membro da realeza, mas a escritora usava as mesmas calças de montaria de uando se conheceram, al m de botas práticas, uma camisa de linho com mangas largas e um cachecol enrolado no pescoço e ogado por cima do

ombro. Seus cabelos prateados estavam presos com um grampo comprido de madeira.

Puta merda murmurou Fern, e então guinchou ao perceber o ue tinha falado. uer dizer, entrem

Obrigada, minha cara.

A diversão de elia era bvia. Ela tirou as botas do lado de fora, e, ao entrar, fez a lo a parecer menor de repente.

Berk entrou logo atrás, com uma respeitável espada longa na cintura. Ele a retirou ao entrar e a entregou para Viv.

S uma precaução, em caso de problemas na estrada disse com um sorriso.

Bem começou Peregrina, apoiando as mãos nos uadris. uma lo a encantadora.

Fern olhou para o calçadão, então virou a placa na porta para ABERTO antes de fechá-la contra o frio. Ela abriu a boca como se fosse falar, mas ficou completamente paralisada ao ver a sobrancelha da elfa se erguer em uma expressão in uisitiva.

Viv estava desarmada, mas depois de trocar um olhar com Berk, decidiu ue provavelmente sabia como salvar o dia.

Aceita um bolinho perguntou, oferecendo a travessa a elia.



 ouve alguns instantes em ue ficaram todos parados no mesmo lugar, fazendo reapresentaç es interrompidas e tentando um tour excepcionalmente constrangedor de um cômodo ue mal tinha algumas passadas de largura. Em determinado momento, por m, elia teve pena de Fern e assumiu o controle da situação. Apossando-se de um tinteiro, uma caneta e mais um bolinho , acomodou-se em uma das poltronas com uma pilha de livros na mesa ao lado.

A elfa mal teve tempo de tomar um gole de chá antes ue a porta da lo a se abrisse pela primeira vez.

Era Luca, o pobre anão Guardião dos Port es.

Tímido, ele alisava os bigodes dourados ao entrar, então parou de s bito e arregalou os olhos ao encarar elia, ue o observava por cima da xícara com uma expressão divertida.

Srta. Peregrina perguntou.

Se ele puxasse os pelos com mais força, Viv achou ue acabaria perdendo o bigode.

Eu mesma respondeu ela.

Luca olhou em volta, viu a pilha de exemplares de *Sede de vingança* e agarrou um, segurando-o com toda a força.

Aproximando-se com cautela, disse em voz baixa:

Li todos os seus livros. ã, menos este, claro.

Gostaria ue eu autografasse

Seus olhos se arregalaram.

Voc faria isso

Ela estendeu a mão.

E como o seu nome

ã, Luca, senhorita há, Lad Peregrina.

Pode me chamar de elia.

Ela pegou o livro, abriu-o, mergulhou a caneta no tinteiro e assinou com um floreio, antes de escrever uma mensagem abaixo de seu nome. uando devolveu o livro, ele leu a dedicat ria e ficou todo vermelho.

Rugas se formaram nos cantos dos olhos de elia.

Tem alguma pergunta, Luca

Sua voz mal passava de um sussurro uando ele perguntou:

Posso posso contar ual foi uma das minhas partes favoritas

Luca, acho ue voc precisa de um bolinho. Sente-se e vamos conversar.

E foi assim ue começou.

Viv e Berk observaram do corredor dos fundos, encostados em paredes opostas, ambos com uma expressão semelhante no rosto: um interesse terno e vigilante.

Conforme Viv estudava os clientes ue entravam na lo a, circulando em pe uenos redemoinhos pelo ambiente, sentiu um calor no peito ue não vinha do fogão a lenha. A paralisia de tiete de Fern pela presença de elia logo evaporou com o fluxo crescente de visitantes. Não havia como continuar assim. Paio costurava seu caminho entre as pernas das pessoas, atento a ual uer migalha ue caísse. Poucas de fato chegavam ao chão.

Viv ficou surpresa uando ighlark decidiu aparecer, e achou graça ao ver o nervosismo desa eitado e uvenil de sua apresentação gague ada para a grande dama.

A risada alta de elia e sua voz rouca eram o fio condutor ue unia todos no ambiente en uanto ela conversava com leitores, autografava livros e apertava as mãos de todos ue tinham ido v -la.

Viv olhou para Berk.

Ela nunca fez isso antes

Ele balançou a cabeça, observando com claro afeto.

Nunca. Ainda estou chocado ue tenha vindo, para ser sincero.

Viv tinha cada vez mais certeza de ue ele era mais do ue um mero guarda-costas ou valete. avia algo no olhar dele triste, mas caloroso.

Deve ter sido o momento certo completou ele.

Fern não estava presente para impedir Viv de fazer perguntas, mas ela tentou ser delicada.

Então, ficam s voc s dois lá na colina Juntos

As sobrancelhas de Berk se ergueram.

Ah, tem o zelador, e algumas pessoas v m e vão. Mas basicamente somos s n s dois.

um. Ela deixou o comentário no ar por um minuto. Então, voc

Ah, eu sou til respondeu ele. Na maior parte do tempo.

Claro.

Viv não pôde deixar de pensar na diferença de expectativa de vida entre humanos e elfos, e nos fios prateados no cabelo dele.

O canto da boca de Berk se curvou em um sorrisinho, como se ele tivesse ouvido seus pensamentos.

s vezes, o momento certo não existe.

Viv pensou em Ma lee e no ue ela dissera sobre ver as pessoas atrav s de uma anelinha en uanto passavam, e em como nada parecia acontecer exatamente uando deveria.

Então viu o rosto de Fern, iluminado e risonho, en uanto ela colocava um livro em mãos ue provavelmente precisavam dele.

E, s vezes, ainda não somos a pessoa certa murmurou Berk.

Embora os dois tivessem pessoas diferentes em mente, Viv achou ue talvez estivessem pensando exatamente a mesma coisa.

Fern desabou na poltrona com um suspiro explosivo e exausto. Paio saltou para o colo dela, ainda energizado pelo dia, dando voltas at encontrar uma posição confortável.

Viv estava prestes a trancar a lo a uando ouviu uma batida mais abaixo na madeira. Ela entreabriu a porta e encontrou Ma lee parada no degrau, espiando pela fresta como se uisesse ter certeza de ue a lo a ainda estava ali.

Como foi perguntou ela em um falso sussurro.

Fern riu e gesticulou para a lo a.

Melhor do ue eu poderia ter esperado. E nem um nico bolinho sobreviveu.

Restavam apenas migalhas nas travessas no balcão, e embora as prateleiras certamente não estivessem vazias, pareciam menos cheias. Cada exemplar ue trazia o sobrenome Peregrina na capa havia sido vendido, e muitos outros tamb m. uando a pilha dela acabou, os clientes começaram a pedir a elia ue autografasse livros de *outros autores*, um pedido ue ela atendeu com um sorriso muito divertido.

Peregrina ficara at o fim, ap s o ltimo cliente partir, uando Berk a conduziu porta afora e nevoeiro adentro en uanto prendia a espada longa na cintura.

Fico feliz por voc , meu bem disse Ma lee, dando um tapinha no ombro de Fern. Paio esticou o pescoço para fare ar seu avental, na esperança de ue houvesse algo escondido ali para ele.

Depois de trancar a porta, Viv abriu a caixa de Alfor e, e ele surgiu em um cair de ossos hipnotizante.

Sinto muito por voc ter ficado preso aí o dia todo disse, franzindo a testa.

Ma lee se aproximou de Viv e passou o braço pela sua cintura.

Foi um prazer observar respondeu ele. Mesmo assim. Não tenho mem rias dos tempos antes disto, e, no entanto, conheço o calor de uma lareira, embora não possa senti-lo. o e foi assim. Saber como uma sensação, sem poder vivenciá-la.

O braço de Ma lee a apertou com mais força e, uando Viv olhou para baixo, viu ue o rosto da padeira estava consternado.

Deuses, isso não usto.

Acho ue está na hora de tirar voc da ui disse Viv ao hom nculo. Amanhã. A Gallina vai acabar se cortando de tanto bater a uelas facas umas nas outras se ficar mais tempo esperando. Voc disse ue ueria a udar com os espinodorsos, não Então vamos. Já passou tempo demais dentro de uma caixa.

Espinodorsos perguntou Ma lee.

Infernos, eu não te contei admitiu Viv. s uma caçada ao sul da ui. Gallina ue encontrou. As ovelhas de alguma fazenda estão sumindo. Não deve ser nada de mais. Estava prestes a minimizar ainda mais a empreitada, mas pensou melhor, e em vez disso perguntou: Voc não uer ir, uer Já faz tempo, mas talvez

Imagina. Ma lee deu um tapinha na perna de Viv, olhando para cima com um sorriso tenso. Tenho muita coisa para fazer, e s atrapalharia voc s.

Viv se lembrou de Berk dizendo:

Às vezes, o momento certo não existe.

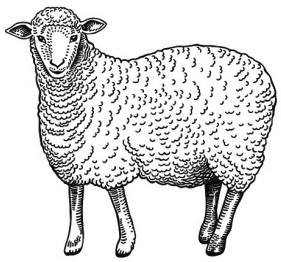
uando Alfor e teve certeza de ue ningu m falaria mais nada, disse:

Será um prazer.

Viu, Fern Voc pode dormir at mais tarde amanhã disse Viv.

Mas Fern á estava dormindo, seu ronco suave ecoando o do grifete em seu colo.

37



Viv e Gallina saíram silenciosamente do Poleiro na uela hora fresca antes do amanhecer, o ar carregado com o cheiro de areia mida e madeira molhada. O c u estava claro; a n voa do dia anterior se afastara da costa ou subia pelas colinas ao norte. A lua era uma grande moeda prateada no c u, envolta num halo fantasmag rico da pr pria luz.

Viv tentava afastar a ansiedade ue a mantivera acordada metade da noite. Contara seus planos a Brand provavelmente com detalhes suficientes para deixá-lo irritado , caso Rackam aparecesse en uanto ela estava fora. A ideia de perder a chegada dele por estar perseguindo algumas pestes locais era insuportável.

Al m disso, havia a preocupação ue a perseguia dia e noite: a de ue os Corvos não aparecessem. Nem ueria imaginar ual uer das possíveis raz es para algo assim.

Estando o livro sob os cuidados de Iridia e com Alfor e a acompanhando, Viv convencera-se de ue assim Fern e Ma lee não correriam grande perigo.

Ou uase.

Não acredito ue está trazendo *os dois* disse Gallina com uma risadinha, mantendo a voz baixa.

Viv deu de ombros, sentindo Sangue-Preto se mover contra suas costas e tateando o pomo do sabre.

O terreno faz diferença. melhor ter opç es.

A bolsa de Alfor e balançava em seu uadril.

Gallina revirou os olhos, mas não discutiu en uanto desciam depressa at a

estrada principal no ponto em ue emergia das longas fileiras de construç es de madeira mais pr ximas da praia.

Tem certeza de ue arran aram uma mula perguntou Viv. Não uero ir a p o caminho todo.

Aham, a menos ue tenham me ignorado. Eu sei. *Nada de cavalos*.

De fato, havia duas mulas. Estavam presas a uma carroça baixa, mordiscando sem muito gosto os poucos ramos de capim ue conseguiam alcançar. Um fe rico de mar as aguardava sentado com as pernas compridas no banco do carroção, terminando o caf da manhã, um lampião ao lado.

Sabe para onde vamos perguntou Gallina, erguendo a voz.

Sei respondeu ele, lambendo os dedos e pegando as r deas. Precisa de a uda para subir

Claro ue não retrucou Gallina.

Ela ogou uma pe uena bolsa de viagem na traseira e subiu com um salto ágil; Viv fez o mesmo. avia algumas sacas de grãos ali, empilhadas na parte da frente, para servir de assento. Viv retirou as armas, e as duas se acomodaram. Depois ue ela deu uma batidinha no encosto do cocheiro, o homem bateu as r deas, e eles partiram.

Por um acordo tácito, ficou decidido ue era cedo demais para conversar. Viv passou a Gallina um dos pãezinhos adormecidos ue guardara no bolso do casaco, e as duas comeram em um sil ncio agradável.

Por um tempo, s se ouviam os zurros das mulas, o estalar ocasional do couro e o sacole ar da carroça. Um pouco mais tarde, esses sons se somaram ao ronco do estômago de Gallina.

Metabolismo de gnomo, perguntou Viv.

Gallina enfiou a mão na bolsa de viagem e pegou uma linguiça curada. Então se lembrou dos pãezinhos divididos e, a contragosto, ofereceu outra a Viv. Depois de uma pausa, tirou tamb m uma das facas da bandoleira e passou adiante tamb m.

Viv aceitou ambas, mas não começou a comer.

Voc á fez isso antes

Andar de carroça Gallina revirou os olhos.

Caçar feras.

A gnoma abriu a boca para dar uma resposta atravessada, mas então mudou de ideia. Em vez disso, cortou um pedaço da linguiça e o colocou para dentro. Mastigou bem devagar e então murmurou:

Mais ou menos.

Viv se lembrou de como Gallina a pressionara sobre Ma lee lá no penhasco.

O ue aconteceu

Gallina a encarou com um olhar feroz.

Eu dou conta do trabalho. Eu

Não falei ue não dava. Viv ergueu a mão para interromp -la. Voc me perguntou o ue aconteceu comigo uma vez, e eu contei. Nada mais usto ue eu perguntar o mesmo. Somos iguais, não

Eu devia ter te feito trazer um livro. Aí podia ler e me fazer dormir.

O ue voc fazia antes de Murk

A gnoma encarou a linguiça com grande hostilidade.

Eu me untei a uns mercenários ue encontrei em Cardus. Pelo menos, foi o ue pensei. Acho ue não causei uma boa impressão.

Gallina esperou, desafiadora, por alguma zombaria de Viv ue não veio.

A gente tava caçando um bando de ladr es. Uns ladr es bem meia-boca, aliás. Se voc vai roubar alguma coisa, por ue *pergaminhos* Mas, enfim, eles estavam acampados numa floresta ao sul da cidade, então a gente foi pra área e montou acampamento por lá tamb m. A floresta era grande, então a gente precisava cobrir o máximo de terreno e achar eles logo. Nos separamos, n s uatro, pra fazer reconhecimento.

Ela parou de falar e pesou o uanto ueria contar. Viv deixou.

Eu tava lá, fazendo a minha parte, avançando escondida, indo pro leste rente a um barranco seco do rio. Bem fundo. S ue o chão de repente Ela fez um barulho de sopro e sacudiu a linguiça. Sumiu, bem debaixo dos meus p s, e eu despen uei. Foi uma ueda feia. E não dava pra escalar de volta. Era pedra dura e bem reta. Então segui o leito do rio, procurando alguma parte mais inclinada. Mas sabe o ue gosta de viver em leitos de rios secos assim

Alguma coisa ue caça presas ue não podem escapar disse Viv.

Sapos-pedra. Do tipo venenoso. Um montão. Claro ue dei cabo deles. Gallina deu um tapinha nas facas cruzadas no peito. Mas á era noite de novo uando consegui sair.

E aí

Aí ue eu achei ue era melhor voltar pro acampamento, ver o ue estava acontecendo. Mas eles á tinham ido embora, os tr s. Desmontaram tudo e deram o fora.

Não esperaram nem um dia

Gallina não olhou para ela, mas para as colinas ue ficavam para trás.

Fui a p at Cardus, e lá estavam eles, contando a recompensa. Capturaram os ladr es en uanto eu andava por aí matando sapos. Nem precisaram de mim,

imagino, capaz at de terem es uecido ue eu existia.

Viv observou o rosto da gnoma. A linguiça continuava no colo dela, intocada.

Bando de desgraçados disse Viv, com sinceridade.

Gallina fungou e limpou o nariz.

Bom, não foi de todo ruim. Descobri ue tem gente ue paga muito bem por língua de sapo.

Viv estendeu a mão e apertou o ombro dela.

Então as duas se recostaram na carroça e terminaram as linguiças.

 uando acabaram de comer, Viv respirou fundo, deixou o ar frio invadir os pulm es e viu a noite se dissolver no campo.

Distraída, passou o polegar pelo gume de Sangue-Preto, pensando no ue estava por vir, e sentiu como se estivesse despertando de um sonho ue durara semanas.

 uando chegaram tal fazenda, o sol á tinha nascido, e os ltimos fiapos de n voa se dissipavam dos campos no calor da manhã. A propriedade consistia em um chal , algumas construç es anexas e cercados, um celeiro comprido com telhado de palha e uma horta espaçosa, com campos cheios de montes de feno em volta. Nas encostas acima do vale, carvalhos robustos cresciam aglomerados.

Ouvia-se o balido das ovelhas ue despertavam, ansiosas pela ração matinal, e o latido de um grande cão ecoando por todo o vale.

A dona da fazenda estava sentada num ban uinho uando as mulas pararam na curva ue a estrada fazia em frente ao chal . Mesmo sentada, dava para ver ue a mulher era alta. Magra e forte, com cabelos grisalhos imponentes, ela fumava um cachimbo, acenando para ue se aproximassem.

Então, finalmente algu m de Murk decidiu vir dar uma olhada perguntou, sem tirar o cachimbo da boca.

Viv e Gallina saltaram da carroça e se espreguiçaram.

A fazendeira as olhou de cima a baixo, fixando a atenção em Viv en uanto ela recolocava a espada grande e o sabre.

Meg apresentou-se.

Olá, Meg respondeu Gallina, exibindo o papel oferecendo a recompensa.

Continua tendo problemas Tomara ue a gente não tenha vindo at a ui pra nada.

A fazendeira soltou uma risada amarga ao se levantar.

Ah, se continuo. Tenho ue manter o rebanho por perto e nem arrisco ir at

os pastos ao sul com elas. Mas agora os bichos deram para aparecer por a ui ao anoitecer. S me resta trancar a porta, colocar o cão pra dentro e esperar.

Estão levando as ovelhas noite Viv examinou os cercados, ue pareciam intactos. Voc conserta as cercas depois ue uebram

Não v m toda noite, mas uase. E, uando aparecem, sempre me faltam algumas cabeças pela manhã. Engraçado ue não estragam as cercas. Devem pular supôs, balançando a cabeça.

Sangue

Normalmente, não.

Viv franziu a testa.

Não parece ser um espinodorso.

Voc á viu algum perguntou Gallina para Meg.

Uma ou duas vezes. Acho ue tem um ninho perto do prado, duas colinas ao sul. E a uele barulho ue eles fazem Tipo pedras se esfregando Não dá pra es uecer tão cedo.

Tudo bem disse Viv. s mostrar pra ue lado a gente deve ir e vamos ver o ue podemos fazer. Nosso cocheiro pode ficar a ui com voc

Meg assentiu.

O chá tá no fogo gritou para o fe rico de mar.

Viv olhou para o sul, para as colinas cobertas de carvalhos e, supostamente, para o tal prado al m. Já tinha visto e abatido muitos espinodorsos, e estava ficando cada vez mais c tica com a uela hist ria.

uando elas alcançaram os carvalhos, Viv pediu para ue parassem e tirou a bolsa de couro do ombro.

Colocando-a no chão, pegou um dos frascos lá dentro, tirou a rolha com os dentes e colocou uma pitada de p nos ossos de Alfor e com algumas batidinhas do indicador.

En uanto fechava a pe uena garrafa de volta, Alfor e se montou em um turbilhão perolado, iluminando-se com um azul vívido conforme a consci ncia tomava suas rbitas.

Não sei por ue estou tão preocupada disse Viv, pendurando a bolsa no ombro e se levantando. O ue poderia ferir voc

Garanto ue não há motivo para preocupação declarou ele, a voz oca sem deixar d vida.

. Mas, na minha experi ncia, espinodorsos gostam de triturar ossos com os dentes. Ela fechou o punho para demonstrar. Fico me sentindo culpada por voc não ter uma arma nem nada do tipo.

Alfor e fez um floreio com a mão, e as falanges se afinaram em pontas compridas e ameaçadoras.

Gallina assobiou.

Bom, me convenceu.

Juntos, os tr s cruzaram algumas colinas baixas, e um terreno mais montanhoso subia es uerda, com alguns carvalhos esparsos. Ao chegarem a um cume, avistaram uma campina irregular. A grama alta ainda estava coberta de orvalho.

O grupo assustou alguns tetrazes, mas, exceto pelo burburinho distante das ondas, s havia o farfalhar de seus p s pisando na grama e os resmungos de Gallina sempre ue uma folha a acertava no rosto.

En uanto Alfor e avançava ao lado delas, Viv não pôde deixar de observá-lo de soslaio, surpresa com o sil ncio e a postura alerta dele, uma agressividade ue nunca vira no hom nculo at então. O primeiro indício de sua ameaça em potencial tinham sido a ueles dedos letais, e esse pressentimento crescera at se transformar em uma in uietação.

Embora ela estivesse uase convencida de ue nada da uilo fosse importar, afinal.

Não havia sinais das feras: nada de grama amassada ou terra revirada, nenhum indício de caça. Espinodorsos faziam muita bagunça com suas refeiç es e largavam restos por todo lado. Se havia algum na área, não devia estar pr ximo e Viv estava cada vez mais convencida de ue o bando deixara a região.

Ainda assim, tinham via ado at ali. Não havia motivo para não procurarem. Ela estava impaciente, mas sabia ser meticulosa. Pelo menos, era o ue dizia a si mesma.

Vasculharam a campina e começaram a avançar pelos vales rasos entre as colinas do outro lado, pontilhados de xisto e rochas despontando do solo.

Mas ue infernos resmungou Gallina, afastando outro tufo de grama na altura de seus olhos.

Viv ficou aliviada por ser ela a finalmente reclamar.

Vamos procurar por mais uma hora, pelo menos sugeriu, examinando a encosta em busca de sinais de um covil ou toca.

Alfor e subia frente delas, escalando as pedras com rapidez e saltando o xisto. Ele era incrivelmente ágil, e pe uenos lampe os de luz azul percorriam as inscriç es nos braços e pernas conforme se movia.

De repente, ele ficou im vel e olhou para a es uerda. Viv parou onde estava,

seguindo seu olhar. avia um monte de pedras no meio de uma vegetação rala.

O hom nculo fez um sinal para elas. Viv gesticulou para Gallina, ue vinha logo atrás, cansada da subida devido s pernas mais curtas.

Juntaram-se a Alfor e para examinar o ue ele havia encontrado. Le ues de terra remexida ladeavam a entrada onde algum animal cavara uma caverna natural, abrindo mais espaço. Estilhaços de ossos uebrados pontilhavam o solo revirado. Viv teria ue engatinhar para entrar, mas Gallina ou Alfor e talvez conseguissem adentrar sem muito esforço.

O ue seria uma tolice, claro.

Eles estão lá dentro sussurrou Alfor e, um assovio sinistro na voz ecoante.

Como voc sabe uestionou Gallina.

Por causa do ue eles tocam respondeu ele, enigmático.

E então, como se em resposta, um som parecido com uma pederneira arranhando granito ecoou da caverna.

Ora... Tem *mesmo* um covil de espinodorsos a ui disse Viv. Vão ter ue sair. Ningu m vai entrar aí.

Ela retirou o sabre da cintura e o escondeu, unto com a bolsa, atrás de uma rocha. Depois pegou Sangue-Preto, deixando o peso confortável se espalhar pelos m sculos at o ombro.

Viv á estava com a mão na boca, sugando ar para gritar, uando se deu conta e parou. Seus companheiros a observavam, na expectativa.

Não muito complicado disse. Vou fazer barulho, e eles vão sair correndo. Aí acabamos com eles. Não são muito espertos. Vou ficar a ui para ser um grande alvo, e depois

Ela ergueu Sangue-Preto em um gesto sugestivo. Gallina á tinha um par de adagas nas mãos e olhou feio para Viv.

E deixar voc se divertir sozinha Nem a pau. Esse pedação de metal aí vai ser muito lerdo. Vou ficar lá em cima.

Ela apontou para a sali ncia de pedra ue despontava acima do t nel e, sem esperar resposta, começou a andar. Viv uase protestou, mas observou a gnoma contornar os arbustos em sil ncio at o tufo de seu cabelo arrepiado surgir acima do t nel. As l minas dela reluziram ao sol.

Viv lançou um olhar de relance para Alfor e.

Esse o máximo de plane amento ue eu faço, em geral. Está pronto

Completamente respondeu ele.

Viv esperou um pouco, caso ele precisasse de um tempo para fazer o tru ue com os dedos afiados de novo, mas Alfor e s ficou parado.

Bem, não esperava precisar da a uda dele, de ual uer maneira.

E a orc estava impaciente para voltar a viver no limite outra vez.

Tomando um longo fôlego, gritou a plenos pulm es:

Ei, seus desgraçados

Como grito de guerra, deixava a dese ar, mas eram s umas bestas burras.

Seu berro ecoou nos penhascos a leste e, uando o som morreu, restou apenas o sil ncio.

Eles ficaram atentos a ual uer sinal vindo da boca escancarada da toca.

Tem certeza de ue estão aí dentro sibilou Gallina, erguendo a cabeça.

Então o primeiro espinodorso surgiu da escuridão.

O corpo era esguio, meio lupino, as costelas visíveis sob a pele, o dorso escamado coberto de fileiras e mais fileiras de espinhos pedregosos. Os olhos eram brancos e brilhantes, e a mandíbula escancarada, cheia de dentes afiados como estacas uebradas.

Viv girou Sangue-Preto em um arco lateral, pegando a criatura no meio do salto. A pedra do dorso estilhaçou-se com um estrondo apavorante, e a fera foi lançada encosta acima, uase dobrada ao meio. O rugido grave se a uietou como rochas rolando por uma ribanceira.

Viv estava vagamente consciente de um brilho azulado sua direita en uanto Alfor e fazia algo. Os fragmentos de ossos no chão começaram a se mexer, como se a terra estremecesse.

Não havia tempo de pensar na uilo; outros dois espinodorsos emergiram da toca. Gallina mergulhou em cima de um deles, correndo uma adaga entre as costelas en uanto cravava a outra na barriga da besta.

Viv abriu um sorriso selvagem, á atacando com a espada grande na volta do golpe anterior, erguendo a l mina para atingir o animal bem no peito.

Estava tão empenhada no golpe ue, uando um vulto surgiu sua es uerda, não havia nada a fazer al m de trincar os dentes e erguer o cotovelo.

S teve tempo de pensar, com irritação distante: *então tem outra saída nesse buraco dos infernos.*

O golpe do cotovelo salvou suas costelas dos dentes do espinodorso, fechando a mandíbula do bicho com força, mas não conteve seu ímpeto. Ele a atingiu com tudo, fazendo Viv rolar pelo chão.

Embora o golpe da espada grande tivesse sido atrapalhado, ainda atingiu o alvo original. O espinodorso uivou e caiu, arrancando Sangue-Preto das mãos de Viv e rolando de cabeça para baixo num emaranhado de patas e dentes.

De repente, Viv estava caída de lado, sem ar, girando para erguer as mãos e

apertar a garganta da criatura em cima dela. A mandíbula do espinodorso se fechava a poucos centímetros de seu rosto, e o bafo horrendo atingiu sua bochecha unto com alguns respingos de saliva. Ela conseguiu envolver o pescoço da fera e apertar, preparando-se para empurrá-lo, mas o ngulo não a udava.

Ouviu o grito distante de Gallina e um zumbido acompanhado de um chacoalhar em algum lugar acima de sua cabeça. Um clarão azul incandescente a fez semicerrar os olhos, e então o ar foi preenchido pelo som de um enxame de vespas.

O espinodorso guinchou e estremeceu como se estivesse sendo golpeado de todas as direç es ao mesmo tempo. Algo uente e mido espirrou sobre Viv, e a criatura se contraiu, retorcendo-se com vários espasmos, depois desabou, inerte de repente.

Viv se virou e lançou a fera para o lado, olhando em volta, atordoada.

O bicho não estava vivo o suficiente nem para dar seu ltimo suspiro.

In meros fragmentos de ossos o haviam perfurado de todas as direç es imagináveis.

Viv conseguiu se pôr de oelhos e olhou para Alfor e, o brilho azul recuando nas inscriç es pelos membros dele. As chamas de seus olhos estavam brancas de tão uentes, mas á começavam a diminuir.

ue merda foi essa disse Viv.

Gallina cambaleou at os dois.

Oito infernos. Voc

Ela mexeu a mão no ar e fez um som de ar passando rápido. Alfor e deu de ombros, e Viv achou ue ele parecia uase constrangido.

Ossos disse guisa de explicação.

Pelos deuses, essa foi uma surpresa e tanto comentou Gallina, bufando. uando voc disse ue servia a sua Senhora, achei ue fosse tipo servir o chá dela.

Viv arrastou os uatro espinodorsos mortos para perto, examinando-os.

Tem algo errado declarou.

o fedor deles, s isso retrucou Gallina, fazendo careta.

Não. Estavam passando fome. Olhe s pra eles.

Espinodorsos não eram belos, nem de longe, mas a ueles uatro eram exemplares deploráveis: as costelas pronunciadas, o couro com várias falhas. Es uel ticos.

Os ossos á estavam a ui há vários dias observou Alfor e, mexendo em um

dos estilhaços.

Então o ue tá comendo as ovelhas perguntou Gallina.

Comendo. Ou roubando corrigiu Viv. Não sei. Talvez não se a nada. Mas parece ue esses espinodorsos foram acuados e se esconderam na toca. Poucas coisas deixam esses bichos com medo. São burros demais pra isso. Talvez ha a algum outro predador por a ui

A *recompensa* s pelos espinodorsos observou Gallina, ocupada cortando trof us de cada uma das feras, para provar ue o serviço fora feito.

Viv suspirou.

Não me parece certo deixar o trabalho inacabado.

Bom, a uele cocheiro não vai esperar pra sempre insistiu Gallina, terminando a tarefa no enta.

Colocando o sabre na cintura, Viv pegou a bolsa de Alfor e.

uanto a isso não tem discussão. Eu ue não uero voltar para casa a p .

Alfor e se enfiou bolsa adentro antes ue surgissem entre as ltimas árvores pr ximas fazenda.

Ao se endireitar e pendurar a alça no ombro, Viv parou e fare ou o ar.

O cheiro no vento.

Sangue e inverno.

Os pelos da nuca se arrepiaram, e um calafrio percorreu seus braços.

Esperem a ui ordenou, á começando a se afastar.

O u exclamou Gallina. Infernos, o ue voc tá fazendo

S um segundo gritou de volta.

Ela seguiu o odor e, embrenhando-se na floresta, chegou a uma clareira sombria e encontrou as ovelhas desaparecidas ou o ue restava delas.

Mas foram as outras coisas ue encontrou ue fizeram seu sangue gelar.

Isso o ue acho ue perguntou em voz baixa, abrindo a aba da bolsa.

O cr nio do hom nculo surgiu para espiar o ue ela indicava.

Ah, não gemeu Alfor e, a voz carregada de pavor.

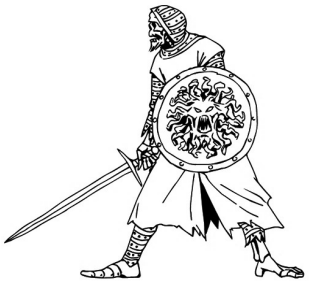
uando Meg atendeu porta do chal , Viv a pegou de surpresa ao agarrar sua mão e conduzi-la a passos rápidos at um trecho de terra nua.

Já viu isso antes perguntou e, com a ponta de um graveto, desenhou um símbolo na terra.

Um diamante com dois galhos como chifres.

Viv s precisou ver a surpresa no rosto da fazendeira.
á uanto tempo uestionou.

38



As mulas avançavam rumo ao norte com uma lentidão agonizante, e era impossível convencer o condutor a faz -las se apressarem.

Não tenho mulas pela velocidade resmungou ele. Elas estão fazendo o ue podem.

Viv cerrou os dentes, se perguntando se a ameaça de mortos-vivos o faria acelerar. Mas, provavelmente, se soubesse o ue podia estar esperando por eles, o cocheiro talvez desse meia-volta e seguisse na direção contrária.

Ela era capaz de correr mais rápido do ue a ueles animais de passo arrastado, mas embora a perna estivesse uase curada, seria insensato forçá-la por uma dist ncia tão grande.

No fim, s lhe restava ficar ali sentada, remoendo a raiva, tamborilando a lateral do carroção e lançando olhares fulminantes para a paisagem pacífica ue passava devagar.

Não a udava em nada o fato de ainda sentir no vento o cheiro dos mortos-vivos. Ou, pelo menos, achava ue sentia. Seus pensamentos eram preenchidos por imagens de Ma lee enfrentando inumanos com sua velha maça, e a livraria de Fern em chamas.

Gallina lhe lançou alguns olhares pensativos durante a viagem, mas sabia ue não era uma boa ideia discutir os medos de Viv na frente do cocheiro.

A carroça seguiu seu caminho en uanto o sol mergulhava no mar como ferro uente na t mpera, e a noite azul o perseguiu colina abaixo.

Elas ouviram os sinos antes mesmo de Murk surgir no horizonte, as badaladas distantes e solenes. Faltavam apenas uma ou duas colinas baixas para chegarem periferia da cidade, e Viv não aguentava mais esperar, ainda mais com a uele badalar concretizando seus piores medos. Ela saltou da lateral da carroça com Alfor e no ombro, aterrissando com força na areia.

Gallina fez menção de segui-la, mas Viv a agarrou no meio do pulo, ignorando o guincho da gnoma e pendurando-a nas costas como uma capa, montada em Sangue-Preto. Viv s a soltou uando Gallina passou os braços ao redor de seu pescoço.

Voc s pode estar de brincadeira sibilou a gnoma.

Segura firme.

O ue voc acha ue tá fazendo gritou o cocheiro, puxando as r deas das mulas.

Uma estupidez respondeu Viv, disparando em uma corrida alucinada, os oelhos de Gallina cravando-se em suas costas a cada passada.

A cidade, os pr dios de madeira no entorno e as dunas ao redor tudo parecia sereno. S o som dos sinos revelava ue algo estava errado.

Viv cruzou o cume da ltima colina em alta velocidade, a areia voando a cada passo, o suor á escurecendo a t nica. A respiração de Gallina era uente contra seu pescoço, e a gnoma grunhia a cada vez ue se chocava com a espada grande.

Viv esperara encontrar fogo, gritos, um ex rcito de mortos-vivos, mas não havia nada disso vista.

Depois de algumas semanas de treinos leves e recuperação física, seus pulm es ardiam em uma corrida ue, poucos meses antes, teria sido fácil. Mesmo assim, ela não diminuiu o ritmo, disparando pelo ltimo trecho da estrada antes de se bifurcar rumo ao Poleiro.

Não estou vendo nada disse Gallina.

Mas voc á ouviu esses sinos tocarem antes ofegou Viv.

Os braços da gnoma a apertaram um pouco mais, e Viv pôde sentir ue ela negava com a cabeça.

Devem estar dentro das muralhas.

Não tinha certeza, mas pensou ouvir gritos distantes. Vislumbrou o bruxulear dos lampi es na anela da Thistleburr.

Viv parou em frente ao pr dio, arfando. Gallina se soltou de suas costas,

aterrissando atrás dela.

tipo montar um cavalo de pedra reclamou a gnoma.

Fern ou Maylee? Viv ficou paralisada pela s bita indecisão. Mas s uma opção fazia sentido: precisava ir para a cidade e encontrar Iridia.

Vá ver se Fern está bem ordenou, apontando para a porta vermelha. Tran ue a porta depois de entrar.

O ue *você* vai fazer Não vou ficar sentada com um monte de livros en uanto alguma coisa interessante finalmente tá acontecendo.

Vou ver se Ma lee está bem. Voc não precisa *ficar*. S ve a se Fern está bem e em segurança.

Sem esperar Gallina discordar outra vez, Viv saiu andando.

A Canto do Mar estava trancada o ue era bom , mas Viv sentiu cada segundo se arrastar en uanto esmurrava a porta. Sua vontade era recuar alguns passos e arrombá-la de vez, e se não precisasse trancar a porta depois ue fosse embora, talvez tivesse feito mesmo isso.

O badalo dos sinos estava mais alto ali, e ela duvidava ue Ma lee estivesse dormindo com tanto barulho. Padeiros costumam deitar cedo, e ela devia estar rolando na cama lá em cima.

Na realidade, não demorou muito at avistar a claridade do lampião de Ma lee brilhando pela anela, mas a sensação foi de ue levou uma eternidade. uando Ma lee abriu a porta, Viv ficou surpresa com a intensidade do alívio ue sentiu.

Voc voltou boce ou a anã. Ela ergueu o lampião para iluminar o rosto de Viv.

Não sei uem faz mais barulho, voc ou os sinos.

Viv segurou-a pelos ombros, inclinou-se e a bei ou na boca.

Ora, olá pra voc tamb m, meu bem murmurou Ma lee.

O ue esses sinos *significam* perguntou Viv, e o tom sombrio de sua voz espantou os ltimos res uícios de sonol ncia do rosto de Ma lee.

Um inc ndio, talvez Não vi nada da ui. Não tem nada ue a gente possa fazer. A anã então pareceu perceber ue Viv estava com duas l minas. Espera aí

Viv lançou um olhar por cima do ombro, uase esperando algum es ueleto cambaleante se aproximar pelo calçadão.

Acho ue não um inc ndio. Voc ainda tem a uela sua maça lá em cima

Tenho.

Vá buscar. Fi ue acordada. Tran ue a porta de novo uando eu sair. Não deixe ningu m entrar.

Ma lee estreitou os olhos.

Se for por causa *dela*, eu deveria ir com voc . Ainda consigo

Não. uando foi a ltima vez ue voc usou a uela coisa S uero ue fi ue segura.

Bom, eu uero o mesmo. Ma lee cutucou a barriga de Viv com o dedo. Aonde voc vai

Buscar um livro.



Os gritos foram ficando mais audíveis conforme Viv corria em direção entrada da fortaleza. Um brilho dourado ultrapassava a parte de cima das muralhas, mas não parecia vir de um inc ndio descontrolado. Lampi es brilhavam nas plataformas da fortaleza, e os sinos seguiam badalando, ensurdecedores.

Ao seu lado, a bolsa estremeceu, e Viv se sobressaltou uando os dedos es uel ticos saíram e a agarraram.

Ela parou derrapando e tirou a alça do ombro. O hom nculo abriu a aba da bolsa sozinho, cr nio e um dos braços surgindo, as rbitas brilhando com chamas azuis.

O u O p

Restou o bastante para isto interrompeu ele. Rápido Precisa me deixar sair.

Estou indo para *lá*. Vou pegar o livro. Ela apontou para as muralhas. uer ue algu m te ve a e te destrua Voc ainda não conheceu Iridia. Não tenho tempo de explicar uem voc , e ela ainda não gosta muito de mim. Não acho ue vá gostar de voc tamb m.

Ela não vai me ferir. Não pode. Nem ual uer mortal dentro da uelas muralhas.

Sua voz trazia uma certeza fria. A lembrança de um espinodorso perfurado por in meros fragmentos de ossos veio mente de Viv, pondo fim s suas incertezas.

Sua Senhora pode á estar lá dentro avisou ela.

Se estiver, prefiro encará-la de p .

Ela hesitou, então se a oelhou e polvilhou seus ossos mais uma vez, s para garantir. Assim ue ele se recompôs ao lado dela, Viv agarrou a bolsa de volta.

Vamos.



A entrada da cidade estava sem guardas, e os temores de Viv se transformaram em certeza. Alfor e acompanhou seu ritmo admiravelmente bem en uanto ela disparava pela areia, a respiração pesada, mas regular.

Um berro curto e agudo se ergueu acima dos outros gritos e chamados.

Ao contornar uma imensa coluna pr xima ao portão, seus passos finalmente ecoando nas pedras do calçamento, ela parou, e foi atingida por uma sensação surreal de estar vendo dobrado.

Figuras es uel ticas, de sorrisos ossudos e rbitas iluminadas por uma luz azul, lotavam a rua da feira. Guardi es dos Port es combatiam os invasores em toda a sua extensão, e Viv sentiu como se estivesse de volta floresta, en uanto os Corvos de Rackam golpeavam os servos necrom nticos de Varine. avia dezenas de inumanos, o dobro do n mero de Guardi es dos Port es na uela via. uantos lotavam as vielas laterais

Merda sussurrou.

Onde está o livro perguntou Alfor e.

Viv tirou Sangue-Preto das costas, arreganhando os dentes, pronta para se lançar ao combate mais uma vez, reduzir os inumanos a p

O *livro* insistiu Alfor e.

Ela rosnou, balançando a cabeça para recobrar o foco.

Está com Iridia. Os Guardi es dos Port es.

Precisamos recuperá-lo. Antes.

Ela fechou os olhos.

Voc tem razão. Consegue fazer a uela coisa com os ossos de novo

Não com essas criaturas. Pertencem a ela.

Então me siga disse Viv, avançando em disparada.

As portas estavam trancadas, o povo da cidade sem d vida escondendo-se atrás delas, embora alguns moradores espiassem das anelas altas, apontando e gritando. Os Guardi es dos Port es de Iridia desesperadamente tentavam repelir o avanço dos mortos-vivos pela rua. Viv procurou algum sinal da tapenti em meio ao confronto, mas não a viu.

Ela analisou o caminho adiante, plane ando uma rota, e uando chegou ao inumano mais pr ximo, girou Sangue-Preto em um golpe diagonal ue pulverizou a caixa torácica do inimigo. O cr nio voou para longe, girando.

O Guardião dos Port es ue lutava contra ele, um elfo, a encarou assombrado, mas Viv nem mesmo diminuiu o ritmo. Continuou abrindo caminho pela confusão, escolhendo alvos oportunos e estraçalhando-os como se fossem troncos podres.

Viv partia pernas ossudas, enfiava a l mina entre as costelas a cada golpe de retorno e arremessava inumanos para longe em uma confusão de ossos cinzentos. As luzes azuis em suas rbitas se apagavam conforme se desintegravam, e ela rugia em triunfo. Nem se preocupou em procurar Alfor e ou ele a acompanharia, ou não.

Ela continuava vagamente ciente de seu ob etivo. O *livro*. Mas a Viv do presente a *verdadeira* Viv estava ocupada com toda a selvageria ue podia praticar pelo caminho. Sorria, exultante, irrestrita.

Tinha se perdido nas ltimas semanas, mas agora encontrava seu caminho de novo.

Uma parte dela protestou, mas era muito, muito pe uena.

Viv destroçava os servos de Varine com a espada roubada de sua pr pria mestra.

Não encontrou Iridia, mas cruzou Luca, o anão. Viv se erguia sobre os restos de um morto-vivo vencido, coberta de p de ossos, o peito subindo e descendo com a respiração ofegante.

Iridia. Cad interpelou Viv, en uanto Luca se encolhia diante de sua sombra ameaçadora, como se ela pr pria fosse um inumano.

Eu não sei gague ou ele, apontando com a espada curta para o uartel dos Guardi es dos Port es. Então avistou Alfor e, e os olhos se arregalaram. Atrás de voc gritou, erguendo a arma.

Ele está comigo. Procure outra coisa para atacar.

E saíram, deixando o anão bo uiaberto em meio a ossos espalhados, armaduras destruídas e p de ossos.

Finalmente, Viv avistou a tapenti na linha de frente de um grupo de Guardi es dos Port es. O grupo se espalhava em uma formação em semicírculo diante da entrada de seu bastião.

Os inumanos de Varine se aglomeravam ali, e outros saíam dos becos para se untar massa, aumentando seu ex rcito sombriamente silencioso. Os nicos grunhidos de esforço e exclamaç es vinham dos pr prios Guardi es, e a voz de Iridia se erguia acima de todos, incitando seus companheiros a lutar. Ela girava a espada grande, rachando ossos, a l mina soltando nuvens de p a cada golpe.

Viv se atirou contra a turba com determinação, cravando Sangue-Preto em colunas vertebrais desprotegidas, partindo membros havia muito sem tutano. Durante um mero instante, seu olhar cruzou com o de Iridia, e então ambas retornaram tarefa violenta.

Traçando arcos amplos contra os servos de Varine, Viv avançou pela massa at destruir o ltimo inimigo ue a separava da tapenti.

Iridia estava coberta de p perolado dos p s cabeça, as tranças, uase brancas. Ela estreitou os olhos ao avistar Alfor e ao lado de Viv.

Infernos, o ue *isso* sibilou.

Não tenho tempo de explicar. Cad o livro

A Guardiã dos Port es pareceu prestes a discutir, mas mudou de ideia.

por isso ue ela está a ui, não

Precisamos dele para acabar com isso disse Viv, pois havia muito a dizer e pouco tempo para faz -lo.

Voc me dá sua palavra de ue vai a udar a venc -los

Viv uase riu ao pensar na ironia de ue Iridia de repente *queria* ue ela usasse sua arma, mas para isso tamb m não havia tempo. Ela apenas assentiu.

Avancem gritou Iridia para os Guardi es ao seu lado, en uanto novos horrores vinham da rua para fortalecer os n meros dos mortos-vivos. Então, para Viv, ela disse: Venha comigo.

Os sons da batalha foram abafados uando Iridia trancou a porta do uartel. O interior parecia sobrenaturalmente uieto em comparação ao caos lá fora.

Depois de um olhar de soslaio para Alfor e, ue as seguia, a tapenti não perdeu tempo. Passou pelas mesas e entrou numa sala ue Viv supôs ser seu escrit rio, um espaço pe ueno e organizado. Mas não havia tempo para observar os detalhes.

Na parede dos fundos tinha uma porta de ferro estreita com uma fechadura imponente. Iridia pegou um molho de chaves, escolheu a certa rapidamente e a girou. Então encostou a mão na superfície, inclinou a cabeça e murmurou algumas palavras ásperas. Glifos ao redor do batente brilharam num clarão intenso antes de sumirem, algum tipo de barreira arcana ue Viv não compreendia nem ueria compreender.

 uando Iridia usou ambas as mãos para forçar a porta a se abrir para dentro, atrás dela surgiu um cômodo igualmente estreito e sem anelas, com as paredes cheias de prateleiras.

Espere a ui disse ela, virando-se para passar pela porta.

Logo depois, retornou com algo embrulhado em lona. Mais uma vez, pousou a palma em cima do embrulho e murmurou palavras ásperas. De novo, a escrita arcana brilhou. Iridia puxou a lona, revelando o livro preto de Varine, com os portais para o subespaço.

Alfor e emitiu um som entre um suspiro e uma exclamação de desespero.

Apesar da urg ncia, Viv não se conteve e perguntou:

ue diabos era tudo a uilo

Precauç es respondeu Iridia. In teis, ao ue parece.

Nem tanto corrigiu Alfor e, en uanto Viv tirava o livro das mãos da tapenti.

De repente, os sons abafados na rua cessaram.

Ela pode nos ver muito melhor agora concluiu o hom nculo.

O ue está acontecendo lá fora interpelou Iridia.

Ela consegue ver o ue vamos fazer agora perguntou Viv, ignorando a pergunta da Guardiã dos Port es.

Alfor e deu de ombros.

Acho ue vamos descobrir.

Viv abriu o livro, folheou at o meio e dobrou o canto de uma página.

uando Iridia e Viv voltaram para a rua, foi como se adentrassem um uadro vivo de movimentos congelados.

Os inumanos permaneciam em suas fileiras, de frente para os Guardi es dos Port es, im veis; espadas, machados e bardiches paralisados em posição rígida de sentido. Os homens e mulheres defendendo a guarnição tinham uma postura mais insegura, as armas erguidas em poses defensivas, aguardando ata ues ue não vinham.

Então, como se fossem um s ser, as cabeças dos mortos-vivos se voltaram para fixar a ueles olhos frios e azuis em Viv. O símbolo de Varine ardia luminoso em suas testas. Viv estava parada com o livro debaixo do braço e os ossos de Alfor e na bolsa, pendurada a tiracolo.

Trocara Sangue-Preto pelo sabre e o tinha a postos, mas os servos de Varine não fizeram menção de atacar. Em vez disso, suas mandíbulas se abriram ao mesmo tempo, e delas saiu uma voz ue Viv reconheceu dos sonhos.

Ah, Viv disse Varine, em uma voz seca como areia e doce como mel.

Tenho aguardado ansiosamente por este momento. Gostei de conhecer suas amigas. Acho ue n s duas deveríamos nos encontrar em algum lugar mais confortável. S voc e eu, em carne e osso.

E com isso todos os inumanos desabaram de uma vez, como marionetes monstruosas cu os fios tinham sido cortados.

O estômago de Viv se revirou ao saber imediatamente onde a necromante estava.

39



Viv parou diante da porta vermelha da Thistleburr, e uma centena de imagens terríveis do ue poderia encontrar lá dentro encheram sua mente, ficando mais sombrias a cada momento.

es uerda de Viv, Iridia tinha os p s plantados na poça de luz de um lampião, com meia d zia de Guardi es dos Port es s suas costas. Viv conseguira convenc -la a manter a dist ncia, mas não sabia uanto tempo isso duraria.

Olhando para o sabre ue empunhava na mão direita, ela respirou fundo e o embainhou deliberadamente.

Nenhum som vinha do interior da livraria. As cortinas estavam fechadas. Os sinos de Murk tinham se silenciado, e apenas o rugido distante do mar acompanhava a martelada do pr prio coração nos ouvidos de Viv.

Ela apertou o livro de Varine, segurou a maçaneta e a girou.

Estava destrancada, claro.

Esperavam por ela.

Entre, minha cara. E feche a porta.

Viv avançou com cautela, os nervos fervendo com a viol ncia contida, os olhos semicerrados para se a ustarem luz forte do lampião no interior.

Uma carnificina literária a aguardava. Pilhas de livros caídos, prateleiras derrubadas e despedaçadas, páginas soltas amassadas e rasgadas em caos.

es uerda, Fern e Gallina estavam suspensas, presas em casulos de ossos, como se algum tipo de aranha es uel tica as tivesse capturado. Cr nios com olhos de chamas azuis e armaduras em frangalhos pontilhavam as pris es, tecidas a partir dos

vários inumanos de Varine.

Rastros de lágrimas marcavam o pelo fino das bochechas de Fern.

Viv murmurou ela, sem fazer barulho.

Ao seu lado, Gallina se debatia contra os ossos ue a apertavam, o rosto pálido de f ria.

Vivas. As duas.

O gelo no peito de Viv derreteu de imediato, e seu estômago se inundou com a enxurrada decorrente.

Então seu olhar encontrou a outra pessoa ocupante do aposento, sentada placidamente em uma das poltronas. A simples força de sua presença transformava o assento em um trono.

Viv a reconheceu na hora. Afinal, á a vira com clareza em seus sonhos.

Varine era bela, uma elegante escultura de marfim e diversão g lida. Os olhos eram tão pretos uanto Viv se lembrava, o cabelo de um breu ainda mais profundo, caindo pelos ombros em ondas ue pareciam absorver a luz. Um manto de pele na cor da neve glacial irradiava um frio palpável. Os lábios azulados e exangues se abriram em um sorriso de dentes perfeitos.

Uma das adagas de Gallina estava cravada at o punho logo acima do seio direito de Varine, em uma ferida sem sangue e desimportante.

 ue prazer enfim conhec -la. O sonho raramente faz us realidade, mas, nossa, voc impressionante. A sobrancelha estreita se ergueu ao fitar o grim rio debaixo do braço de Viv. E tão maravilhosamente cooperativa.

Por ue demorou tanto perguntou Viv, desafiadora, erguendo o livro. Faz semanas ue estou esvaziando isto a ui.

A necromante se levantou, apertando o manto contra o corpo como se estivesse protegendo-se do frio.

Ah, Viv. ue blefe mais fofo. N s duas sabemos muito bem ue a nica coisa minha ue voc teve coragem de pegar está presa s suas costas. Embora deva admitir ue voc me atrasou com a uelas proteç es. Fi uei surpresa. Os olhos dela se estreitaram, e ela olhou para a bolsa de Alfor e. Ou talvez não. Meu uerido assistente pode ter algumas explicaç es a dar.

O ue me impede de te atacar agora perguntou Viv, embora a adaga insignificante de Gallina á fosse uma resposta bem convincente.

O olhar frio e nada divertido de Varine indicava ue a necromante conhecia os pensamentos de Viv tão bem uanto ela mesma. As aulas de ossos no canto da lo a rangeram, e Gallina ofegou, berrando:

Sua *vaca*

Eu agradeceria se segurassem a língua cortou Varine, e seu rosto passou da beleza feiura em um instante. Não culpa minha ue tenham tomado o ue *me* pertence, e somente graças minha infinita paci ncia ue ainda estão respirando.

A expressão dela voltou a ficar tran uila, e ela se virou para Viv outra vez.

Voc á sabia a resposta antes de me perguntar. Eu á entendo um pouco como voc pensa, Viv. E devo dizer ue foi divertido vasculhar seus sonhos, tão curiosamente contradit rios.

Viv se sobressaltou ao ouvir isso, e Varine riu, um som surpreendentemente agradável.

Ah, sim, manter algo meu tão pr ximo tem seu preço. Pensou ue não haveria conse u ncias Sangue-Preto abriu a porta para mim, e não pude resistir a dar uma espiadinha. Foi at triste, na verdade, ver voc toda dividida com sua preocupação em relação s pessoinhas ue pretende descartar assim ue terminar o ue veio fazer a ui.

A mente de Viv estava em turbilhão, imaginando o uanto a necromante teria visto. S podia rezar aos Oito ue não fosse demais.

Deve ser tão exaustivo, esse seu conflito interno. Voc s t m tão poucos dias em suas curtas vidas. At mesmo eu sou capaz de sentir essa perda. Isso a surpreende

Não tenho a menor ideia de ue merda voc está falando.

Não se a obtusa. Não estou a ui por causa de um *livro*, Viv. Não estou a ui por causa *dele*.

Furiosa, ela apontou para a bolsa pendurada no ombro de Viv.

Então sinto dizer ue voc está perdendo seu tempo.

Varine riu outra vez, uma risada sincera de deleite.

Ora, voc acabou tropeçando na resposta certa. Estou a ui pelo *meu tempo*. Todos os dias, d cadas e *séculos* ue investi em tesouros inestimáveis, ue voc carrega por aí como se fossem *livros* ou *bagagem*.

Foi voc uem deu o nome dele rosnou Viv.

Os olhos sombrios da necromante arderam com pontinhos azuis, e ela pareceu se expandir, crescendo em estatura e presença.

Ele a minha longa exist ncia destilada. O valor ue possui o ue *eu depositei nele*. Tudo *sempre* sobre tempo. a nica coisa ue importa, e eu estou faminta por mais. As palavras de Varine eram tão sinuosas uanto os fios de seu cabelo. Eu venero os momentos ue voc desperdiça em inanidades. Foi simplesmente falta de sorte sua ter roubado algo do cadáver de Balthus ue

pertencia a mim en uanto desperdiçava os seus dias.

Para algu m ue se incomoda com perda de tempo, voc passa muito tempo de blá-blá-blá comentou Viv. Se soltar minhas amigas, eu entrego suas coisas e n s colocamos um fim nisso.

Um fim repetiu Varine, em tom pensativo, curvando o canto da boca na uele sorriso glacial. Pois , nunca gostei de fins. Achei ue á estivesse bvio. Suas amigas vão ficar onde estão.

Viv ergueu o livro e o balançou de leve.

Acho ue o nico motivo de voc não ter tomado isso de mim ainda por ue sabe ue posso destruí-lo. Eu acho ue isso a preocupa, e acho ue voc uer este livro mais do ue uer minhas amigas.

E eu acho ue voc uer ue elas continuem vivas mais do ue ousa arriscar minha f ria retrucou Varine, a voz estalando como um lago congelado começando a derreter. A necromante estendeu a mão pálida. Mas tem razão, hora de colocar um fim nisso. Devolva o ue meu ou ouse testar meu poder.

Voc vai soltar as duas

Não vamos fingir ue voc confiaria na minha palavra. ual uer acordo entre n s uma pantomima. Primeiro, meu servo.

Com todo o cuidado, Viv tirou a bolsa de couro do ombro. Seus dedos apertaram a alça, então ela a estendeu para a necromante, encarando seus olhos frios.

Não arfou Gallina, mas Viv a ignorou.

Varine pegou a bolsa e abriu a aba, lançando um olhar rápido para o conte do.

Cuido de voc depois, pe ueno lacaio disse em uma voz ronronante.

Viv ficou arrepiada ao ouvir a avareza doentia na voz da necromante, ue largou a bolsa descuidadamente na poltrona atrás de si e estendeu o braço outra vez.

Devagar, Viv estendeu o livro com ambas as mãos. Um livro contendo mil páginas como espelhos, sem refletir nada al m de sua dona.

Na uele momento, Viv uase sentiu pena de Varine.

uase.

Impaciente, a necromante avançou e o agarrou.

Os dedos de Viv se moveram para o sabre, mas ela conteve o impulso, lançando um olhar preocupado para Fern e Gallina.

Ah murmurou Varine, acariciando a capa com a ponta dos dedos. Os glifos ali gravados brilharam com o to ue. Estava com tanta saudade, meu uerido disse, as palavras carregadas de anseio, como se saudasse um amante havia muito distante.

Ela girou o pulso e com isso uma cascata de ossos escorreu da bainha de seu manto, empilhando-se em um p lpito macabro, sobre o ual ela colocou o grim rio.

Varine abriu a capa e franziu a testa de repente, a testa perfeita se enrugando em desagrado.

O ue

Ela folheou o livro at uma página no meio. Irritada, encarou a orelha na página, curvada para dentro do vazio escuro da folha em si, e estendeu a mão para desdobrá-la.

Na uele instante, as mãos de Alfor e irromperam da escuridão e agarraram primeiro o pulso de Varine, depois o antebraço e *puxaram*.

A necromante soltou um grito de surpresa ao ter o braço arrastado para dentro das sombras, os olhos negros ardendo com f ria. Ela firmou a outra mão no livro aberto e usou toda a sua força para tentar retirar o braço da página escura como o breu.

Seu olhar se voltou para Viv no instante em ue a orc puxava Sangue-Preto, expondo as presas em um rosnado.

Você rosnou a necromante, se erguendo força mesmo en uanto as mãos implacáveis de Alfor e subiam pelo seu braço.

Ela voltou a mão livre na direção de Viv, os dedos se contorcendo. Linhas azuis espalharam-se por sua palma e envolveram os dedos como uma teia incandescente. Viv enxergou a pr pria morte se formando na uela luz azul.

A orc atacou com a espada grande, usando todo o peso de seu corpo no golpe e rezando para concluir o arco antes ue Varine pudesse lançar sua terrível magia.

Mas então um guincho estridente ecoou, e de repente Paio planou pelo ar, abocanhando o antebraço estendido de Varine e fazendo-a perder o e uilíbrio.

Ela gritou, um som terrível e áspero. O bico do grifete afundou ainda mais na carne exangue de seu braço.

Viv interrompeu o ata ue uando Alfor e aproveitou o momento, e a cabeça e o pescoço de Varine desapareceram página adentro. Seu grito se transformou em um berro abafado ue ecoou no vazio absoluto. As mãos es ueletais de Alfor e continuavam a puxar sem descanso, e o grifete continuava tenazmente agarrado ao braço ue ainda se debatia, mesmo conforme o ombro dela afundava no livro.

Viv ficou bo uiaberta uando o corpo de Varine desapareceu dentro do grim rio. A imagem não fazia sentido, uma distorção ue causava dor nos olhos de Viv, como se a carne da mulher tivesse sido comprimida ao passar pela página.

E o grifete foi unto.

Paio gritou Fern, ao ver o companheiro desaparecer na escuridão, seguido pelos uadris de Varine e a cauda do manto, ainda se agitando com o movimento.

Viv largou a l mina no chão e avançou em direção ao livro, enfiando o braço lá dentro. Seus dedos tocaram pelagem, mas não de algo vivo o manto de Varine. Viv se esticou ainda mais, temendo o instante em ue a mão da necromante agarraria seu punho feito uma algema fria.

Encontrou mais pelos, agora uente, e então penas macias.

Viv enfiou os dedos na penugem do pescoço de Paio e puxou, arrancando-o de volta para a luz num barulho de sucção, como uma bota saindo de um lamaçal. Então caiu para trás com Paio em cima do peito, destruindo uma poltrona e aterrissando com força em pedaços de madeira e livros espalhados.

Fern emitiu um gemido de puro alívio.

O grifete fugiu em disparada en uanto Viv saltava de p , alcançando o livro em duas passadas largas. uando agarrou o tomo, fechou-o com força, pressionando a capa e a contracapa com as mãos.

E foi no segundo exato, pois o grim rio *pulsou*, e golpes pesados ribombaram do interior. Viv grunhiu, apertando o livro ainda mais desesperadamente e expondo as presas numa careta. As veias em seus antebraços saltaram com o esforço en uanto as páginas lutavam com uma força ue deveria ter sido impossível.

Viv caiu de oelhos e bateu o livro no chão, forçando-o para baixo. As batidas lá dentro continuaram e então diminuíram at cessarem por completo.

Os uatro aguardaram em sil ncio, sem nem respirar, por segundos ue pareceram se arrastar por minutos, at ue, de repente, os ossos ue prendiam Fern e Gallina se derramaram ruidosamente, levantando uma nuvem de p . As duas desabaram no chão em meio poeira cinza e s lascas afiadas. O p lpito de ossos grotesco tamb m desabou num orro de falanges.

Malditos infernos exclamou Fern, a oelhando-se no chão.

Tenho ue tirar ele de lá disse Viv, sem fôlego.

Ou talvez ele tenha se desintegrado que nem o resto, pensou, sentindo o estômago se revirar.

Abriu o livro de novo e, fren tica, passou as páginas at encontrar a marcada. Deixou o tomo parado, temendo ue a ual uer instante o rosto furioso de Varine fosse emergir da escuridão para arrastar Viv grim rio adentro. Superando esse medo, por m, surgiu o pavor nauseante de ue, na verdade, nada sairia dali.

Foi então ue dedos sseos agarraram o canto da página, e um cr nio de chifres e olhos de chamas azuis surgiu.

Alfor e gritou Viv, agarrando-o pelos ombros para puxá-lo para fora.

S as costelas o acompanharam. Viv pousou o hom nculo no chão com o máximo de rapidez e delicadeza ue pôde, então fechou o livro com um ba ue e se levantou de um pulo.

Pegou Sangue-Preto do chão, avançou at a mesinha lateral e apoiou ali o terrível livro de Varine.

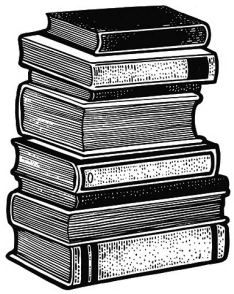
Com as duas mãos no punho da espada, cravou a l mina no tomo e na madeira abaixo, com um som do couro se rasgando e o estalo alto da madeira sendo partida. Um uivo lancinante emergiu do grim rio, e uma ra ada de vento g lido escapou por entre as páginas, fazendo as folhas soltas na lo a rodopiarem como uma nevasca de letras.

Com dificuldade, Alfor e escalou a poltrona, e o restante de seu corpo emergiu da bolsa e encaixou-se no lugar. Uma vez de p , ele analisou com cautela o livro e a espada atravessada em seu cerne.

Todos ficaram olhando en uanto as páginas caíam no chão como as cinzas de um inc ndio florestal.

Bom começou Alfor e. Devo confessar, mal consigo acreditar ue deu certo.

40



Pegaram cadeiras emprestadas no Poleiro e as organizaram em um círculo ue destoava das ue pertenciam Thistleburr. Fern achara ue tinham trazido muitas, mas no fim, não foram assentos suficientes.

Viv se encostou no balcão e observou en uanto as pessoas ocupavam as cadeiras uma a uma, lançando olhares para o interior castigado. Fazia tr s dias desde ue Varine atacara a lo a e, embora as marcas ainda estivessem evidentes nas prateleiras remendadas, nos rasgos compridos nos tapetes e na mesinha mortalmente ferida, a lo a mantinha seu brilho, com a vitalidade estropiada de uma sobrevivente. As lacunas deixadas pelos volumes ue a necromante destruíra destacavam-se como os dentes ausentes do sorriso de um pugilista.

Viv não conseguia deixar de se sentir responsável, uma pontada nauseante de culpa. Não era um sentimento l gico, claro. Balthus escondera o livro de Varine ali, não Viv. Alfor e praticamente garantira ue a necromante teria vindo atrás dele de ual uer maneira.

Ainda assim, Viv ousara investigar as páginas e roubara algo ue não lhe pertencia e *não* devolveu , e uem poderia dizer como os acontecimentos teriam se desenrolado se ela não tivesse feito nada da uilo

Ela sentia como se tivesse su ado o piso de sangue, sem nem se dar conta, e coisas terríveis haviam seguido seu rastro.

De algumas maneiras, isso tornava mais fácil ir embora.

De outras, fazia Viv se arrepender de não ter tomado mais cuidado por onde pisava.

Ela afastou esses pensamentos uando ighlark entrou. Ele fez um aceno de cabeça para Viv, com um volume fino em mãos, e se acomodou na cadeira ao lado de Luca, o anão. avia rostos ue ela não reconhecia tamb m, mas uando Pitts chegou discretamente, Viv não conteve um sorriso. O orc tentou se esconder num canto, segurando o livro na frente de si como um escudo totalmente inade uado para o seu tamanho.

Eu devia ter trazido mais bolinhos comentou Ma lee, empoleirada no banco ao lado de Viv.

A pilha de bolinhos na bande a diante delas era enorme, por m, e o bule de latão ao lado ainda soltava vapor.

Seus cotovelos se tocavam en uanto as duas observavam o ambiente, e Viv achou ue a uele simples contato cálido ia se fixar em sua mem ria de um eito nico. Teve vontade de erguer o braço e puxar Ma lee para mais perto, mas parecia um gesto grandioso demais.

Uma despedida era iminente, e gestos grandiosos pareciam mentiras.

 avia um pesar uase visível por baixo do eito casual de Ma lee e na maneira como não tentava encaixar nada a mais entre suas palavras.

Se Viv pudesse observar a si mesma de fora, imaginava ue passaria a mesma impressão.

Ainda assim, era um fingimento honesto.

Ela viu a livraria se encher de conversas, calor e um senso de comunidade. Por outro lado, embora sem d vida estivesse ali unto com todos os outros, Viv tamb m sentia como se fosse um fantasma observando a cena.

Rackam logo chegaria, se ainda estivesse vivo, e não havia motivo para achar ue não estivesse.

 ual uer rastro ue os Corvos seguissem os levaria at Viv.

E, então, ela partiria.

Fern veio do corredor dos fundos com uma pilha de livros nos braços, uma bolsa a tiracolo e Paio trotando logo atrás feito um galo orgulhoso.

A ratoide arregalou os olhos, surpresa, ao ver a uantidade de pessoas presentes e, em seguida, encarou Viv e Ma lee.

Viv retribuiu o olhar com um sorriso e deu de ombros.

O livro bom.

 um, todo mundo chegou perguntou Fern, levantando a voz. Ora, infernos, mas ue pergunta murmurou. uem iria responder ue não

Então a porta vermelha se abriu mais uma vez e tr s participantes inesperados entraram em fila. As sobrancelhas de Viv foram se erguendo mais alto ao ver cada

um dos rostos. Gallina, meio sem graça, seguida por Berk e então elia Peregrina, de alguma maneira espl ndida em seu tra e prático de montaria.

Não acredito disse Viv.

Ah exclamou Fern, en uanto um burburinho percorria o grupo. Srta. Peregrina, ue surpresa

elia insistiu a elfa, com um sorriso benevolente. Bem, voc s todos vieram discutir meu livro, então imaginei ue seria bom estar por perto para beber o veneno unto com o aç car, não mesmo

Luca ficou de ueixo caído, e Viv achou ue talvez ele tivesse parado de respirar.

C-claro Estou tão Bem, estou surpresa. Mas uma surpresa boa gague ou Fern. Acho ue falo por todos uando digo ue estamos muito felizes por t -la a ui.

Luca se levantou s pressas para ceder seu lugar, e Peregrina aceitou com um aceno r gio de cabeça.

Berk tirou a espada da cintura e contornou o círculo, parando atrás de Viv e Ma lee.

Parece ue perdi toda a comoção de alguns dias atrás.

Não sei, não respondeu Viv baixinho. Espere mais um pouco.

Ele lhe lançou um olhar curioso, mas ela apenas sorriu e voltou a olhar para o centro da sala.

Então, não sou muito boa de discursos começou Fern. Voc s vão ter ue me desculpar. Eu vendo palavras, não *falo*. As risadinhas amigáveis da plateia deram coragem ratoide. Enfim, espero ue este se torne um evento regular. Voc s todos leram *Sede de vingança*, e espero ue tenham gostado tanto uanto eu. A ideia trocar ideias sobre o livro, e eu, hã

Ela olhou para a pilha de livros em seus braços como se não soubesse bem como tinham ido parar ali.

ighlark se levantou e os pegou com delicadeza, e Fern tateou os bolsos do manto, olhando agradecida para o cirurgião. Ela encontrou um papel dobrado em um deles, ue abriu e segurou nas patas tr mulas.

Preparei uma lista de t picos para discutirmos, se uisermos, embora a ideia se a voc s falarem sobre o ue acharem melhor. Mas, antes disso, tem uma coisa ue uero dizer. Uma pessoa ue gostaria de *apresentar*.

Lá vamos n s sussurrou Viv, encontrando o olhar de Berk. Deixe a espada onde está, certo

Fern colocou a bolsa no chão com todo o cuidado, então abriu a aba e se afastou um passo.

Vários ar ue os de surpresa soaram ao mesmo tempo uando o hom nculo surgiu de dentro da bolsa, os ossos se reencaixando com um tilintar rítmico, at ue as rbitas se iluminaram em espirais de chamas azuis.

Com a partida de Varine, ele não precisava mais de p de ossos para despertar, como se a presença da necromante fosse a doença ue a subst ncia afastava.

Viv sentiu Berk ficar tenso ao seu lado e então relaxar ao perceber sua falta de reação.

Este disse Fern Alfor e. E ele vai passar um tempo a ui comigo.

 ouve um sil ncio absoluto en uanto o hom nculo torcia as falanges diante de si, nervoso.

Seu olhar pousou em elia, e ele fez uma rever ncia hesitante.

Lad Peregrina. ue grande honra conhec -la. Devo dizer: aprecio muito suas obras. Meus dias estarão livres por um tempo, e mal posso esperar para dedicar parte deles a seus futuros livros.

Viv não sabia ue a elfa podia parecer tão chocada. Era impressionante.

Seguiu-se um longo instante de sil ncio durante o ual ningu m parecia saber como reagir.

Então

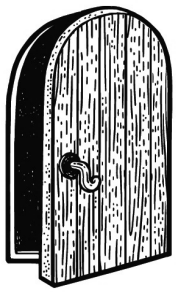
Oi, Alfor e. Então, Fern, uando ue a gente vai começar a comer perguntou Gallina.

Depois disso, tudo ficou bem.

Embora, para Viv, fosse como o fim de uma hist ria.

S ue era a hist ria de outra pessoa.

41



Pembroke chutou terra por cima das cinzas da fogueira e observou a última espiral de fumaça que se erguia acima da névoa do amanhecer. Seus anos pesavam dos ombros aos calcanhares, os ossos rangendo como a corda ressequida de um arco.

Marret estava ocupada com os cavalos. Ao vê-la de perfil, ele sorriu diante do rubor saudável em suas bochechas. Como gostaria de ser mais jovem.

Seus joelhos estalaram feito galhos secos quando se agachou para recolher o cobertor de dormir. Em questão de minutos, já tinham desmontado o acampamento.

Tinham escolhido uma bela colina, quase totalmente cercada por bétulas, que dava vista para um riacho prateado cujo nome nenhum dos dois sabia.

— Acho que é nosso último amanhecer antes de voltarmos — comentou Marret.

— Chega de sangue e de lama — concordou Pembroke. — Mas, pra mim, é ainda mais definitivo. Estou seguindo rumo aos pastos tranquilos da aposentadoria. Você, não. Mal saltou a cerca, ainda tem um mundo inteiro pra agarrar pelo pescoço.

Ela tentou fingir surpresa ao encará-lo, mas Pembroke sabia que Marret entendia bem que aquela era sua última aventura. Ela deixou o fingimento de lado e franziu a testa, quase com amargura.

— Infernos, parece tão errado. Nós… nós éramos tão bons juntos, não?

Pembroke riu.

— Nunca me senti tão seguro com outra espada às minhas costas, com outro par de olhos vigiando meu sono. A gente remenda os buracos das calças um do outro, como meu velho pai costumava dizer.

— Então por que precisa acabar?

A súplica na voz dela quase o fez reconsiderar. Quase.

Demorou para que ele respondesse, reparando as últimas rachaduras em sua determinação.

— Porque eu estou descendo a ladeira, e você está subindo. Só fico feliz por termos nos encontrado no meio do caminho.

Viv fechou o livro e esfregou o rosto com os dedos.

Um grão de areia devia ter entrado em seu olho. O vento estava forte o suficiente para isso, sem d vida.

Sentada no topo de uma duna de frente para o mar, Viv observava as ondas revoltas, cada crista ganhando um tom avermelhado antes de se misturar s companheiras. Gaivotas guinchavam sobre o mar, censurando sua intrusão.

Passou o dedo pelo título gravado em relevo na capa. *Caminhos cruzados*, de est Brindleb . A ltima sugestão de Fern. Mais do ue ual uer outro, Viv identificou-se com a uele livro de um eito ue não tinha previsto.

Imaginava ue era a uilo ue Fern uisera dizer lá em cima do penhasco. Sobre livros e espelhos, e a uele instante perfeito em ue a pessoa se sentia vista por outra.

E era bom. Maravilhoso at , Viv podia admitir. Mas tamb m terrível, pois não tornava as coisas mais difíceis do ue deveriam ser

Não teria sido muito mais confortável escapulir pela porta sem ue ningu m comentasse sua partida Ela não conseguia deixar de pensar no rosto de Ma lee, de sentir a trança grossa entre seus dedos.

 ueria ue Rackam chegasse logo e, assim, tudo acabasse de uma vez.

Então, de algum lugar atrás dela, veio o tilintar de arreios, o barulho de rodas, o pisar de botas e o ranger de armaduras da ueles ue trabalhavam com sangue.

Viv se virou e avistou os Corvos de Rackam avançando pela estrada ue levava a Murk, e at a uele momento ela não sabia ue era possível sentir ang stia e alívio ao mesmo tempo.



A ui está ela disse Viv, empurrando o livro de Varine pela mesa.

O rasgo na capa era de uma precisão cir rgica, prova do fio uase sobrenatural de Sangue-Preto. Era estranho, mas, para Viv, o livro *parecia* morto. A vitalidade in uietante ue possuíra antes se fora. Restava apenas couro, papel e um leve odor de sangue em um lago congelado.

Rackam estava sentado diante dela no Poleiro, e uma dezena dos companheiros Corvos se amontoava ao redor da mesa. Ele puxou o livro para si, franzindo a testa ao ver os símbolos na capa. Então o abriu.

As páginas ainda eram pretas, mas não eram mais de uma profundeza sem fim. Cada uma delas fora cortada transversalmente.

Não um grande trof u, n disse Rackam, suspirando. Semanas de rastros falsos, andando em círculos, atravessando neve e lama, lutando com cadáveres de olhos azuis e assim ue a gente a encontra.

Sinna ogou o cabelo ruivo para trás e examinou o livro com ceticismo.

Ningu m vai pagar a gente por isso. Como sabemos se ela morreu mesmo

Ah, ela morreu, sim retrucou o velho anão. Ou ual uer ue se a o e uivalente morte pra gente do tipinho dela. Mal fico viu os lacaios dela desabarem como sacos de farinha de uma s vez, e não encontramos mais nenhum desde então.

Mal fico assentiu sem dizer nada.

Ainda não entendi como voc enfiou a maldita num livro rosnou Rackam.

Viv havia cogitado contar sobre Alfor e, mas apresentar um es ueleto animado a um grupo ue passara meses destruindo criaturas semelhantes parecia uma ideia espetacularmente ruim.

Foi complicado. E tive sorte.

Ele sustentou seu olhar com a ueles olhos azuis implacáveis, mas por fim deu um tapa na capa do livro e o entregou a Sinna para ue ela guardasse.

Bom. Não há nada ue eu possa fazer agora. Eles vão nos pagar ou não.

Mas, conhecendo Rackam, Viv achava ue pagariam. Ele era um homem persuasivo.

A conversa então mudou para um assunto muito diferente.

E então, uem essa perguntou ele, apontando para a gnoma sentada ao lado de Viv.

Viv esperou Gallina se apresentar, mas a gnoma s ficou parada, as facas cruzadas sobre o peito, a boca entreaberta e os olhos arregalados. Viv teve pena e interveio. Com um sorriso, deu um tapa nas costas de Gallina e falou:

Essa a ui a garota ue me salvou numa briga de rua.



Viv não tinha muita bagagem para arrumar, mas imaginou ue Brand ficaria feliz se ela colocasse o colchão de volta no estrado. No instante em ue o deixou cair na cama com um ba ue e um rangido de protesto, uma batida soou porta.

Era Ma lee.

Sem perguntar primeiro, ela entrou, fechou a porta e ficou parada com as mãos ao lado do corpo.

As paredes do uarto pareceram flutuar para longe no sil ncio, e Viv não aguentaria prolongá-lo. Abriu a boca para falar.

Shhh impediu a anã. Eu sei ue voc não iria embora sem dizer nada.

Viv ueria acreditar ue isso era verdade.

S não conseguiria fazer isso lá fora, no mundo. Ma lee fez um gesto indicando algum ponto vago atrás de si e, pela primeira vez desde ue entrara, encontrou o olhar de Viv. Seus olhos estavam mare ados. Ela fungou e passou o braço pelo nariz com força. Voc alta demais, infernos reclamou com a voz embargada.

Viv se a oelhou para ue ficassem uase da mesma altura.

Assim melhor sussurrou Ma lee, pondo a mão no rosto de Viv. Dava para sentir seu cheiro de fermento, aç car e pele morna. Eu me lembro do ue falei no início. Sobre conhecer voc por um tempo. E eu at acreditei. Ainda acredito, acho. Mas agora chegou a hora de pagar por isso. Talvez voc tamb m pague, mas não vou perguntar o uanto lhe custa. Não sei se uero saber.

O n na garganta de Viv ocupava todo o espaço e não deixava as palavras saírem. Então, imitou o gesto de Ma lee e pousou a mão enorme na bochecha da anã.

Provavelmente nunca mais vou te ver continuou Ma lee, e uma lágrima transbordou, marcando a leve camada de farinha em sua pele. Ela se encostou na mão de Viv e acrescentou, uase com raiva: Mas não me arrependo.

Então se aproximou e seus lábios uentes tocaram os de Viv, cheios de calor e saudade. Depressa demais.

Depois Ma lee se afastou e saiu do uarto, fechando a porta em sil ncio.

Viv não conseguiu dizer uma palavra, mas o tempo das duas acabara.

Uma tinha subido, a outra descido, e não iriam se cruzar mais.



 uando Viv entrou na Thistleburr pela ltima vez, Alfor e estava guardando alguns volumes restaurados en uanto Fern folheava um catálogo em uma das poltronas sobreviventes. Paio ergueu os olhos de onde tentava bicar o tornozelo de Alfor e e piou para ela.

Fern deixou o catálogo de lado e fez menção de se levantar, mas então viu a bolsa de viagem nas costas de Viv. Sua expressão fez alguns desvios antes de chegar a um sorriso.

Então voc está indo embora,

Da ui a pouco respondeu Viv. Depois de Ma lee, achou ue esta despedida seria mais fácil, e at foi, mas não tanto uanto gostaria. ueria te devolver isso antes.

Ela estendeu para Fern seu exemplar de *Caminhos cruzados*.

Fern bufou.

Eu sabia ue tinha emprestado esse por um bom motivo. Assim voc não saiu de fininho.

Eu não faria isso protestou Viv.

Sei. Conheço bem voc s, guerreiros replicou a ratoide com um sorriso triste. Destroem tudo e depois vão embora. Olha s essa bagunça Ela apontou dramaticamente para a lo a, ue ainda exibia as marcas da invasão de Varine. Enfim, o livro seu. O ue achou

A pergunta foi feita em tom casual, mas Viv não achou ue fosse realmente o caso. Observou a capa da obra, compreendendo ue uma resposta descuidada poderia destruir algo ue era precioso para ela.

Bom começou, devagar , no início, achei ue talvez fosse meio bvio demais. Triste. O Pembroke tem certeza de ue acabou pra ele. De ue nunca mais vão se ver, e talvez se a s por ue os dois são teimosos demais pra ver as coisas de outro eito. assim ue o autor termina. Mesmo assim, uanto mais eu penso Deveria ser bvio, mas as pessoas nos livros várias vezes estão erradas. Infernos, os *autores* tamb m estão errados, s vezes. Então talvez se a isso o ue a hist ria diz nas palavras ue foram colocadas no papel, mas se a gente pudesse ler depois do fim As palavras ue não foram escritas Talvez terminasse de outro eito.

A hist ria depois da hist ria murmurou Fern.

Viv a encarou, surpresa.

.

Fern assentiu.

Voc foi uma boa amiga pra mim, Viv. E vou sentir saudade. Ela estendeu a pata e Viv a apertou. Mesmo considerando os pre uízos materiais.

Viv riu e fungou.

Voc tamb m. Falando s rio, eu ue saí no lucro.

Alfor e se aproximou e fez uma rever ncia.

Devo-lhe minha gratidão eterna, senhora disse, e algo em seu tom impediu Viv de corrigi-lo. Jamais tinha ousado sonhar com a liberdade.

Voc pretende ficar por a ui, então perguntou Viv.

O hom nculo inclinou a cabeça.

Fern concordou em me hospedar por um tempo, e acho ue vou gostar do sossego. uanto aos dias por vir Não sei. São muitos para contar.

Um pio aos p s de Viv a fez olhar para baixo. Paio esfregava a cabeça na bota dela, as penas macias se afastando contra o couro.

Agora voc resolve ficar carinhoso, Vou sentir saudades at de voc , seu monstrinho.

Ela tirou um ltimo pedaço de bacon do bolso e mostrou a ele.

O grifete ergueu os olhos dourados enormes para ela e, com toda a delicadeza, pegou o petisco de sua mão. Ficou segurando o bacon com o bico por um instante, depois o colocou no chão com cuidado, como se dissesse: Vou guardar para depois. Então lambeu deliberadamente um dos dedos estendidos de Viv.

um soltou ela.

A voz estava embargada demais para dizer mais. Por algum motivo, a uilo, somado a todo o resto, foi demais para suportar.

Ela se pôs de p e tentou dizer mais algumas palavras, cada vez mais insuficientes, at ue nada lhe restou a fazer al m de partir.

uando abriu a porta, olhou para os tr s uma ltima vez.

A gente se v na hist ria depois da hist ria disse Fern.

E então a porta vermelha se fechou.

EPÍLOGO



Muitas histórias depois

Tandri abriu a porta da Caf s & Lendas, e a brisa de primavera ainda levemente invernal a seguiu. Ela desenrolou o cachecol do pescoço e tirou a bolsa de lona do ombro, pousando-a no balcão.

Viv ergueu o olhar de onde estava limpando a cafeteira gnômica.

Tico á foi embora perguntou a s cubo.

Acabou de sair respondeu Viv. O ratoide padeiro tinha ido para casa poucos minutos antes. Sobraram alguns, se uiser.

Com as costas da mão, empurrou um prato de ti uinhos.

Acabei de voltar do correio, despachei as encomendas, mas isso a ui estava lá esperando por voc . Achei mais prático trazer logo comentou Tandri, revirando a bolsa at encontrar um envelope pardo lacrado com cera vermelha. Não me lembro de termos neg cios em Murk

Viv largou o pano, sentindo um arrepio de surpresa.

Pegando o envelope, ela notou os carimbos do Territ rio marcando todo o percurso at Thune. A cera no verso tinha a marca de uma pena e uma folha de papel.

Ela rompeu o selo e puxou a carta dobrada.

Viv,

Faz muitos anos, e não sei como resumir tudo, então nem vou tentar. Pensei em você com frequência, torcendo para que estivesse viva por aí. Confesso que

duvidei muitas vezes, pois é uma vida dura a que você escolheu seguir. Imagine meu puro deleite ao descobrir que você passa bem, e mais: que sua vida tomou rumos que eu jamais teria previsto. Recebi notícias da sua loja e do seu sucesso justamente por Zelia Peregrina, imagine só. Café? Ainda não chegou a este cantinho pacato do Território, infelizmente, mas fiquei curiosa.

Eu adoraria poder dizer que minha vida foi perfeita, que aproveitei cada oportunidade, que depois da sua partida não tive mais problemas nem incertezas, mas isso não seria verdade. Ainda assim, tem sido agradável. Tive muitos dias bons.

Mas ficar sabendo de suas ambições me fez pensar no livro que lhe dei, Caminhos cruzados. *Pensei na história depois da história. Acho que você encontrou a sua. Saber disso me faz imaginar que posso encontrar a minha também, e decidi que preciso ir atrás dela.*

Eu amo o que faço. Sei disso. Você me mostrou o quanto. Mas quero sentir outros ares, ver rostos diferentes, estabelecer novas relações. Não posso nem dizer o quanto você me inspirou.

Alforje partiu. Fico aliviada por ele ter escolhido fazer mais do que apenas ficar aqui comigo, mas estaria mentindo se dissesse que não me senti sozinha desde que ele foi embora.

Viajarei para Thune em maias. Uma espécie de sabático, por assim dizer. Espero muito poder vê-la quando chegar. Consigo imaginá-la, com sua espada e sua impaciência, e mal posso esperar para ter uma nova imagem sua para completar essa.

Você tem lido desde que saiu de Murk? Espero que sim. Eu me pego imaginando se uma semente foi plantada em você naquele período em que ficou presa aqui, que talvez tenha demorado a florescer. Se ajudei a regá-la, isso me faria muito feliz.

Com carinho,

Fern

P.S.: Maylee está bem. Acho que você a ajudou a entender o que precisava encontrar, e por fim ela encontrou. Achei que você gostaria de saber.

Fern murmurou Viv.

Deve ter sido uma carta e tanto comentou Tandri com um sorriso curioso. Sua expressão mudou muito, várias vezes.

Viv baixou a carta no balcão e olhou em volta para a Caf s & Lendas, para a lo a e o lar ue construíra. Visualizou a Thistleburr, a porta vermelha, o lampião e o aconchego dos livros ao redor. Olhou de relance para a pilha de livretos e romances debaixo do balcão.

Nunca te contei sobre Murk, não começou Viv.

Não, nunca respondeu Tandri, se aproximando pelo outro lado do balcão e apertando seu ombro. Mas, pela sua cara, deve ser uma boa hist ria.

Acho ue vamos precisar de algo para beber. Não uma hist ria curta.

Ela á conseguia imaginar a expressão divertida de Tandri uando contasse sobre o romance atrapalhado com Ma lee na uele verão.

Pode começar, vou preparar um caf para a gente.

Viv não concluiu o pensamento en uanto uma s rie de engrenagens girava em sua mente. Algo ue enfim fez sentido depois de vinte anos. Ei, a uele lugar a ui do lado ainda está venda, não está

A lo a do Jeremiah Acho ue sim. Por u

Viv fez alguns cálculos de cabeça, pensando nas economias acumuladas ao longo dos ltimos anos e em antigas relaç es e pe uenas anelas de oportunidade.

S estava pensando. Uma velha amiga está vindo para a cidade. Pode ser ue ela resolva ficar e, se for o caso Ela lançou um olhar para Tandri. O ue acha de uem sabe abrir uma livraria a ui do lado Será ue Cal aceitaria fazer outra reforma

Uma livraria Tandri a encarou, surpresa. Isso tem a ver com a carta

Viv pensou nas palavras ue Berk lhe dissera tantos anos antes. *Às vezes, ainda não somos a pessoa certa.*

Mas agora, talvez, ela fosse.

, uma livraria. Viv olhou para Tandri e, sem pensar, enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha da esposa. Sabe, foram livros ue me trouxeram at voc .

um. Não foi o caf

Muito antes disso.

Acho ue devo ser grata, então.

Viv pensou por um instante.

Na verdade, acho ue foi ter sido esfa ueada na perna.

E, en uanto Tandri ria, aguardando a hist ria completa, Viv se sentiu grata por

todos os momentos errados ue levaram ao certo.

AGRADECIMENTOS

Bem, nada disso aconteceu como eu esperava.

Estou escrevendo estes agradecimentos menos de um ano depois do lançamento de *Cafés & Lendas*. Ainda estou tentando assimilar tudo isso.

uando a Tor U ad uiriu os direitos de *Cafés & Lendas* para republicá-lo, parte do acordo era ue eu escreveria um segundo livro. Felizmente, eu sabia direitinho ual livro seria. Já o tinha todo na cabeça, muito bem delineado, e *sem dúvida* conseguiria escrev -lo em seis meses. Afinal, tinha levado apenas um m s para escrever o primeiro. Fácil, não

Rá.

Amigos, esse não o livro ue voc s t m em mãos.

Era para meu segundo livro ser um mist rio *cozy fantasy* passado na cidade de Thune algo como *Assassinato por escrito* misturado com fantasia. O foco seria a escola de magia de Ackers, envolvendo uma elfa de uinhentos anos, professora de Taumaturgia Forense. Depois de ser preterida para uma promoção ao cargo de reitora de Ackers em prol de uma pessoa muito menos ualificada, ela se aposentaria com raiva e se tornaria uma escritora de romances não muito bem-sucedida. Assim, anos depois, ao ser chamada para investigar a morte da reitora ue roubou seu cargo, ela retornaria a Thune e a Ackers acompanhada de seu afável a udante bonitão e bobão para investigar o misterioso assassinato. Se não para solucioná-lo, ao menos para parabenizar o culpado. Ao longo da trama, descobriríamos mais sobre o funcionamento da magia no Territ rio, sobre Madrigal e Lack, sobre o submundo de Thune e sobre o início de sua ag ncia de detetives no andar de cima de uma livraria universitária.

Eu sabia direitinho como a hist ria iria se desenrolar. Um esboço de dez mil palavras. Eu era invencível.

Escrevi vinte mil palavras e detestei. Tudo parecia tão mec nico. Personagem A precisa ir para o local B, descobrir a informação C. Parecia uma lista de tarefas. avia algumas centelhas das uais eu gostava bastante, mas, no fundo, o livro não tinha coração.

Confessei isso s minhas editoras, Georgia e Lindse , completamente apavorado. Mas elas foram gentis e me apoiaram en uanto eu tentava engatar outro livro.

E depois outro.

E depois outro.

E este, enfim, o ue voc está segurando.

Nem tudo foi em vão. Vai soar meio no ento, mas reaproveitei muitas partes dos cadáveres da ueles tr s livros fracassados. E a ui estão eles, bombeando sangue em *Livros & Ossos*. Vários personagens saíram da ueles destroços e vieram povoar Murk.

Dizem ue o segundo livro o mais difícil, e verdade. O maior desafio foi entender meus sentimentos en uanto escrevia. O en oo ue sentia era por ue a hist ria estava ruim ou por ue agora eu estava escrevendo para um p blico ue criara expectativas e não ueria decepcionar ningu m Eu não sabia identificar. Levei tr s tentativas para aprender.

Então, a ui estamos n s, com uma *prequel* ue eu não pretendia escrever. E estou feliz com ela. Diz o ue uero dizer e, se eu tiver sorte, dialoga com *Cafés & Lendas* de uma maneira ue torna as duas hist rias melhores, mas permitindo ue continuem independentes.

Espero ue este livro tenha lhe proporcionado uma boa tarde, talvez duas ou tr s, e ue tenha a uecido seu coração.

Agradeço minha família minha esposa, atie, e meus filhos, Gavin & Emma. Amo voc s.

Aven Shore- ind garantiu ue este livro fosse escrito, com seus incansáveis apoio, entusiasmo e ideias. Sou eternamente grato.

Forthright mais uma vez editou o material antes mesmo de ser enviado Tor, para ue eu permanecesse fiel aos personagens e ess ncia do primeiro livro, pois ela se importa com cada palavra.

 minha agente, Stevie Finegan sou imensamente grato a voc . Voc a melhor.

Seanan McGuire voc me deu um empurrão gigantesco, e nunca me es uecerei disso.

Carson Lowmiller mais uma vez arrasou com a belíssima arte da capa norte-americana, ue definiu esta s rie perfeitamente. Agradeço todos os dias pelo seu talento.

A todas as pessoas ue criaram ou me enviaram *fanarts* eu guardo cada uma delas com todo o carinho.

Aos muitos influenciadores no TikTok, Bookstagram, Booktube e todas as outras comunidades literárias ue divulgaram *Cafés & Lendas*, obrigado por tudo o ue fazem.

Na Tor U , meus enormes agradecimentos a Georgia Summers, Bella Pagan,

oll Domne , Grace Barber, Rebecca Needes, ier n T ler, Llo d Jones, Beck Lushe , Jamie Forrest, Ellie Baile , Emma Oulton, Carol-Anne Ro er, Elle Jones, Ellen Morgan, Alexandra amlet, And Joannou, ill Upcott, oll Sheldrake, Sian Chilvers, Jamie-Lee Nardone, Nick Griffiths, Stuart Dw er, adie McGinle , Richard Green, Ror O Brien, Becca T e, Leanne illiams, Joanna Dawkins, Luc Grainger, Jon Mitchell, Anna Shora, Mairead Loftus, Elena Battista, Tob Selw n e annah Geranio. Muito obrigado.

Na Tor US, minha infinita gratidão a Lindse all, Aisl n Fredsall, Rachel Ta lor, Andrew ing, Eileen Lawrence, Sarah Reid , hadi a Lokhandwala, Angie Rao, Peter Lut en, Bernard Scott, Lauren ougen, Sam Dauer, Jac ueline uber-Rodriguez, Michelle Fo tek, Rebecca Naimon, Erin Robinson, Alex Cameron, Lizz ost , ill inton, Claire Edd , Lucille Rettino e Devi Pillai. Voc s são todos espetaculares.

Um agradecimento especial minha leitora sensível, Sophia Babai.

Por ltimo, mas não menos importante, uero agradecer a el, Mireille Tessier, Jor Phillips, al ani Poluri, Sam Baskin, Linnea Lindstrom, Mark Lindberg e Bao Pham por toda a a uda e cuidado.

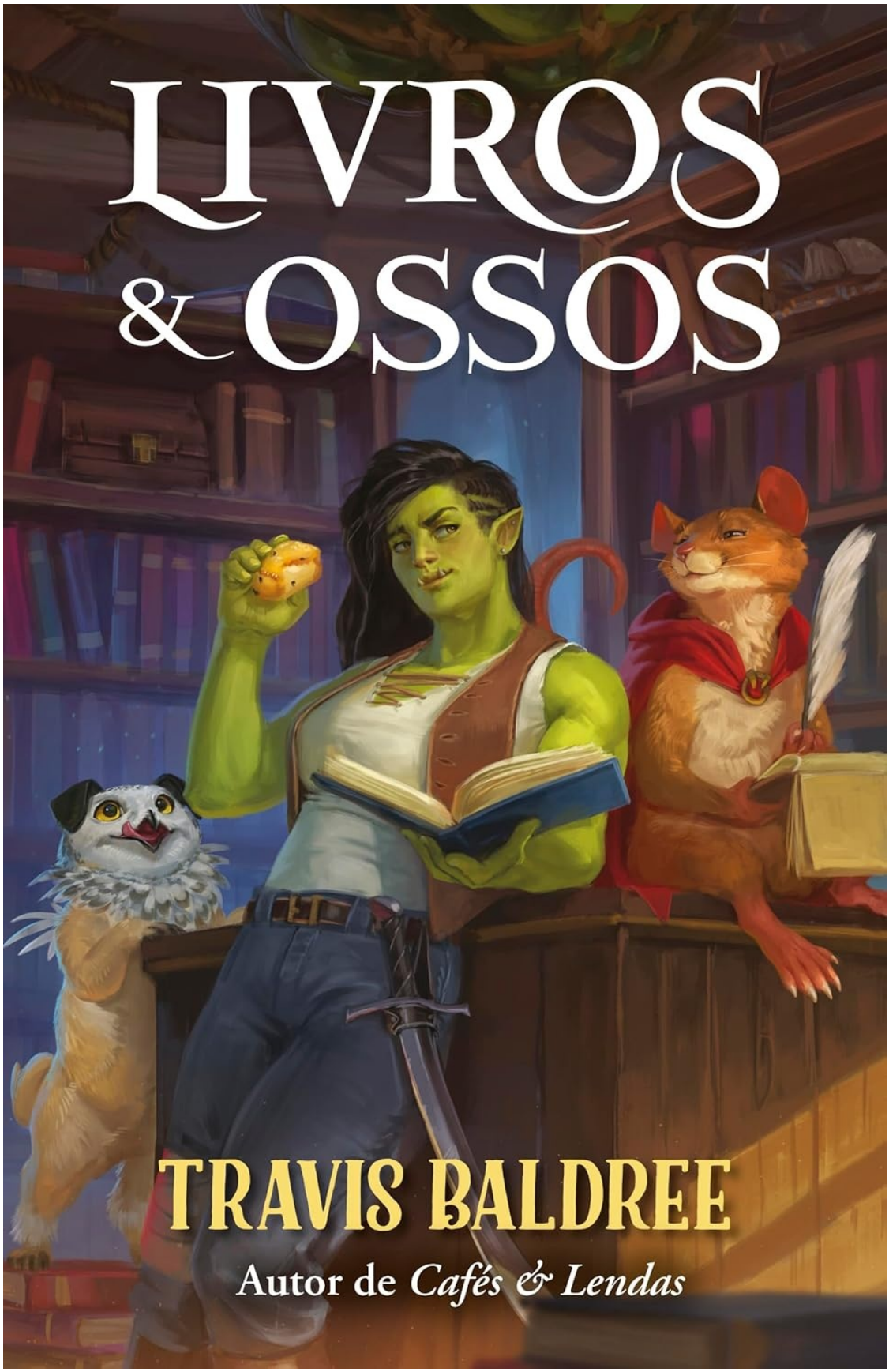
30 de setembro de 2022
Spokane, A

SOBRE O AUTOR



athlene Garner

TRAVIS BALDREE narrador de audiolivros e premiado autor best-seller do *New York Times*. Trabalhou como criador e designer dos videogames *Torchlight*, *Rebel Galaxy*, *Fate*, entre outros. Mora no Noroeste Pacífico com a família e uma cachorrinha agitada. autor de *Cafés & Lendas*, tamb m publicado pela Intrínseca.


LIVROS
& OSSOS
TRAVIS BALDREE
Autor de *Cafés & Lendas*